

# ESTUDOS DE PSICANÁLISE

ISSN - 0100-3437



Publicação do  
Círculo Brasileiro de Psicanálise

Julho/2010 – Aracaju-Se  
Número 33

Indexada em:  
CLASE (UNAM – México)  
IndexPsi Periódicos (BVS – PSI) – [www.bvs-psi.org.br](http://www.bvs-psi.org.br)

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
ANPPEP – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia

Esta revista é encaminhada como doação para todas as bibliotecas  
da Rede Brasileira de Bibliotecas da Área de Psicologia – ReBAP

## Ficha Catalográfica

ESTUDOS DE PSICANÁLISE. Aracaju. Círculo Brasileiro de Psicanálise,  
n. 33, jul., 2010. 158 p.

Semestral. ISSN: 0100-3437 – 28 x 21cm

1. Psicanálise – periódicos



# Revista Estudos de Psicanálise

## EDITORES DA REVISTA

Déborah Pimentel (CPS)  
Ricardo Azevedo Barreto (CPS)

## CONSELHO CONSULTIVO

Anchyses Jobim Lopes (CBP/RJ)  
Carlos Antônio Andrade Mello (CPMG)  
Carlos Pinto Corrêa (CPB)  
Cibele Prado Barbieri (CPB)  
Fernando Cesar Bezerra de Andrade (SPP)  
Isabela Santoro Campanário (CPMG)  
Luis Martinho Ferreira Maia (SPP)  
Marcelo Wanderley Bouwman (CPP)  
Noeli Reck Maggi (CPRS)  
Philippe Bessoles (Paris 7 - França)  
Stetina Trani de Meneses e Dacorso (CBP/RJ)

## CONSELHO EDITORIAL

Cecília Tereza Nascimento Rodrigues (CPS)  
Déborah Pimentel (CPS)  
Maria das Graças Araújo (CPS)  
Patrícia Aranda Garcia de Souza (CPS)  
Ricardo Azevedo Barreto (CPS)

## CAPA

Trabalho em tapeçaria  
Título: Fim de sessão  
Maria Aparecida Nascimento Dias  
Psicóloga - Psicoterapia infantil  
Imagem cedida pela autora

## FOTOGRAFIA:

Sérgio Silva

## ENDEREÇO DA REDAÇÃO

Praça Tobias Barreto, nº 510 - São José  
Ed. Centro Médico Odontológico,  
12º andar, sala 1208  
CEP: 49015-130 Aracaju - Se  
cbp\_br@ig.com.br  
www.cbp.org.br

## PROJETO GRÁFICO

Valdinei do Carmo

## EDITORIAÇÃO DE TEXTO E IMAGEM

Antônio Almeida

## REVISÃO

José Araújo Filho (UFS) - Português  
Fernanda Gurgel Raposo - Inglês





# **Círculo Brasileiro de Psicanálise – CBP**

## **DIRETORIA**

### **Presidente**

Déborah Pimentel

### **Vice-presidente**

Cleo Malmann

### **Primeira Secretária**

Patrícia Aranda Garcia de Souza

### **Segunda Secretária**

Maria das Graças Araújo

### **Primeira Tesoureira**

Cecília Tereza Nascimento Rodrigues

### **Segunda Tesoureira**

Patrícia Aranda Garcia de Souza

### **Editores da Revista**

Déborah Pimentel e Ricardo Azevedo Barreto

### **Consultoria Administrativa e Diretoria Científica**

Carlos Pinto Corrêa

Cibele Prado Barbieri

Maria Mazzarello Cotta Ribeiro

Anchyses Jobim Lopes

### **Revista Eletrônica e home-page**

Cibele Prado Barbieri

### **Representante junto à Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras**

Anchyses Jobim Lopes





# **Círculo Brasileiro de Psicanálise – CBP**

## **INSTITUIÇÕES FILIADAS**

### **Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro - CBP/RJ**

Av. Nossa Senhora de Copacabana, 769/504 - Copacabana

CEP: 20050-002 - Rio de Janeiro - RJ

Tel: (21) 2236 0655 Fax: (21) 2236 0279

E-mail: [cbp.rj@terra.com.br](mailto:cbp.rj@terra.com.br)

Site: [www.cbp-rj.com.br](http://www.cbp-rj.com.br)

### **Círculo Psicanalítico da Bahia - CPB**

Av. Adhemar de Barros, 1156/101, Ed. Máster Center - Ondina

CEP: 40170-110 - Salvador - Ba

Tel /Fax: ( ) 3245 6015

E-mail: [circulopsi.ba@veloxmail.com.br](mailto:circulopsi.ba@veloxmail.com.br)

Site: [www.circulopsibahia.org.br](http://www.circulopsibahia.org.br)

### **Círculo Psicanalítico de Minas Gerais - CPMG**

R: Maranhão, 734/3º andar - Santa Efigênia

CEP: 30150-330 - Belo Horizonte - MG

Tel: (31) 3223 6115 Fax: (31) 3287 1170

E-mail: [cpmg@cpmg.org.br](mailto:cpmg@cpmg.org.br)

Site: [www.cpmg.org.br](http://www.cpmg.org.br)

### **Círculo Psicanalítico de Pernambuco - CPP**

R: Desembargador Martins Pereira, 165 - Rosarinho

CEP: 52050-220 - Recife - Pe

Tel: (81) 3242 2352 Fax: (81) 3242 2353

E-mail: [circulopsicanaliticope@yahoo.com.br](mailto:circulopsicanaliticope@yahoo.com.br)

Site: [www.circulopsicanaliticope.com.br](http://www.circulopsicanaliticope.com.br)

### **Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul - CPRS**

R: Senhor dos Passos, 235 / 1001 - Centro

CEP: 90020-180 - Porto Alegre - RS

Tel/Fax: (51) 3221 3292

E-mail: [circulopsicanaliticors@gmail.com](mailto:circulopsicanaliticors@gmail.com)

Site: [www.cbp.org.br/cprs](http://www.cbp.org.br/cprs)

### **Círculo Psicanalítico de Sergipe - CPS**

Praça Tobias Barreto, 510/1208 - São José Ed. Centro Médico Odontológico

CEP: 49015-130 - Aracaju - Se

Tel: (79) 3211 2055

E-mail: [cps@infonet.com.br](mailto:cps@infonet.com.br)

Site: [www.circulopsicanalitico-se.com.br](http://www.circulopsicanalitico-se.com.br)

### **Sociedade Psicanalítica da Paraíba - SPP**

Av. Presidente Epitácio Pessoa, 753 sl.803/804 - Bairro dos Estados

Ed. Central Parque

CEP: 58030-000 - João Pessoa - Pb

Tel/Fax: (83) 3247 4025

E-mail: [sppb@uol.com.br](mailto:sppb@uol.com.br)

Site: [www.sppb.com.br](http://www.sppb.com.br)





# Sumário

- 11** Editorial
- 13** *Psicopatia da vida cotidiana*  
*Psychopath of everyday life*  
Déborah Pimentel
- 21** O ofício – quase impossível - do psicanalista  
*The job – almost impossible - of the psychoanalyst*  
Anchyses Jobim Lopes
- 33** Casa da árvore, um lugar para brincar e conversar:  
uma proposta de atendimento coletivo para crianças  
de zero a doze anos em comunidades carentes do Rio  
de Janeiro e Niterói  
*Casa da Árvore, a place for talking and playing: a  
collective treatment proposal for children from 0 to 12  
years old in destitute communities in the cities of Rio de  
Janeiro and Niterói*  
Beatriz de Souza Lima
- 49** O nome do pai e o laço social no Grande Sertão:  
Veredas  
*The Name of the Father and the social bonds in “Grande  
Sertão: Veredas”*  
Eliana Rodrigues Pereira Mendes
- 55** Questões sobre a psicopatologia do amor cotidiano  
*Questions about the psychopathology of everyday love*  
Isabela Santoro Campanário
- 61** Mídia e o espelho da masculinidade?  
*The media and the mirror of masculinity?*  
Júlio César Diniz Hoenisch  
Carlos da Silva Cirino
- 75** Nachträglichkeit: leituras sobre o tempo na  
metapsicologia e na clínica  
*Nachträglichkeit: readings about time in  
metapsychology and clinic*  
Luis Maia  
Fernando César Bezerra de Andrade
- 91** O escorpião e o sapo: o quê da perversão  
*The scorpion and the frog: the point of perversion*  
Maria Beatriz Jacques Ramos
- 101** Das origens da sexualidade feminina ao feminino nas  
origens da psicosexualidade humana  
*From the feminine sexuality to the feminine into the  
human psychosexuality origin*  
Maria das Mèrces Maia Muribeca

- 109 A clínica do traumatismo sexual: mediação e  
desengajamento do traumático**  
*The clinic of sexual trauma: mediation and trauma  
disengagement*  
Philippe Bessoles  
Marilúcia Lago
- 117 O que será: indagações da paixão**  
*What will it be: investigations of passion*  
Miriam Elza Gorender
- 125 A patologização da normalidade**  
*The pathologization of normality*  
Paulo Roberto Ceccarelli
- 137 Psicanálise e arte: o programa de humanização no  
hospital São Lucas em Sergipe**  
*Psychoanalysis and art: the humanization programme in  
São Lucas hospital in Sergipe*  
Ricardo Azevedo Barreto
- 147 Psicanálise e crítica literária**  
*Psychoanalysis, literature and literary criticism*  
Stetina Trani de Meneses e Dacorso

## *Editorial*

O Círculo Brasileiro de Psicanálise fomenta uma convivência frutífera da heterogeneidade do pensamento psicanalítico em seu meio. Não defendemos uma Psicanálise enclausurada e dogmática, mas um lugar para o psicanalista atento às problemáticas atuais.

Nossa perspectiva teórico-metodológica se reflete em nossas produções científicas. Alcançamos com êxito e muito esforço nesta edição o número 33 da revista Estudos de Psicanálise que – como um caleidoscópio – desenha uma pluralidade de saberes e/ou práticas psicanalíticas de membros de nossa Federada e expoentes de diferentes instituições de nosso país e do exterior.

Muito nos honra produzirmos, como editores da revista, no biênio vigente da Diretoria do Círculo Brasileiro de Psicanálise, nosso segundo exemplar. Mais ainda, por termos travado, como meta, a produção de dois periódicos por ano, com notável qualidade técnico-científica, o que só se tornou possível com as valiosas contribuições dos conselheiros de nossa publicação e dos profissionais que trabalham conosco na consecução do projeto gráfico, da editoração de texto/imagem e da revisão sistemática de linguagem.

A história de nossa revista de quatro décadas e o alcance de nossas produções, que chegam à totalidade da Rede Brasileira de Bibliotecas da Área de Psicologia e ultrapassam as fronteiras da brasilidade, exige-nos cada vez mais rigor científico. É o que buscamos incessantemente.

Por outro lado, a beleza da Psicanálise nos motiva e permite enfrentar os desafios e o mal-estar na civilização. A capa que reveste os instigantes textos que aqui se encontram, portanto, não poderia ser menos do que encantadora, um convite ao imaginário, a nos depararmos com as dualidades e profundezas da alma humana. Convite esse que, de forma calorosa, reiteramos a todos os leitores deste acervo de escritos.

Déborah Pimentel e Ricardo Azevedo Barreto  
Editores



# *Psicopatia Da Vida Cotidiana*<sup>1</sup>

*Psychopath of everyday life*

**Déborah Pimentel**<sup>2</sup>

## **Palavras-chave**

Psicopatia, perversão, lei, tratamento.

## **Resumo**

A autora faz uma análise das notícias veiculadas pela imprensa e a partir delas percebe-se o grande número de pessoas que são vítimas de gente inescrupulosa e mentirosa e a dificuldade que temos de identificar esses sujeitos perversos que gravitam ao nosso redor. São pessoas que se recusam a viver frustrações e capazes de atrocidades e de recursos ilícitos ou agressivos para alcançarem o que desejam a despeito da lei e que recorrem às mentiras, trapagens e crueldades. A autora conclui que não existe uma resposta psicanalítica para os psicopatas, pois ela só existe para um pedido daquele que se dirige a um psicanalista. O tratamento para a psicopatia, se é que existe, é de ordem social e de caráter educativo.

*O homem é a medida de todas as coisas.*

**Platão**

*Estou triste. Muito triste. Vi os homens de perto. De muito perto.*

**Antoine de Saint-Exupéry**

Houve um período em que a maioria da população era bem neurótica. Para melhor definição, histórica. Estragavam tudo no melhor da festa para dormir com um gigante sentimento de culpa, cheios de ansiedade e de tranquilizantes.

Mais adiante a sociedade deprimiu e nunca se falou tanto, e se prescreveram tantos psicofármacos para a alegria dos laboratórios.

Os tempos mudaram, e as manifestações psíquicas apresentam-se de forma vistosa, quer no uso das drogas, no consumo exacerbado, no jogo patológico, no uso alienante do computador, no culto ao corpo, nos transtornos alimentares, ou ainda nas transgressões e violência.

Vivemos uma terceira fase: a sociedade do espetáculo, narcísica e perversa.

Palavras antes usuais, como solidariedade e companheirismo, por exemplo, desapareceram do vocabulário e das relações do cotidiano. Os índices de violência são crescentes, quer nas ruas, quer nas áreas privadas; reinam a intolerância e a insegurança.

Somos uma sociedade em que o status social e a imagem que o sujeito constrói e vende de si mesmo é que vão dizer da sua importância como sujeito. Há uma cultura da mais valia, da Lei do Gérson, do levar vantagens em tudo, ser esperto. Valores como honestidade, nobreza, generosidade, amizade são ignorados ou tidos como atributos de pessoas bobas ou ingênuas.

Talvez esta seja uma grande oportunidade de dialogarmos com outras áreas do conhecimento e oxalá, articularmos melhor nossos pensamentos entre a Lei e a Cultura, em um momento em que vivemos uma crise que denuncia a falência das instituições

1 Discurso proferido na abertura do XVIII Congresso do Círculo Brasileiro de Psicanálise, dia 20 de maio de 2010 no Rio de Janeiro.

2 Presidente do Círculo Brasileiro de Psicanálise para o Biênio 2008-2010. Editora da Revista Estudos de Psicanálise. Doutoranda em Ciências da Saúde, curso do Núcleo de Pós-graduação em Medicina da Universidade Federal de Sergipe.

pilares da sociedade: família, igreja e governo.

No seio familiar, protegem-se demais os filhos, e se diz a eles apenas o que eles querem ouvir; os pais antecipam-se aos seus desejos, não permitindo que aos filhos nada falte. Gravíssimo pecado dos tempos atuais.

Observem, pois, os filhos da atualidade. Eles são esvaziados de desejos e de projetos. Não sabem o que querem ser no futuro, não sabem o que vão fazer amanhã, não querem pensar. Estão insuportavelmente insatisfeitos, se dizem infelizes e incompreendidos.

Quando frustrados, se são crianças, fazem crise de birra, deitam no chão, gritam e esperneiam e conseguem o que querem imediatamente, principalmente se estão em público, por saberem como constranger os pais. Desde muito pequenos aprendem rápido como manipular os adultos, principalmente os que se sentem culpados pelo seu estilo de vida: muito trabalho e pouca atenção aos filhos, que crescem cheios de presentes e pouca presença dos pais. Quando se tornam adultos, são intolerantes às diferenças e se recusam a viver frustrações; são capazes de atrocidades e de recursos ilícitos ou agressivos para alcançar o que desejam a despeito da lei e de obstáculos de qualquer natureza. Recorrem às mentiras, traças, crueldades.

Se abrimos os jornais ou assistirmos ao noticiário da televisão com um novo olhar, facilmente perceberemos a extensão desse problema que é absolutamente estarecedor. Senão, vejamos.

Há poucas semanas, nos noticiários, vimos a condenação dos pastores Estevam e Sonia Hernandez, líderes da igreja Renascer em Cristo, que deixaram de prestar contas de uma das suas ONGs, mas que também vêm sendo processados por centenas de fiéis e pelo próprio Ministério Público por sonegação, fraudes e enriquecimento ilícito às custas das doações dos seguidores de sua igreja. A dupla já cumpriu pena de prisão em Miami por tentar ingressar nos Estados Unidos com 56.000 dólares não declarados.

A Igreja Católica também tem sido, nos últimos meses, a vedete de grande constrangimento público e tenta, desarticulada e desajeitadamente, se redimir dos seus pecados, porquanto, por décadas, as autoridades eclesiásticas têm sido omissas e até coniventes com os padres pedófilos, que por sua vez, passam o dia falando no amor e temor às leis de Deus. São simulados.

Há poucos dias, uma notícia na Folha de São Paulo nos arrebatou pelo seu conteúdo: um falso padre enganou fiéis por dois anos com homilias impecáveis, realização de casamentos, batizados, missas e ouvindo confissões.

É frequente assistirmos governantes explicarem com naturalidade desvios de verbas públicas, caixa dois, mensalões, malas de dinheiro, frutos de improbidades, corrupção e sonegação.

Há uma ausência de culpa ou remorso e total falta de constrangimento dessa tribo política, quando pegos em flagrante com dinheiro nas cuecas e meias, ou mentindo, como certa candidata ao cargo de presidente da República que fraudou seu *curriculum lattes*, dizendo que era mestre e doutora sem ser uma coisa ou outra.

Os políticos possuem, como bons psicopatas, um grande talento para distorcer as regras, reinterpretar as leis a seu favor, ou as reinventar e, simultaneamente, levantam a ética como bandeira e entram em movimentos de combate à corrupção. Claro que nem todos os políticos são psicopatas, mas não há dúvida de que psicopatas amam o poder e por isso se interessam tanto pela política.

Definitivamente não há, aparentemente, mais nenhuma reserva ética e moral. Sobrou muito pouco ou quase nada. Vivemos em um mundo competitivamente selvagem e sem lei, principalmente para muitos que estão no poder e que manipulam as regras de acordo com as suas conveniências.

Sem leis rígidas, a violência se torna crescente, e, em contrapartida, a impunidade em alguns segmentos torna-se uma

aberração e uma agressão ao bom-senso dos cidadãos do bem.

Estamos próximos ao período eleitoral e, é assustador vermos a grande massa absolutamente desinformada e manipulada e assim capaz, pelo seu número de eleitores, de deflagrar resultados em troca de cestas básicas. É espúria a relação do governo federal com grupos rurais organizados que recebem sua ajuda, aval, financiamento e leniência e invadem terras produtivas, destroem, depredam e saqueiam propriedades privadas em cenas de banditismo explícito.

Na polícia, floresce um meio propício para os psicopatas e talvez isso seja mais um ponto a ser estudado, pois não há procedimentos para evitar que eles entrem nessa instituição, que é bastante atraente, por lhes conferir poder e legitimidade para as suas ações, não raro descritas pela mídia como de muita crueldade.

Existem empresas que têm essas características também, pois não respeitam acionistas, sócios, funcionários, nem consumidores e clientes. Organizações que burlam seus resultados para vender melhor as suas ações na bolsa ou as que fraudam o peso de mercadorias, como as duas importantes fábricas de chocolates Lacta e Garoto, que foram autuadas no mês de maio deste ano pela Secretaria de Direito Econômico do Ministério da Justiça, por não avisarem aos consumidores que seus ovos de páscoa estavam pesando menos do que os tamanhos anunciados e assim auferiram importante lucro com estas manobras.

Nas empresas, portanto, psicopatas estão instalados com sucesso. Eles possuem os principais atributos desejados pelos líderes empresariais, como ambição, inteligência, capacidade analítica e de liderança, carisma e disposição para enfrentar desafios.

Muitos se sentem atraídos por atividades de alto risco com perspectivas de altos retornos. A Revista Veja do dia 5 de maio de 2010 traz a história de Fabrice Tourre que trabalhava para o mais importante banco de Wall Street: Goldman Sachs. O jovem executivo de

31 anos criou dispositivos financeiros que arruinaram muitos clientes, principalmente viúvas ingênuas, em favor do banco, vendendo papéis que sabia serem podres, atitude descrita por ele mesmo em *e-mails* confessionais para a namorada como monstruosidade, mas que renderam muito para o banco e muitos bônus e prestígio para ele próprio.

Há de se desfiar um rosário de exemplos sobre as psicopatias do cotidiano. Nunca se falou tanto em assédio moral e, mais recentemente em *bullying*, outra modalidade de assédio caracterizada pela humilhação promovida entre escolares, crianças e adolescentes, que desestabiliza as vítimas, promovendo sinais de depressão, ansiedade, angústia, com muitas lágrimas, medo e constrangimentos e com francos efeitos no corpo e na alma.

Por vivermos em tempos modernos, era cibernética, agora falamos também em *cyberbullying*: os agressores também estão *on-line*. Como mais de dez milhões de jovens brasileiros têm uma relação quase visceral com a internet, local de encontros e bate-papos no MSN, *Orkut*, *Facebook* e agora *Twitter*, os agressores, quando criam falsos perfis ou comunidades especializadas em agredir e denegrir, conseguem promover uma dor inexorável ao manchar uma identidade e uma imagem ainda em construção. É o inferno cibernético.

Precisamos, sem dúvida, revisitar conceitos básicos que parecem perdidos: ética, empatia e tolerância; eles farão diferença na nossa compreensão do mundo moderno que traz como marca a psicopatia da vida cotidiana.

Há alguns dias, vimos uma cena no noticiário que beira o inimaginável: uma mulher sendo assaltada e lutando com o bandido para defender sua bolsa dentro de uma delegacia, enquanto os policiais assistiam à cena e não moveram um único músculo, esboçando sequer um discreto gesto de impedimento da agressão.

A violência dos dias atuais tanto pode ser à luz do dia, nas ruas ou na delegacia,

explícita, como aquela protagonizada pela ilustre promotora na intimidade de sua casa, onde torturava covardemente sua indefesa filha adotiva de apenas dois anos de idade; como aquela outra, não se sabe qual mais perversa, praticada pelo Estado omissivo, em que se veem crianças, adultos e velhos abandonados nas ruas à própria sorte e privados de satisfações mínimas para uma existência com dignidade e, por conseguinte, dos seus direitos como cidadãos, garantidos, paradoxalmente, por que não dizer, ironicamente, pela nossa Carta Magna.

O pior, entretanto, pasmem, nós estamos entorpecidos diante dessas notícias e cenas brutais e assistimos a elas muitas vezes sem reação, sem afeto, sem nenhuma indignação. E com essa capacidade perdida, já há algum tempo, na verdade, cremos que embotamos também a capacidade reflexiva. É a mídia, repetindo exaustivamente relatos dos dramas familiares e cenas de barbárie, como as que envolvem o goleiro Bruno que mandou assassinar a sua ex namorada com requintes de crueldade, que cria em nós um efeito de comoção, que não sabemos ser natural ou artificial.

A violência e a vida foram banalizadas. A maldade dança sob nossos olhos ininterruptamente e se maquia e se mascara de diversas formas, de sorte que para os que tomam conhecimento dela, quer como testemunhas oculares, quer nos noticiários, seus efeitos são inócuos e é aceita como algo natural do cotidiano. Entretanto ela é devastadora para quem é a vítima, a ponto de o sujeito, em certas circunstâncias, não mais se equilibrar, e fenecer, morrer.

No reino animal, o homem é o único capaz de matar e tem inclusive o requinte de planejar a morte de outros de sua espécie, movido por retaliação, ambição, conveniência, pela incapacidade de gerenciar as diferenças ou por mero prazer.

Uma das perguntas que podemos nos fazer é se de alguma sorte não poderíamos resgatar a nossa capacidade de nos indignar-

mos ou voltarmos a nos instrumentalizar de forma adequada para estas reações.

Quem sabe, os pais e professores não poderiam ser mais bem instrumentados para perceber, ainda nas crianças e adolescentes, sinais precoces de transtornos de conduta: mentiras, crueldade e frieza emocional com ausência de culpa, transferência de responsabilidades, postura de desafio com pais e professores, vandalismo, fraudes, uso precoce de álcool e drogas.

Sabe-se que a psicopatia não tem cura, mas, quem sabe, se um olhar mais atento não poderia ser útil, senão, de forma exageradamente otimista, evitando um quadro mais exacerbado de psicopatia na vida adulta, mas também, principalmente, protegendo possíveis vítimas e evitando suas trágicas e nefastas ações.

Nem sempre os psicopatas são identificados, depende muito do grau de psicopatia, se baixa, moderada ou grave. Muitas vezes, convive-se com eles no cotidiano, pois nem todos se transformam em marginais ou assassinos, e levam uma vida aparentemente normal, exercendo seu grande poder de sedução, manipulando, traindo, tirando vantagens e fragilizando os mais vulneráveis, em relacionamentos predatórios com quem cruzam pelo caminho e que podem tornar-se presas fáceis do seu gozo perverso.

Existem também aqueles que se transformam em homicidas ou, pior, *serial killers*. Não faltam exemplos. O mais recente foi há três meses, um fato de grande comoção e repercussão social. Mediante o regime de progressão de pena, um benefício foi concedido ao pedreiro Admar que trazia Jesus no nome, assassino confesso de seis jovens de Luziânia (GO), e que cumpria pena por crime de pedofilia. Por ter bom comportamento, o juiz decidiu pela soltura, mesmo havendo um pedido da promotora do caso para um segundo exame criminológico. Ele foi liberado e voltou a matar. Ato contínuo e tardio, dia 15 de abril de 2010, o Ministro da Justiça, Luiz Paulo Barreto, defendeu a realização obriga-



tória de exames criminológicos com avaliação ampla da capacidade para convivência social, antes da soltura de presos que apresentem distúrbios de comportamento, evitando riscos para a segurança da sociedade.

A psiquiatra forense Hilda Morana foi a Brasília em 2004 tentar convencer deputados a criar prisões especiais para psicopatas. Conseguiu fazer a ideia virar um projeto de lei, que não foi aprovado. Parece que se faz necessária a comoção nacional diante de um novo crime que poderia ter sido evitado para que se force o endurecimento da lei.

As nações que fazem o diagnóstico dos marginais reclusos têm a reincidência dos criminosos diminuída em dois terços, uma vez que mantêm mais psicopatas longe das ruas.

Se tivesse havido a aplicação de algum sistema de segurança, com exames e até pulseiras eletrônicas, após a soltura desses delinquentes, quem sabe, teriam sido evitadas novas vítimas.

Apesar de a origem da palavra psicopatia vir do grego (*psyche* = mente e *pathos* = doença) ela não é considerada uma doença mental. O Ministro da Justiça parece saber que os psicopatas não são loucos e, portanto, imputáveis, pois essas pessoas não apresentam nenhum sofrimento mental, nem sofrem de alucinações ou qualquer tipo de desorientação.

Os psicopatas sabem o que estão fazendo, têm ampla consciência dos atos que praticam e não sentem nenhuma culpa ou remorso por nenhuma maldade feita. Eles sabem distinguir as diversas nuances da realidade, sabem o que é certo e o que é errado, ou que é bom e ruim, sabem reconhecer a lei e, se a transgridem, é pelo simples prazer de fazê-lo: é de sua natureza.

A experiência do judiciário revela também que psicopatas são reincidentes, e devem ficar reclusos para sempre, para a segurança da sociedade, a despeito das leis brasileiras que não permitem que alguém cumpra mais de trinta anos de reclusão. Muitos psicopatas dizem de forma desafiadora, despuddorada e escancarada: “se me soltar, volto a matar, vol-

to a estuprar”. Perversa, portanto, é a lei que quer tratar os diferentes de forma igual aos demais e que deixa a sociedade desprotegida. Parece que passou da hora de se rever a lei para crimes hediondos. Da psicopatia não se pode esperar cura, redenção ou reabilitação social.

O Ministro da Justiça reconhece que as pulseiras eletrônicas também não resolvem o problema, mas podem ser uma ferramenta importante na fase de reintegração (que não deveria existir) e liberdade condicional. Preso novamente, Admar de Jesus, morreu na prisão em condições pouco esclarecedoras. Possivelmente foi punido pela lei dos presos, que abominam pedófilos e estupradores. Lá a lei é dura e invariavelmente é aplicada.

Enfim, a psicopatia cotidiana está aí, está aqui, ao nosso redor, e é muitas vezes imperceptível e passa-se a conviver com ela. Disfarçados, os psicopatas vivem suas vidas quer como cândidos religiosos, bons políticos, quer como amantes encantadores e amigos queridos, entretanto simultaneamente arruinam emocional, física ou financeiramente os incautos que a eles se associam, profissional ou pessoalmente.

Existem múltiplas teorias e explicações acerca da gênese da psicopatia, incluindo aquelas sobre as quais nós, psicanalistas, sabemos tão bem discorrer e que dizem respeito às questões do romance familiar, o nome do pai e o meio cultural, mas, em tempos de francos avanços nos estudos genéticos, não podemos ignorar outras contribuições inclusive as que apontam alterações do sistema límbico, área responsável pelas emoções justificando a racionalização e a frieza desses indivíduos. Para os neurologistas, a organização e sinapses do cérebro de um psicopata são estruturalmente diferentes dos de uma pessoa normal. No ano 2000, dois neurocientistas, o neuropsiquiatra Ricardo de Oliveira-Souza e o neurologista Jorge Moll Neto, identificaram, através de ressonância magnética, as partes do cé-

rebros ativadas quando as pessoas fazem julgamentos morais.

A maioria dos voluntários ativou uma área chamada Brodmann 10 ao responder às perguntas. Esses mesmos pesquisadores, cinco anos depois, repetiram o experimento com pessoas diagnosticadas como psicopatas e verificaram que elas ativavam menos essa área cerebral, ratificando que os sujeitos com transtornos dessa natureza são incompetentes para sentir o que é certo e o que é errado.

Do nosso lado, verificamos, como psicanalistas, que a lei paterna, ou o Nome-do-pai, dá consistência simbólica à linguagem e tem como função inaugurar o social através da separação mãe-filho, o que favorece a entrada do sujeito no mundo das representações simbólicas, ou seja, a criança vai ter que colocar alguma coisa no lugar da ausência da mãe, fazendo articulações e substituições de ordem simbólica. Na psicopatia, o que falha não é o pai simbólico nem o pai imaginário, mas o pai real. Nome-do-Pai é o não fundante, o primeiro, o inicial, é o pai que diz não. O pai real é, por conseguinte, este que diz não para permitir que exista o nome.

A perversão é a maneira como um sujeito, na sua relação com o outro, recusa a impossibilidade de um gozo infinito e completo. Considerando que o discurso do pai é aquele que organiza o Édipo na constituição do supereu edípico, e o discurso do mestre é o que organiza o Édipo na constituição do supereu cultural, percebemos que o psicopata não faz a passagem do discurso do pai para o discurso do mestre, que parecem contraditórios e requerem dele uma escolha: um ou outro. E, se na psicopatia o que falha é o supereu cultural, a primeira resposta deve ser, portanto, institucional. A razão específica disso é que as instituições, assim como as psicoterapias têm um projeto bem definido, que é o ideal de normalização e que não tem nada em comum com a psicanálise que praticamos na nossa clínica, que não quer normalizar ninguém.

No final de uma terapia, espera-se que haja uma mudança do quadro patológico. No

final de uma análise, espera-se que o sujeito possa perceber, no seu sofrimento, a parte de gozo que o compromete. O que muda não é o sintoma, nem tampouco é o sofrimento, mas a posição subjetiva, e isso vai na contramão da psicoterapia. Assim, conclui-se que quem tem algo a fazer nas instituições é a psicanálise como uma teoria e forma de refletir e entender os processos, e não os psicanalistas, como bem apregoa Jean-Jacques Rassial. Definitivamente, não existe uma resposta psicanalítica para os psicopatas, ela só existe para um pedido daquele que se dirige a um psicanalista. O tratamento para a psicopatia, se é que existe, é de ordem social e, portanto, não é terapêutico e, sim, educativo.

A psicanálise não é capaz de modificar a natureza humana, mas talvez possa revelar possibilidades para essas inclinações pouco nobres.

Banalizar a violência é, de alguma sorte, preservá-la ativa, diluindo simbolicamente seus efeitos daninhos e de alguma forma não se comprometendo com suas manifestações. Não podemos nos esconder em frases feitas: “violência é da natureza do homem” e sucumbirmos a sua virulência.

Vale a pena lembrar Freud, que nos diz que a violência não é resultado da construção social, mas é fundante: existimos como grupo social a partir do assassinato do pai da horda primitiva. Existimos e nos organizamos a partir de um ato violento. Violento, é verdade, mas também justo e necessário, pois deu um basta ao gozo ilimitado do pai, criando um código de ética que gravita em torno da culpa e no qual ficou estabelecido também que matar não era mais legítimo ou permitido. Violência e poder estão no DNA da lei fundante da civilização.

A cultura terá que se haver com essas questões. Na atual sociedade, na qual há uma busca da satisfação a qualquer preço e o ser sucumbe ao ter, percebemos uma grande valorização da satisfação da pulsão, favorecendo um gozo sem limite que impede uma genuína relação afetiva com o objeto e que

significa um crescente desligamento dos valores éticos e morais.

Os psicanalistas não têm fórmulas mágicas ou saídas. Em um momento em que a sociedade busca nova ordem de valores, talvez a psicanálise possa colaborar com orientações por ser capaz de explicar a subjetividade e o não-todo-racional que compõem o sujeito.

Talvez os psicanalistas tenham algo a dizer e dividir suas reflexões com as demais áreas do saber, exercitando a sua dimensão antropológica, buscando possibilidades de melhor compreender os laços sociais em uma interlocução interdisciplinar com educadores, filósofos, antropólogos, sociólogos, assistentes sociais, profissionais do Direito, cientistas políticos e outros mais, inclusive com os profissionais do mundo financeiro, pois o poder desejado pelos psicopatas tem importante interface com a economia. Mas lembremos: certamente aqui não se trata de psicanálise clínica. Por outro lado, existem perversões e perversões, e havemos de considerar essa psicopatia do cotidiano, essa perversão comum, e reconhecer que ela diz respeito em graus diversos a qualquer um.

Propomos uma nova distribuição dos papéis dentro de uma nova responsabilidade do sujeito, poderíamos dizer ainda, responsabilidade pelo destino do coletivo. Parece que a única possibilidade de produzir sujeitos capazes de identificar o que devem ao coletivo é a condição de que antes tenham eles próprios sido introduzidos pelo coletivo à condição humana via educação.

Uma coisa é certa, é preciso falar dessa violência que impera no cotidiano, e até, quem sabe, elaborar a violência que nos funda, e isso talvez possa ser feito nos tornando responsáveis por um caminho simbólico para a violência que habita em cada sujeito. Freud, para ilustrar isso em 1930, no seu texto *Mal-estar na civilização*, cita o poeta Heine:

Minha disposição é a mais pacífica. Os meus desejos são: uma humilde cabana com um teto de palha, mas boa cama, boa comida, o leite e a

manteiga mais frescos, flores em minha janela e algumas belas árvores em frente à minha porta; e, se Deus quiser tornar completa a minha felicidade, me concederá a alegria de ver seis ou sete de meus inimigos enforcados nessas árvores. Antes da morte deles, eu, tocado em meu coração, lhes perdoarei todo o mal que em vida me fizeram. Deve-se, é verdade, perdoar os inimigos - mas não antes de terem sido enforcados.

Encerramos fazendo nossas as palavras de Bion em uma entrevista de 1992: “leva-se um longo tempo para que alguém saiba o pouco que sabe e um tempo mais longo ainda para que esse alguém saiba o muito que é saber sobre esse tão pouco”.

Construamos juntos um pouco desse saber.

### **Keywords**

*Psychopath, perversion, law, treatment.*

### **Abstract**

*The author makes an analysis of news related by the press and from them we see the large number of people who are victims of unscrupulous people and liars and the difficulty we have to identify these perverse individuals who gravitate around us. They refuse to live frustrations and they are capable of atrocities. They use illegal or aggressive resources in order to achieve what they want regardless of the law and they resort to lying, cheating and cruelty. The author concludes that there is no psychotherapy response to psychopaths, because it only exists for a demand that it is directed to a psychoanalyst. The treatment for psychopaths, if it exists, has a social and an educational character.*

## **Tramitação**

Recebido: 31/05/2010

Aprovado: 14/06/2010

Nome do autor responsável:

Déborah Pimentel

Endereço: Praça Tobias Barreto

510/1212. Bairro São José.

CEP: 49015-130. Aracaju-SE

Fone: (79) 3214 1948

E-mail: [deborah@infonet.com.br](mailto:deborah@infonet.com.br)

# *O ofício – quase impossível – do psicanalista*

*The job – almost impossible - of the psychoanalyst*

Anchyses Jobim Lopes<sup>1</sup>

## **Palavras-chave**

Reparação, cisão, clima incestual, resto inanalísável.

## **Resumo**

A escolha do ofício de psicanalista: sublimação e reparação maníaca. Cisão e perda na relação terapêutica. Quebra de ética: casos mais sutis. O clima incestual no divã. Manipulação de pacientes sob o disfarce de técnicas mais modernas ou humanas. O resto de análise e a escolha do ofício psicanalítico.

*Na Instituição Psicanalítica a produção científica se faz sobre os restos inanalísáveis, fazendo desses traços secretos uma condição de formação permanente.*

## **Carta de Princípios do Círculo Brasileiro de Psicanálise**

*[...] a formação compõe-se de um tripé: análise pessoal, teoria e prática clínica supervisionada, sendo o primeiro item o mais importante. Igrejas ou universidades não podem exigir ou garantir uma análise pessoal [...]*

**Maria Mazzarello Cotta Ribeiro e  
Anchyses Jobim Lopes**

## **INTRODUÇÃO: O RETORNO À CLÍNICA**

Preceitos como neutralidade, abstinência, sem conselhos ou tapinhas no ego para muitos se trata de uma ortodoxia fria e obsoleta. Será? E como concorrer com o festival de terapias intervencionistas ou receitas da auto-ajuda tão em moda? Mantendo os prin-

cípios clássicos em uso. Mais que mantê-los - eles constituem a salvaguarda ética da psicanálise e de sua eficácia terapêutica - trata-se de aperfeiçoá-los.

O Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP) do Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP-RJ) constitui uma forma de clínica social, atendendo a preços muito abaixo do usual. Recebeu 299 (duzentos e noventa e nove) pacientes em pouco mais de quatro anos (17/11/2005 a 18/3/2010). Com a proposta de que todos os pacientes estejam em supervisão coletiva ou individual, é exclusivo para tratamento pelos Candidatos do Curso de Formação Psicanalítica. Através do CAP, mais de duas dezenas de candidatos realizaram parte de sua prática clínica supervisionada.

Enquanto o trabalho em uma instituição psicanalítica permanecer no campo das aulas e seminários, por mais que temas clínicos sejam escolhidos, mais parecerá uma reunião de *chefs de cuisine* discutindo tratados de culinária. Mas, quando uma instituição psicanalítica toma a decisão política de sentar à mesa, investir em

<sup>1</sup> Psicanalista e Membro Efetivo do Círculo Brasileiro de Psicanálise- Seção Rio de Janeiro, Médico e Bacharel em Filosofia pela UFRJ, Mestre em Medicina (Psiquiatria) e em Filosofia pela UFRJ, Doutor em Filosofia pela UFRJ, Prof. Adjunto de Psicologia da UNESA; Presidente do Círculo Brasileiro de Psicanálise-Seção Rio de Janeiro, ex-Presidente do Círculo Brasileiro de Psicanálise.

sua clínica social, em supervisões coletivas e na apresentação de casos clínicos, sobrevém uma azia crônica. Mal-estar para o qual o único remédio eficaz é reviver todo o nascimento da clínica psicanalítica. Para surpresa de alguns, por mais que os textos tenham sido lidos, na prática reencontramos que os fundamentos dos *Artigos Sobre Técnica* de Freud (1978, xii) são todos válidos. E extremamente necessários. Através do CAP, permanentemente redescobre-se que os preceitos encontrados por Freud, no início da Psicanálise, originaram-se de muita tentativa e erro, de desastres clínicos e de alguns impensáveis sucessos terapêuticos.

Simultaneamente, o aumento no número de membros efetivos, que dobrou no período de dez anos, fez ressurgir ou agudizar a dispepsia institucional crônica de que todas as instituições psicanalíticas sofrem, o que também nos leva a repensar a questão da clínica, e de seus efeitos colaterais, no seio da política institucional. Da discussão dos tratados teóricos já nascem acerbas, ou melhor, neuróticas, discussões. Mas as discussões sobre uma clínica efetiva conduzem tanto a propostas perversas de abandono dos princípios clínicos básicos de Freud, quanto ao outro extremo, à dificuldade também perversa de aceitar-se a diferença, a de que há tantas psicanálises quanto analistas e pacientes. Tornou-se patente durante as supervisões que o afastamento da técnica e da ética estava estreitamente correlacionado com a análise pessoal dos candidatos.

O efeito do manjar psicanalítico, tanto para os terapeutas quanto para a instituição, mais se parece com a sequela dos alimentos defumados: deliciosos, mas devem ser ingeridos com parcimônia e cautela, pois possuem todos os hidrocarbonetos cancerígenos do cigarro. E do charuto.

Iniciemos pelo princípio: algumas reflexões do por que se escolhe ser psicanalista.

## ESCOLHA DO OFÍCIO

De acordo com uma perspectiva freudiana, a sublimação seria um dos mecanismos fundamentais para a compreensão de todas as escolhas profissionais. Por uma ótica kleiniana, a sublimação, conceito tão valorizado e tão mal explicado na obra de Sigmund Freud, teria por base a reparação dos objetos primários. Na passagem da posição esquizoparanoide para a posição depressiva, com a integração do objeto bom e do objeto mau em um único objeto, com o reconhecimento de que o objeto amado é o mesmo que foi odiado e atacado, prevalecendo a pulsão de vida sobre a pulsão de morte, a reparação surge para minorar o sentimento de culpa. Tal como o dito popular: *a criança morde e assopra*. Com a constatação de que o objeto é um só, cai-se no dilema primeiro para que se mantenham todas as relações internas e externas: a revelação íntima para cada um de nós da tão decantada ambivalência universal dos seres humanos. Ambivalência: um dos conceitos fundamentais para a compreensão de todo o pensamento de Sigmund Freud e sua visão trágica da natureza humana. A descoberta de que o objeto amado foi também odiado e atacado torna-se um dos grandes motivos do sentimento de culpa. A integração do eu e da percepção do mundo na posição depressiva também conduz a apreensão do tempo em seu sentido mais usual: passado, presente e futuro. E agora não há como desfazer os ataques do passado. Nem como evitar que eventuais ataques sejam feitos no futuro. Surge, então, o cuidar dos objetos primários e a necessidade de procurar por novos objetos, para os quais agora os ataques possam ser menores, uma preocupação maior, tanto para evitar a agressão, como para minorar as agressões feitas pelos objetos secundários contra si mesmos.

A integração dos objetos parciais em um objeto único conduz ao sentimento de

que não são *coisas* para minha satisfação, mas seres humanos. Apenas dessa forma ocorre a passagem para identificar-se ao outro e sua diferença. Aqui estamos na vertente positiva da ética kantiana (KANT, 1974), a proposta iluminista de uma ética: racional, universal e igualitária. É verdade que esta proposta, ao longo da história, como bem foi estudada por Horkheimer e Adorno (1989) (e que inspiraram Lacan [1986]), revelou seu outro lado, ou sua deturpação, em algo desumano, mecânico e sádico. Mas devemos propor um retorno a Kant, em que o preceito básico da ética é o reconhecimento da alteridade, de que o outro não é apenas um meio para obter meus fins, mas de que também se trata de pessoa com sentimentos e necessidades, um fim em si mesmo. Só assim se pode dizer: *coloquei-me na pele de alguém*. Esse colocar-se dentro da pele de alguém, que fundamenta o imperativo categórico kantiano, que podemos compreender psicanaliticamente através da identificação, e sem o qual a transferência seria impossível. Tanto quanto o supereu, que o próprio Freud afirmou ser herdeiro do imperativo categórico, ambos são criaturas híbridas. Ambos, Freud e Kant, demonstraram que, sem uma internalização amorosa da lei, seríamos sociopatas.

Para a Sra. Klein, esse zelo, essa *cura* do outro (*cura* - palavra latina, dentre outros sentidos, para cuidado, encargo, inquietação amorosa, guarda, vigília) não cai do céu instantaneamente. Não se passa da posição esquizoparanoide para a depressiva num piscar de olhos. Logo não se passa à reparação instantaneamente. Um longo processo, em que a pulsão de vida deve predominar sobre a de morte, conduz desde mecanismos necessários, mas ainda pouco eficazes, esquizoparanoide, aos depressivos. Talvez por que não tenha sido possível a Freud um *insight* maior na natureza complexa da sublimação, frequentemente ele a coloque como um dom

inato, um perigoso deslize biologizante de sua teoria. Para Klein as primeiras reparações são maníacas: basta um desejo onipotente da criança e pouca ou nenhuma ação concreta para consertar. Assim é o reino das fadas e dos duendes, e o da maior parte da religião. A integração crescente do eu e da realidade interna, paralela à integração crescente da percepção da realidade externa, conduz à percepção de quão ineficaz é a reparação maníaca. Mas é um processo longo. Falar em onipotência, em posição esquizoparanoide é falar em uma era em que predomina o narcisismo infantil. Já na posição depressiva, esse narcisismo tem de ser desinflado. Ou também podemos lacanianamente complementar, que, sendo o imaginário a fonte especular do narcisismo, tem de haver a predominância gradual do simbólico. De qualquer modo, Klein e Lacan concordariam que as feridas narcísicas são inevitáveis.

A observação e a prática mostram que aqueles que se dirigem a escolhas profissionais na esfera terapêutica precisam internamente realizar mais reparações internas e externas do que aqueles que optam por ocupações mais saudáveis. Desde os acadêmicos de Medicina que frequentemente desejam curar o câncer (quando não descobrir a cura definitiva), passando pelos estudantes de Psicologia, ávidos por teorias que englobem tudo desde o fio de cabelo até o último axônio da medula, indo aos psicanalistas que “explicam tudo” (o que é adjudicado a Freud, para quem era bem diferente acreditar na tese de que tudo poderia algum dia ser compreendido e não na crença de que pessoalmente poderia elucidar tudo). Não nos esqueçamos de: terapeutas ocupacionais, enfermeiros, arteterapeutas, etc. Dito em *kleinianês*, as escolhas profissionais nas áreas terapêuticas são frequentemente fundamentadas em projetos de reparação maníaca. O fato é que todos os sistemas

religiosos, e mesmo os filosóficos em sua maioria, tiveram em sua origem, e têm até o presente, por função, socorrer o ser humano diante do desamparo e da angústia da morte, do sofrimento da doença e da injustiça. Mesmo numa era em que a ciência falha em ocupar parte dessa função, não se justifica o messianismo manifesto ou disfarçado de muitos terapeutas, principalmente no caso dos psicanalistas. Muito menos suas crenças na associação com terapias alternativas, esoterismos ou na mistura de psicologias com religião. No caso da psicanálise, em sua crença da terapia pela palavra, não é ético que se confunda o trabalho por meio do simbólico com propostas ancoradas no imaginário. Principalmente se relembrarmos a função do imaginário no espelho e como receptáculo do narcisismo, no reforço do pensamento mágico e onipotente.

Um analista ainda muito ungido de seu narcisismo pode configurar um predador terapêutico. O messianismo, e a associação com práticas ancoradas no imaginário, são inevitavelmente potencializados pela maior arma psicanalítica: a transferência. Todo paciente possui problemas com sua imagem paterna, logo o analista será empossado principalmente, e ainda mais no início da análise, como pai imaginário. A investitura pelo suposto saber ocupa o lugar de um desejo falho, o de um pai que tudo saiba, que tudo possa, que tudo salve: o lugar de Deus. Por isso é necessário que o terapeuta, em sua análise pessoal, tenha padecido de uma boa dose de feridas em seu narcisismo. Concordamos com Quinet (2009, p. 121):

O analista em sua análise deve ter experimentado a destituição narcísica e deve poder refazer a terceira revolução copernicana, descrita por Freud, na qual o homem não é senhor em sua própria casa, descascando uma a uma como uma cebola suas identificações imaginárias que constituem sua persona, seu *little me*.

## CISÃO E PERDA

Os mecanismos esquizoparanoides são necessários para a psique saudável durante toda a vida. A cisão do eu, tão cara a Freud (1978, xxi, xxiii), principalmente em alguns de seus últimos escritos, não estabelece apenas uma fonte para as perversões. Para Klein a cisão é patológica quando permanente, seja por não ter ocorrido o predomínio dos mecanismos da posição depressiva, ou por uma regressão à posição esquizoparanoide. Existe a cisão permanente que origina o fetichismo, um dos conceitos básicos para a compreensão das perversões. A importância das cisões, reversíveis ou não, constitui um conceito clínico essencial também para o entendimento das psicoses. Mas pode-se defender a ideia de uma cisão benigna, parcialmente reversível, na vida diária e na prática profissional. Ao separar o intelectual do afetivo, o eu-realidade do eu-prazer, a cisão permite que a realidade seja fria e desapassionadamente percebida. Isolando-se a angústia podemos tomar a conduta mais útil em momentos de perigo e manter a racionalidade quando decisões importantes devem ser tomadas. Pela cisão uma parte do eu é sustentada como mero observador de si mesmo e do mundo.

Nenhuma das atividades na esfera terapêutica poderia ser exercida sem uma grande tendência do profissional para a cisão. Um cirurgião em segundos pode ter de tomar decisões dramáticas e executá-las com uma frieza impecável, deixando de lado que sob seu bisturi está um ser humano. E Freud gostava de comparar a terapêutica psicanalítica com o procedimento cirúrgico. O analista tem o dilema de ter de transferir, mas ao mesmo tempo manter um eu observador implacável. Simultaneamente deixar-se envolver e não se envolver pelo paciente significa mantê-lo em certo tipo de fetichização, na qual não se pode negar a castração, tal como na defesa maníaca e nas verdadeiras perversões, mas que, à semelhança do paciente de Freud (xxi, p.152)



atraído por mulheres com *um certo brilho no nariz* (em alemão: *Glanz auf der Nase*), foca e posiciona a visão do analista, colocando toda realidade inter e intrassubjetiva entre parênteses, dando-lhe o dom de supervalorizar o que passa por insignificante e despercebido. Caso contrário, o analista tem seu trabalho paralisado: pela angústia do paciente, por todos os disfarces da resistência, pelas motivações para ganhos primários e secundários dos sintomas e, mesmo, pela pura manipulação por pacientes pouco escrupulosos.

Outro exemplo, se o analista se deixar conduzir (ou melhor, seduzir), pelo que é dito, esquece da importância de observar como é dito. Não se consegue notar os atos falhos, o duplo sentido dos significantes, a predominância de palavras-chave no campo semântico. Assim, se, como o sultão Xariar, das Mil e uma Noites, o analista ficar completamente deslumbrado pelas histórias de sua Xerazade, não vai conseguir matar a charada de sua neurose. Isto é, sem cisão, ou se transfere demais ou de menos.

Claro que a importância da cisão e da fetichização com o trabalho analítico implica graves riscos. Todo fetiche constitui um objeto idealizado. O terapeuta também se coloca a serviço da idealização e fetichização pelo paciente. Condição que pode ser útil ao início da terapia. Mas, em médio prazo, deve-se lembrar sempre que a cisão benigna pode degenerar em um processo tipicamente esquizoparanoide, e que idealização, além do narcisismo incluído, constitui uma clássica defesa maníaca. O analisando pode agudizar o pai idealizado e superegoico transferindo ao analista, numa figura ainda mais narcísica, o lugar no imaginário de Deus e do fetiche. E, tal o fetichista de carteirinha, o analista também pode permanentemente desumanizar todo o resto do paciente em detrimento de suas teorias e crenças, reduzindo-o ao *certo brilho no nariz*. A frieza transitória de uma situação cirúrgica torna-se a frieza permanente do perverso.

Relatos profissionais da área de enfermagem ou de profissionais que cuidam de pacientes idosos ou terminais, por vezes expõem que a frieza, da qual muitas vezes são acusados, também possui outra motivação: as sucessivas perdas. O pouco ou não envolvimento, para muitos, é o que permite o cuidar de pessoas com as quais se sabe que o relacionamento inevitavelmente terá um fim próximo e irreversível. Neste, porém, temos o reflexo de outras características do ofício de analista. Apesar de opiniões contrárias, o analista será sempre o ex-analista. Isso quer dizer: a possibilidade de um convívio social ou institucional é sempre limitada, artificial ou francamente desaconselhável. Por melhor que seja trabalhada a transferência, de ambas as partes, é inumano acreditar em uma elaboração completa. Além do fato de que todo analista conhece fatos e fantasias do paciente que não foram contadas a nenhuma outra pessoa. A relação analista/paciente difere completamente de qualquer outra, social ou institucional. E é um caminho sem volta. O que implica que, mesmo em uma análise que dure dez anos ou mais, o caminho do paciente é ao mundo e aos outros. Distante ou próximo, o fim do trabalho analítico é sempre a meta desejável. E justamente, quando bem realizada, a análise conduz sempre a seu fim irreversível, sobretudo se acreditarmos que uma nova terapia ou uma re-análise futura deveria ser feita com outro profissional. A clínica analítica, ao mesmo tempo em que implica um investimento afetivo do terapeuta, maior do que em qualquer outra modalidade de clínica, também implica perdas maiores que em qualquer outra. Aqui, derivados da cisão ou de mecanismos independentes como o controle, o triunfo ou o desprezo pelo paciente ocorrem para minorar a perda. Controle, triunfo ou desprezo, nomeava assim a Sra. Klein as defesas maníacas.

## O NÃO LUGAR DO GOZO

Ao longo do tempo, o *setting* deve deixar de ser lugar de gozo do sintoma do paciente. Se o paciente apresenta diretamente o sintoma na consulta ao início do tratamento, ou se passar a fazê-lo através da neurose de transferência, desfazer o sintoma, ou a transferência, é desfazer o gozo. Do mesmo modo, é eticamente inadmissível que seja local de gozo do terapeuta. A satisfação do terapeuta teria de advir do pagamento em dinheiro e do regozijo pelo sucesso profissional. Teoricamente, porque uma quantia exagerada como pagamento também pode ser gerada por um desejo perverso de gozo. E, para completar, as motivações que conduziram o terapeuta a sua escolha profissional, como vimos, ultrapassam muito a necessidade concreta de um ganha-pão. Grande parte do prazer do terapeuta está em reparar, através dos outros, seus próprios objetos internos. Como tudo o mais quantitativamente exagerado, o prazer terapêutico, derivado da sobra da análise pessoal, também pode ser ou se transformar em algo perverso quando em sua busca de gozo. Devem-se franzir ligeiramente as sobrancelhas quando se escuta de alguém, que é paciente, algo como ter tido uma sessão ótima porque *meu analista jogou um monte de verdades na minha cara*. E também quando algum candidato ou colega relata algo como *eu não sabia que era tão divertido tratar crianças*.

Quando a quebra da ética é mencionada, ou é suposta a passagem de informações confidenciais a terceiros, ou quase sempre se pensa em uma relação sexual. Usemos o chavão - *rios de tinta foram escritos* - para assinalar a questão da quebra de ética na relação analista/paciente. Além da bibliografia psicanalítica, muitos livros e filmes utilizaram o tema, mas quase sempre se atendo ao ato sexual. O que não pode ofuscar a gra-

vidade de outros modos de gozo, aparentemente menores. A experiência trazida pelo relato de leigos, por alunos e candidatos à formação, também em supervisões individuais ou coletivas, subscreve outro lado da questão, tão grave quanto o abuso sexual. Escreve Simon (2009, p.198): “Pela minha experiência, os pacientes, são com mais frequência, explorados por dinheiro que por sexo”. Cremos que poucos analistas experientes discordariam. Também foi feito o relato, em reuniões do Movimento de Articulação das Entidades Psicanalíticas, de que a primeira sugestão do *aparelhamento* psicanalítico de pastores tenha sido feita na década de 80 do século passado pela igreja evangélica mais famosa por sua avidez pelo lucro e pelo poder político, assim como por seu descomunal patrimônio. Quanto ao problema da convivência institucional dentro das sociedades psicanalíticas, a possibilidade de exploração política é igualmente observável. Não que haja, na maioria dos casos, uma intenção direta de dolo. Salvo daqueles que podemos rotular predadores terapêuticos.

O mesmo autor menciona que a maioria das quebras de ética começa de forma insidiosa, principalmente “entre a cadeira e a porta” (SIMON, 2009, p.199). Algumas perguntas aparentemente inofensivas pelos pacientes, outras respostas supostamente anódinas pelo analista, mas que revelam gostos pessoais. À parte sugestões de todos os tipos pelo terapeuta, seja no *setting*, seja fora dele. Opiniões políticas sortidas reveladas pelo analista. Um passo além e a solicitação de pequenos favores. No caso de vínculos institucionais, comentários sobre problemas da sociedade psicanalítica e sobre colegas, ou até a indução de que se tome determinada posição partidária. Ou seja, todos aqueles pequenos comentários sociais aos quais a não resposta fica parecendo falta de educação ou uma ortodoxia

técnica exagerada. Mas não o é. Transferência, resistência, regressão, Édipo, não parecem pelo simples ato mecânico de se levantar do divã ou de uma cadeira. Pedese a devolução ou compra de um livro, de doces e salgados, uma pequena arrumação em algo do consultório, uma conversa social após a sessão, uma pequena extensão desta para poder se opinar melhor, talvez marcar a sessão após o último paciente, quem sabe é ainda melhor em um lugar fora da neutralidade do *setting*, por exemplo, um barzinho. Caso o exemplo seja um tanto caricatural, temos a gravíssima afirmação de Simon (2009, p.199):

Os estudos também mostram que a revelação de informações pessoais por parte do terapeuta para o paciente, em particular de fantasias sexuais e de sonhos, está correlacionada com uma transgressão sexual futura.

É direito dos pacientes atuar como Xerazade: na forma e no conteúdo, o discurso da sedução. No caso do analista, é sua função primária estabelecer os limites. Tem-se de reconhecer que pequenos comentários pessoais, a revelação de gostos e preferências, posições políticas, além de inibir os pacientes de manifestar opiniões opostas, também estabelecem uma sutil ponte para criar nos pacientes imagens do terapeuta. Imagens cuja tendência é serem investidas narcisicamente, ao auxílio da transferência e da idealização. O manejo da linguagem é arte do ofício psicanalítico, mas também do de políticos e perversos. O analista sabe que o suposto saber com que é investido é uma espécie de farsa a ser usada no bom sentido. Os pacientes não possuem esse conhecimento. Ou, quando, no caso de candidatos já em formação psicanalítica, eles o possuem e pela transferência, passam a deixar de lado sua racionalidade.

O conhecimento teórico igualmente pode ser mais uma arma de sedução. Ainda

mais se o analista, ao mesmo tempo, ocupa o lugar de professor na formação psicanalítica (merece lembrança a proposta inicial do CBP-RJ, de que os professores não podiam ser analistas dos candidatos e vice-versa, proposta que, em longo prazo, mostrou-se inviável). Alunos e professores, análises à parte. E deixar-se o jargão psicanalítico de lado. Todo jargão simplifica o diálogo entre os pares de uma comunidade científica, mas se constitui de reducionismos e chavões. Uma tarefa fundamental do analista é embarcar no campo semântico dos pacientes, sejam candidatos ou não. Sem dar o valor de significado a palavras abstrusas e usar os próprios termos que o paciente utiliza no vocabulário de sua vida cotidiana. Aliás, fato que não constitui qualquer novidade trazida pela psicanálise. Já no ensino médico se aprendia a usar o máximo possível as palavras e expressões do paciente, entender através delas suas queixas e, através delas, tentar explicar o tratamento. Usar termos técnicos com pacientes, além de ser pedante, é perigoso. Seja para médicos ou outros profissionais, para os que desconhecem a área *psi*, ou para colegas e futuros colegas analistas, é útil e bom lembrar, como o faz Hirigoyen (2009, p.116) que:

Um outro procedimento verbal habitual nos perversos é o de utilizar uma linguagem técnica, abstrata, dogmática, para levar o outro a considerações que ele não compreende, e para as quais não ousa pedir explicações, por medo de passar por imbecil.

## O CLIMA INCESTUAL

A dúvida se o trauma infantil foi real ou apenas fantasiado, ou uma combinação de ambos, atormentou Freud durante a primeira década de suas descobertas. Em realidade, tratou-se de um fantasma que

nunca deixou de afligi-lo e que foi revivido em suas discussões com Ferenczi. Discussão atualíssima, quando da descoberta, nas últimas décadas, de que a incidência do abuso sexual infantil e do incesto é muito mais extensa do que o próprio Freud supunha há um século. Assim como no caso de que a perda da ética, por uma posição de gozo do terapeuta, é mais frequente por abuso monetário que sexual, também se deve pensar que o trauma não precisa ter se originado de um contato físico concreto, mas de todo um clima que podemos denominar de incestual. Escreve Hirigoyen (2009, p.60):

O incestual é um clima: um clima em que sopra um vento de incesto sem que haja incesto. É o que eu chamaria de incesto *soft*. Não há nada juridicamente condenável, mas a violência perversa está presente, sem sinais aparentes.

Claro que este clima se torna mais ou menos patogênico na medida em que é potencializado pela situação edípica e pelas fantasias primevas. Englobam-se como incestuais várias condutas. Num polo, a erotização exagerada na primeira infância, na direção de uma sexualidade genital e fálica e não daquela perversa polimorfa da criança. O que pode ocorrer por estímulos físicos diretos ou, o que é muito mais comum nos dias atuais, pelos estímulos visuais e sonoros da mídia. Há diferença entre o tesão adulto e ternura infantil (sem a qual os adultos também não vivem). Como escreveu Ferenczi (1999, p.300, tradução do autor):

(...) na verdade as crianças não querem, de fato, não podem ficar sem ternura (...) se mais amor e amor de um tipo diferente do que elas precisam é forçado sobre as crianças no estado da ternura, pode conduzir a conseqüências patológicas do mesmo modo que a frustração ou a retirada do amor (...).

Em outro polo, podemos rotular de incestual um clima em que a intimidade entre pais ou cuidadores e a criança ou o adolescente é utilizado de forma abusiva, uma cumplicidade doentia. Neste caso, ocorre uma transgressão permanente da fronteira entre relações de parentesco e relações sociais, em que os adultos, não suportando seus problemas e angústias, tratam os filhos como se fossem adultos, amigos íntimos e até suplentes de cônjuge.

A aproximação ocorrida nas últimas décadas entre pais e seus substitutos e filhos, pela qual a psicanálise teve um grande mérito, tem seu lado negativo em que muitas vezes se perde a noção de que pai ou mãe, e melhor amigo(a) ou amigos(as) dos filhos, ou deles mesmos, são funções diferentes. Dois exemplos quase caricaturais: a mãe que trata o filho como confidente íntimo de seus problemas afetivos e sexuais, ou até como suplente do ex-marido; o pai que incentiva e acompanha voyeuristicamente as primeiras experiências sexuais e afetivas dos filhos. Consideram-se incestuais esses e todos os casos em que se nega ser o relacionamento parental, e familiar em graus mais distantes, carregado de tintas edípicas exageradas. Justamente o principal motivo para a necessidade de amigos, e outros relacionamentos fora do núcleo familiar, é a sua função exogâmica. A aparente camaradagem ou intimidade, que muitas vezes em realidade encobre condutas transgressivas entre pais e filhos, difere do trabalho de: se preocupar, mas sem exagerar na ansiedade transmitida; informar, mas sem cair no pornográfico; vigiar e escoltar discretamente dando à criança e, principalmente, ao adolescente a sensação de que está sendo livre, mas dando espaço para sua intimidade e experiências sexuais; mas, acima de tudo não transmitir em exagero suas próprias angústias e fantasias sexuais, que serão sempre vivenciadas como

incestuosas pelos filhos. Com o agravante de que essas fantasias sexuais colocam a criança ou adolescente a serviço do desejo do adulto e inibem aquelas fantasias que seriam próprias deles mesmos e de sua idade. Difere da pedofilia explícita e da sedução de menores prevista no código penal, mas o cerne da ética kantiana também é negado, e se instrumentaliza o outro como coisa a serviço de si mesmo.

## O CLIMA INCESTUAL NA TERAPIA

O clima incestual pode ser criado e revivido em qualquer terapia. A crítica contra a neutralidade psicanalítica como algo antiquado frequentemente serve de justificativa para tratamentos mais *modernos*, em que o terapeuta *se coloque ao lado do paciente*. À parte muitos casos em que a neutralidade encobre a incapacidade técnica, deve-se pensar duas vezes quando se fala de frieza, indiferença ou apatia do analista. Fornecer opiniões pessoais sobre assunto como política e instituição, contar de sua vida pessoal, falar de suas crenças e esperanças. Seria muita ingenuidade não perceber que, no *setting*, toda informação objetiva é acompanhada de fantasia inconsciente, e já vimos que se trata de uma forma de sedução. Tenha o paciente passado ou não por ele em sua infância ou adolescência, surge o clima incestual. Além do que, se o analista sabe que não é a mãe ou o pai verdadeiro, muito mais deve saber que não é o melhor amigo ou companheiro de bar. Por sua ancoragem na cisão benigna do eu, a análise é a mais íntima das relações, num grau que o melhor amigo ou o companheiro de bar não podem ser e, ao mesmo tempo, uma relação mais artificial e distante que a de um cirurgião e seu paciente na mesa de operação.

Outro complicador é o eternamente presente sentimento de perda: não há garantia alguma de que o paciente volte na próxi-

ma sessão e mesmo de que volte; um dia não voltará nunca mais. Dentre os motivos que podem causar ou acentuar o clima incestual entre pais ou substitutos e filhos, está a incapacidade de aceitar a perda e a própria depressão. Reparar os objetos internos através dos filhos ou substitutos implica o reconhecimento de que a própria infância e juventude ficaram para trás. Se todo paciente coloca o terapeuta como pai e mãe, para o analista ele é sempre uma espécie de filho ou filha. A situação transferencial repete o mesmo sentimento de ameaça da ausência futura. A incapacidade de aceitar esse sentimento, associada à fantasia de que, em se tornando *colega*, o paciente estará sempre presente e sua falta nunca será sentida, levam a um clima de promíscua intimidade. Mas, como acontece na vida real, não adianta que o filho adulto seja feliz e bem sucedido: o bebê gordinho foi embora para sempre e, pior, sempre se casa com quem não se escolhe.

Portanto, as escolhas dos pacientes ao longo da análise são outro problema. Mesmo no mais ortodoxo psicanalista corre o sangue de um possível terapeuta de ego. As escolhas dos pacientes muitas vezes abalam a tão decantada neutralidade analítica (especialmente no caso das opções sexuais). Já correu também muita tinta sobre o perigo da análise de ego em sua tentativa de moldar o paciente tendo o analista em sua suposta sanidade mental como modelo identificatório, e insistir no terrível: *eu sei o que é melhor para você*. O problema do modelo é que se trata do eu ideal do terapeuta. E, em se tratando de eu ideal, caímos novamente na questão do narcisismo e do imaginário. Caímos no reforço superegótico, no lado negro e castrador do supereu, e também nas fantasias e fantasmas do terapeuta. À semelhança dos pais que, por sua angústia e depressão jogam suas fantasias e condutas sexuais

sobre os filhos, a transmissão excessiva dessas fantasias e fantasmas, que sempre ocorre em algum grau, também cria um clima incestual. E deixa-se de estar a serviço do desejo do paciente para se estar a serviço do desejo do terapeuta.

Pode-se pensar, num primeiro momento, que o prejuízo ao paciente advém apenas porque, “quando você tempera os rigores da análise com doses criteriosas de bondade e amabilidade, retira a liberdade do paciente, pois é você quem decide o que é melhor para ele” (MALCOLM, 2005, p.86). A realidade é mais perversa. A construção do clima incestual no *setting*, pela desculpa de técnicas menos *ortodoxas* que mascaram práticas intervencionistas, recria o trauma do clima incestual da infância. Lembrando que o paciente é, por criação do analista e direito próprio, um regredido e um edípico acentuado, sua resposta não será a de um adulto, mas a de uma criança dependente da ternura do adulto. Em grau mais leve, a criança tentará sempre se moldar às solicitações do adulto. Citando novamente Ferenczi em seu mais famoso artigo (FERENCZI, 1999, p.294, tradução do autor):

Cheguei à conclusão de que os pacientes possuem uma sensibilidade extraordinariamente refinada para as vontades, tendências, caprichos, simpatias e antipatias de seu analista [...] ao invés de contradizerem o analista ou o acusarem por seus erros e cegueira, os pacientes se identificam eles próprios com ele [...].

Num grau mais patológico, cria-se ou recria-se uma sedução não menos grave que a de uma relação sexual concreta, com o agravante de que o terapeuta permanece impune diante do código de ética profissional e da legislação criminal.

Se hoje as condutas intervencionistas de Anna Freud ou Heinz Hartmann, e toda a escola de psicologia do ego, não são mais

aceitas, temos ainda de pensar em suas variantes. A mais frequente é a mistura de esoterismo e psicanálise, em que crenças pessoais e transferência são embrulhadas junto com aconselhamento e auto-ajuda. Ao contrário do intervencionismo explícito do comportamentalismo, que se realiza em um contexto terapêutico muito diferente, temos: o amável e modernoso terapeuta *new-age*, que pode ir de crenças orientais ao espiritismo; a bondosa beata, que associa seu certificado de teologia com um de pseudopsicanálise; a psicanalista revoltada com sua instituição, que passa metade da sessão falando de política institucional. Todos fidedignamente recriam o trauma do clima incestual. Pensando bem, Anna Freud e Hartmann eram melhores.

## CONCLUSÃO:

### RESTOS E SUBLIMAÇÃO

Se o desejo de se tornar analista surge durante uma análise, trata-se de um sintoma. Sem esse sintoma, neurótico, até meio psicótico, se tornar analista apenas calculando na ponta do lápis o ganho financeiro e a reputação profissional, trata-se de um sintoma perverso, por não estar ancorado na ansiedade e na culpa, apenas na satisfação do ego e do narcisismo. Além de também ser uma má decisão em termos financeiros, hoje também é um pouco duvidosa no que tange a reputação.

O fato de o CBP-RJ constituir uma instituição ancorada em uma predominância absoluta de analistas leigos permite algumas constatações. Médicos e psicólogos, à parte de qual especialidade ou corrente sigam, possuem os problemas de onipotência e sentimento de culpa, de sublimação e reparação que discutimos no início.

Mas, tendo acompanhado dezenas de candidatos leigos em formação, observamos algumas vezes que o sintoma de se querer ser analista simplesmente desaparece.

rece. O candidato chega à saudável conclusão de que deve continuar em análise e permanecer em sua profissão de origem. Em alguns outros casos, o recalque ganha a vez, o sintoma dá lugar a outro mais grave, e o candidato abandona a formação e a análise. Apenas em uma percentagem, talvez de um terço dos candidatos iniciais, o sintoma seja ainda mais grave, indicando que restos provavelmente inanalizáveis impelem o candidato até o final da formação.

Chegamos à conclusão de que uma ligeira ansiedade e um sentimento de culpa não tratável, junto com a cronificação de uma necessidade de sublimação e reparação, associadas à incapacidade de completa destituição narcísica, assim como uma recorrente cisão do eu, constituem requisitos indispensáveis para a efetivação do desejo de ser analista. O que pode dar subsídio para um bom terapeuta, mas, sem dúvida, uma personalidade complicada para o convívio institucional.

### Keywords

*Reparation, splitting, loss, incestuous climate, non-analyzable remains.*

### Abstract

*The choice of psychoanalysis as a job: sublimation and maniacal reparation. Features of splitting and loss in the therapeutic relationship. Rupture in the ethics: more subtle cases. Incestuous climate on the couch. Artful and unfair means disguised as more modern or human techniques. Unanalysable remains and the choice of psychoanalysis as a job.*

## Referências

CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE. Estatuto - Carta de princípios. *Estudos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, n. 29, p. 13, set. 2006.

FERENCZI, S. Confusion of tongues between adults and the child (The language of tenderness and of passion) [1933]. In: \_\_\_\_\_. *Selected writings*. Penguin Books, 1999.

FREUD, S. Fetichism. In: \_\_\_\_\_. *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*, xxi. London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis, 1978.

FREUD, S. Papers on technique. In \_\_\_\_\_. *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*, xii. London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis, 1978.

FREUD, S. Splitting of the ego in the process of defence. In: \_\_\_\_\_. *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*, xxiii. London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis, 1978.

HIRIGOYEN, M. F. *Assédio moral - a violência perversa no cotidiano*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. *La dialetique de la raison*. Gallimard, 1989.

KANT, E. Fundamentação da metafísica dos costumes. *Os Pensadores*, vol. XXV. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

KLEIN, M. On identification. *Envy and gratitude and other works*. Second impression. London: The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis, 1980.

LACAN, J. Kant avec Sade. In: \_\_\_\_\_. *Ecrits*. Paris: Seuil, 1986.

LOPES, A.; RIBEIRO, M. M. C. Apresentação das reuniões da articulação das entidades psicanalíticas brasileiras. In ALBERTI, S.; AMENDOEIRA, W.; LANNES, E.; LOPES, A.; ROCHA, E. (Orgs.). *O ofício do psicanalista*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

MALCOLM, J. *Psicanálise - a profissão impossível*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2005.

QUINET, A. *A estranheza da psicanálise – a escola de Lacan e seus analistas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

SIMON, R.I. *Homens maus fazem o que homens bons sonham*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

### **Tramitação**

Recebido: 06/04/2010

Aprovado: 23/06/2010

Nome do autor responsável:

Anchyses Jobim Lopes

End: Rua Marechal Mascarenhas de Moraes

132 ap. 308

Copacabana

CEP: 22030-040. Rio de Janeiro - RJ

Fone: (21) 2549 5298

E-mail: anchyses@terra.com.br



# ***Casa da árvore, um lugar para brincar e conversar: uma proposta de atendimento coletivo para crianças de zero a doze anos em comunidades carentes do Rio de Janeiro e Niterói***

*Casa da Árvore, a place for talking and playing: a collective treatment proposal for children from 0 to 12 years old in destitute communities in the cities of Rio de Janeiro and Niterói*

---

Beatriz de Souza Lima<sup>1</sup>

## **Palavras-chave**

Agressividade, violência, criatividade, tendência anti-social, provisão ambiental, atendimento coletivo à infância.

## **Resumo**

O presente artigo é fruto de um estudo da obra de Winnicott e da observação do atendimento coletivo, voltado para crianças de zero a doze anos de idade, que a ONG Casa da Árvore vem desenvolvendo, desde 2001, em comunidades carentes do Rio de Janeiro e Niterói. Durante um ano e meio, a autora realizou visitas sistemáticas aos locais de atendimento, bem como participou das supervisões e reuniões das equipes. Acompanhou de perto o funcionamento de um dispositivo clínico inovador que aposta essencialmente na potencialidade terapêutica do brincar e da palavra, sem se constituir, no entanto, em uma terapia individual ou mesmo de grupo. Trata-se de um lugar de convivência que os interessados podem frequentar da maneira que melhor lhes convier. Detendo-se na observação da Casa do Chapéu Mangueira, através de alguns episódios, a autora ilustra o funcionamento desse dispositivo, focalizando especialmente o manejo clínico das manifestações agressivas e destrutivas que, a partir de determinado momento, tornaram-se o aspecto central, o principal desafio a ser enfrentado pelos terapeutas.

A Casa da Árvore é uma ONG voltada para a atenção à infância que está em atividade desde 2001. Ela nasceu da iniciativa das psicólogas Lulli Milman e Maria Fernanda C. da Cunha Baines, como um Projeto de Extensão e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. O intuito era criar um serviço de atendimento psicológico dirigido ao público infantil que fosse efetivo e, ao mesmo tempo, pudesse contemplar um número significati-

vo de crianças. A necessidade de encontrar alternativas que viabilizassem economicamente o projeto resultou na criação de uma organização não-governamental que, no entanto, continuaria a manter o vínculo com a universidade.

A criação da Casa da Árvore foi inspirada na experiência de François Dolto com a *Maison Verte* em Paris, no final da década de 70. A intenção da psicanalista francesa era prevenir problemas de socialização e

---

<sup>1</sup> Psicanalista, Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-Rio, professora do Curso de Especialização em Psicologia Clínica com Crianças da PUC-Rio, integrante da Ong Casa da Árvore, projeto de extensão do Instituto de Medicina Social da UERJ.

violência, oferecendo um lugar de convivência que pudesse, através da palavra, auxiliar os pais com as dificuldades encontradas na criação dos filhos. A proposta era dirigida a crianças de zero a quatro anos acompanhadas por um responsável. Para Dolto, a maioria dos problemas de socialização e violência está relacionada a dificuldades experimentadas por ocasião das primeiras separações da criança do ambiente familiar; ou seja, as separações que acompanham o estabelecimento dos primeiros laços sociais, o que geralmente coincide com o ingresso dos pequenos nas creches.

A preocupação com a adaptação desse modelo à realidade das comunidades de baixa renda da cidade do Rio de Janeiro acompanha o projeto desde a fundação da primeira Casa, em 2001, no Morro dos Macacos. Algumas modificações se impuseram de saída: as crianças chegavam desacompanhadas e, em sua maioria, tinham mais de seis anos. A decisão de receber as crianças tais e quais elas chegavam resultou na criação de um dispositivo voltado para o atendimento de crianças de zero a doze anos, em que os maiores de seis anos estão isentos da obrigatoriedade da companhia de um responsável, e os menores, sobre os quais ainda recai essa exigência, podem recorrer à figura do irmão mais velho como a tutela necessária a sua frequência. Instituiu-se, assim, um modelo inovador de atendimento coletivo à infância, cuja proposta pode ser definida em termos bem simples: prover um lugar para as crianças conversarem e brincarem. Ao privilégio concedido por Dolto à ‘palavra verdadeira’, somava-se, agora, a importância atribuída por Winnicott (1971c, 1971d) à experiência criativa compartilhada em um ambiente confiável e seguro – o ‘brincar’ winnicottiano. De um lado, a perspectiva da psicanalista francesa apostando no potencial terapêutico da palavra, em sua infinita capacidade de tecer laços, nomear angústias e mitigar o sofrimento através do compartilhamento dos afetos e da existência; do outro, a visão do

psicanalista inglês assinalando a importância de uma provisão ambiental satisfatória que favoreça a emergência do potencial criativo inerente a todo ser humano. A despeito das diferenças teóricas, aposta-se na complementaridade entre as ideias desses autores. Em Winnicott, encontramos a valorização das trocas e dos intercâmbios (emocionais) que se efetivam no silêncio dos aconchegos e das experiências de mutualidade. A qualidade dos vínculos emocionais que aí se estabelecem formam a base, o pano de fundo sensível a partir do qual a palavra emerge.

Ainda que a orientação do trabalho tenha cunho psicanalítico, a formação pessoal de cada participante fica a critério de cada um – seja profissional ou estagiário –, o que resulta em um conjunto bastante diversificado. O trabalho melhor se define como uma postura ética com relação à infância, ao mesmo tempo respeitosa e acolhedora. Um processo de construção coletiva submetido a constantes transformações.

O atendimento se efetiva através de plantões diários de três horas de duração. Cada plantão conta com a presença de três psicólogos (estagiários e profissionais). Cada dia da semana fica sob o encargo de uma equipe, o que permite que cada criança frequente os plantões de sua preferência e evite os que assim desejar. A despeito do horário de funcionamento, a frequência é livre: o horário de entrada e saída fica a critério de cada criança, bem como o número de vezes que ela retorna durante a semana. Apenas o que se exige é que, enquanto permanecer na Casa, cada criança tenha o seu nome e idade anotados em um quadro negro.

## **O DISPOSITIVO TERAPÊUTICO**

Sabemos que a genialidade de Freud revelou o poder curativo e transformador das palavras. A potencialidade terapêutica do brincar, no entanto, encontra-se vinculada à contribuição do psicanalista inglês Donald Woods Winnicott e está intimamente asso-

ciada à sua maneira de conceber a importância dos impulsos agressivos, não apenas para a constituição da vida psíquica, como também para o processo mais abrangente do *tornar-se pessoa*. Para esse autor, o brincar não é apenas um mero recurso por meio do qual se efetivavam as análises das crianças que não dispõem ainda do expediente da palavra, mas uma atividade que permite ao indivíduo “engajar-se num intercâmbio significativo com o mundo, um processo de duas mãos no qual o auto-enriquecimento alterna com a descoberta do significado no mundo das coisas vistas” (WINNICOTT, 1967, p. 155). Ao brincar, a criança manipula fenômenos externos a serviço da fabulação onírica, investindo-os com significados e sentimentos oníricos.

Para Winnicott, o brincar, por si só, é terapêutico. Ele o concebe como uma extensão dos fenômenos transicionais que acontecem na área intermediária entre o eu e realidade externa – a terceira área da experiência –, também chamada por ele de *espaço potencial*. Um terreno comum de relações afetivas, em que a tensão pulsional não é o aspecto mais primordial. Qualquer atividade pode vir a pertencer a essa área, também chamada *área de ilusão*, desde que seja colorida pela criatividade de cada um. “É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar a sua personalidade integral; e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (*self*)... Ligado a isso, temos o fato de que somente no brincar é possível a comunicação, exceto a comunicação direta, que pertence à psicopatologia ou a um extremo de imaturidade” (WINNICOTT, 1971, p. 80). Ou seja, o brincar envolve o indivíduo em uma ação espontânea que o faz sentir que a vida vale a pena ser vivida. Além de corresponder a uma experiência essencialmente satisfatória, relacionada com a mais primordial de todas as experiências – a experiência inaugural de ser – o brincar está associado às comunicações mais significativas.

## O BRINCAR E A TEORIA DA AGRESSIVIDADE

Winnicott foi um autor que valorizou como nenhum outro o fato da dependência inerente ao existir humano. Assim sendo, o *torna-se pessoa* é concebido por ele como um processo de desenvolvimento e amadurecimento pessoal que acontece no interjogo entre o indivíduo e o meio ambiente, entre os impulsos herdados de uma dada constituição e o contexto no qual eles se manifestam. O crescimento é uma tarefa contínua de integração psicossomática, viabilizada pela continuidade dos cuidados de uma mãe suficientemente-bom – que sustenta a continuidade do ser, *‘going on being’*, nos estágios mais iniciais da vida. A mãe suficientemente-bom é aquela que se adapta ativamente às necessidades de seu bebê. Ela “começa com uma adaptação quase completa às necessidades de seu bebê e, à medida que o tempo passa, adapta-se cada vez menos completamente, de modo gradativo, segundo a crescente capacidade do bebê em lidar com o fracasso dela” (WINNICOTT, 1951, p.25). Loparic (1995) descreve a função da mãe winnicottiana nos seguintes termos: “antes de fazer qualquer coisa para o bebê, a mãe tem que deixar que este seja, que constitua uma ‘uma quantidade do simples ser’ e que *continue sendo*, isto é, que aconteça. Essa e nenhuma outra é a primeira tarefa da mãe winnicottiana” (p.49, o grifo é nosso). Do mesmo modo que o bebê é dependente da atenção materna para sobreviver, sua mãe também é dependente das pessoas que estão à sua volta para ser atendida em suas necessidades. A dependência do outro é o primeiro fato na vida do indivíduo, antes do bom e do mau. Anterior à sexualidade como insuportável, há o desamparo.

Como assinalam Davis e Wallbridge (1981), enquanto o esquema freudiano de desenvolvimento era centrado no conceito de pulsão e se preocupava, preferencialmente, com os efeitos da experiência or-

giástica, a teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott surgiu em termos do *self* em evolução. Para Winnicott, “nenhum uso poderia ser feito da experiência baseada nesses instintos até que se pudesse dizer que havia presente uma *pessoa que vivencia* (ego ou *self*)” (p.28). No seu entender, “não é a satisfação instintual que faz um bebê começar a ser, sentir que a vida é real, achar a vida digna de ser vivida. [...] É o eu (*self*) que tem de preceder o uso do instinto pelo eu (*self*)” (WINNICOTT, 1967d, p.137). Sua preocupação era com a gênese da pessoa da experiência, daí o seu interesse pelo desenvolvimento, não da psicologia do id, mas da psicologia do ego. Desse modo, no centro da sua teoria de desenvolvimento, o que se coloca não é um conflito mítico entre forças incompatíveis, mas a localização do *self* no próprio corpo. Por mais de quarenta anos, ele trabalhou em um projeto acerca do desenvolvimento humano – iniciado ainda na época em que era pediatra – que se tornaria cada vez mais complexo. Ao final da década de 50, o potencial agressivo, juntamente com os cuidados maternos, já constituía o cerne da sua teoria do desenvolvimento emocional, à qual ele já se referia como uma teoria do amadurecimento, assinalando, no entanto, que “*a maturação requer e depende da qualidade do ambiente favorável*” (WINNICOTT, 1963c, p. 164 – o grifo é do autor). Como observa Phillips (1988), com o trabalho de Winnicott e de outros teóricos da Escola Inglesa, a Psicanálise deixou de ser apenas uma teoria sobre o desejo sexual para ser também uma teoria da provisão emocional.

Em uma época em que a agressividade era concebida como um fenômeno reativo – uma manifestação dos impulsos destrutivos da pulsão de morte estudada, preferencialmente, nos termos da inveja, do ódio e do sadismo –, Winnicott introduz uma noção de agressão primária que seria não reativa e deixa os impulsos agressivos bem mais próximos dos impulsos libidinais de Eros, na medida em que, desde o início, o que eles

buscam é estabelecer contato. No seu entender, em sua origem, agressividade é sinônimo de atividade. Existiria, assim, uma agressividade primária que é ação, gesto, motor propulsor do devir humano. Criatividade é o seu outro nome – o gesto espontâneo é o verdadeiro *self* em ação. À medida que o bebê cresce, a agressividade modifica o seu sentido e as suas características de acordo com o ambiente com o qual ele se depara. Impossível pensar a temática da agressividade fora do contexto do qual ela emerge. É a mãe e o ambiente humano que qualificam humanamente impulsos agressivos (leia-se criativos), transformando-os em uma manifestação pulsional, ou seja, “*um desejo dirigido a um objeto* (bom ou mau) *e portador de um afeto* (bom ou mau)” (COSTA, 1984, p. 31). O corolário disso é que toda e qualquer manifestação do verdadeiro *self* tem sempre uma qualidade agressiva, o que implica, como assinala Winnicott (1950-55), que qualquer estudo sobre a agressividade real deve sempre se pautar em uma investigação sobre as raízes da intenção agressiva.

O pensamento winnicottiano amplia de forma considerável o arsenal da teoria psicanalítica para lidar com as questões relativas à agressividade e à violência, não apenas do ponto de vista teórico, mas, sobretudo, da experiência clínica. Nesse contexto, os transtornos da agressividade resultam da incidência de falhas ambientais nos momentos iniciais do desenvolvimento e não se limitam às óbvias manifestações agressivas e destrutivas, mas incluem os casos nos quais a agressividade está inibida. Quando estas falhas ocorrerem nos momentos mais iniciais do desenvolvimento – dependência absoluta – os resultados são transtornos no processo de personalização: a dissociação da personalidade (em algum grau) em termos de verdadeiro e falso *self*, chegando, nos casos mais graves, às doenças psicóticas. Nesses casos, o potencial agressivo encontra-se inibido ou mesmo extraviado, à espera de ser descoberto, só

podendo ser experimentado quando atribuído a fatores externos.

Winnicott (1956b) forjou o termo *deprivação* para designar a falha ambiental que incide em uma etapa posterior do desenvolvimento – dependência relativa –, e tem como resultado o aparecimento da tendência antissocial:

Quando ocorre a tendência anti-social, **aconteceu uma de-privação propriamente dita** (não uma simples privação); ou seja, deu-se a perda de algo bom, de caráter positivo na experiência da criança até um certo momento, no qual esse elemento positivo foi retirado. A retirada estendeu-se por um período maior que aquele durante o qual a criança seria capaz de manter viva a memória da experiência. A definição abrangente da **de-privação** incluiria tanto a situação traumática tardia quanto a anterior, tanto o trauma específico quanto a situação traumática que se prolonga no tempo, e também simultaneamente a condição quase normal e a claramente anormal (p. 410 – o grifo é do autor).

A tendência antissocial manifesta-se como um S.O.S. desesperado e atuado, dirigido ao meio ambiente. Trata-se, sobretudo, de comportamentos que se manifestam em um momento de esperança, no qual a criança acredita poder chegar, novamente, àquilo que foi perdido. Através desse procedimento, a criança busca fazer com que as pessoas que dela se encarregam possam lhe restituir aquilo do qual se sentiu um dia privada. Vale observar que a criança de-privada não é, obviamente, antissocial o tempo todo: a falta de esperança é uma característica central da sua vida subjetiva. É apenas nos momentos de esperança que a criança manifesta a tendência antissocial, revelando o valor de comunicação da agressão e o seu potencial de mobilização que intima o meio a intervir. Sob a rubrica da tendência anti-social, devemos alocar não apenas as manifestações agressivas e destrutivas, mas qualquer reclamação

da criança que exija, daqueles que dela se ocupam, “*uma dose de energia, tempo, credulidade e tolerância além da que parece ser razoável*” (p.295 – o grifo é nosso). A tendência antissocial é, essencialmente, *um transtorno do comportamento de caráter compulsivo* – um *acting out* –, cujo grau de perturbação é indicativo da sua potencialidade de recuperação.

A partir dessa perspectiva, os transtornos da agressividade estão associados a carências e incapacidades no paciente que decorrem de falhas no processo de integração do ego e que podem ser restauradas por uma provisão ambiental adequada. Por provisão ambiental devemos entender o manejo e o suporte oferecido pelo dispositivo terapêutico – *holding e handling*, literalmente, sustentação e manejo. Por *holding* devemos entender o conjunto da provisão ambiental fornecida à criança pela pessoa que dela se ocupa, a partir do envolvimento emocional que esta tarefa exige. O *handling*, por sua vez, designa o conjunto de técnicas utilizadas pela mãe (ou o seu substituto) na criação de um ambiente que favoreça o envolvimento emocional do bebê. Além do toque, devemos incluir ainda a voz e o olhar. É importante notar que, nesses casos, a tarefa terapêutica deixa de visar apenas o levantamento do recalque por meio da interpretação, para buscar também reunir as partes cindidas do *self*. Algo que só é passível de se realizar por meio de um contato pessoal, uma ‘intimidade a dois’ – um ‘sentir com’ –, que permite ao indivíduo comunicar-se ‘em nível profundo’ com um outro. Relacionamentos que dispõem de uma qualidade especial, gerada, principalmente, pela presença de uma ‘companhia viva’ disposta a fornecer a cada criança um suprimento básico que lhe possibilite retomar seu desenvolvimento desde o ponto em que ele parou. A noção de ‘companhia viva’ é capital para a concepção de um ambiente coletivo que favoreça o aparecimento de relacionamentos

peçoais 'curativos'. Como observa Colwyn Trevarthen (1978, apud ALVAREZ, 1992):

Como, fisicamente, poderia a mente do bebê identificar pessoas? Que aspectos de seu comportamento as diagnosticam como tal? O comportamento intencional apresenta inúmeras características que não são próprias das coisas inanimadas: assim, um grande agente intencional pode estar equipado para responder aos seus iguais... O movimento inanimado desloca-se rapidamente, oscila em trajetórias simples, salta, mas não surge em decorrência de impulsos autogerados. Qualquer coisa que tenda a produzir um rompimento espontâneo de ritmo, como um raio de luz solar refletido, parece ter vida. Essa vitalidade rítmica do movimento é o que primeiro identifica a companhia viva (p s/n).

Somente uma 'companhia viva' é capaz de garantir que as necessidades particulares de cada criança possam ser atendidas em suas especificidades, contribuindo, assim, para a emergência de uma qualidade no ambiente – *holding* – que é experimentada no *um a um* de cada encontro. E, em se tratando de crianças carentes – crianças que, em algum grau ou em alguma medida, sofrem com os efeitos da incidência de falhas na provisão ambiental nos momentos iniciais do desenvolvimento –, o encontro com uma 'companhia viva' implica um relacionamento com alguém disposto a sustentar o eu não-integrado do paciente e sobreviver às suas manifestações agressivas – que não tardarão a se manifestar –, com amor, compreensão e firmeza. Winnicott não cansou de enfatizar a importância decisiva da sobrevivência do objeto para o desenvolvimento saudável da agressividade. A seu ver, a não sobrevivência do objeto está relacionada à perda da capacidade para funcionar adequadamente como mãe ou, no caso do dispositivo analítico, como analista. Ela pode se efetivar de diversas maneiras, dentre elas: retaliação, retraimento, defesa das mais variadas formas e, principalmente, mudança de atitude em

termos de suspeita ou diminuição da receptividade.

Ao longo da sua vida, cada vez mais, Winnicott afirmaria a importância vital do brincar para o desenvolvimento emocional do indivíduo. Pouco antes da sua morte, em 1971, ele declararia de maneira enfática que o objetivo de toda análise deve ser o de favorecer a conquista dessa capacidade pelo paciente. No seu entender, o brincar é essencial porque é por meio dele que o indivíduo manifesta a sua criatividade primária – leia-se agressividade primária –, veículo primordial de toda e qualquer possibilidade de desenvolvimento. Trata-se de uma tese que ele formula da seguinte maneira:

A psicoterapia se efetua na sobreposição de duas áreas do brincar, a do paciente e a do terapeuta. A psicoterapia trata de duas pessoas que brincam juntas. Em consequência, onde o brincar não é possível, o trabalho efetuado pelo *terapeuta* é dirigido então no sentido de trazer o paciente de um estado em que não é capaz de brincar para um estado em que o é (WINNICOTT, 1971c, p. 59 – o grifo é do autor).

A Casa da Árvore, ao fomentar uma postura ética que tem por objetivo criar as condições necessárias para que o brincar aconteça, encontra enorme sintonia com as proposições de Winnicott. O brincar, sendo, por excelência, a morada da criatividade primária – leia-se agressividade primária, destrutividade primária, gesto espontâneo –, além de propiciar o aparecimento das condições favoráveis à experiência inaugural de ser, proporciona algo que é essencial a todo ser humano: oportunidades para drenar, de maneira segura, a maldade que existe em seu mundo interno. Para isso, no entanto, é imprescindível que o brincar seja a expressão manifesta do interjogo entre o indivíduo e o seu entorno – um fenômeno transicional –, e não a mera repetição de um comportamento compulsivo. Algo que somente é possível de acontecer em um

ambiente em que a criança possa confiar e se sentir segura. Ou seja, um ambiente que disponha de uma ‘companhia viva’, capaz de atendê-la em suas necessidades e sobreviver aos ataques de seus impulsos agressivos sem retaliação. Nessas condições, por meio de uma reciprocidade compartilhada, o brincar permite conjugar intimidade e espontaneidade, propiciando a sustentação da regressão à dependência, essencial à proposta terapêutica do dispositivo.

Winnicott postula que um ambiente *holding* favorece a emergência de uma regressão que se manifesta em termos de um retorno à dependência, a qual deve ser avaliada no contexto da situação analítica e ser distinguida da regressão própria aos ‘pacientes regredidos’. Enquanto, no segundo caso, estamos lidando com os fenômenos relativos às posições libidinais que se atualizam na relação transferencial, no primeiro, estamos diante de um paciente que, em virtude de uma falha ambiental precoce, não conquistou maturidade emocional. Assim, quando falamos de regressão à dependência, estamos nos referindo a um retorno aos momentos iniciais do desenvolvimento, passível de acontecer quando o paciente torna-se capaz de depositar confiança no ambiente de *holding*, fornecido pelo analista. Trata-se de “uma forma de reviver o ainda não experimentado trauma sucedido no momento da falha ambiental precoce” (ABRAM, 2000, p. 204). Por trás disso, encontra-se o despertar da esperança inconsciente de que o trauma original – a falha ambiental inicial – poderá ser, de algum modo, restaurado. A experiência da regressão comporta, portanto, dois aspectos: ela tanto cria as condições para que o trauma original – que até então restava como uma experiência congelada – possa ser retomado, como também é responsável pelo aparecimento, no paciente, do movimento de busca pelo verdadeiro *self* inerente a todo processo de cura.

Vale assinalar a enorme diferença que há entre a proposta de Winnicott e a teoria

psicanalítica tradicional. Enquanto, na análise tradicional, a criatividade é um fenômeno secundário que encontra a sua origem na atividade reparadora, ou seja, o paciente só alcança uma atitude construtiva mediante a conscientização da própria destrutividade; em Winnicott, a criatividade é primária e encontra-se associada ao componente agressivo dos impulsos do amor primário. O corolário disso é que, para ele, *são as experiências construtivas que capacitam o indivíduo a experimentar sua destrutividade*, mais especificamente, é o exercício dos impulsos agressivos/criativos, em um ambiente de *holding* satisfatório, que franqueia ao indivíduo essa possibilidade. Por *holding* satisfatório, entendemos um ambiente capaz, dentre outras coisas, de sobreviver sem retaliação aos impulsos impiedosos do *self* emergente.

Por fim, é oportuno tecermos, ainda, alguns comentários acerca do segundo aspecto do dispositivo, o conversar. Mais especificamente, sobre aquilo que Françoise Dolto designou por ‘fala verdadeira’, uma fala através da qual se busca descrever, por meio de palavras, as angústias vivenciadas pelas crianças. Segundo Milman (2005), a ‘fala verdadeira’ é “uma fala de identificação, de ‘vivência cúmplice’, em que se consegue abraçar a experiência vivida pela criança”. A nosso ver, o que contribui para o seu caráter terapêutico é que essa resulta de uma experiência de envolvimento emocional, a qual não podemos deixar de aproximar da noção de *holding* tão valorizada por Winnicott. A partir desse ponto, não é difícil percebermos a sintonia existente entre a sensibilidade clínica desses dois autores, apesar das inúmeras distinções entre suas abordagens teóricas. A fim de corroborar esse ponto de vista, trazemos as palavras de Winnicott (1988[54]):

Uma interpretação correta e oportuna no tratamento analítico produz uma sensação de estar sendo fisicamente seguro, que é mais

real (para o não-psicótico) do que se ele estivesse sendo concretamente embalado ou posto no colo. A compreensão penetra mais fundo, e através da compreensão demonstrada pelo uso da linguagem, o analista embala o paciente fisicamente no passado, ou seja, na época em que havia necessidade de estar no colo, quando o amor significava adaptação e cuidados físicos (p.80).

Uma das críticas mais reincidentes que se faz ao psicanalista inglês é de ter negligenciado a linguagem, a dimensão simbólica da experiência. A passagem acima não apenas deixa claro o equívoco a esse respeito, como também ilustra de maneira decisiva sua afinidade com a psicanalista francesa. É notória a equivalência entre 'uma interpretação correta e oportuna' e a noção de 'fala verdadeira' proposta por Dolto. Para ambos, é o envolvimento emocional que está na base de todo e qualquer relacionamento que tenha pretensões terapêuticas. Do ponto de vista de Winnicott, é esse envolvimento emocional que é responsável pela criação do ambiente de *holding* – sustentação – imprescindível não apenas à emergência de uma fala verdadeira, como também ao estabelecimento de um processo de cura.

Somente com uma provisão ambiental satisfatória, os processos maturacionais da criança podem se desenvolver de forma apropriada. A oposição sensível e responsiva de uma companhia viva é condição fundamental para a jornada que se inicia na paradoxal experiência criativa de destrutividade primária, chegando até a conquista pela criança dos sentimentos normais de ódio e agressão. Somente nessas condições, revela-se o valor positivo da agressão e da destruição, tanto para o indivíduo quanto para a sociedade. Para tal, é essencial que, nesse percurso, além de um ambiente confiável e seguro, as crianças possam dispor de oportunidades para contribuir, para a atividade criativa, para o jogo imaginativo e para o trabalho construtivo.

## A CASA DO MORRO DO CHAPÉU MANGUEIRA

A Casa do Morro do Chapéu Mangueira foi inaugurada em agosto de 2004 e atende, desde então, a uma média de 25 crianças por dia, as quais são basicamente as mesmas, salvo algumas exceções. Ela está instalada no segundo andar de um pequeno sobrado que abriga um posto de saúde, que funciona de modo precário em regime de voluntariado. A Casa é composta por uma sala que dispõe de algumas mesas com cadeiras e prateleiras, nas quais estão dispostos todos os materiais, jogos e brinquedos; uma saleta pequena de uso privativo da equipe de plantão e, finalmente, uma área externa, onde se encontra uma 'casinha' de madeira confeccionada especialmente para as crianças. Trata-se efetivamente de uma 'casa' e, em alguns casos, bem maior do que aquelas em que alguns deles moram. Todas as crianças são da comunidade e geralmente já possuem um relacionamento anterior à Casa da Árvore.

A primeira vez que fui ao Morro do Chapéu Mangueira foi uma experiência extremamente marcante, que me deixou impactada por alguns dias. Por mais que a gente leia e se julgue uma pessoa informada, o contato com uma realidade que extrapola a nossa capacidade de imaginação é desnor-teante. A Casa está situada no 'coração' da comunidade, na principal via de acesso, por onde se faz toda a movimentação do ir e vir dos moradores. Para se chegar lá, no entanto, é preciso cruzar a barreira imposta pelo tráfico de drogas. O primeiro passo é subir uma ladeira situada quase no final da praia do Leme – zona sul carioca. A rua termina com uma cabine da PM localizada em meio a uma encruzilhada: à esquerda está a entrada para o Morro da Babilônia e à direita para o Morro Chapéu Mangueira. Marcando a entrada deste último, bem na esquina, há uma construção de dois andares, grande e nova, que abriga algumas salas e quadras



polivalentes – uma realização da Associação de Moradores. Seguindo adiante, a menos de trinta metros da polícia, blocos de concreto impedem a passagem dos veículos, demarcando o final da rua e formando um pequeno largo. Em meio às biroskas e barracas do comércio local, estão jovens entre 16-18 anos, encostados nos muros e nos carros estacionados, ‘armados até os dentes’, tomando conta da entrada da ‘boca’. Eles exibem, orgulhosos, suas armas potentes, diante dos transeuntes e das crianças que brincam, aparentemente alheias a tudo isso. O vai-e-vem das pessoas acontece de forma extremamente natural, como se nada de mais estivesse acontecendo. Por mais que já tenhamos lido relatos sobre essa realidade ou assistido na TV ou no cinema, quando estamos ali, a coisa é diferente. Sentimos na carne que estamos cruzando uma barreira, adentrando um universo onde todas as fronteiras, com as quais estamos acostumados a conviver, parecem estar subvertidas. É perturbadora a naturalidade com que tudo isso transcorre, com todos esses personagens – policiais, bandidos, crianças, transeuntes etc. – compondo uma mesma cena. Afinal, trata-se apenas de mais um dia como outro qualquer no cotidiano da comunidade.

A ameaça de tiroteio é uma constante: seja porque a polícia resolve subir o morro, seja por brigas entre facções, seja pela chegada de uma simples escolta policial para a entrega de intimações ou ordens de prisão. Às vezes, o tiroteio deixa de ser apenas uma ameaça e se torna real. A cada plantão, a chegada e a saída da Casa da Árvore é sempre um sobressalto, um misto de temor e apreensão. Impossível acostumar-se a tal realidade! Estamos sempre tentando identificar algum sinal suspeito que possa nos antecipar algo, num mundo que parece dispor de um código próprio, ao qual não temos acesso de maneira imediata. De repente, encontramos um ‘caveirão’, uma espécie de tanque blindado da PM, na entrada do morro. “Fica tranquila moça, né nada não! Tá limpo”. De

outra feita, um rapaz armado se aproximou e, gentilmente, informou: “Dona, não dá pra estacionar aqui, porque fica bem na linha de fogo”. Teve um dia em que os tiros começaram a comer solto e, pouco depois, descobrimos que era a Rede Globo filmando (?!). Nesse dia foi interessante, uma mãe não deixou o filho fazer o papel do bandido que atirava. Ele podia vender maconha, mas pegar em arma de fogo, não, ainda que fosse de brinquedo. Contudo, na maioria das vezes, quando escutamos os tiros é verdade verdadeira e, aí, a gente treme. É realmente muito sinistro. De certa forma, para levar esse trabalho adiante, temos que arranjar um jeito de lidar com essa realidade. A tensão é constante, o que nos obriga a estar nos perguntando, a todo instante, sobre os nossos limites. Houve uma vez em que presenciamos uma troca de tiros (leve), um batalhão do Bope tinha subido o morro buscando um endereço. Um policial, todo paramentado, empunhando um fuzil enorme, entrou na Casa atrás de informação. De repente, tudo se transforma, estamos participando de uma cena de guerra, real: soldados de cara pintada dizem que está tudo bem, que a gente pode sair, como se fosse natural caminhar em meio à escolta policial com fuzis e metralhadoras, sentindo-se um alvo vivo e ambulante. Em outro dia, o tiroteio durou mais tempo. As plantonistas ficaram acuadas dentro da sala com as crianças, esperando tudo passar. O nosso descontrole é visivelmente maior do que o das crianças. Elas parecem dispor de uma técnica para lidar com esse tipo de situação: ficam abaixadas em uma rodinha, batendo palmas e cantando. De alguma forma elas tiveram que aprender a conviver com isso sem ter a quem reclamar (não quero dizer que isso seja bom, nem melhor). Diante do desabafo da psicóloga que diz estar doida para aquilo acabar e ela poder ir embora, uma criança comenta: “Mas você tem para onde ir?”. De outra feita, uma menina de nove anos confessou, visivelmente abalada: “Por isso que

eu não gosto de morar no morro, lá embaixo tem roubo, mas não tem tiro”. O peso da realidade do tráfico de drogas no contexto no qual esses episódios acontecem é tamanho, que muitas vezes é difícil para o terapeuta desempenhar a sua função pela impossibilidade de discernir entre realidade e fantasia. Apesar de tudo isso, existem momentos em que essa realidade é esquecida: são aqueles em que ela é substituída por uma outra realidade, constituída a partir do trabalho realizado com as crianças dentro da Casa (quando não é perturbado pelos estampidos ou outra movimentação qualquer). A verdade, no entanto, é que é sempre um choque descer a ladeira e perceber que o ‘mundo’ (que nos é familiar) continua lá, girando, totalmente alheio a tudo isso.

As crianças que frequentam a Casa estão inseridas nas mais variadas constelações familiares. De modo geral, estão acostumadas a circular sozinhas pela comunidade, e os pais não demonstram muito interesse em conhecer o trabalho. Apesar dos convites e da insistência em um horário (quinta-feira pela manhã) destinado, especialmente, às crianças de até seis anos acompanhadas de um responsável, a frequência dos pais ainda é praticamente nula. Geralmente, é o irmão mais velho quem exerce a função de tutela. Poucas crianças dispõem de uma estrutura familiar convencional (pai-mãe-filhos). É muito frequente a mãe ter tido cada filho com um homem diferente e ter, atualmente, um amante ou namorado. Às vezes, eles até moram juntos, mas as crianças não se referem ao namorado da mãe como uma figura paterna. Há crianças cuja mãe ou pai estão presos e eles, então, vivem com a avó ou com a tia. Há outras cujo pai ou algum irmão já foi assassinado, ou ainda criança que diz ser parente (primo, sobrinho) do dono da boca. Não existe escola na comunidade, somente nos bairros adjacentes, ou seja, no ‘asfalto’. Apenas algumas poucas crianças não estão matriculadas. A grande maioria, apesar de frequentar regularmente a escola, lê e escre-

ve de maneira precária. De modo geral, as crianças têm uma curiosidade enorme sobre as condições de vida dos psicólogos: “Aonde você mora? É casa ou apartamento? Você é rica, não é?”. Há um verdadeiro fascínio por carros: “Você tem carro, qual é o ‘nome’ dele? Quanto custa?”. Essas conversas são sempre muito embaraçosas, pois mobilizam, em ambos os lados, afetos perturbadores – ódio, inveja, rancor, medo, desconfiança. Sentimos na carne os efeitos da monstruosa chaga social que, de algum modo, em nosso cotidiano tentamos esquecer. Algumas crianças vêm apenas para brincar, outras buscam nitidamente se tratar. A maioria estipula uma regularidade na frequência. Há criança que necessita de investimento psicoterápico massivo. Outras realizam uma busca sobre si mesmas, que mais parece uma análise clássica.

#### **DIAS DE FÚRIA: EM BUSCA DE UM SENTIDO PARA A VIOLÊNCIA DO TRÁFICO**

Após um ano e dois meses de funcionamento – em outubro de 2005 –, teve início, na Casa do Chapéu Mangueira, uma temporada que bem poderia se chamar ‘dias de fúria’. As brincadeiras de fazer baseado, fumar maconha e cheirar cocaína tornaram-se frequentes, alternando-se com episódios de briga generalizada. “Violência por nada. Basta alguém falar alguma coisa e de repente todos estão brigando”, diria uma terapeuta. Vale ressaltar que, apesar das manifestações de agressividade e violência estarem presentes desde o começo, elas só se tornaram um ‘problema’ nesse momento. Até então, ficavam dentro de parâmetros que não despertavam atenção, nem justificavam uma discussão nas reuniões de supervisão. Era a primeira vez que a temática do tráfico de drogas irrompia nas brincadeiras. Ao que tudo indica, as crianças haviam precisado de certo tempo para adquirir a confiança necessária no ambiente, de modo que pudessem se ‘soltar’; ou seja, expressar por meio

de seus impulsos agressivos/criativos/destrutivos, um mundo subjetivo proscrito, detido em seu processo de simbolização.

Estamos falando de crianças que, na maioria das vezes, não dispõem de uma figura paterna a quem recorrer e, em muitos momentos, veem-se obrigadas a conhecer o que a mãe sente quando está apavorada. Assim, encontram-se, muitas vezes, à mercê da violência de um mundo subjetivo fantasmagórico, impossibilitadas de discernir entre o que é fato e o que é fantasia. Sem ter como distinguir entre a violência da realidade subjetiva – nascida das ideias e sentimentos destrutivos que acompanham os estados excitados, inerentes ao viver –, e a violência da realidade cotidiana real e manifesta, essas crianças ficam acuadas, reagindo à violência sofrida, mutiladas emocionalmente, sem saber a quem amar e a quem odiar.

### **EPISÓDIO (I) – RECUPERANDO A CONFIANÇA: A SIMBOLIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA DO TRÁFICO ATRAVÉS DO BRINCAR**

Havia 26 crianças no plantão e apenas duas terapeutas (a terceira estava doente). Um grupo de seis ocupa a casinha (nova) de madeira e não deixa mais ninguém entrar. Em represália, as demais crianças montam outra casa ao lado, com os restos da antiga. T-O-D-O-S os brinquedos são levados para fora, a fim de mobiliar as duas casas e é, justamente, por causa deles que acontecem as inúmeras disputas. Em meio a essa situação de briga generalizada que beira o caos, há uma intervenção cujo poder é transformador: uma terapeuta tentava intermediar as brigas quando as crianças propuseram construir duas novas casas, uma para as meninas e outra para os meninos. A terapeuta discorda argumentando que desse jeito as coisas continuariam na mesma. Ela, então, propõe: “Por que vocês, ao invés de separar as casas, não constroem uma casa só, mas com vários ambientes? Toda casa é assim, tem cozinha,

sala, banheiro... E cada um fica aonde quiser”. As crianças aceitam prontamente a sugestão e, como num passe de mágica, a situação como um todo se transforma. Após construírem uma casa grande, com vários ambientes, eles decidem dar uma festa. Todas as crianças participam da brincadeira. É uma festa de criança, o aniversário de um ano do filho da ‘Maria’. Havia gente namorando, bebendo ‘skol gelada’, embriagada, enrolando e fumando baseado e cheirando pó. Tudo isso acompanhado dos seguintes comentários, feitos pelas próprias crianças: “Olha, isso aqui é uma festa de criança, não dá pra fumar aqui! Tem que ser lá fora” “Fumar maconha tudo bem, mas cheirar, não. Aí já é demais!”.

A cena torna-se ainda mais impactante quando lembramos a idade das crianças: a maioria tinha entre sete e oito anos, mas havia também os de dois e quatro anos!!! A desenvoltura com que eles representavam estar ‘doidões’ e embriagados era tamanha, que não deixava dúvidas quanto à proximidade de cada um com tudo aquilo que se desenrolava sob o olhar atônito das terapeutas. Além da intimidade com a temática das drogas e do álcool, chamava atenção o comportamento excessivamente libidinoso de um menino de apenas seis anos, pedindo por mais uma ‘skol gelada’ a sua ‘namorada’, completamente ‘bêbedo’.

O brincar, além de franquear às crianças a possibilidade de simbolizar a violência do cotidiano a que estavam submetidas – presenciando cenas que ultrapassam suas capacidades de elaborar e dar sentido –, permitia que comunicassem um protesto que, até então, não havia sido possível: “Olha, isso aqui é uma festa de criança!”. A presença viva e responsiva do(s) terapeuta(s), como ‘companhia viva’, havia conferido a qualidade de comunicação a comportamentos que, de outro modo, teriam permanecido meramente repetitivos. Através do brincar, tornara-se possível recriar a dura realidade a que estavam expos-

tas, exigindo agora o que lhes havia faltado – respeito.

Mas as coisas não pararam por aí. A partir desse dia, a repetição compulsiva de brincadeiras de tráfico, alternando-se com episódios de briga generalizada, tomou conta dos plantões, deixando as equipes totalmente mobilizadas. A grande questão era como lidar com esse tipo de situação. Permitir? Mas como? Essa ‘brincadeira’ – na verdade um brincar repetitivo e compulsivo – parecia deixar as crianças extremamente agitadas/excitadas, o que, por sua vez, se transformava, com muita facilidade, em uma explosão de destrutividade. “É impressionante! Não é uma questão de raiva”, diria um terapeuta.

Não sei se quem lê (ou escuta) um relato como esse consegue imaginar o que significa suportar vinte e cinco crianças ‘tocando o terror’, durante três horas. Pensar sobre essas questões à distância é uma coisa; vivenciá-las é outra muito diferente! É sentir na pele a sensação de caos, de desespero, de descontrole e de loucura que acompanha esses episódios e, ainda assim, tentar manter o controle da situação. Algo quase da ordem do impossível. A sensação de impotência e ultrapassamento são enormes. As dúvidas e as incertezas quanto ao trabalho que se realiza vicejam de forma vigorosa. Insistir na continuidade é um desafio sempre renovado.

Nesse contexto, o trabalho de Winnicott com as crianças que foram removidas de Londres durante a Segunda Guerra surge como uma luz, um arsenal teórico altamente instrutivo e inspirador. Sua compreensão de que *a tendência antissocial é uma expressão de esperança* é vital, tanto para a avaliação como para o tratamento de fenômenos que envolvem manifestações de agressividade e violência. Sem esperança, nada fazemos. Principal alimento da chama que nos move, ela nasce como resultado do envolvimento emocional inerente às experiências de mutualidade. A continuidade e a repetição de uma experiência pautada pela sintonia afetiva permitem à criança ter a esperança de en-

contrar alguém com quem possa estabelecer uma relação estável e segura, por meio da qual se torne possível reexperimentar o intenso sofrimento que vivenciou à época da de-privação. Winnicott (1967b) descreve o sofrimento de uma criança vítima de de-privação como um “estado de confusão, de desintegração da personalidade, um cair para sempre, uma perda de contato com o corpo, uma desorientação completa, e outros estados dessa natureza” (p. 90). Nesses casos, “o psicoterapeuta tem que ser capaz de ficar suficientemente perturbado para sentir pelo paciente, e, ao mesmo tempo, ser suficientemente sadio para pensar com ele, até que o próprio ego do paciente cresça bastante para ser capaz de fazê-lo por si mesmo” (ALVAREZ, 1992, p. 4). Somente as crianças que são capazes de encontrar alguém que lhes propicie uma regressão nesses termos – nascida de uma intimidade a dois, confiável e segura –, encontram-se em condições de se reconciliar com suas próprias vidas.

Por meio de seu comportamento, a criança busca desesperadamente outro ser humano com quem possa se relacionar. Somente através da regressão à dependência – propiciada pelo dispositivo e pela pessoa do próprio terapeuta –, ela é capaz de retornar à situação original do trauma e vivenciá-la de outra maneira. É o *holding* oferecido pelo ambiente e pela pessoa do terapeuta que permite à criança redescobrir a possibilidade de um relacionamento criativo com a realidade externa, não mais reativo e defensivo. Sempre que a confiança no ambiente for restaurada, a esperança será renovada. Ou seja, a criança produzirá um sintoma, obrigando o meio não apenas a notar, como também a atuar. A manifestação da tendência antissocial é o meio que ela encontra (inconscientemente) de obrigar que o tratamento seja adaptado às suas necessidades.

Os episódios de agressividade e destrutividade na Casa do Chapéu Mangueira resultaram em um período de grande mobilização e discussão de todas as equipes. Não

tardou aos terapeutas chegarem à conclusão de que era preciso ‘colar’ nas crianças mais problemáticas, assim que elas chegavam no plantão: “A violência nos plantões depende da nossa disponibilidade de estar ali com eles”, concluiriam.

A partir de março de 2006, essas manifestações começam a ganhar novos contornos, deixando de ser ‘o problema’, inaugurando uma fase que teria a duração de, aproximadamente, seis meses. Agressividade e violência ainda são temas recorrentes nas brincadeiras, mas, na maioria das vezes, as situações são todas reversíveis, a partir das intervenções dos terapeutas. Por exemplo: num plantão as crianças brincaram de boca-de-fumo, encenando todo o funcionamento nos mínimos detalhes. Primeiro aconteceu a venda, depois um assalto com mortes, a chegada da polícia, brigas e, por fim, um estupro. Não houve brigas, apesar de todos os brinquedos terem se transformado em armas. Num outro episódio, alguns meninos brincam de ‘boca de fumo’, a terapeuta se aproxima e eles pedem que ela saia: “tia, isso aqui é muito barra pesada, não é para você”. A terapeuta se afasta e fica observando de longe. Algum tempo depois, quando a iminência da briga é notória, ela intervém indagando sobre a brincadeira. Cada um começa a falar sobre o seu papel na brincadeira: “eu sou o dono da boca, ele é o policial...” Ao que a terapeuta responde, perguntando, então, sobre o que eles gostariam de ser quando crescer. A partir desse ponto, a brincadeira toma outro rumo, e eles começam a falar sobre os seus sonhos: eu quero ser médico, eu quero ser jogador de futebol, etc.

Conforme observa Winnicott:

Uma atitude de respeito ao brincar deve incluir o reconhecimento de que o brincar é sempre passível de se tornar assustador. Os jogos e sua organização devem ser encarados como uma tentativa de prevenir o aspecto assustador do brincar. Pessoas responsáveis devem estar disponíveis quando crianças brincam, mas

isso não significa que precisem ingressar no brincar das crianças (WINNICOTT, 1971c, p. 75).

No final de outubro de 2006, depois de um período de seis meses de atendimento em um clima de relativa ‘calmaria’, as manifestações de agressividade e violência retornam com todo vigor, abatendo de forma considerável o moral de todas as equipes e exigindo novos esforços para compreensão.

## O DESAFIO DAS MANIFESTAÇÕES AGRESSIVAS E DESTRUTIVAS

Segundo Winnicott (1967b), nos casos de de-privação, o indivíduo encontra-se diante de duas alternativas: aniquilar o verdadeiro *self* ou, quando há esperança, mobilizar a sociedade, a fim de reivindicar o que lhe é devido. O ódio ao mundo está trancado em algum lugar e, enquanto este ódio não for sentido, não poderá haver saúde. À medida que a criança começa a melhorar, em função dos benefícios experimentados por uma provisão ambiental adequada, ela se tornará cada vez mais capaz de enfurecer-se com as falhas ambientais do passado. A capacidade de sentir raiva é uma conquista do desenvolvimento. Além disso, o autor alerta que é preciso ter em mente que um tratamento dessa natureza, para ser eficaz, demanda *um longo período de tempo*, em virtude da quantidade enorme de material, em termos de sentimentos e memórias associadas ao fracasso ambiental que se encontra inacessível à consciência.

É importante assinalar o quão difícil era para os terapeutas ter que conviver com o retorno das manifestações agressivas e destrutivas no *setting* – aparentes ‘regressões’ no tratamento. Era humanamente impossível suportar novamente cargas imensas de ódio e destrutividade sem se deixar abater. Uma experiência que exigia muito de cada um e do grupo como um todo. Era sensível a todos a ideia de estar diante de

um dos pontos mais delicados do dispositivo. Nesse processo, tornou-se cada vez mais evidente o valor das reuniões de supervisão. Era extremamente importante para os terapeutas poder contar com um dispositivo que lhes oferecia, além de escuta e acolhimento, o suporte necessário de modo que pudessem drenar de maneira satisfatória seus medos, suas raivas e suas angústias. Nesse contexto, não há lugar para atitudes sentimentalistas por parte dos terapeutas. Por mais que ele se afeiçoe e ame as crianças, não poderá evitar odiá-las em determinados momentos. Assim, quanto mais o terapeuta souber sobre o seu próprio ódio, mais difícil será para o ódio se tornar o motivo determinante de sua conduta com as crianças.

Sabemos que qualquer tratamento voltado para crianças deve envolver seres humanos, pessoas dotadas de sensibilidade, de uma boa dose de criatividade e responsabilidade e que tenham disponibilidade para o envolvimento emocional que ele exige. Em todos os casos, o manejo das manifestações agressivas e destrutivas torna-se, em algum momento, o aspecto central do tratamento. Em alguns momentos, será necessário suportar a raiva que a criança está começando a ser capaz de exprimir e sentir, e que está associada ao fracasso no próprio lar. Por vezes, a criança muito habilmente provocará um tratamento rude, tentando, por meio desse expediente, atualizar uma maldade que possa ser recebida com ódio. O ódio que traz dentro si busca encontrar alívio por meio da confrontação com um ódio que seja externo – objetivo e sob controle. O mais importante é a sobrevivência da pessoa encarregada do cuidado da criança.

Sem dúvida, um dos maiores desafios colocados por esse trabalho é a colocação de limites. A tendência antissocial é, antes de qualquer coisa, uma busca por limites. Como entender o que está por trás desse pedido? Como observa Lullie Milman – umas das fundadoras da Casa da Árvore –, “essas crianças não pedem limites, elas pedem

presença”. Elas estão em busca de contato, em busca da oposição sensível e responsiva proporcionada por uma companhia viva, por meio da qual possam re-descobrir sua própria agressividade – leia-se, criatividade. Às vezes, a simples experiência de se sentir compreendida (o) opera uma transformação (e contenção psíquica) de importância vital: uma angústia impensável torna-se um afeto válido e reconhecido. Outras, no entanto, podem exigir uma contenção física, algo muito mais custoso de fazer quando a criança já não é tão pequena. De todos os modos, o que está na base de qualquer limite a ser estabelecido é a experiência do ‘sentir com’ que introduz o indivíduo na comunidade dos humanos.

Somente em um ambiente seguro, a criança poderá retomar sua agressividade efetiva, perdida por ocasião da experiência de de-privação. A sobrevivência do objeto é essencial para que a destruição fantasiosa, com tudo o que ela representa para o desenvolvimento emocional e para o enriquecimento do *self*, possa vir a ser tolerada pela criança. Eventualmente, o autocontrole pode surgir dessa experiência da agressividade em um dispositivo controlado, atestando a transformação da agressividade manifesta em potencial agressivo de que o indivíduo pode dispor na forma que melhor lhe convier – destruição fantasiosa ou efetiva, para fins de defesa. É preciso, no entanto, atentar para a tarefa extenuante que recai sobre aqueles que se encontram envolvidos com os cuidados de crianças que sofreram algum tipo de de-privação.

Como observa Winnicott (1968d), a única coisa que uma ‘criança carente’ de cuidados pré-verbais necessita é amor. Amor, em termos de sustentação e manejo (*holding e handling*). Em outras palavras, a concessão de oportunidades para que possa transpor a dependência rumo à independência. Quanto maior for a criança, maiores serão as dificuldades para a realização dessa tarefa, pois a necessidade de a criança fazer testes, para

ver se esse amor é capaz de suportar/tolerar a destrutividade ligada ao amor primário, aumenta. Com certeza, haverá o momento em que ela retorna à necessidade de viver esse amor primitivo. O autor adverte que sempre que começamos a amar uma criança que não foi amada no sentido pré-verbal, não demorará muito para estarmos em apuros: a destruição é o que se segue, ao encontro com uma pessoa que pode ser amada. Ainda que possamos empregar a palavra amor, com frequência parece mais um ato de ódio, e a palavra-chave não é tratamento ou cura, mas sobrevivência. É a sobrevivência do objeto que viabiliza a emergência, nas crianças, de uma atitude construtiva com relação à vida e ao seu entorno, de uma maneira geral.

### Keywords

*Aggressiveness, violence, creativity, anti-social tendency, environmental provision, collective treatment for children.*

### Abstract

*This article is the result of a study of Winnicott's concepts and the observation of a collective treatment, for children between 0 and 12 years old, that has been developed, since 2001, by the non-governmental organization Casa da Árvore, in destitute communities in the cities of Rio de Janeiro and Niterói. During a year and a half the author accomplished systematical visits to the treatment sites and participated of supervisions and meetings with the staff. The author also followed closely the functioning of an innovative medical device that essentially bet on the therapeutic potential of talking and playing, without being neither in an individual nor in a group therapy. It is a place of living that can be attended for those who have interest to and according to their necessities. Dwelling upon the observation of Chapéu Mangueira's house, the author illustrates this therapeutic setting operation of this device through some episodes, keeping specially attention with the clinical handling of*

*the aggressive and destructive manifestations that since a determined moment a became the central feature, the main challenge faced by therapists.*

## Referências

- ABRAM, J. [1996]. *A linguagem de Winnicott: dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.
- ALVAREZ, A. [1992]. *Companhia Viva*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- COSTA, J.F. [1984]. *Violência e Psicanálise*. 2.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- DAVIS, M.; WALLBRIDGE, D. *Boudary and Space: an introduction to the work of D.W. Winnicott*. London: Karnac Books, 1981.
- DOLTO, F. *La Cause des enfants*, Paris: Robert Laffont, 1985.
- LOPARIC, Z. Winnicott e o Pensamento Pós-Metafísico. *Revista de Psicologia da US*, São Paulo, v.6, n.2, p. 39-61, 1995.
- MILMAN, L. [2005]. Casa da Árvore: a ética de Françoise Dolto nas favelas cariocas. Disponível em: [www.casadaarvore.org.br](http://www.casadaarvore.org.br). Acessado em 10/10/2006.
- PHILLIPS, A. *Winnicott*. London: Fontana Press, 1988.
- WINNICOTT, D. W. [1950-55]. A Agressividade em Relação ao Desenvolvimento Emocional. In: \_\_\_\_\_. [1958]. *Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p.288-304.
- \_\_\_\_\_. [1956b]. A tendência anti-social. In: \_\_\_\_\_. [1958]. *Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p.406-416.
- \_\_\_\_\_. [1963c]. Comunicação e Falta de Comunicação Levando ao Estudo de Certos Opostos. In: \_\_\_\_\_. [1979]. *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983, p.163-174.

\_\_\_\_\_. [1967b]. A Delinquência como Sinal de Esperança. In: \_\_\_\_\_. [1986]. *Tudo Começa em Casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p.81-91.

\_\_\_\_\_. [1967d]. A Localização da Experiência Cultural. In: \_\_\_\_\_. [1971]. *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975, p.133-144.

\_\_\_\_\_. [1967e]. O Papel de Espelho da Mãe e da Família no Desenvolvimento Infantil. In: \_\_\_\_\_. [1971]. *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975, p.153-162.

\_\_\_\_\_. [1971c]. O Brincar: uma exposição teórica. In: \_\_\_\_\_. [1971]. *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975, p.59-77.

\_\_\_\_\_. [1971d]. O Brincar: a atividade criativa e a busca do self. In: \_\_\_\_\_. [1971]. *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975, p.79-93.

\_\_\_\_\_. (1988[54]) *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

## **Tramitação**

Recebido: 06/04/2010

Aprovado: 05/07/2010

Nome da autora: Beatriz de Souza Lima

Endereço: Rua Constante Jardim, 35 – Rio de Janeiro - RJ

CEP: 20240-230

Fone: (21) 2507 4213

E-mail: bslyma@uol.com.br



# *O Nome do Pai e o Laço Social no Grande Sertão: Veredas*

*The Name of the Father and the social bonds in “Grande Sertão: Veredas”*

Eliana Rodrigues Pereira Mendes<sup>1</sup>

## **Palavras-chave**

Nome do Pai, nome próprio, laço social, ressignificação subjetiva.

## **Resumo**

A autora rastreia a importância da nomeação de Riobaldo, personagem principal do romance **Grande Sertão: Veredas**, desde quando ele era órfão de pai, sem sobrenome, até se constituir no jagunço Riobaldo Tatarana e depois no chefe “Urutu Branco”. Riobaldo “faz seu nome” nas andanças pelo sertão, até que se converte ele mesmo em pai-chefe-nomeador, numa ressignificação subjetiva, estabelecendo laços sociais definitivos com seus comandados.

**DIGO: O REAL NÃO ESTÁ NA SAÍDA NEM NA CHEGADA: ELE SE DISPÕE PARA A GENTE É NO MEIO DA TRAVESSIA (ROSA, 1984, p.47)**

Do que se vai tratar aqui é da Travessia de Riobaldo – “Ah, esse... tristonho, levado, que foi – que era um pobre menino do destino, (ROSA, 1984, p.14), pelas veredas do Grande Sertão até se tornar o jagunço Riobaldo Tatarana e depois ganhar a investidura do chefe Urutu Branco.

O primeiro laço que se apresenta na narrativa é o monumental monólogo catártico no qual Riobaldo (ROSA, 1984) convoca um interlocutor que não se revela, mas que representa todos nós, seus fascinados leitores.

O senhor é de fora, meu amigo mas meu estranho. Mas talvez por isto mesmo. Falar com o estranho assim, que bem ouve e logo longe vai embora, é um segundo proveito: faz do jeito que eu falasse mais mesmo comigo. Mire veja:

o que é ruim, dentro da gente, a gente perverte sempre por arredar mais de si. Para isso é que o muito se fala? (p.31).

Através da narrativa, Riobaldo reconstrói sua travessia. No seu discurso, vai em busca de uma nomeação e do sentido de estar no mundo. Faz sua ressignificação subjetiva.

## **A IMPORTÂNCIA DO NOME PRÓPRIO**

Quando alguém é reconhecido por todos, dizemos que essa pessoa tem nome, fez um nome. Em certas tribos indígenas, os guerreiros escondem seus nomes dos inimigos, pois se estes os souberem, podem enfeitiçá-los ou enfraquecê-los. Na religião judaica, Deus é chamado de Javé, aquele que é, sem nenhuma predicação. Nas tábuas da lei, o segundo mandamento em ordem de importância é: “Não tomar seu santo Nome em vão”. O nome é, pois, algo sagrado, que

<sup>1</sup> Psicóloga. Psicanalista. Membro do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais. Membro da International Federation of Psychoanalytic Societies.

se constitui no respeito e no reconhecimento. Da mesma forma, quando o nome inexistente, o ser se acha destituído de valor (MENDES, 1993, p.23).

Num artigo de Jorge Forbes (1988) intitulado *Os caminhos lógicos da Psicanálise: o Nome Próprio*, discute-se o fato de que, numa análise, o que se faz são tentativas de significação. O que o analisando tende a buscar são os justos atributos que lhe definam quem ele é. “Quero me conhecer melhor” é uma das demandas mais frequentes de quem se põe em análise. Diz Forbes que o conhecimento do que somos e quais os atributos que nos identificam tornam mais fácil a nossa ação. Para alguns teóricos da lógica, um nome é ligado a seu referente por uma descrição. Já outro autor, como Saul Kripke (1980), em seu livro *Naming and Necessity*, opõe-se a esse pensamento e diz que o nome próprio é um designador rígido, porque contém nele mesmo mais do que qualquer descrição, qualquer predicação possam significar. Designador porque designa e não significa. Rígido porque é invariante, mesmo com o contexto alterado.

No entanto, um nome próprio pode-se tornar comum, passível de predicação, quando alcança uma grande abrangência. Um pequeno analisando de seis anos me disse certa vez: “Sabe, minha irmã agora tem uma Eliana, só que a dela é homem”. Pode até se transformar numa ação. Mas a significação do nome próprio sempre nos escapa. Ele é o nome do silêncio, onde cala o saber e se designa o ser. Voltando a Riobaldo chegamos à:

### ORFANDADE NO SERTÃO OU ONDE O NOME NÃO EXISTE

No Mal-Estar na Civilização, Freud (1930, p 90) diz: “Não consigo pensar em nenhuma necessidade da infância tão intensa quanto a proteção de um pai”. No sertão, a orfandade é comum. Numa das mais belas passagens do Grande Sertão, Diadorim fala

para Riobaldo: “- Riobaldo, se lembra certo da senhora sua mãe? Me conta o jeito de bondade que era a dela...” Riobaldo: “toda mãe vive de boa, mas cada uma cumpre sua paga prenda singular, que é dela e dela diversa bondade. Para mim, minha mãe era a minha mãe, essas coisas. A bondade especial dela tinha sido a de amor constando com justiça, que eu mesmo precisava. E a de, mesmo no punir meus desmaseios, querer bem às minhas alegrias.” “Pois a minha eu não conheci”... Diadorim prosseguiu no dizer: “ E disse com certeza simples, igual quisesse falar: barra – beiras – cabeceiras... Fosse cego de nascença”. Diz Riobaldo: “Para mim, o que pensei, foi: que eu não tive pai, quer dizer isso, pois eu nunca soube autorizado o nome dele. Não me envergonho, por ser de escuro nascimento. Órfão de conhecimento e de papéis legais é o que a gente mais vê, nestes sertões. Homem viaja, arrancha, passa: muda de lugar e de mulher, algum filho é o perdurado” (ROSA, 1984, p.33).

De Riobaldo, a princípio, só se conhece a mãe, a Bigri, sem sobrenome. Mas quando ela morre, ele é levado ao “padrinho” Selorico Mendes, que lhe diz: “De não ter conhecido você esses anos todos, purgo meus arrependimentos” (p.86). Na casa do padrinho, foi bem tratado e educado, mas não carregou seu nome, apesar de lhe ter herdado as fazendas. Esse pai, surgido assim de surpresa, não foi suficiente para fixar Riobaldo numa identidade de filho. “Eu não gostava dele, nem desgostava. Mais certo era que com ele não soubesse me acostumar. Acabei, por razão outra, fugindo do São Gregório, o senhor vai ver. Nunca mais vi meu padrinho” (p.89). Ao saber que Selorico Mendes era seu pai...

Parece até que, de algum encoberto jeito, eu daquilo já sabia... Perguntar a ele, fosse? Mas eu não podia, não. Perguntar a pessoa nenhuma; chegava... Não desesquentei a cabeça. Ajuntei meus trens, minhas armas, selei um cavalo, fugi de lá... Razão por que fiz? Sei ou não sei. De ás eu pensava cla-

ro, acho que de bês não pensei não. Eu queria ferver (p.94- 95).

Esse ferver, Riobaldo foi achar entre os jagunços, aos quais se junta.

### JAGUNÇOS, ONDE O NOME PRÓPRIO É UM PREDICADO APENAS

“E o que que eu era? Um raso jagunço atirador, cachorrando por este sertão”. (p.309)

No livro *Cabeça de Porco*, sobre os jovens transgressores, o autor Luiz Eduardo Soares (2005, p. 206) comenta:

A identidade só existe no espelho e esse espelho é o olhar dos outros, o reconhecimento dos outros. É a generosidade do outro que nos devolve nossa própria imagem ungida de valor... Nada somos... se o olhar do outro não nos recolher e salvar da invisibilidade... invisibilidade que nos anula e que é sinônimo, portanto, de solidão, falta de sentido e valor.

Entregues à própria sorte, os jagunços não têm visibilidade social. Condenados a não ter desejos, pois não são constituídos como sujeitos, vivem na precariedade do momento, sob a premência do gozo. Se sua vida nada vale, qualquer risco pode ser aceito sem medo.

“Jagunço não se escabreia com perda nem derrota – quase que tudo para ele é o igual. Para ele a vida já está assentada: comer, beber, apreciar mulher, brigar e o fim final... Jagunço já é homem meio desistido de si” (ROSA, 1984, p.44). “Jagunço: a gente é bravo d’armas, para o risco de todo dia, para tudo o miúdo do que vem do ar” (p.209). “Conheci que fazendeiro-mor é sujeito da terra definitivo, mas que jagunço não passa de ser homem muito provisório” (p.309).

“Morrer em combate é coisa trivial nossa, para que é que a gente é jagunço? Quem vai em caça, perde o que não acha” (p.212).

“Jagunço é o sertão” (p.238). “Sertão é o sozinho. Sertão é dentro da gente” (p.237).

O Sertão é a dura natureza do jagunço, lá onde “quem moi no asprô não fantaseia” (pg.9). “Sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar. Viver é muito perigoso” (p.21). “- O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado! E bala é um pedaçozinho de metal”... (p.16) – “O sertão é sem lugar” (p.271).

- “O sertão não tem janelas nem portas. E a regra é assim: ou o senhor bendito governa o sertão, ou o sertão maldito nos governa”. (p.377).

- “Sertão não é malino nem caridoso... ele tira ou dá, ou agrada ou amarga, ao senhor, conforme o senhor mesmo” (p.399).

- “O sertão é bom... tudo aqui é perdido, tudo aqui é achado” (p.247). “O sertão é do tamanho do mundo” (p.57).

- “Sertão é isso: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor pelos lados. Sertão é quando menos se espera” (p.219). “Sertão é uma espera enorme” (p.441).

- “Cidade acaba com o sertão. Acaba?” (p.120).

- “Sertão é o sozinho. Sertão: é dentro da gente” (p.237).

O sertão, penso eu, é o inconsciente, sem tempo, com sua lógica própria, dentro de cada um. É a metáfora da solidão do ser humano, entregue a si mesmo, diante de algo que não pode controlar. Sem intermediação da ordem simbólica, Deus e o Diabo, o bem e o mal, são sempre invocados, pois se sabe que ali não chegam outras instâncias. “E nisto, que conto ao senhor se vê o sertão do mundo: que Deus existe, sim devagarinho, depressa. Ele existe – mas quase só por intermédio da ação das pessoas: de bons e de maus. Coisas imensas no mundo. O grande sertão é a forte arma. Deus é um gatilho?” (p.263). “Mas o demônio não existe real, Deus é que deixa se afinar à vontade o instrumento, até que chegue a hora de

dançar. Travessia, Deus no meio... Deus nunca desmente. O diabo é sem parar” (p.237). “É preciso de Deus existir a gente, mais, e do diabo divertir a gente com sua dele nenhuma existência” (p.239).

Ao chegarem ao bando, os jagunços têm como nome apenas seus predicados, pois não trazem uma ascendência ou pertinência social. Seus nomes dependem do contexto em que estão. Por isso temos: o Azinhavre, o Sangue d’Outro, o Rasga-em-baixo, o Mão-de-Lixa, o Marimbondo, o Zé Onça, Pau na Cobra, Nhô Faísca, entre tantos outros.

### **O NOME DO PAI, OS CHEFES, OU A POSSÍVEL NOMEAÇÃO**

O Édipo Freudiano pode ser visto, como o fez Lacan, como uma travessia da natureza para a cultura. O pai exerce uma função simbólica que é a de dar seu nome para o filho, encarnando assim a Lei. Se o que faz do homem um homem é a sua possibilidade do uso da linguagem, e é o que permite que ele faça laço social, a grande função paterna é a de nomear e de dar à criança o acesso à sua identidade e à sua condição de sujeito desejante. Os chefes dos jagunços se constituem, para os deserdados do sertão, nos verdadeiros pais que os nomeiam e os fazem pertencer, enfim, a uma linhagem. Todos eles têm nome e sobrenome, que vão passar como designação para seus seguidores. São pais primevos, que, na ausência de uma lei oficial, ordenam o mundo à sua maneira. “Esses homens... Todos puxavam o mundo para si, para o concertar concertado” (p.14). De chefe em chefe, Riobaldo vai fazendo sua filiação.

### **O primeiro foi: “Medeiros Vaz – o Rei dos Gerais” (p.50)**

Insatisfeito com os desmandos do sertão, resolve ele mesmo impor uma lei aos bandos de desordeiros, incendeia sua fazenda e parte para o mundo distribuindo justiça. “Perto dele até o doutor, o padre e

o rico se compunham. Podia abençoar ou amaldiçoar... de beijar a mão dele ninguém se vexava. Por isso nós todos obedecíamos. Cumpríamos choro e riso, doideira em juízo. Tenente nos gerais – ele era. A gente era os Medeiros-vazes” (p.35).

### **Outro chefe: Zé Bebelo – José Rebelo Adro Antunes**

“Se o senhor não conheceu esse homem, deixou de se certificar que qualidade de cabeça de gente a natureza dá, raro de vez em quando... Aquele queria saber de tudo, dispor de tudo, poder tudo, tudo alterar... Considerava o progresso de todos – como se mais esse todo Brasil, territórios... Amigo, foi uma das pessoas nesta vida que eu mais prezei e apreciei” (p.58-59). Seus jagunços eram os zé bebelos, formando, segundo Riobaldo “a zebelândia” (p.106).

### **Joca Ramiro: José Otávio Bettancourt Marins**

- “Um Messias” (p.90). “Ele era um homem... Liso bonito... A gente tinha até medo de que, com tanta aspereza da vida, do sertão, machucasse aquele homem maior, ferisse, cortasse. E quando ele saía, o que mais ficava na gente, como agrado de lembrança, era a voz. Uma voz sem perigo de dúvida, sem tristeza. Uma voz que continuava” (p.190). Pergunto eu: a voz do supereu, enfim se formando através desse “pai idealizado”?

“Joca Ramiro era lorde, homem acreditado pelo seu valor. Chamava seu bando: Meus meninos, meus filhos” (p.198). Eles eram “o pessoal ramiros” (p.106). É o assassinato de Joca Ramiro, morto por Hermógenes, que o bando de Riobaldo vai vingar. Numa fusão de nomes Zé Bebelo, em seu entusiasmo, assim conclama a “família” para a luta: “Zé Bebelo Vaz Ramiro, viva o nome! A gente vinha sobre o rastro deles, dos Hermógenes – por matar, acabar com ele, por perseguir” (p.139).

## O inimigo: Hermógenes Saranhó Rodrigue Felipes

... “Já nasceu formado tigre e assassim” (p.14). “Esse não sofria, não cansava, nunca perdia nem adoecia – positivo pactário... Para matar ele sempre foi muito pontual” (p.313). “Hermógenes era fel dormido, flagelo com frieza. Ele gostava de matar, por seu miúdo regozijo” (p.131). “Aí, are, foi que de verdade eu acreditei que o inferno é mesmo possível” (p.139).

Riobaldo, um homem dividido entre Deus e o Diabo, entre um amor solar por Otacília e um turvo amor por Diadorim, não tinha certezas. Não queria ser chefe. “Sou de ser e executar, não me ajusto em produzir ordens” (p.63). “Ninguém nem mal me ouvia, achavam que eu era zureta ou impostor, ou vago em aluado... A conversa dos assuntos para mim mais importantes amolava o juízo dos outros, caceteava. Eu nunca tinha certeza de coisa nenhuma”. (p.387). “A gente só sabe aquilo que não entende” (p.290). “A gente sabe mais de um homem é o que ele esconde” (p.259). “Sou um homem ignorante. Gosto de ser. Não é só no escuro que a gente percebe a luzinha dividida?” (p.237).

Só aceitou a chefia depois de se embrenhar pelas Veredas Mortas e chamando pelo diabo, não ter tido resposta. Só encontra o silêncio. “O senhor sabe o que o silêncio é? É a gente mesmo, demais” (323). “O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia” (p.465).

Riobaldo encontra-se consigo mesmo, no silêncio do seu nome e tem assim sua definitiva nomeação.

“Fui o chefe Urutu Branco – depois de ser Riobaldo Tatarana e de ter sido o jagunço Riobaldo” (p.414). Tatarana é a lagarta de fogo, primeira predicação de Riobaldo. “Talento meu era só o aviável de uma boa pontaria ótima em arma qualquer” (p.287). Urutu Branco é a serpente perigosa e sorrateira, que dá o bote no inimigo. “Mas você revira o sertão... Tu é terrível, que nem um Urutu

Branco” (p.335). “Tinham me dado em mão o brinquedo do mundo” (p.336).

O predicado Urutu Branco passa a ser um nome próprio: “O Urutu Branco”, enquanto um nome próprio, Hermógenes, depois de morto, passa a ser uma predicação, quando Riobaldo confere o corpo sem vida do inimigo: “Assim de certo resumido: já ficou amarelo completo... – cara sepultada... Um Hermógenes”. (p.456).

Riobaldo, finda a vingança, abandona a vida de jagunço com o nome feito. Ao se perguntar por que permaneceu naquela vida, ele se responde: “Assim se aguentava aquilo era por causa da boa camaradagem e dessa movimentação, sempre”. (p.244). “Tinha vez que eu achava que queria bem o meu pessoal, feito fossem irmãos meus, da semente dum pai e na mesma madre de uma mãe gerados num tempo. Meus filhos” (p.415).

Riobaldo desvela o sentimento de irmandade. E de irmãos, converte os jagunços em filhos, sendo ele mesmo, a partir de então, um chefe - pai - nomeador, fazendo valer sua própria linhagem: “Urutu Branco! Urutu Branco! O respeito que tinham por mim ia crescendo no bom entendido dos meus homens. Os jagunços meus, os riobaldos, raça de Urutu Branco. Além!” (p.390).

Cumpre-se assim a travessia de Riobaldo. Constroi seu nome, tornando-se reconhecido no sertão e o deixa como legado simbólico aos seus companheiros.

## Keywords

*Name of the Father, Proper Name, Social Bonds, Subjective Re-signification.*

## Abstract

*The author tracks back the importance of the nomination of Riobaldo, main character of the romance “Grande Sertão: Veredas”, since he was a nameless orphan boy, till his constitution as the gunman Riobaldo Tatarana, and after that, as the chief “Urutu*

*Branco". Riobaldo builds up his name along his journey throughout Brazilian wilderness, and converts himself into a nominating-father-chief, in a subjective re-signification, establishing definite social bonds with his followers.*

## **Referências**

---

FORBES, J. Os caminhos lógicos da psicanálise: O nome próprio. *A ética de psicanálise*, caderno de Jornada de Trabalhos do Simpósio do Campo Lacaniano, Belo Horizonte, nov.1988.

FREUD, S. Mal Estar da civilização [1930]. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.XXI. p. 74-171.

KRIPKE, S. *Naming and Necessity*. Cambridge: Harvard University Press, 1980.

MENDES, E. R. P. O Nome Próprio e a Instituição. *Caderno de Entrada na Instituição*, Publicação do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, n.15, nov. 1993.

ROSA, G. *Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

SOARES, L.E.; BILL, M.V.; ATHAYDE, C. *Cabeça de Porco*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

## **Tramitação**

Recebido: 05/04/2010

Aprovado: 27/06/2010

Nome do autor responsável: Eliana Rodrigues Pereira Mendes

Endereço: Rua Araguari, 1541/7º andar – Santo Agostinho

CEP: 30190-111. Belo Horizonte-MG

Fone: (31) 3337-1583

E-mail: elianarpmendes@hotmail.com

# Questões sobre a psicopatologia do amor cotidiano

## Questions about the psychopathology of everyday love

Isabela Santoro Campanário<sup>1</sup>

### Palavras-chave

Devastação, relação pré-edípica mãe-filha, parceria amorosa sintomática.

### Resumo

A autora traz dois casos de devastação da vida amorosa feminina em que a relação primeira de amor mãe-filha foi também devastadora, e busca elementos na teoria psicanalítica para dar conta desses casos, que, muitas vezes, oferecem obstáculos à cura psicanalítica.

*Com açúcar, com afeto, fiz seu doce predileto  
pra você parar em casa.*

*Qual o quê...*

*Com seu terno mais bonito, você sai não  
acredito quando diz que não se atrasa...*

*No caminho da oficina há um bar em cada  
esquina pra você comemorar, sei lá o quê...*

*Quando a noite enfim lhe cansa, você vem  
feito criança, pra chorar o meu perdão*

*Qual o quê...*

*Diz prá eu não ficar sentida, diz que vai mu-  
dar de vida, pra agradar meu coração.*

*E ao te ver assim cansado, maltrapilho e  
maltratado*

*Como vou me aborrecer?*

*Qual o quê,*

*Logo vou esquentar seu prato,*

*Dou um beijo em seu retrato e abro os meus  
braços para você*

**Chico Buarque**

*Se uma mulher é um *sinthoma* para todo ho-  
mem, fica absolutamente claro que há necessi-  
dade de encontrar um outro nome para o que  
o homem é para uma mulher...Pode-se dizer  
que o homem é para uma mulher tudo o que  
quiserem, a saber, uma aflição pior que um  
*sinthoma*. Trata-se mesmo de uma devastação.*

**Lacan**

Em *O seminário*, livro 23 (LACAN, 2007), *O sinthoma*, chamou-me a atenção essa frase enigmática, mas extremamente clínica de Lacan, e sobre ela tentarei me debruçar, buscando pensá-la justamente através de alguns fragmentos de minha clínica. Encontramos, na psicopatologia do amor cotidiano, várias questões: a traição perdoada pela mulher, a mulher que espera o homem que bebe no bar, a mulher que cuida dos filhos sozinha, a mulher que tudo perdoa, belissimamente ilustradas na canção de Chico Buarque. Numa sociedade em que a mulher sofre e consente nesse sofrimento, e em que o social responde com a Lei Maria da Penha, como responderá a psicanálise? O que pode a psicanálise diante da devastação tão frequente na vida amorosa da mulher?

### LINDA – “PELO MENOS AGORA NÃO VOU MORRER”

Linda chega ao meu consultório ainda adolescente, após uma tentativa grave de autoextermínio. Tinha várias tentativas anteriores de tratamento malsucedidas. O pai fora assassinado quando ela era criança, e Linda morava com a mãe, com quem mantinha uma relação que podemos nomear de

<sup>1</sup> Doutoranda em Psicologia pela UFMG. Psiquiatra. Psicanalista do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG). Editora da revista *Reverso* do CPMG.

“devastadora”. Constantemente provocava a mãe para ser batida na infância, desafiando ou fazendo o que lhe era proibido. Não tinha amigas porque sua mãe sempre lhe dizia que as mulheres não eram confiáveis, inclusive ela e a irmã. Apresentava extrema rivalidade com essa irmã.

Durante a adolescência, começa com crises conversivas e vasto comportamento de atuações que colocavam sua vida em risco. Frequentava *raves* onde tomava “doce” (LSD) e extasy. Esses encontros, por vezes, duravam dias, e ela voltava para casa desidratada e com infecção urinária devido a uma dança frenética e a uma atividade sexual excessiva. Tinha também sintomas anoréxicos. Casou-se muito nova com um rapaz que lhe provocou um “estrage” econômico que repercute ainda hoje em sua vida financeira, “deixando seu nome sujo na praça”. Ainda lida com advogados para “limpar seu nome”.

Após sua separação, conheceu o atual namorado, usuário grave de cocaína. No entanto, em outras esferas de sua vida, conseguiu se sustentar melhor: se forma e tenta se inserir no mercado de trabalho. A relação com a mãe melhorou muito. Ampliou seus laços sociais. Apresenta também melhora dos sintomas anoréxicos, do uso de drogas mais pesadas e não faz mais tentativas de autoexterminio. Larga a análise porque “está muito bem”.

Volta alguns anos depois, quando a relação amorosa começa a fazer questão. “Acho que só troquei de droga” - diz, referindo-se ao namorado. Descreve então que o namorado encontra-se, cada vez mais imerso nas drogas, e muitas vezes ela, para proteger sua vida, sai com ele de madrugada atrás da droga, dirigindo o carro para que não aconteça nenhum acidente. Agora, com a lei seca, geralmente é ela quem dirige. Alerta a irmã do namorado quando este compra muita droga “para evitar uma overdose”. Sua irmã fala que ele só está vivo por causa de Linda. “essa virou minha missão: protegê-lo dele mesmo”. Aí a mulher fazendo função de *sinthoma* para um homem, tão bem sublinhado por Lacan (2007).

Trabalhando mais a fundo suas questões, Linda encontra-se em um ponto de impasse na análise: pensa não poder ir mais adiante, após quase oito anos de trabalho. “Parece que eu necessito sempre ter uma droga, e acho que esta é melhor do que as outras... pelo menos agora não vou morrer.” Traz um sonho em que um fantasma de espancamento surge. Chega à conclusão de que esse namorado “devastador” faz com que ela goze com seu fantasma. Teria algum atravessamento possível para Linda?

## A DEVASTAÇÃO (CATÁSTROFE)

Seria útil explorarmos o conceito de devastação, termo que Lacan emprega inicialmente para qualificar a relação mãe-filha – bastante interessante – e posteriormente em relação ao parceiro amoroso devastador.

O termo *ravage* (devastação) é empregado por Lacan pela primeira vez em 1973 no texto *O aturdido*, após haver escrito as fórmulas da sexualização. “[...] a elucubração freudiana do complexo de Édipo, que faz da mulher peixe na água, pela castração ser nela ponto de partida, contrasta dolorosamente com a realidade de **devastação** que constitui, na mulher, em sua maioria, a relação com a mãe” (LACAN, 2003, p.465).

Lacan busca com esse termo retomar aquele usado por Freud que é catástrofe. “A transição para o objeto paterno é realizada com o auxílio das tendências passivas, na medida em que escaparam à catástrofe”, nos diz Freud (1976, p.275).

Devastação e catástrofe, portanto, se referem aos laços estabelecidos entre uma menina e sua mãe e àquilo que, dessa ligação, resta na subjetividade feminina.

Vamos encontrar inicialmente em Freud uma leitura da relação primitiva da mulher com sua mãe abordada por seu conceito de inveja do pênis (*penisneid*). Esse é um termo que já aparece na obra de Freud em 1908, em *Sobre as teorias sexuais das crianças*, referindo-se à inveja experimenta-



da pela menina em relação ao menino, que possui o pênis.

Freud (1976) se interroga posteriormente sobre os destinos da inveja do pênis na vida psíquica posterior da mulher e sua articulação com a ligação pré-edípica da menina com sua mãe. A menina faz de sua mãe a responsável por sua falta de pênis e não lhe perdoa por essa desvantagem, por isso a forte ligação da menina com sua mãe termina em ódio. Há uma pré-história à qual não se tem acesso pela linguagem, pré-história inacessível, mas escrita alguma vez, deixando marcas que sobrevivem.

Se a inveja do pênis corresponde a uma fixação infantil precoce é porque uma parte do gozo do sujeito se encontra implicada nela, gozo que não é prazer, mas decepção que se repete e que deve ser situada para além do princípio do prazer. Por isso, Freud fala que a inveja e o ciúme desempenham um papel mais importante na vida psíquica das mulheres do que na dos homens.

Freud faz a sexualidade feminina derivar da inveja do pênis e observa quatro consequências psíquicas decorrentes dela: a cicatriz, marca da relação que uma mulher tem com seu próprio corpo, fazendo de sua imagem uma forma de suturar essa ferida; o ciúme e a inveja, que dão origem ao fantasma *Bate-se numa criança*, no qual o sujeito faz uma passagem da relação da mãe para o pai como objeto de amor; a devastação (catástrofe), que situa a mãe como responsável pela falta da filha e presumidamente gozar dela; a reação contra a masturbação que abre a via para a sexualidade feminina segundo a famosa metonímia dos objetos femininos (FREUD, 1976), e não da metáfora. Em Linda, de fato, apanhar da mãe foi substituído metonimicamente por “sofrer pelo namorado”.

Em Freud, a catástrofe está estritamente relacionada ao destino do falo na menina, e ele observa que certas mulheres permanecem em sua ligação original com a mãe sem nunca alcançarem uma verdadeira mudança em relação aos homens. Freud observa ainda

que essa ligação com a mãe está relacionada à etiologia da histeria assim como ao germe da paranoia. Portanto, a questão da devastação é transestrutural.

A devastação é diferente da reivindicação fálica (SOLER, 2005). Pode até ser combinada com ela, mas não se resume a uma questão fálica. Diante do gozo outro, feminino, o sujeito se divide entre a abolição subjetiva e o Outro absoluto. Em Linda, predominava a abolição subjetiva provocada pelas drogas e pelos actings. “É, nestas horas não sinto mais nada...”

Em seu artigo *Uma dificuldade na análise de mulheres: a devastação da relação com a mãe*, Brousse (2004) aponta que Freud, ao final de sua obra, já nos dizia ter subestimado a relação precoce mãe-filha e vincula a essa relação primordial o ponto de tropeço da análise de muitas mulheres.

Brousse (2004) aponta ainda duas vertentes da devastação: uma primeira resposta em que a filha se torna o fetiche materno, e um segundo caso em que, por não existir troca fálica, a filha converte-se em dejetivo. Encontrar-se-ia Linda fixada em alguma dessas posições?

Quando a separação mãe-filha se encontra dificultada, encontramos a devastação, que muitas vezes vai se repetir na relação com o parceiro amoroso, como vemos nos casos trazidos neste trabalho.

## MARIANA – O TUDO E O NADA

Trabalharemos outro fragmento de caso, com uma estrutura diferente do primeiro. Mariana chega-me também adolescente com um enigmático sintoma: batia suas costas na parede até que ficassem roxas. Dormia muito e, se deixassem, passava todo o tempo isolada em seu quarto. Não tinha amigas e ia mal na escola. Chorava demais e tinha um sentimento de inferioridade. “Eu sou um Nada”, dizia com frequência.

A relação com a mãe também era péssima, as duas tinham brigas e ficavam

meses sem se falar. A mãe sempre apontava seus fracassos e vice-versa. O que mais doeu foi quando a mãe, também com um quadro depressivo importante e recorrente, lhe falou que foi a vinda dela ao mundo a causa de seu primeiro adoecimento psíquico e que ela preferia que Mariana nunca tivesse existido. “Eu é que fiz minha mãe ficar assim”. “Descobri que foi meu pai que escolheu meu nome, minha mãe não opinou nada, não conseguiu me amamentar e só chorava o dia todo quando eu nasci”.

Diz só não se matar por não ter coragem. Tem uma angústia excessiva, que só é aplacada quando bate as costas até que fique bem roxas; aí se acalma.

A paciente fez uma primeira análise na infância quando era ainda mais inibida, a ponto de correr para debaixo da cama quando chegava uma visita. Demorou muito a falar e a se acostumar na escola.

Na adolescência, começa vários casos amorosos malsucedidos. “Não sei por que, mas quando me tratam bem, perco o interesse”.

Mariana resolve “fazer Direito”, forma-se, faz um concurso bom, agora tem seu dinheiro. Aproxima-se da mãe e agora sente que “ao menos são amigas”. “Se ela não pode ser minha mãe, não é culpa dela, foi por causa da depressão, da PMD, agora pelo menos somos amigas”. Para de bater as costas. Faz várias amigas fora do núcleo familiar.

Em sua vida amorosa, no entanto, há quatro anos é apaixonada por um rapaz que ela apelidou, sintomaticamente, de “Tudão”. Não são namorados, apenas “ficam”. Porém, ele já ficou com uma de suas melhores amigas escondido, ao mesmo tempo em que ficava com ela. Quando ela descobriu a traição, ficou uma semana insone, chorando, sem querer sair de seu quarto, mas ainda assim não conseguiu esquecê-lo. Ele sempre lhe diz que, se for namorar, será com ela, o que lhe dá esperanças. Por outro lado, recusa os “bonzinhos que se aproximam”. Fez duas cirurgias plásti-

cas estéticas, desnecessárias, de colocação de silicone para supostamente agradar ao “Tudão”. Está sempre insatisfeita com sua aparência. Aqui vemos clara a questão já apontada por Freud da cicatriz da inveja do pênis na forma de Mariana lidar com sua imagem corporal.

Falta muito à análise e tenta interromper várias vezes. Agora, após doze anos de trabalho, chega a uma conclusão: “vou comprar um instrumento de autoflagelo para mim, daqueles de escravos. Quem sabe assim eu esqueço o “Tudão?”. “Isabela, não tem solução para mim, até com minha mãe já fiz as pazes, por que não consigo me dar bem no amor?”.

Brousse nos aponta que a devastação toca nos “confins da marcação simbólica” (2004, p.62) ou à maneira particular como a linguagem despontou em cada sujeito. Essa emergência da linguagem pode ser sob a forma de insulto ou fora de nomeação, a designação de um ser como objeto rebotalho, o “Nada de Mariana”.

[...] qualquer que seja a estrutura do sujeito feminino, quaisquer que tenham sido as contingências da história do sujeito, qualquer que tenha sido o sintoma, uma invariante se destacava. O x do desejo materno assumia sempre, num determinado momento da análise, o valor de morte. O significado para o sujeito era o filho cuja morte se desejara. Esse dado clínico vem esclarecer o termo “devastação” (BROUSSE, 2004, p.63).

Seguindo Brousse (2004), o desejo da mãe está longe de ser totalmente saturado pelo significante fálico. Há, na mãe, ao lado do desejo, um gozo desconhecido, feminino. Lacan trabalha essa questão no seminário sobre o desejo e sua interpretação, nas sessões dedicadas a Hamlet, apontando para o gozo feminino, não limitado pelo falo, presente na mãe de Hamlet.

A devastação compõe-se de uma face fálica reivindicatória do desejo da mãe e ou-

tra, não toda fálica, ligada à dificuldade de simbolizar o gozo feminino.

Resumindo, a devastação deve-se ao modo particular como a linguagem emerge em cada sujeito, referindo-se ao Outro primordial; **situa-se no momento da introdução traumática do sexual** – embora não exclua o falo, não o coloca em termos de troca ou perda.

Brousse aponta que a devastação pode ser tratada pela análise, dando ao “sujeito uma chance de inventar para si um nome que ele não tem para delimitar a zona de real nos confins da fala” (BROUSSE, 2004, p.67). Mariana teria condições de inventar por si esse nome, que a possibilite sair de ser Nada para um Tudão?

É esse o núcleo da devastação: é o gozo outro que devasta o sujeito, no sentido forte de aniquilá-lo pelo espaço de um instante. Os efeitos subjetivos deste eclipse nunca faltam. Vão da mais leve desorientação até a angústia profunda, passando por todos os graus de extravio e evitação (SOLER, 2005, p.185).

## O INCONSCIENTE REAL E O INCONSCIENTE TRANSFERENCIAL

Freud e Lacan em seus primeiros ensinamentos concebiam o inconsciente como transferencial. Lacan (2003) chegou mesmo a afirmar em *Televisão*, que para haver inconsciente, era necessário que alguém escutasse.

Porém o autor introduz a ideia de um inconsciente real no final de seu Seminário 23, *O Sinthoma* (2007). No texto escrito logo em seguida a esse seminário, o prefácio à edição inglesa do Seminário 11 (2003), Lacan começa o texto com uma frase enigmática que nos ajudará a pensar o inconsciente real. Diz-nos ele que só quando estamos diante de um espaço de um lapso que não produz sentido é que temos a certeza de estar no inconsciente, ou seja, temos certeza de estar no inconsciente quando não há transferência. Completa a frase com “sabe-se, consigo” (LACAN, 2003,

p.567). Miller ressalta que nesta parte, Lacan aponta para um saber do si consigo mesmo, sozinho (MILLER, 2006).

Os dois casos trazidos anteriormente nos mostrariam os limites de uma clínica até então pensada a partir do inconsciente transferencial? Que incidências clínicas essa formulação de Lacan poderia trazer para a condução desses casos clínicos? São questões a serem exploradas em trabalhos posteriores.

Enquanto a primeira formulação (o inconsciente transferencial) aponta na direção da decifração, a segunda (o inconsciente real) aponta para uma ação nominativa do analista. O *sinthoma* não é passível de decifração, não é algo que vem no lugar de outro como uma metáfora, que é passível de decifração, de interpretação.

Qual seria essa ação nominativa do analista? Trata-se, como aponta Lacan (2007) no Seminário 23, de nomear enquanto tolo do pai, ou seja, nomear o gozo. O pai quando nomeia usa um S1, verdade sobre o real que traz uma revelação. Fazer-se tolo do pai implica colocar um S1 não inserido na cadeia dos ideais, S1 da diferença pura, apontando para a invenção do nome próprio, que não tem sentido, tentativa de nomear o real, anteriormente apontada por Brousse (2004). Busca-se a verdade enquanto letra ou a via lógica da verdade. Eis aí um novo caminho a ser explorado na clínica.

### Keywords

*Devastation, mother-daughter pre-edipic relation, symptomatic loving partnership.*

### Abstract

*The author brings two cases of devastation of the feminine loving life where the first relation of love mother-daughter was also devastating and searches elements in the psychoanalytic theory to account of these cases that many times offer obstacles to the psychoanalytic cure.*

## Referências

---

BROUSSE, M.H. Uma dificuldade na análise de mulheres: a devastação da relação com a mãe. In: Miller, J. A. *Ornicar?: De Jacques Lacan a Lewis Carroll*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FREUD, S. [1908] Sobre as teorias sexuais das crianças. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.IX.

FREUD, S. [1931] Sexualidade Feminina. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.XXI.

FREUD, S. [1925] Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.XIX.

LACAN, J. [1973]. O aturdido. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LACAN, J. [1976] Prefácio à edição inglesa do Seminário 11. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LACAN, J. [1975-76]. *O seminário, livro 23. O sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

MILLER, J.A. *O inconsciente real*. Orientação lacaniana III, 9, 2006.

SOLER, C. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

### Tramitação:

Recebido: 05/04/2010

Aprovado: 27/06/2010

Nome do autor responsável:

Isabela Santoro Campanário

Endereço: Rua Teixeira de Freitas, 800 sala 01

CEP: 30350-180 - Belo Horizonte - MG

Fone: (31) 3281-0602

E-mail: isabelasantoro@uol.com.br

# *Mídia e o espelho da masculinidade?*

## *The media and the mirror of masculinity?*

Julio César Diniz Hoenisch<sup>1</sup>

Carlos da Silva Cirino<sup>2</sup>

### **Palavras-chave**

Crise masculina, identidade, cultura contemporânea, mídia, subjetividade, Psicanálise.

### **Resumo**

Este artigo trata dos resultados parciais de pesquisa em andamento relativa à denominada “crise da masculinidade” contemporânea, realizando uma análise de como esta é retratada na mídia. A análise se utiliza dos operadores conceituais da Psicanálise e ciências sociais. Diversas frentes da mídia e ciências humanas advogam que na contemporaneidade, “o” homem passa por uma forte crise de gênero e identidade, fundamentalmente em virtude da mudança do papel da mulher no mercado de trabalho e suas novas performances nos relacionamentos. Este trabalho objetivou analisar as entrevistas apresentadas em uma revista de grande circulação nacional e realizar uma reflexão problematizada sobre a masculinidade para a teoria psicanalítica, sobretudo a partir das contribuições de Jacques Lacan e das teorias de gênero. Os resultados apresentados nesta primeira etapa são oriundos de pesquisa documental, tendo como fonte artigos referentes à masculinidade apresentados na revista *Veja* de agosto de 2003 a agosto de 2009. O corpo teórico de análise utilizado para tal remete à Psicanálise, teorias de gênero e Análise do Discurso. Os resultados indicam que a masculinidade como conceito na mídia retrata um homem universal, a-histórico, branco, heterossexual, membro de uma classe social definida. Também se observa o lugar complexo que o conceito de masculinidade ocupa na teoria psicanalítica, muitas vezes tomado como princípio natural e base constituinte do Outro do homem – a mulher, o homossexual, o negro e outras subjetividades divergentes, ora vistas como subalternas, ora como incompletas.

*Então não és aquele que decifra qualquer enigma?*

**Tirésias in “Édipo Rei”**

### **A IMAGEM, O CONTEMPORÂNEO, O SUJEITO**

Podemos afirmar que os verdadeiros regimes do mundo contemporâneo são marcados por diferentes ordenamentos semióti-

cos, imperativos existenciais e, sobretudo, por uma notável inflação das dimensões imaginárias dos sujeitos, imaginário esse regido pela lógica do espetáculo.

O espetáculo toma forma de diversas maneiras, mas parece ser na imagem e em ser visto, sobretudo através da mídia, que as possibilidades de ser ostentam maior importância (LASCH, 1983). A mídia, articulada ao primado da imagem e princípios capitalistas insidiosos, convoca os sujeitos a

1 Psicólogo, especialista em Saúde Pública/FioCruz, mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), professor visitante e integrante do Núcleo de Estudos da Contemporaneidade da Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, Brasil.

2 Psicólogo, mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (2003), Professor da Universidade Tiradentes, Aracaju, Sergipe, Brasil.

identificações com determinadas ideias, conceitos e políticas de existência. Através dos meios de comunicação, opiniões são apresentadas como retratos da realidade, quando de fato mais produzem essa realidade do que a retratam. O papel atual das mídias, tanto impressa quanto imagética, trata de veicular realidades em parte produzidas por elas mesmas, não sendo, portanto, o “espelho” da sociedade, mas elemento criador dessa própria sociedade.

Ao termos a imagem como primado, as identidades dos sujeitos serão fortemente afetadas, tendo em vista que a segunda é eminentemente constituída a partir da primeira. Tal compreensão da imagem como precursora do “eu” é resultado da teorização sobre a travessia do Estádio do Espelho, proposta por Jacques Lacan (1998). Em outras palavras, em determinado momento da estruturação da vida psíquica, nos identificamos com uma imagem especular total que nos é apresentada pelo olhar do Outro, sem que, todavia, a experiência de organização corporal corresponda a esse todo bem acabado. Entretanto, a apresentação dessa imagem nos oferece uma referência de ser, uma referência de “eu”, importante e fundamental para a constituição subjetiva. Nesse momento, a Psicanálise considera que o eu como tal está em grande parte fundado, constituindo parâmetros de referência de si para o sujeito. Essa referência está alienada, pois resulta do olhar do Outro, que nos indica quem somos.

Nesse momento mítico, quando supomos que “somos”, estaria constituída a noção de identidade; portanto, daí a importância e o risco para o sujeito em crer que é o que “parece” ser.

A identidade ou identidades, mesmo compreendida como múltipla, será uma formação imaginária e ilusória de perenidade, ao passo que o que temos, em verdade, é processualidade. Não há fixidez na cons-

tituição da subjetividade, mas sim processo permanente de constituição e desconstituição de sentidos e interpretações sobre nós mesmos e sobre o mundo. Daí o risco de os sujeitos, como temos presenciado no contemporâneo, serem interpelados pela crença de que o eu é soberano e, sobretudo, imagético: supor ser o que os outros veem e nos nomeiam. Esse processo de captura dos sujeitos pelo primado da imagem não é novo, mas certamente atinge níveis extraordinários na contemporaneidade ocidental, produzindo sociedades com egos inflados e, portanto, de natureza narcísica.

Compreendemos, portanto, que a instituição de modos de ser tomados como ideais atinge tanto os homens quanto as mulheres e todo o corpo social. Em maior ou menor medida, os sujeitos são interpelados por essa convocação midiática, que obviamente não afeta a todos da mesma maneira. A mulher é convocada a partir de determinados signos existenciais; os homens de outros. Os destinatários do apelo midiático, formador de demandas de consumo – em que agora a identidade é mais um artigo a ser consumido –, precisam ser compreendidos como *targets* publicitários, logo, as estratégias são variadas e pensadas em termos de a quem atingir, como e para que finalidade. A produção de determinadas feminilidades produz anseios específicos quanto à imagem da mulher ideal, passando pelo corpo, postura no jogo amoroso, no mercado de trabalho e – sobretudo – nos produtos a serem consumidos para que se aproximem desse ideal. O ideal nesse caso trata-se do produzido pela cultura contemporânea, calcado em um estereótipo de mulher branca, magra e preferencialmente, “sem idade” definida. Importantíssimo ainda destacar que o ideal na atualidade é tido como um projeto pessoal, uma questão de empenho dos sujeitos, no melhor estilo *self-made-man*. Em outras palavras, tudo

é supostamente possível, se o sujeito quiser de verdade.

O corpo ideal está ao alcance das mãos de qualquer um, desde que se trabalhe para tanto. A lógica individualista e superinflada de imaginário traz essa falsa lógica de que é possível abolir a falta e de que vivemos todos em igualdade de condições para atingir os objetivos propostos pelo capitalismo discreto - mas triunfante - que testemunhamos. Logo, entre as constituições de identidades possíveis e a formação ilusória de conceitos de si, a masculinidade também é ofertada como um produto no qual se distingue o que é um homem ou como esse homem deveria ser. Em recente revisão desenvolvida por nós, constatamos que o homem que figura nos informes publicitários é jovem, branco, bem-sucedido e de classe social indefinida, enfim, uma abstração (CABEDA; HOENISCH, 2009).

Diante de todas essas complexas problemáticas, cabem questões a serem problematizadas: que discursos a mídia apresenta, eliciando ordenamentos subjetivos? Dimensões como classe social e etnia são retratadas nessa apresentação midiática ou o homem retratado é um universal a-histórico?

Essas questões relevantes do ponto de vista da compreensão da organização da subjetividade masculina apresentam poucas pesquisas, sobretudo no Brasil. Estudar a masculinidade é um advento recente nas ciências humanas, remontando à década de 60 e 70, quando, segundo alguns autores, estes estudos têm os homens gays como sujeitos de pesquisa inicialmente. A proposição de que a mulher não nasce mulher, mas sim “torna-se”, localiza a condição da mulher como altamente problematizável e, por conseguinte, também desloca o lugar “natural” do homem desse estatuto. Inaugura-se assim um campo de investigações sobre a construção social do homem, da masculinidade e um incremento da discussão conceitual de gênero.

A dimensão política das investigações feministas alinha os gêneros a uma situação não somente relacional, mas de desnaturalização das identidades feminina e masculina, inclusive superando a dicotomia homem-mulher na medida em que, se existem muitas formas de ser mulher – elemento importante do ponto de vista analítico – também cabe ao homem o mesmo princípio. O homem universal e a-histórico é não somente uma pura abstração, mas se apresenta como um dispositivo teórico mais propenso a estabelecer equívocos do que servir de “espelho” do homem. Ao contrário do proposto pelas abordagens substancialistas, a masculinidade não só é efeito de complexas construções culturais como também se trata de uma construção frágil, portanto bastante distante de uma configuração de significados fixos ou naturais.

A temática da construção da masculinidade entra um pouco tardiamente na teorização e pesquisa de gênero por ter persistido durante tempo considerável a ideia de que o homem está “posto” como identidade, quase como uma condição naturalmente dada. Essa suposição de naturalidade provém da perspectiva da identidade masculina substancialista, usualmente associada ao sexo biológico e às teorias fisiológicas, em que a diferença hormonal seria por si só esclarecedora do ser do homem.

Há consenso entre os pesquisadores de que a obra inaugural dos estudos da masculinidade é o livro *Masculinity*, de R.W. Connel, publicado em 1995, no qual encontramos a convergência de princípios da Psicanálise e das Ciências Sociais na desnaturalização da condição masculina e formação da “identidade” do homem. Ainda que outros estudos tenham se colocado anteriormente como investigando segmentos masculinos a partir do conceito de gênero, provenientes dos estudos feministas, a obra de Connel é fundamental por ter articu-

lado ideias e achados de diversos vértices das Ciências Sociais (CARVALHO FILHO, 2008).

Diante dessa perspectiva inovadora na forma de pesquisar e compreender os significados de ser homem, descortinam-se, como campo de investigação, os dispositivos culturais e discursivos que as culturas apresentam como signos da masculinidade, feminilidade e papéis de gênero. Portanto, o homem e a mulher são efeitos semióticos de seu tempo, da dimensão sócio-histórica, de ordenamentos jurídicos e antropológicos. Ao pesquisar a mídia, grande outro dos sujeitos humanos, encontramos nela o “tesouro dos significantes”, que oferecem coordenadas aos sujeitos, que desde sua ontologia, são efeitos do olhar dessa alteridade fundadora.

Por tesouro dos significantes, nos referimos à perspectiva ontológica proposta pelo psicanalista Jacques Lacan (1998), que produziu interessantes perspectivas clínicas; ele é o autor de um sistema de pensamento que revolucionou a Psicanálise. Em sua construção teórica, o surgimento do sujeito se dá no encontro com a linguagem, aqui entendida como um sistema anterior ao advento de qualquer subjetividade. Ao nascer, o animal humano ainda não “é”, só será a partir de sua entrada no reino da linguagem; essa operação de ingresso se dará a partir do olhar da mãe – olhar aqui tomado como metáfora. Será então o infans incluído na rede, nomeado, dito e acolhido como um sujeito. Essa operação transforma quem exerce a função materna em Outro do sujeito, alteridade atemporal, que se construirá como uma suposição do sujeito, sede das fantasias e atribuições de aspirações, aspirações às quais o sujeito tentará atender, em sua cena inconsciente, por todo seu percurso existencial. O tesouro dos significantes é parte da ideia de que esse Outro detém as respostas para tudo, é capaz de tudo saber, de fornecer todos os sentidos.

É a essa representação poderosa que o sujeito humano dirigirá seus anseios, pedidos de ajuda, depositando seus ideais e perspectiva de futuro. A mídia – primordialmente a imagética, mas também em grande escala a impressa – fornecerá então a encarnação imaginária do Outro, como se as repostas de quem se é o ou o que vai se fazer lá residisse. Não que não houvesse antes na humanidade outras encarnações para o Outro. A cultura é a encarnação do Outro por excelência, sobretudo por não podermos dissociar cultura e linguagem, tendo em vista que ambas são ordenadoras da produção de sentidos e são os sentidos que nos orientam no labirinto do existir (BERNARDES; HOENISCH, 2003). Como devemos nos identificar, o que somos, o valor e poder que detemos é sempre um jogo relacional, a partir de um conjunto de significados e das posições que habitamos na cultura. Homem, mulher, branco, negro, sempre se tratará de um jogo móvel. Mais do que papéis, lugares simbólicos e políticos que habitamos do ponto de vista linguístico-cultural. Só “somos” na interpretação e a interpretação advém do olhar do Outro, dessa entidade mítica e, no fim das contas, inexistente, como o final do percurso analítico demonstra.

Os critérios de final de análise são temática controversa no meio psicanalítico, tendo Freud escrito um artigo específico sobre isso, denominado “Análise terminável e interminável”. Em linhas gerais, a partir do referencial lacaniano, um dos elementos que compõem o final do percurso analítico é a constatação de que não há grande outro, reduzindo-se significativamente a alienação do sujeito e produzindo uma posição subjetiva diferente da do início da análise. As verdades que se buscam são em parte produzidas pelo próprio sujeito que as julga descobrir, trazendo, portanto, um grande grau de implicação com os acontecimentos da vida e nos destinos da neurose.



O sujeito se depara, portanto, com um conjunto de significantes e sentidos que o colocam em determinadas posições de sujeito, que evocam estratégias específicas em um jogo relacional de sentidos e significados. Essa localização no confronto de significantes interpeladores das subjetividades produz uma lógica relativa de nossas posições como sujeitos falantes e políticos. O conceito de significante é originalmente desenvolvido por Ferdinand de Saussure, em um livro clássico denominado “Curso de Linguística Geral”, no qual o conceito de significante é apresentado como “imagem acústica”, colado ao significado de uma determinada palavra, havendo ainda a primazia do significado sobre o significante, formando ambos o signo linguístico. Lacan realizará uma reversão na construção de seu conceito de significante, postulando a primazia deste sobre o significado. Portanto, a produção de significado é móvel, relativa e plural em relação ao significante, pois só sabemos o significado de uma sentença ao final de sua enunciação. O significante será ainda a matéria da qual o sujeito é constituído e falado como tal, estando, portanto, emaranhado permanentemente nos significantes.

Todavia, o discurso do capitalismo contemporâneo parece ter homogeneizado as diferenças e tem apresentado sistematicamente modelos coercitivos de subjetividades para corpos, prazeres e formas de ser. A constituição da subjetividade é polifônica e efeito do cruzamento do corpo biológico com a palavra, os signos linguísticos e com a interpretação. A Psicanálise e a Análise do Discurso consideram impossível ao sujeito humano não interpretar e, ao interpretar, ao tomar o Outro como espelho, o reflexo obtido traz fatalmente as coordenadas do que se é ou do que deve ser. Por isso o papel tão relevante da mídia como interpeladora do desejo, como produtora de uma política desejante, instigando os sujeitos a desejar de

uma forma determinada, de uma maneira pré-estabelecida.

A análise dos discursos de apresentação das masculinidades na mídia permite-nos refletir sobre que ordenamentos estão sendo apresentados aos homens como subjetividades desejáveis ou possíveis, o que pode, em diversos momentos, mascarar diferenças substanciais sobre o homem retratado e o homem que vivencia a masculinidade no contemporâneo

### **MÍDIA, CONSUMO E FORMAÇÃO DE IDENTIDADES PRÊT-À-PORTER**

O papel da mídia na contemporaneidade tem se apresentado como um elemento de construção cultural, subjetiva e política de importância considerável. Os meios de comunicação de massa não se limitam a espelhar o mundo e a realidade, como já nos referimos. Ao se colocar como espelho da realidade, tanto a mídia impressa quanto escrita interpelam os sujeitos destinatários, convocando-os a ocupar determinadas performances sociais ou incorporar identidades preestabelecidas. A mídia contemporânea nos sugere modos de “ser” tidos como ideais, sobretudo certas identidades apresentadas como aquelas que conduzem ao sucesso nos moldes da sociedade de consumo: corpos magros, ricos, felizes.

Logo, a mídia hoje não apresenta concorrência em termos de hegemonia de normatização de formas de ser. Somos convocados a nos depararmos com um conjunto enorme de signos e formações discursivas que têm efeitos subjetivos importantes. Segundo Bucci e Kehl (2004), ao referir-se à televisão especialmente, a mídia engendra subjetividades, porque houve um triunfo da lógica de mercado como nunca visto. Tudo é mercadoria: o corpo, a imagem, as identidades. Sempre calcada no marketing pessoal, a vida contemporânea é apresentada como uma busca sem fim pelo status de celebri-

dade, dos quinze minutos de fama, colocados como direito de todo indivíduo. Nessa busca, ordenada, portanto, a partir do primado da imagem, o ser homem, mulher ou sujeito na partilha dos sexos parece também surgir como eminentemente calcadas no “sujeito do consumo”, que consome e é feito para consumir. Beleza, corpo, roupas, carros, tudo parece traduzir o status econômico de um sujeito, quando se é o que se possui. Portanto, estamos diante de uma inflação da dimensão imaginária.

O conceito de dimensão imaginária do eu remete-se ao postulado por Jacques Lacan como um dos registros fundantes da subjetividade, que tem seu momento maior no denominado “estágio do espelho”. Segundo esse autor, neste momento a criança se depara com uma imagem de unidade, refletida no olhar do outro, que usualmente é a mãe. Encontra uma imagem de si completa e, na maior parte das vezes, jubilosa. O olhar do outro nos funda e, ao nos identificarmos com essa imagem, somos. Trata-se aqui dos fundamentos do eu (je), dos rudimentos de uma conformação egoica frágil, pois alienada. A alienação está em somente “ser” diante do outro e a partir do que aquele outro julga que somos. Trata-se de um momento importante, estruturador e fundamental para a constituição da imagem do eu e da identidade. A identidade é por princípio uma imagem, uma formação imaginária, que norteia as trilhas e percursos do sujeito. Mas não traduz a organização total da subjetividade, pois, ainda acompanhando Lacan, somos constituídos por três registros que se afetam mutuamente: real, simbólico e imaginário.

Nenhum dos registros pode ser tomado como separado um dos outros ou prioritário, pois se organizam em um processo complexo de afetação mútua. Todavia, os riscos de uma inflação imaginária, de tomar o eu (je) como Eu (moi) resulta na organiza-

ção de uma subjetividade errática e frágil do ponto de vista do simbólico.

Encontraremos na formação da subjetividade contemporânea justamente essa pobreza simbólica, a busca de se balizar como sujeito a partir da imagem, do real do corpo biológico. Ao tomarmos a imagem pela totalidade, estamos mergulhados no registro máximo da alienação, mas tomados de convicção de que se trata de nossas escolhas, pois esse sujeito da imagem é eminentemente narcísico, portanto, capturado pela imagem de si e consideravelmente fechado à alteridade que eventualmente venha a não confirmar esse primado imagético.

Se essa configuração contemporânea está assim colocada, é de vital importância lembrar que as diferentes mídias veiculam imagens, produzem concepções imagéticas, na forma como esse sujeito, afetado pelas reordenações que o capitalismo contemporâneo e a sociedade do efêmero incorporam. As mídias enaltecem o império das imagens em níveis nunca antes vistos, sobretudo em virtude de a sociedade hoje ser mais do que nunca a sociedade do espetáculo, na qual a realidade passa a ser a construção dos reality shows, fenômeno marcante dos anos 2000, como nos apontam Bucci e Kehl (2004). Trata-se de um interessante paradoxo: buscam-se nos veículos de comunicação de massa - eminentemente ficcionais - os fundamentos da realidade; uma busca tautológica, portanto. Ao apresentar, então, as identidades, aqui tomadas como dimensão imaginária dos sujeitos, constituidora da subjetividade (sem dúvida, um vértice importante dessa), as mídias produzem imbricados processos identificatórios, fornecendo as coordenadas para que os sujeitos se reconheçam e se posicionem, inclusive no campo da divisão das diferenças sexuais.

A mulher, o homem, a criança, as diferentes figuras sociais do século XXI pas-

sam pela depuração midiática, que institui comportamentos e aponta como o sujeito, para ser considerado pertencente a um dos sexos, deve se vestir, comportar, agir, amar e fazer sexo. Por se tratar de veículos de comunicação de massa, as mídias, propagandas e apelos de marketing fatalmente apresentam formas hegemônicas dessas subjetividades, portanto, identidades *prêt-à-porter*, colocadas como roupas a serem consumidas. Exatamente como nas roupas de griffe, que se colocam como particularmente constituídas para uma pessoa com estilo, diversas pessoas vestem a mesma roupa singular e usam o mesmo perfume “único”, logo tendo todas o mesmo estilo.

Observamos, portanto, que escapar da lógica de mercado e do capitalismo mundial integrado não é uma tarefa simples. A constituição das identidades e das subjetividades é consideravelmente afetada por esses movimentos coletivos das mídias, que reduzem o desejo à vontade de consumir, portanto, justamente, calando o desejo (BUCCI; KEHL, 2004).

Triunfa, portanto, o sujeito da necessidade, não o sujeito do desejo. E a necessidade é resolvida, nas miríades da contemporaneidade, por objetos de consumo: corpos, celulares, etc. A falta, elemento importante e intimamente ligado ao funcionamento do desejo, é ficticiamente obturada com imagens, instrumentos, rótulos. A masculinidade e a feminilidade seriam, então, nada mais do que rótulos ofertados no balcão do contemporâneo? Essa discussão constitui-se tema bastante controverso e espinhoso. É fato que nascer biologicamente homem (xy) ou biologicamente mulher (xx), portando, dessa forma, determinados “documentos sexuais”, é inegável. Entretanto, como os estudos feministas muito bem problematizam, ser macho ou fêmea não é ser homem ou mulher, justamente porque sobre o real do corpo repousa um conjunto infinito de

insígnias da masculinidade e da feminilidade, determinando os destinos políticos e sociais dos sujeitos, incitando condutas e pensamentos possíveis e outros tantos interditos.

As interdições e formações imaginárias concernentes à divisão dos sexos foram altamente questionadas com o advento do feminismo, desde a *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir (1980), de quem provém a máxima amplamente difundida: “a mulher não nasce mulher, torna-se” (p.183). É importante destacar que Freud já havia colocado essa mesma questão anos antes, ao discorrer sobre o desejo feminino e sua subjetivação. Em certa medida, toda mulher é inventada, pois não haveria um registro único da mulher, um todo da mulher ou “A” mulher, como coloca Lacan. Desde a perspectiva psicanalítica, a questão do tornar-se mulher foi bem aceita e discutida, deixando a reflexão de como um sujeito se torna homem intocada. Quase se coloca a masculinidade como um dado natural, um suposto lógico inquestionável. Muito recentemente, a posição de masculinidade “natural” começa a ser relativizada. De que homem se fala? Como os homens se articulam? Constroem suas representações de masculinidades todos da mesma forma? Antes de atingir os nichos psicanalíticos, essas perguntas brotam das questões colocadas aos homens pelos estudos feministas. Surgem aí os denominados “estudos da masculinidade” ou “masculinistas”.

## AS ORIGENS DOS ESTUDOS DA MASCULINIDADE

As investigações concernentes à masculinidade, como o homem se identifica como tal, como se produzem suas maneiras de ser, suas subjetividades, são marcadamente mais tardias do que estudos feministas. A condição da mulher, as armadilhas construídas para submissão do feminino e

sua suposta inferioridade natural foram amplamente problematizadas e investigadas já a partir da década de 50. Em contrapartida, os estudos da masculinidade, ou Estudos do Homem, iniciam-se na década de sessenta, principalmente nos Estados Unidos. Compreende-se que o surgimento dos *men's studies* é reflexo da própria desnaturalização da condição da mulher, que, ao desalojar a feminilidade de seus mitos, produz também uma leitura sócio-histórica do fazer-se homem, conforme nos indica Cecchetto (2004).

As políticas de submissão da mulher, muitas vezes calcadas em uma visão substancialista, foi consideravelmente desconstruída pelos estudos feministas, evidenciando mais uma lógica patriarcal na produção de subjetividades femininas do que uma suposta natureza da mulher, frequentemente colocada ao lado do registro da fragilidade, incapacidade e debilidade física. Ao se colocar em xeque esses registros das subjetividades femininas, as masculinidades também serão questionadas.

No processo de afastamento dos mitos que circundavam a condição feminina, a questão de que a mulher e o homem como sujeitos transcendiam a corporalidade biológica acabou por proporcionar as condições de possibilidade para o surgimento do conceito de gênero. O gênero, como categoria analítica, surge exatamente para afastar a condição da mulher de sua biologia, colocando em evidência que as diferenças entre homens e mulheres não é de ordem natural, mas cultural e politicamente produzida. Se a assimetria de gêneros é ordenada em um complexo sistema semiótico, linguístico e cognitivo, será necessário compreender como esse processo se dá e quais seus efeitos nos sujeitos envolvidos.

Seria o homem então forte, provedor e mais resistente às emoções do que a mulher? Ou essa imagem seria também efeito de uma política identitária machista? Esse

questionamento propulsiona investigações nas ciências humanas com o intuito de desvendar essa constituição. Que ordenamentos simbólicos fazem de um sujeito um homem, para além da dimensão física? Estabelece-se a partir desse movimento de pesquisa uma desconstrução do modelo oitocentista consagrado de masculinidade: forte, austero, provedor. Essa visão, ainda predominante no imaginário social, estaria desde a década de 70 passando por uma revisão de suas bases substancialistas.

A problematização do referido substancialismo, sobretudo nas pesquisas na área das ciências humanas, foi propulsora da ideia de que o homem tradicional vive um descentramento identitário e uma crise de falta de referenciais. É nesse sentido que vários pesquisadores discorrerão sobre a masculinidade, como Badinter (1993).

### AS POLÍTICAS DE IDENTIDADE E A PRODUÇÃO DA SUBJETIVIDADE A PARTIR DA PSICANÁLISE

Uma dimensão fundamental na construção dos estudos das masculinidades é a dimensão das políticas de identidade, que já estão colocadas nos estudos feministas e que tomam agora novas matizes nas masculinidades. Os estudos iniciais surgem relacionados às formas não heteronormativas da subjetividade masculina, sobretudo investigações junto a grupos gays e travestis e como se significam e constroem as masculinidades nessas condições identitárias. Em outras palavras, constituir-se como homem implica uma política de negociação de significados sobre a produção de sentidos da masculinidade, do feminino e dos elementos que são considerados pertencentes a um gênero determinado ou não.

O macho, o indivíduo geneticamente XY, não é o homem, posto que denominar-se homem ou mulher é excluir determinados comportamentos e falas do campo da

masculinidade – como no caso dos comportamentos considerados homossexuais. Ao produzir sentidos sobre a nominação de um sujeito homem, mulher ou não homem, estamos diante de uma produção semântica, uma produção de sentidos que permite reconhecer categorias e se somos ou não pertencentes a estas categorias. Em outras palavras, trata-se de apontar como se organiza a questão de gênero ao qual o indivíduo pertence, retratando-se na partilha dos sexos.

Dessa forma, os processos de constituição da subjetividade podem ser considerados como advindos de diferentes esferas. A subjetividade, no presente trabalho, mais do que uma questão de ordem individual, está relacionada a como nos tornamos o que somos (BERNARDES; HOENISCH, 2003). O conceito de subjetividade utilizado por nós advém do campo da Psicanálise, sobretudo a freudo-lacaniana: efeito do encontro do real do corpo com a cultura, denominada aqui como primeira alteridade, Outro do sujeito humano.

A compreensão psicanalítica do sujeito o supõe como efeito do discurso, como uma síntese da cultura que gera um reconhecimento de si mesmo, ainda que esse reconhecimento seja cindido e incompleto. Essa incompletude é descrita por Freud (1929) como a inevitável fratura que a existência dos processos inconscientes imprimem ao ser. Longe da unidade suposta, que tanto fascina o homem da razão – sobretudo após Descartes – o homem seria para a Psicanálise não um ser dos instintos, mas um ser equivocado e inebriado em uma síntese impossível de ser operada pelo Eu. O caráter processual da subjetividade implica dizer que o sujeito é tributário do Outro inevitavelmente e, ao nos reconhecermos no discurso dessa alteridade, nos humanizamos (LACAN, 1998). Segundo Lacan, o advento do eu – que pode ser

considerado em termos teóricos a sede da identidade, ainda que de maneira ilusória e incompleta – se dá no estágio do espelho. Considera-se este estágio o momento em que o bebê humano encontra sua imagem completa no espelho, mostrando uma realidade imaginária de unidade, contrária à experiência sensório-motora vivenciada, que é de fragmentação da unidade corporal. Essa identificação funda o eu, o ideal-do-eu e o eu-ideal (ROUDINESCO, 1998).

Esses três conceitos serão fundamentais para os ordenamentos subjetivos futuros, que o eu terá parte considerável no inconsciente e o ideal-do-eu e eu-ideal serão predominantemente inconscientes. Ao alienar-se nessa primeira identificação com uma imagem que não é sua, mas na verdade efeito do olhar do Outro – que aqui ocupa o lugar de espelho – funda-se um equívoco fundamental do sujeito, que é supor ser idêntico a si mesmo. Esse idêntico a si dá ao eu a falsa ideia de perenidade, de lógica, de consistência. Enfim, do ponto de vista da ilusão, dá a ideia da existência de uma identidade, articulada ao sentido de “idêntico a si mesmo”. Uma ideia de eu soberano.

Essa ideia de identidade oferecerá aos sujeitos um mapa de condução de si dentro dos enlaces identificatórios com os grupos, situações e atos que pareçam indicar a que grupos se pertence ou quem se é. Mesmo do ponto de vista da compreensão de que a identidade é pluriprismática, do ponto de vista psicanalítico, detrás da suposta amarração firme da identidade, o que temos é somente um conjunto de linhas. Essas linhas, como em um novelo, se entrecruzam, sendo cada uma delas fragmentos de identificações produzidas a partir do olhar do Outro, não apresentando a consistência que o sujeito da consciência supõe, mesmo ao se colocar como um sujeito indeciso ou inseguro de si mesmo.

Ao enunciarmos “eu sou”, constitui-se aí uma suposição de si. Então, diante do jogo de significados encontrados no campo da cultura, veículo dos significantes do Outro, o sujeito pode ser interpelado pelos sentidos presentes na mídia que oferecem “identidades” e formas de ser preestabelecidas. Ao nos identificarmos com os enunciados mestres presentes no discurso midiático, não o tomamos como externos, mas exatamente como nossos tradutores, ou seja, desvendadores de atributos que reconhecemos como familiares, ainda que esse reconhecimento seja falso.

Por isso a não existência da consciência de sermos convocados pelo apelo da mídia. A própria interpelação traz embutida em si uma característica pseudonatural e familiar. Portanto, sempre se trata de um jogo de política de significados, no qual os diferentes segmentos do espaço público buscam a afirmação de diferentes formas de ser e estar no mundo. Sendo esse um mundo da palavra e do simbólico, sempre se trata de manter ou sustentar políticas de ser e enunciações, engendradoras da subjetividade.

## **NOTAS METODOLÓGICAS E ANÁLISE DOS DADOS**

Para análise do material pesquisado, optou-se pelo uso da metodologia documental, apoiando-se em artigos de uma revista de grande circulação nacional. O período de análise das reportagens que tratassem do homem, masculinidade e crise, compreende de agosto de 2003 a agosto de 2009. As reportagens foram coletadas no banco de dados virtuais da revista *Veja* (na versão virtual não foi disponibilizado o nome dos autores). A revista *Veja*, além de ser o semanário de maior circulação de seu gênero, também mostra grande importância na formação da opinião pública no Brasil.

Uma vez catalogadas as reportagens, fez-se uso da Análise do Discurso para identificar os enunciados mestres das re-

portagens, como o homem é apresentado e que sugestões de significação são atreladas a essa apresentação. Os artigos foram selecionados a partir das palavras-chave “homem”, “crise” e “masculinidade”. Destes, foram selecionados sete artigos (“O triunfo da vaidade”, “A intenção é brilhar”, “O homem em nova pele”, “O sexo oprimido”, “Geração canguru”, “Acomodados no ninho” e “Daqui eu não saio”), tendo como critério de escolha a abordagem do fenômeno de maneira profunda e apresentando entrevistas de homens que discorriam sobre o tema abordado.

Como os estudos qualitativos não se propõem a generalizações e universalizações por amostragem, mas análises cuidadosas da construção dos fenômenos, não houve preocupação em construir uma mostra significativa do ponto de vista estatístico. O estudo das entrevistas foi construído com o objetivo de compreender a manifestação de um fenômeno midiático e sua lógica ao apresentar este fenômeno, construindo assim uma rede discursiva, passível de categorização, realizada a partir da Análise do Discurso (AD).

A Análise do Discurso, segundo Orlandi (1999), não se preocupa somente com o conteúdo do discurso, mas como este discurso significa, produz sentido, seu contexto enunciativo, expressando as possíveis afetações junto ao universo de referência dos sujeitos investigados. A mídia não opera em uma mera relação de emissão e resposta, portanto o sujeito leitor não é uma folha em branco a ser docilmente preenchido pelas ideias da mídia. Como já vimos, os dispositivos de cooptação midiáticos, quando ocorrem, são mais sutis e apelam às dimensões de ideais de ser, de Eu Ideal, das dimensões não cognitivas e racionais do sujeito.

A Análise do Discurso, conforme utilizada no presente trabalho, produz um mapa enunciativo, uma configuração de elementos semióticos que podem capturar

o observador, levando-o à produção de sentidos extrínsecos à consciência e ao Eu que enuncia. Portanto, os procedimentos analíticos operam não somente com as enunciações produzidas, mas também com o contexto enunciativo, no caso da revista *Veja*, as imagens, fotografias e links textuais presentes nas reportagens.

### **O HOMEM DA MÍDIA: BOA APARÊNCIA, EM CRISE, SEM ROSTO.**

A produção textual investigada até este momento da pesquisa resultou na construção de categorias analíticas que apontam elementos interessantes tanto por sua presença quanto pela ausência. A produção semiótica das reportagens aponta uma política de identidade unilateral, a universalização de uma suposta crise da masculinidade decorrente das mudanças no conceito de feminilidade. Partidária de uma posição relacional dos gêneros e, portanto, binária, segundo as reportagens da revista, a mudança da mulher desestabiliza o ser do homem. As reportagens analisadas, portanto, postulam a interdependência na diferença dos sexos.

O homem retratado na mídia é múltiplo e, ainda assim, uma abstração histórica. Apesar de as reportagens indicarem um recorte no tempo e no espaço, referindo a crise do masculino como datada no tempo, efeito da evolução do feminismo e das posições da mulher, este homem datado é o homem de classe média, não parecendo haver, nas formações discursivas da revista, espaços para outras subjetividades masculinas.

As versões apresentadas do homem e da masculinidade são curiosamente repletas de ausências: não se indica classe social, idade, cor ou orientação sexual. O homem é “o” e todos são o “um”. Chama a atenção também a indicação de que o homem, ingressando em uma posição antes reservada à feminilidade, portanto posição de objeto de desejo, agora também se preocupa com

a estética. Assim, as reportagens trazem depoimentos do “novo homem”, agora interessado para além do sofrimento por não saber mais quem é (o macho provedor oitocentista), um homem voltado para a beleza e para certo prolongamento da adolescência, nomeado pelas reportagens como “geração canguru”.

Os cangurus e os metrossexuais seriam as novas faces do masculino, as novas buscas de uma subjetividade reordenada. Se os cangurus aparecem como homens voltados para uma permanência prolongada na casa dos pais, os metrossexuais, por sua vez, apropriam-se abertamente de elementos considerados como femininos. Daí a profusão de brincos, brilhantes, anéis, depilação, cremes e busca por uma aparência mais jovem e bela.

A preocupação do homem com o corpo não é nova. Sabe-se que a força esteve relacionada ao homem através das culturas assim como a beleza foi considerada atributo feminino. Entretanto, a preocupação dos homens com o corpo seria agora de uma natureza antes reservada à mulher: não basta um corpo forte, é preciso um corpo belo. Daí a profusão de intervenções estéticas voltadas para lipoescultura, injeções de metacrilato no peitoral e bíceps, clareamento nos dentes, botox e afins. O homem, de acordo com as reportagens investigadas, redescobre o corpo, agora sendo necessária, quase que obrigatória, a manutenção da beleza e da juventude, o que sugere certa histericização do homem focada no corpo, fato menos comum mesmo nos casos de histeria masculina. O fator juventude para o homem não apresenta ainda a mesma normatividade que para a mulher. Ao homem ainda é permitido aparentar a idade que tem desde que agora, com um corpo belo. Associada a essa demanda, segundo as reportagens, o homem seria atormentado pelas mesmas questões que a mulher, em escalas menores.

## **UM SIGNIFICANTE AUSENTE? CLASSE SOCIAL, CONFLITO, INVISIBILIDADE**

A temática da classe social é um atravessamento temático importante para compreendermos a que homem a mídia retrata e que espaços de visibilidade destina aos homens que não se enquadram no modelo desejável de consumidor de classe média. Estariam os homens não pertencentes às classes de consumo privilegiadas nessas apresentações midiáticas? Sofreriam os homens da mesma maneira ou os sujeitos de fora do mercado de consumo se apresentam como masculinidades invisíveis? As reportagens investigadas no presente trabalho indicam uma ausência considerável de diferenças entre os homens, classificando-os todos como homens médios, às voltas com conflitos comuns, independentemente de condições econômicas, cor e nível de escolaridade.

As considerações sobre classe social, capital cultural e outras variáveis relevantes na construção da subjetividade masculina simplesmente ficam de fora na apresentação desse homem na mídia, preocupado com questões de ser pai, marido, homem. Ao obnubilar as diferenças entre os homens, obnubila-se a classe social e o conflito, reduzindo todos à classe de consumidores. Se o homem pobre, negro, morador de uma favela brasileira pode comprar o mesmo produto de barba que o da classe média, estariam os dois, em tese, no mesmo lugar de sujeito: o lugar de comprador.

## **A OUTRA AUSÊNCIA: OS HOMENS INVISÍVEIS**

Estas idéias, em que pese sua atração para explicar como o homem estaria se colocando hoje na sociedade do espetáculo, onde o Eu é o show, continuam todavia insuficientes para a força normativa e homogeneizante apresentada pela revista. Se o homem que comparece nas páginas da revista é um homem preocupado em se

manter bonito e em situação confortável economicamente, ao que parece, homens de registros sociais diferentes vivenciam a masculinidade de maneira diferente. O fenômeno “geração canguru” é bastante ilustrativo do risco de erro em trabalharmos com supergeneralizações.

O problema habitacional no Brasil, ainda que se tenha um país de proporções continentais, é dramático. Encontramos uma grave situação de moradia e divisão da terra e meios de produção no país, de forma que nas classes menos favorecidas, desde muito tempo os filhos casam e continuam vivendo junto dos pais, quer seja na mesma casa, quer seja em um terreno contíguo. Logo, o fenômeno de permanência de homens junto às suas famílias pode ser bastante problematizável. Esses homens também podem permanecer junto às suas famílias, mesmo após os quarenta anos. Mas seria esse o desejo deles ou uma condição de contingências? É bastante provável que tenham experiências subjetivas e formas de experimentar a masculinidade bastante distantes das crises ilustradas nas reportagens investigadas.

O homem com menor poder aquisitivo pode ter outras formas de experiências com a corporalidade e expressão do masculino. Da mesma maneira que a mulher, nem todas vivenciando a tão alardeada liberação feminina, nem todos os homens são afetados por uma suposta fragilização de seu papel provedor. O homem pobre, que não consome muito, está à margem da sociedade de consumo, não é um homem entrevistável, nem seus depoimentos serviriam para eliciar e ratificar as novas necessidades de mercado, que surgem imbricadas nas preocupações estéticas e com a construção de novos signos da masculinidade. O homem de fora das formações discursivas das reportagens não é um homem efeito da disciplina do corpo, na verdade, trata-se de um homem silenciado.



## Keywords

Man crisis, identity, contemporary culture, media, subjectivity, psychoanalysis.

## Abstract

*This article deals with the partial results of a current research on the “crisis of masculinity” in contemporary society, analyzing how the media expose it. The analyses utilizes the psychoanalysis and social sciences operating concepts. Under different aspects, the media and human sciences argue that in contemporary times, “the” man undergoes a strong crisis of gender and identity, primarily due to the changing role of women in the labor market and their new roles in relationships. This study focused not only on analyzing the interviews presented in a magazine of wide national circulation but also on reflecting about the masculinity under the psychoanalytic theory, especially from the contributions of Jacques Lacan and the gender theories. The results presented in this first part came from a documentary research, whose sources were the articles regarding masculinity presented in *Veja* magazine, from August 2003 to August 2009. The analysis theoretical framework used as reference comes from the psychoanalysis, gender theories and discourse analysis. The results indicate that masculinity as a concept in the media shows a universal, without timeline, white, heterosexual man, member of a defined social class. It also shows the complex place that the concept of masculinity occupies in the psychoanalytic theory, often taken as the base and natural principle of another man - the woman, homosexual, black and other divergent subjectivities, sometimes seen as menial and sometimes as incomplete.*

## Referências

- BADINTER, E. XY: Sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BERNARDES, A. G., HOENISCH, J. C. D. Subjetividade e Identidades: Possibilidades de Interlocução da Psicologia Social com os Estudos Culturais. In: BRUSCHI, M. ; GUARESCHI, N. M. *Psicologia Social nos Estudos Culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. p.95-126.
- BUCCI, E; KEHL, M. R. *Videologias*: Coleção Estado de Sítio. São Paulo: Boitempo, 2004.
- CABEDA, S.; HOENISCH, J. C. D. *Crise do homem ou masculinidades invisíveis? O homem na revista “Veja”*. In: Trabalho publicado nos anais do Foro de Psicoanálisis y Género - IX Jornadas Internacionales de Actualización, Buenos Aires, nov. 2009.
- CARVALHO FILHO, S. de A. *A masculinidade em Connell: os mecanismos de pensamento articuladores de sua abordagem teórica*. In: XIII Encontro de História Anpuh-Rio: Identidades, 2008, Rio de Janeiro. XIII Encontro de História Anpuh-Rio: Identidades. Anais Complementares, 2008.
- CECCHETTO, F. R. *Violência e estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.
- FREUD, S. *Mal Estar na civilização* [1929]. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. XXI.
- FLICK, U. *Introdução a pesquisa qualitativa*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LASCH, C. *Cultura do narcisismo: A vida americana numa era de esperanças e clínica*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

REVISTA VEJA. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/> 2003 - 2009.

ROUDINESCO, E. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

### **Tramitação**

Recebido: 31/05/2010

Aprovado: 05/07/2010

Nome do autor responsável:

Julio Cesar D. Hoenisch

Endereço: Rua Marques de Monte Santo,  
nº 59, ap. 203

CEP: 41940-330 - Salvador - BA

Fone: (71) 3013-5663

E-mail: cesarhoenisch@gmail.com

# *Nachträglichkeit: leituras sobre o tempo na metapsicologia e na clínica*

## *Nachträglichkeit: readings about time in metapsychology and clinic*

---

Luís Maia<sup>1</sup>

Fernando César Bezerra de Andrade<sup>2</sup>

### **Palavras-chave**

*Nachträglichkeit*, só-depois, metapsicologia, clínica psicanalítica, alteridade.

### **Resumo**

A noção de tempo, ao longo da história da psicanálise e da constituição da metapsicologia, reflete concepções variadas, primeiramente acerca da dinâmica do trauma, mas também acerca do psiquismo e, neste, particularmente, sobre o inconsciente e sua investigação. Dependendo da perspectiva teórica assumida, desde Freud até seus sucessores, a adoção de uma ou outra dessas concepções implica consequências que, na história da psicanálise, ora a aproximam, ora a distanciam do conhecimento acerca de seu objeto. Neste artigo, resenham-se as análises que Jean Laplanche (2006) e Jacques André (2009) fazem sobre o tempo, a partir do exame da noção de *Nachträglichkeit*, para realçar uma tese convergente entre ambas: há no *só-depois* uma tensão permanente que, se metapsicologicamente desconsiderada, aponta para a inconsistência teórica e para o risco de uma hermenêutica, com o desaparecimento do trauma no modelo explicativo do psiquismo. Ambos os autores veem no trauma originário a necessária presença da alteridade inerente a um outro e concordam que a repetição transferencial, ao reabrir esse trauma, cria as condições para a sua elaboração: se o trauma original aconteceu num encontro com outro humano, só um outro encontro poderá reabri-lo.

Em seu relatório para o “69º Congresso de psicanalistas de língua francesa”, que aconteceu em Paris, sobre o tema do *après-coup*, Jacques André (2009) relembra que a descoberta do conceito, em 1953, por Lacan, sessenta anos depois das primeiras considerações freudianas, constituiu-se, na verdade, numa redescoberta, ela própria, *après-coup*. Nos últimos tempos, como se quisesse recuperar o tempo perdido nesse grande silêncio, a comunidade psicanalítica tem se debruçado sobre o tema, na constatação de sua importância tanto teórica quanto clínica.

Com o objetivo de subsidiar essa discussão, resenhamos a problemática através de duas obras: o curso de Jean Laplanche sobre o *après-coup*, no ano letivo de 1989-90 (LAPLANCHE, 2006), e o referido relatório de Jacques André. Os dois trabalhos se complementam: o primeiro, fazendo uma revisão crítica da evolução do conceito na obra de Freud; o segundo, considerando também a posteridade freudiana e articulando o conceito à clínica.

Sobretudo, entendemos que ambos convergem para o mesmo argumento: já em Freud, até seus sucessores, a concepção

---

1 Psicanalista, sócio fundador da Sociedade Psicanalítica da Paraíba. Professor Titular aposentado do Departamento de Psicologia da UFPB.

2 Psicanalista, sócio da Sociedade Psicanalítica da Paraíba. Professor Adjunto do Departamento de Fundamentação da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPB.

psicanalítica de tempo (ou temporalidade), graças à história da metapsicologia e aos diferentes pressupostos epistemológicos que orientam as diversas correntes atuais, sofreu modificações que ecoam tanto na clínica quanto na teoria sobre a natureza e a origem do inconsciente. É, pois, necessário retomar o conceito de *Nachträglichkeit* para, com ele, reafirmar a importância de entender a temporalidade a partir dum contexto caracterizado pela intersubjetividade, em que os processos psíquicos estão constantemente às voltas com as vicissitudes próprias do (des) encontro com o outro humano - entre elas, algumas intrusivas e desorganizadoras, traumáticas, mais próximas do enigmático (Laplanche) e do imprevisto (André). Entender a temporalidade sem esse contexto, pois, é arriscar-se a rapidamente incorrer seja numa teoria genética que reduz o tempo psíquico a uma sequência cronológica de eventos predeterminados, seja num a-historicismo que identifica tempo e mito (remetendo, em última instância, à negação da importância e da razoável autonomia da experiência individual).

Para ressaltarmos essa convergência, faz-se necessário acompanhar o que cada um dos dois autores afirma sobre a *Nachträglichkeit*. Inicialmente apresentaremos um resumo da análise que Laplanche faz sobre o conceito, principalmente revisando a obra de Freud (num seminário ainda não traduzido para o português). Em seguida, apresentaremos os elementos essenciais das considerações que Jacques André faz sobre essa noção, particularmente ilustradas por casos que demonstram o ganho da adoção do modelo intersubjetivo para a interpretação da temporalidade na clínica.

Antes, porém, apoiados especialmente no trabalho de Laplanche, chamamos a atenção para uma dificuldade de tradução: na França, Lacan cunhou para *nachträglich* o termo *après-coup*, que acabou adotado

pela psicanálise francófona. “A unicidade do significante sendo um fio condutor infalível para seguir o fio flutuante dos significados” (LAPLANCHE, 2006, p.32), esta tradução acabou funcionando como um “revelador”, uma vez que o termo, posto “à prova do estrangeiro”, permitiu que o conceito aparecesse. *Après-coup* compartilha com *nachträglich* duas qualidades: é de uso corrente e guarda consigo a ideia do que sobrevém ao golpe inerente ao trauma. Nesse sentido, a tradução francesa acrescenta algo ao sentido do termo original (LAPLANCHE, 2006, p.27).

Tal não é o caso do português. *Nachträglichkeit* é palavra cuja densidade semântica não encontra equivalente único em nossa língua. No “Vocabulário da Psicanálise”, de Laplanche e Pontalis, o substantivo *Nachträglichkeit* e o adjetivo e advérbio *nachträglich* são traduzidos respectivamente por *posterioridade*, *posterior* e *posteriormente* (1991, p.33); no *Dicionário comentado do alemão de Freud*, de Luiz Alberto Hanns, pela expressão latina *a posteriori* e, numa concessão a uma das traduções de Strachey, por *ação diferida* (p.80). Aos termos mais próximos da linguagem culta (*posterioridade*, *posterior*, *posteriormente*) e à expressão latina da qual derivam (*a posteriori*), preferimos a proposta de Magno (2003), *só-depois*, claramente inspirada na tradução francesa, sugerindo o hífen a transformação da expressão corrente em conceito. Mais do que *a posteriori* e seus derivados – um sentido puramente temporal - *só-depois* (mesmo não expressando necessariamente a ideia do impacto inerente ao movimento traumático próprio à temporalidade psíquica) parece-nos dizer melhor da descontinuidade que o conceito implica, uma descontinuidade que é tanto da sua própria natureza quanto da história de sua emergência na obra fundadora. As três expressões

– *Nachträglichkeit*, *après-coup* e *só-depois* – devem, assim, ser aqui entendidas como indicando o mesmo conceito de temporalidade psíquica.

## O APRÈS-COUP NA LEITURA DE JEAN LAPLANCHE

A leitura laplanchiana do *après-coup* dá continuidade a um exercício rigoroso e refinado que caracteriza a obra desse psicanalista: retornando ao texto freudiano, Laplanche não se contenta em acompanhar o percurso do conceito no sistema de Freud, mas enxerga, naquela trajetória metapsicológica, as contradições inerentes à obra fundadora e as interpreta à luz dos principais argumentos da teoria da sedução generalizada (TSG), desenvolvida a partir de 1970.

Laplanche começa pela questão da tradução da palavra: *nachträglich* é um adjetivo e um advérbio da língua corrente; *Nachträglichkeit* é um substantivo, criado por Freud, que marca o aparecimento do conceito nos textos psicanalíticos. Esse conceito, no entanto, não figura como tal nos índices das *Gesammelte Werke* e, na *Standard Edition*, seu índice é “indigente” (LAPLANCHE, 2006, p.30), muito embora “estes termos sejam frequentemente empregados por Freud em itálico, para indicar a importância que lhes confere” (HANNNS, 1996, p. 80).

Se, apesar da indicação do próprio Freud, o termo não foi percebido como conceito pelos editores da edição alemã, na passagem para o inglês ele foi dissociado, segundo o contexto, em diversos sentidos da palavra, por vezes, muito diferentes, perdendo-se assim a unidade para a qual o uso de um mesmo termo apontava. Strachey traduziu-o ora por *deferred action*, ora por *subsequently*, *later* e *belatedly*. Uma passagem pelos “exemplos de uso em Freud”, a partir da tradução brasileira da *Standard Edition*, ilustra essa perda da unidade: *retardado*, *adiado*, *adendo*,

*só depois*, *subsequente*, *preterido*, *posterior* (HANNNS, 1996).

Se, com base na etimologia – para a qual enviamos o leitor às obras de referência – é possível começar uma crítica das traduções do termo existentes, Laplanche reconhece não ser possível alimentar a pretensão de desvelar a complexidade do conceito simplesmente a partir desse ponto de vista. Como a maior parte dos grandes conceitos, *Nachträglichkeit* *só-depois* se revela numa história, uma história com apagões e restabelecimentos, em grande parte, coextensivos aos avatares da teoria da sedução (LAPLANCHE, 2006, p.14).

Não foi, porém, no contexto dessa teoria que Lacan advertiu para a existência do conceito e cunhou sua tradução, mas, em *Função e campo da palavra e da linguagem*, num comentário a “O homem dos lobos”.

Freud exige uma objetivação total da prova enquanto se trate de datar a cena primitiva, mas supõe sem mais todas as ressubjetivações do acontecimento que lhe pareçam necessárias para explicar seus efeitos a cada viragem em que o sujeito se reestrutura, quer dizer nas reestruturações do acontecimento que se operam, como ele se exprime: *nachträglich*, *après coup* (LACAN, 1966, p.256).

Laplanche escuta, no contexto desse comentário, ecos de uma hermenêutica de inspiração heideggeriana e lamenta a falta, em Lacan, de um simples conhecimento (e, mais ainda, de uma reflexão) sobre a “teoria da sedução”. O certo é que Lacan não resolve o impasse entre o determinismo absoluto da história individual (necessidade do passado e contingência do futuro) e o futuro reestruturando completamente as contingências do passado (LAPLANCHE, 2006, p.21-23).

Na etapa seguinte da consolidação do conceito, situam-se as contribuições de La-

planche e Pontalis - em “Fantasia originária, fantasias das origens e origem da fantasia” (1990) e no “Vocabulário da Psicanálise” (1991) - e de Laplanche - em “Vida e morte em psicanálise” (1985) - textos em que se tratou de reinserir *nachträglich* no seu conjunto conceitual originário, o da teoria da sedução formulada por Freud.

A tese laplancheana sobre o *après-coup* pode ser assim resumida: a questão do *só-depois* aponta para uma filosofia psicanalítica do tempo e afirma: “o ser humano se temporaliza porque – e na medida em que – está numa relação originária ao outro”. “O motor da temporalização do ser humano é a relação ao outro originário”, não “um outro abstrato”, não “o Outro com maiúscula” de Lacan, mas “esse ‘outro’ que é o adulto para a criança” (LAPLANCHE, 2006, p.12).

Para demonstrá-la, em seu curso, Laplanche examina minuciosamente cinco momentos da obra de Freud, principalmente em torno dos “Estudos sobre a histeria”, das “Cartas a Fliess”, do “Projeto para uma Psicologia Científica” e n“O homem dos lobos”.

1. Antes da teoria da sedução, na vigência da teoria catártica: A primeira aparição do conceito, no caso Elisabeth von R., nos “Estudos sobre a histeria”, pretende explicar o que acontece com pessoas, predispostas à histeria, que cuidam de doentes graves por um longo período de tempo. As emoções que, no momento dos cuidados, não puderam manifestar-se, ficam como que retidas – “histeria de retenção” - até que o doente, por exemplo, morra, para só então serem liberadas, *só-depois* liquidadas. O que, numa primeira leitura, poderia ser visto na perspectiva puramente econômica da teoria da abreação, aponta, nas considerações do caso, para uma elaboração que anuncia o que virá a ser designado como “trabalho do luto” (LAPLANCHE, 2006, p. 39-42);

2. Na vigência da teoria da sedução: os três sentidos do conceito que, na dialética da obra, tenderão a ser ultrapassados, fazem-se presentes neste período.

a) o sentido de efeito secundário, diferido, como aparece na teoria do recalque enquanto defesa patogênica, bem ilustrada pelo caso Emma. Trata-se de uma teoria do trauma em dois tempos, pelo qual “uma lembrança *só-depois* se torna trauma”. Verifica-se aí uma relação e um jogo entre duas cenas: a primeira no tempo, segunda na análise, é uma cena de atentado sexual, antes da puberdade; a segunda, depois da puberdade, é uma cena “inocente”, ligada, porém, à primeira por algumas associações. É a lembrança que traumatiza, o eu sendo atacado do interior, de onde ele não esperava. Em vez de uma defesa normal, caracterizada pela energia ligada e pelo processo secundário, o eu se defende na forma de processo primário, por uma intensa descarga de afetos. O traumatismo torna-se traumatismo interno. O jogo do demasiado cedo, do atentado, e do demasiado tarde, da puberdade, não basta para fazer uma retroação. Trata-se, ainda, de um texto determinista (LAPLANCHE, 2006, p.47-55);

b) o sentido de ulterior, acrescentado, secundário. Na terceira parte do “Projeto”, “Tentativa de apresentação do processo psi normal”, *nachträglich* qualifica a consciência secundária, a consciência que vem num segundo tempo. Para Freud, a consciência está ligada à percepção, a uma excitação do aparelho perceptivo. Como, então, podemos ter consciência de nossos próprios processos psíquicos, se eles não passam de descargas? Pelo fato de que, periodicamente, e de forma descontínua, eles se acham ligados a palavras. Freud denomina “consciência *só-depois*” essa consciência secundária (LAPLANCHE, 2006, p.44-46).

c) o sentido de compreensão só-depois. As cartas a Fliess 123, 126 (com manuscrito

L) e 127, de respectivamente, 6 de abril, 2 e 16 de maio de 1897, tratam da formação das fantasias a partir das experiências, sempre numa relação entre o “ouvido”, o “ouvido dizer” e o “compreendido”. Por exemplo, na carta 123: “as fantasias histéricas (...) remontam às coisas que as crianças precocemente ouviram, e só-depois compreenderam” (FREUD apud LAPLANCHE, 2006, p. 64). Mais do que a questão dos diferentes sentidos (vista, ouvido...), Laplanche ressalta a possibilidade de cada sentido, com seu próprio código semiótico, veicular mensagens e comportar uma “exigência de tradução”, visando a sua compreensão (p.64-68). Por isso, recorre à carta 52/112, de 6 de dezembro de 1896, em que se lê:

Tu sabes que trabalho com a hipótese de que nosso mecanismo psíquico engendrou-se por estratificação, o material disponível de traços mnésicos conhecendo de tempos em tempos um reordenamento segundo novas relações, uma reescritura. O que há de essencialmente novo na minha teoria é, pois, a afirmação de que a memória não está presente de modo único, mas múltiplo, depositada em diversas espécies de signos (FREUD apud LAPLANCHE, 2006, p.56).

Portanto, de uma a outra dessas sucessivas escrituras há um processo de tradução. O recalque, que até aqui, era um fenômeno patológico, torna-se, na passagem de uma fase à outra, um fenômeno “quase” normal. Por outro lado, o esquema em dois tempos do caso Emma – pré-pubertário – pós-pubertário – é generalizado em *n* tempos, e a passagem de um tempo ao outro é caracterizada como tradução, de modo que aí o recalque é a “recusa da tradução”.

Como se vê, a concepção de tradução traz uma saída possível à ideia de *só-depois*, toda a tradução podendo ser concebida como um duplo movimento: um reportar-se ao

texto originário e um projetar-se na direção da forma que a tradução tomará (LAPLANCHE, 2006, p.55-64).

3. O “abandono” da teoria da sedução: Depois das cartas de abril/maio, em plena vigência da teoria da sedução, a forma adjetivo-adverbial *nachträglich* desaparece da correspondência para só reaparecer na carta de 14 de novembro, quando surge pela primeira vez a forma de substantivo e o conceito: *Nachträglichkeit*. Ora, entre essas duas datas, a carta 69/130, de 21 de setembro de 1897, anuncia o “abandono” da teoria da sedução. É nessa “evolução paradoxal do conceito” que Laplanche vai se deter.

Um dos argumentos da carta é que não se pode nunca atingir, pela lembrança, o acontecimento inicial. Ora, a teoria da sedução é inseparável da ideia de um traumatismo em dois tempos. O traumatismo torna-se, assim, um traumatismo de proveniência interna, impossível de evitar, um traumatismo pela libido do próprio sujeito. Consequentemente, o acontecimento inicial não pode ser atingido.

Poder-se-ia, então, atribuir as fantasias à influência de acontecimentos ulteriores, a uma imaginação retroativa. Mas essa solução não é suficiente, nunca será suficiente para Freud. Ele sempre lutará contra a hipótese de um puro “retrofantasiar”, criando o passado a partir do presente. Portanto, essa imaginação retroativa deve encontrar sua origem, a qual, não podendo mais estar situada na história individual, deverá ser procurada na história da espécie e na transmissão de predisposições hereditárias.

Constata-se, assim, o quanto as hipóteses filogenéticas de Freud são condicionadas pelo abandono da teoria da sedução: é absolutamente preciso encontrar um ponto de partida real, ponto de apoio de todo o desenvolvimento ulterior, da “pulsão”, das fantasias originárias, etc. Doravante, a possibilidade de uma imaginação retroativa

estará indissociavelmente ligada à reabilitação da hipótese hereditária (LAPLANCHE, 2006, p.80-82).

4. Depois do “abandono” da teoria da sedução. A história da teoria da sedução não é completamente paralela à do conceito de *só-depois*. Na carta 70/141, de 3 e 4 de outubro de 1897 (tal como na carta de 21 de setembro), não aparece o termo *nachträglich*, mas sim, no terreno da autoanálise, “a oposição insolúvel, não dialetizada, entre a busca de uma primeira causa e a hipótese puramente retroativa”. Sua babá, sua “professora” em matéria de sexualidade, o teria lavado na água avermelhada de suas regras. À objeção de que poderia tratar-se de imaginação retroativa, Freud argumenta com o que considera um verdadeiro *experimenta crucis*, no sentido de Bacon: “Como poderia eu ter inventado esta história da água avermelhada se verdadeiramente isso não tivesse sido algo de real?” Mesmo no momento de revisão da teoria da sedução, Freud não abandona a ideia do condicionamento no sentido passado-presente (LAPLANCHE, 2006, p.84-85).

Abandonada a teoria da sedução - com sua estreita articulação entre traumatismo, *só-depois* e recalque - Freud repensa o recalque. Na carta 75/146, de 14 de novembro de 1897, ele propõe a teoria de um recalque normal, aquele que está ligado às formações do tipo moral, vergonha, etc. Na teoria da sedução, recalque e inconsciente eram patológicos e o tratamento visava anular o primeiro e abolir o segundo. Sendo normal, o recalque não poderia mais estar ligado à contingência dos acontecimentos. O outro, da teoria da sedução, adulto, sedutor, perverso, reduzido às brumas da fantasia, Freud deseja “ver o recalque substituído pelo que é essencial por trás dele”. Por trás deste desejo, o desejo de substituir a teoria da sedução por algo mais fundamental. E o mais fundamental é o filogenético (LAPLANCHE, 2006, p.90-92).

O que tinha sido pressentido desde a carta 52/112 - “Por trás de tudo isso, há a ideia de zonas erógenas abandonadas” - é explicitado. Trata-se da passagem da posição de quatro patas, o nariz próximo da terra, à estação ereta, tendo por correlativo o abandono ou a diminuição das sensações olfativas na sexualidade (cheirar os órgãos do outro) (LAPLANCHE, 2006, p.92-94).

Se, pela lei de Haeckel, “a ontogênese recapitula a filogênese”, então, o desenvolvimento da criança deve repetir o desenvolvimento da espécie, e assim se delineiam as fases do desenvolvimento da sexualidade - oral, anal, fálico... - tal como Freud as desenvolverá nas edições dos “Três ensaios” posteriores a 1905. O recalque normal consiste no abandono das sucessivas zonas erógenas.

Finalmente, ao nível da gênese psicológica, Freud parte da ideia de que a excitação sexual não se produz apenas pela excitação externa dos órgãos sexuais, nem só pela excitação interna, mas também a partir das representações, “pela via do *só-depois*”. Aqui aparece, pela primeira vez, o substantivo *Nachträglichkeit* (LAPLANCHE, 2006, p.97-103).

Como se vê, ao mesmo tempo em que é introduzido o conceito de *Nachträglichkeit*, é admitida a ideia de uma sequência biológica de base, uma sucessão de estádios biológicos que se “recalcariam” um ao outro ou seriam sucessivamente abandonados, abandono que encontraria sua matriz num abandono filogenético de tipos sucessivos de sexualidade. Verifica-se, aí, a tendência freudiana a fundar, na filogênese, uma realidade que lhe falta na gênese do inconsciente.

A essa concepção da sucessão de estádios ditos orgânicos da sexualidade (que prefere definir como etapas da criação feitas de uma sucessão de situações envolvendo o adulto e a criança), Laplanche postula um “a



traduzir” proposto à criança, a qual utilizará, em seu trabalho de tradução, o que metaforicamente se podem chamar linguagens sucessivas — antropológicas ou antropológico-orgânicas, mais do que orgânicas. Com efeito, a sucessão “oral→anal→genital” pode ter outros determinantes que os puramente maturativos. Pode ser entendida num nível bem mais interpessoal e até antropológico - o primeiro cuidado da mãe é a alimentação... – com a sequência subjacente fornecendo, a cada uma das etapas, uma bateria significativa, uma linguagem ou um código (LAPLANCHE, 2006, p.108-111).

Depois dessa carta, Freud vai dar dois exemplos do *só-depois*. Na carta 169, de 9 de junho de 1898, analisa a novela de Konrad-Ferdinand Meyer, “O pajem de Gustavo Adolfo”. Uma jovem, apaixonada por Gustavo Adolfo, faz-se passar por rapaz para ficar próxima do rei, servindo-o como pajem. Um oficial, amigo da família, reconhece-a e desvenda o enigma dessa paixão: o rei beijara-a nos lábios quando ela era um bebê. E conclui: “não se deve beijar as crianças. O beijo adormece e depois se inflama quando os lábios crescem e incham” (FREUD apud LAPLANCHE, 2006, p.111-116).

Um segundo exemplo aparece em “A interpretação do sonho”:

No seio da mulher se encontram a fome e o amor. Como conta a anedota, um jovem, que se tornou um grande admirador da beleza feminina, declarou, num dia em que se tinha falado da bela ama de leite que lhe tinha dado de mamar: lamento não ter então aproveitado melhor da boa ocasião. Costumo servir-me desta anedota para ilustrar o fator só-depois no mecanismo das psiconeuroses (FREUD apud LAPLANCHE, 2006, p.116).

Em ambos os casos, falta a noção de mensagem expressa através do beijo e do seio.

5. O reaparecimento das noções de sedução e trauma em “O homem dos lobos”: Depois de um longo interregno, reaparece *Nachträglichkeit* na obra. Redigido em 1914, o texto só foi publicado em 1918, acompanhado de dois *Nachträg* que colocam em questão o que tinha sido posto como tese de partida. Freud se opõe obstinadamente à “retrofantasia” postulada por Jung e precursora de uma certa hermenêutica moderna, mas fracassa na refutação dessa teoria (LAPLANCHE, 2006, p.122-123).

Se considerarmos a cronologia mínima: 1 ano e meio – cena primitiva; 4 anos – compreensão/elaboração pelo sonho; 24 a 28 anos – colocação em palavras pela análise, verificam-se aí duas possibilidades de *só-depois*: a do sonho e a da análise. Para se defender da argumentação de Jung – uma reconstrução imaginativa do passado, para as necessidades da causa do presente - Freud considera desprezível o segundo *só-depois*, o da análise. O problema do *só-depois* no tratamento nunca foi enfrentado por Freud, lembra Laplanche (2006, p.127-130).

Depois de uma latência de 15 a 20 anos, reaparecem os termos “traumatismo” e “sedução”. A teoria do traumatismo é aquela que postula dois tempos para que o traumatismo aconteça e, portanto, é inseparável do *só-depois*. Aqui, o segundo tempo é o do sonho, que marca o início da neurose. O sonho age como sedução. Para Freud, só é psiquicamente traumatizante o que vem do interior, como ataque interno (LAPLANCHE, 2006, p.134-135).

A cena primitiva é inteiramente construída, reconstruída a partir das associações do sonho. Que tipo de realidade atribuir a essa construção? Cena que verdadeiramente aconteceu? Pura imaginação retroativa?

Porém, como observa com propriedade Laplanche (2006, 143-144), a cena da observação do coito parental comporta em si mesma uma estrutura de sedução como

mensagem enigmática. Na falta dessa noção de mensagem, porém, no movimento do presente em direção ao passado, o conceito de *só-depois* encontra-se em concorrência perigosa com o conceito de retrofantasia. No momento em que a sedução está de volta, o fantasma da retrofantasia não pode deixar de assombrar Freud: há sempre o perigo de que a construção retroativa (que ele faz neste caso) se confunda com uma construção à Tito Lívio, tal como ele a formula em “Um estudo autobiográfico”:

Meu erro (em relação à teoria da sedução) foi o mesmo que o de alguém que tomasse por verdade histórica a história legendária do período real de Roma, conforme o relato de Tito Lívio, em vez de a tomar pelo que ela é, uma formação reacional de lembranças de épocas e de situações miseráveis que, sem dúvida, não foram gloriosas (FREUD apud LAPLANCHE, 2006, p.145).

Em “A etiologia da histeria”, texto da época da teoria da sedução, Freud usa a imagem do quebra-cabeça como elemento de prova da sua teoria. Se o inconsciente se apresenta como lacuna, tal como num quebra-cabeça é preciso encontrar a única peça que se ajusta perfeitamente à lacuna. Quando essa é preenchida, o todo se torna “compreensível em si mesmo” (LAPLANCHE, 2006, p.147-148). No caso do “homem dos lobos”, porém, as sucessivas hipóteses complementares revelaram-se insatisfatórias para o próprio Freud, que recorreria, então, às “fantasias originárias”, “esquemas congênitos filogenéticos (que) asseguram, como categorias filosóficas, a classificação das impressões da vida”. “Lá onde as experiências vividas não se curvam ao esquema hereditário, sucede um remanejamento destas na fantasia”. A fantasia filogenética é encarregada de preencher a lacuna, não apenas da análise, mas da própria vivência (LAPLANCHE, 2006, p.152-154). Desse modo, não

é mais preciso quebrar a cabeça: todos os quebra-cabeças são iguais...

Logo, as “três soluções aporéticas que se destacam do pensamento freudiano” (determinação, *só-depois*, da fantasia pela cena infantil; o puro “retrofantasiar”, modernizado como “ressignificação”; e a solução fazendo intervir as “fantasias originárias” filogenéticas) permitem a Laplanche, na conclusão de seu curso, discutir as lacunas deixadas por Freud com o recurso a sua TSG, trazendo uma nova compreensão do *só-depois*: “mensagem enigmática”. O que as opõe não é a presença ou a ausência de sentido, mas o fato de que a mensagem é sempre “significada a”, significada a alguém, significada à criança pelo adulto (LAPLANCHE, 2006, p.157-166).

Freud é prisioneiro de uma concepção mecanicista do desenvolvimento temporal, conforme a flecha do tempo; não formula a noção de mensagem e, *a fortiori*, de mensagem enigmática, comprometida pelo inconsciente do emissor; não aproveita o avanço maior – mas temporário – que constitui a carta 52/112, quer dizer a elaboração de uma teoria tradutiva do processo de *só-depois*. A razão para o abandono dessa teoria tradutiva é a ausência da noção de um “a traduzir”. De acordo com Laplanche, para que haja tradução, é preciso um “a traduzir” que não se pode conceber senão numa abertura, desde o início, do ser humano ao outro e pelo enigma do outro (2006, p.168).

O caráter enigmático da mensagem, por sua vez, implica tomar em conta o inconsciente (sexual) do emissor. Depois do abandono da teoria da sedução esse inconsciente (quase) deixa de ser considerado. No “homem dos lobos” não se considera o inconsciente dos pais. E na cena pré-histórica, “o homem originário” não conhece a clivagem da personalidade. É a cena que ele protagoniza que está na origem da clivagem.

Não somente o seu inconsciente não é tomado em conta, mas o próprio emissor é negligenciado como ator principal. O que é transmitido (com o beijo de Gustavo Adolfo ou o seio da ama de leite) não é levado em consideração. Nem o beijo nem o seio são, em si, mensagens (LAPLANCHE, 2006, p. 166-167).

Uma compreensão recíproca, inata/adquirida, permite um acordo autoconservativo de qualidade. Mas as mensagens adultas são enigmáticas porque aí se insinuem, desconhecidos do próprio emissor, retornos de seu inconsciente (LAPLANCHE, 2006, p.167-168).

Por que invocar um modelo tradutivo do *só-depois* e mais geralmente da teoria da sedução e até da constituição do ser humano? É que nenhum processo psíquico, melhor que a tradução, comporta esse duplo movimento indivisível do prospectivo e do retrospectivo. Prospeção nada mais é do que a exigência de tradução intrínseca na mensagem do outro. Já presente no diálogo menos complicado, esta exigência faz-se máxima quando se perfila na mensagem do outro a parte de enigma inerente à sua própria sexualidade (LAPLANCHE, 2006, p.169-170).

Tal é o movimento de dupla direção do *só-depois* em todo ser humano. O movimento prospectivo é o da mensagem enigmática proposta originariamente à criança pelo adulto, como sendo “a traduzir”. O movimento retrospectivo situa-se nas tentativas sucessivas de tradução pelo receptor.

O *só-depois* é um fenômeno que, antes de ser algo que acontece na sucessão das etapas da vida de um mesmo indivíduo, acontece na simultaneidade de um adulto e de um *infans*. A mensagem enigmática do adulto (habitada pelo inconsciente deste) institui no receptor um primeiro desequilíbrio que o impulsiona a traduzir, num segundo tempo, *só-depois*, de modo sempre imperfeito (LAPLANCHE, 2006, p.171).

Para esse duplo movimento, o método psicanalítico de Freud deu um sentido novo, o do tratamento. Foi preciso que o próprio Freud abandonasse a ilusão do “grande segredo” que um dia seria revelado, preenchendo as lacunas e dissolvendo o enigma. O “grande segredo” é a retomada sempre imperfeita, através das cenas, e pelo método analítico, associativo-dissociativo, na direção dos elementos que veiculam o enigma parental, sem nunca o preencher. É também a retomada do movimento progressivo na direção das sínteses aproximativas e eventualmente provisórias que constituem os momentos propriamente “psicoterapêuticos” de todo o tratamento (LAPLANCHE, 2006, p.171-172).

Ainda que não tenha sido escrito com o objetivo de demonstrar ou discutir a TSG, entendemos que o trabalho de Jacques André pode ser agora resumido, pois, como se verá, indica o mesmo princípio da alteridade na consideração do tempo em psicanálise.

### **O APRÈS-COUP NA LEITURA DE JACQUES ANDRÉ**

O relatório de Jacques André sugere ao leitor um olhar que, interessado na metapsicologia, dá centralidade à clínica psicanalítica. Isso se evidencia desde o subtítulo de seu trabalho – “o *après-coup* no tratamento”- até a estrutura do texto – organizada de modo a alternar discussão teórica e referências a casos clínicos.

Após apresentar algumas cenas importantes do caso “Aurore”, André chama a atenção para o vínculo necessário entre traumatismo e *Nachträglichkeit*, criticando - no intervalo formado pelo emprego desta última noção por Freud e, depois, por Lacan - o que entende ter sido um mau uso que dela fez Ferenczi em sua clínica, apenas para destacar o considerável silêncio

que também recaiu sobre o conceito, mesmo após sua retomada por Lacan.

É, pois, no contexto clínico que a teoria do tempo, no *après-coup*, revela-se particularmente explicativa: “se a primeira entrevista de uma análise dispõe das condições (quase) certas de um fenômeno de *só-depois*, sob o duplo registro do trauma e da abertura, a ocorrência desse fenômeno no decorrer do tratamento é muito menos garantida” (ANDRÉ, 2009, p.1291). O tratamento, assim, não se constitui ininterruptamente em um contexto no qual a temporalidade psíquica manifesta-se com mais clareza e, nem por isso, ele deixa de criar as circunstâncias mais favoráveis à expressão dessa temporalidade subjetiva:

O só-depois é uma questão de tempo [...]. Não se pode isolar o só-depois de uma concepção psicanalítica mais abrangente da temporalidade. Ele faz parte de um conjunto cuja afirmação freudiana mais original é a da atemporalidade do inconsciente. O tempo, na sua generalidade filosófica, não é um objeto da psicanálise. Todavia, as formas de inscrição psíquica do sujeito humano no tempo interrogam também fortemente tanto a teoria psicanalítica quanto sua prática (ANDRÉ, 2009, p.1292).

Desse modo, cabe a pergunta sobre a influência desse *só-depois* no processo de temporalização: “qual lugar ocupa o acontecimento na construção (ou destruição) da temporalidade? O *só-depois* incendeia nossa representação comum de tempo; trauma em dois tempos, ele não se contenta em inverter a cronologia, mas a desordena” (p. 1292).

Como Laplanche, André aceita no *só-depois* duas dimensões: a do trauma e sua violência, de um lado, e a da reinscrição, “a complexidade de uma significação que, vinda do outro, é transformada” (2009, p. 1292), de modo que “o *après-coup* tem um

pé no inconsciente” (2009, p.1293), tanto porque mobiliza o recalque quanto porque provoca um fechamento psíquico a um certo significado traumático. Também como Laplanche, André admite que, no trauma, todo o esforço hermenêutico (bem ou malsucedido) busca dar conta de um ataque interno - ataque em si mesmo rico, por possuir conteúdos não só de fechamento (como se mostra no sintoma), mas de abertura e de transformação do passado. Isso, porém, só se dá “com a condição de que se encontre... um outro. O *après-coup* é um evento traumático tardio em busca de sentido e de intérprete, ele cristaliza uma situação inter-humana” (2009, p.1294).

Se a situação analítica comporta um caráter traumatizante, do mesmo modo contém uma potencialidade de significação do trauma. “O *après-coup* é analisável e, também, um analisante da situação analítica e seus impasses” (2009, p. 1294-1295). Os casos de Aurore e de Léa são paradigmáticos: a primeira, nascida prematura, ora antecipava-se aos horários das sessões, ora se atrasava, sem suportar os lapsos temporais criados pelas férias de seu analista; a segunda experimentava crises de angústia ao final das sessões, buscando encompridá-las, mas, ao mesmo tempo ressentia-se de quaisquer atrasos em seus horários, quaisquer mudanças de posição no divã, qualquer sinal a que associasse desatenção e rejeição. Regredidas, para elas o tempo era plástico e se submetia a prazeres próprios à sexualidade infantil.

A regressão, seja temporal, seja tópica, aponta para uma manipulação psíquica do tempo que visa negá-lo. Na situação analítica, porém, a transferência abre espaço para um outro, o analista, que, simplesmente por ser outro que não o da fantasia, desfere golpes *só-depois* ressentidos. A situação analítica, conseqüentemente, recria as condições geradoras da própria sexualidade

infantil, não para repeti-la apenas ou necessariamente, mas, a partir dessa sexualidade já instalada (já se prestando como ameaça interna), recriar o presente e transformar o passado.

O *Nachträglichkeit* consiste, então, em um duplo movimento que relaciona oposições: ele “condensa, mais que conjuga, a volta ao passado, a historicização, e o presente, a atualidade do trauma. Esse par desdobra-se facilmente sobre aquele aberto no tratamento: rememoração e repetição (transferência)” (ANDRÉ, 2009, p. 1301). Com isso, a relação transferencial facilmente se presta tanto à elaboração quanto à repetição – com frequência, às duas. Cabe ao analista atentar para não pender para o lado da pura repetição (em que sua postura contribua para o enrijecimento das defesas do paciente – como no caso de Léa, que se valia do tempo para prever os movimentos de seu analista e, com isso, tentar controlá-lo); deve, também, vigiar para não incorrer na pretensão de provocar a elaboração, traumatizando o paciente (o que, por exemplo, faz Lacan, com a escansão suspensiva da sessão).

Ao contrário, é o incidente que, imprevisto tanto pelo analista quanto pelo analisando, nos limites da situação de tratamento, contribui para promover mudanças. Vários eventos, dos mais discretos aos mais grandiosos podem provocar esse golpe do *só-depois*. No caso de Aurore, o encontro furtivo com a paciente que a sucedia no consultório de seu analista. Mas, é bom lembrar, o afirmado acerca dos eventos “merece nuance, pois nenhuma análise deve sua dinâmica apenas ao (*après*) *coup* dos acontecimentos. [...] A energia da transferência permite-lhe que se realize, mas isso não se dá todo dia”. Antes, “sem que perlaboração e *après-coup* sejam puros opostos, eles apresentam duas figuras distintas da temporalidade: continuidade-descontinuidade” (ANDRÉ, 2009, p.1306).

O imprevisto inerente ao evento vindo de fora ou de dentro da situação analítica (inclusive graças à contratransferência que leva o analista a cometer lapsos de língua) causará efeitos perturbadores que remeterão ao estranhamento intrínseco às relações inter-humanas. “No momento traumático do golpe sentido *só-depois*, a fronteira entre o dentro e o fora é desfeita” (ANDRÉ, 2009, p.1307).

A sexualidade infantil presta-se como paradigma do imprevisto. Confundida frequentemente com toda a sexualidade (e, nesta, com a genitalidade a que se acede a partir da puberdade), a sexualidade infantil está fora do tempo: “esse infantil não tem idade. Ele não corresponde a qualquer lugar, a qualquer tempo assinalável. Ele não ficou para trás, mas é uma fonte atual, viva, jamais esgotada”, de modo que “a temporalização do *só-depois* desdobra-se sobre o fundo da atemporalidade do infantil” (ANDRÉ, 2009, p.1308). Fora do tempo, a sexualidade infantil denuncia-se *só-depois*, no *après-coup*, seu “momento de verdade”, de “desmedida” que remete à plasticidade do material recalcado.

André insiste na dupla face do *après-coup*: se intrinsecamente ligado ao recalque e, por ele, à sexualidade infantil, o *só-depois* presta-se também às passagens próprias ao tratamento analítico bem-sucedido. “Só a força do trauma permite que as cartas do jogo sejam misturadas outra vez, que a história seja reescrita [...], que faça sentido o que era insensato. É necessário um golpe (*coup*) para que se possa ter um depois (*après*)” (ANDRÉ, 2009, p. 1310). O tempo psíquico, por conseguinte, não se sujeita sempre à flecha cronológica, mas, ao contrário, subverte-a: os ensaios hermenêuticos ou aqueles lineares recaem, ambos, no erro do mito, que atribui verdade ao que é apenas reconstrução, reforçando, assim, um dogmatismo que se funda nos artigos de fé

sobre a própria história e a própria subjetividade.

O psicanalista francês não se escusa de abordar a temática das origens do inconsciente, já que a ela também está ligada a questão da temporalidade. O tempo das origens, ainda que inacessível, não deve ser concebido como mítico, mas como axioma presente em muitas das teorias psicanalíticas interessadas na explicação da formação do inconsciente. André considera os trabalhos de Bion, Lacan, Klein, Laplanche e Pontalis para insistir: “entre o dentro e o fora, o *après-coup*, ser de passagem, não se deixa facilmente localizar” (2009, p. 1315).

E na origem, a sexualidade aparece como filtro depurador e fixador da subjetividade, capaz de transformar o não-sexual em sexual, de sexualizá-lo. Ainda que o trauma não seja sempre sexual, então, “seu tratamento será sempre sexual. Se o sexual (o infantil), sua polimorfia, sua plasticidade libidinal não conseguir imiscuir-se nem impor sua exigência de transformação, o próprio tratamento psicanalítico estará comprometido” (ANDRÉ, 2009, p. 1316).

A situação analítica, com seus novos e imprevistos golpes, abre espaço para a penetração da sexualidade na intersubjetividade e revitaliza as condições de transformação do trauma em ocasião de tratamento. Nesse espaço têm especial importância os golpes infligidos ao narcisismo, pois é justamente o eu que, tomado de assalto, se vê ameaçado no *só-depois*:

O narcisismo da ferida lembra que a libido, longe de ausentar-se dessas configurações, é antes mobilizada continuamente, até a exaustão. A dificuldade prática não nasce da ausência do sexual, mas de sua paralisia, mantida para defender, reparar, investir as fronteiras [...]. Diferentemente do objeto da fantasia, do objeto exterior, o eu não é substituível. Só a morte nos livra dele, um tanto tarde demais (ANDRÉ, 2009, p. 1321-1322).

O narcisismo, ao tempo em que se vê ameaçado, paradoxalmente contribui para a força do golpe inerente ao *só-depois*, posto que oferece um contrapeso (um contrainvestimento) para resistir. São as feridas narcísicas precoces que explicam o multidirecional efeito do *après-coup*, capaz de alterar tanto o passado quanto, em razão disso, o futuro. Aurore, novamente, dormindo nas sessões, sonhando durante seu sono, receando não conseguir continuar, fantasiando situações de abandono da análise, estando consciente apenas alguns minutos durante as sessões — por semanas e meses “à deriva” —, assim repetiu e se reinventou ao retomar sua história primitiva, desejada que foi pelo pai, mas não pela mãe (que rapidamente retomou o trabalho após o nascimento da filha). Interpretando os movimentos transferenciais como uma “repetição do que jamais ocorreu”, André entende o tempo psíquico de sua paciente de modo a suportar o trabalho de manter o continente ameaçado pelas investidas desorganizadoras do *setting*, próprias das atuações de Aurore (2009, p.1323-1327).

Narcisicamente desinvestida pela mãe, Aurore fazia apelo a seu analista para refazer sua história. E certas expressões temporais começaram a indicar uma passagem feita em análise: ela fizera referências aos tempos não presentes, sobretudo ao passado, à medida que recontava sua história, valendo-se da estrutura fornecida pelo tratamento. “Paciente sem história”, Aurore, através da análise, constituiu em si uma temporalidade psíquica.

“A temporalidade, as temporalidades têm uma gênese psíquica, mais ou menos acabada, mais ou menos bem-feita, frequentemente faltante, somente esboçada, por vezes até mesmo não constituída” (ANDRÉ, 2009, p. 1327), de modo que a falta de lembranças da infância não se constitui em falta de memória, mas em falta de história, acen-tua André (2009, p. 1328) para chamar a

atenção da importância da situação analítica como (re)ge(ne)radora do psiquismo: a temporalidade não se faz só ou necessariamente da “apropriação subjetiva do interdito”, mas no “encontro inopinado com as fronteiras do dispositivo” (2009, p. 1329).

A situação analítica é, nessa perspectiva, um contexto de sedução e de trauma que atinge o sexual infantil instaurado desde a *infância* em cada um de nós. “A psicanálise é uma cena de sedução, aquela que nasce do encontro entre o mais íntimo e o mais estrangeiro e que permite ao fenômeno do *après-coup*, descoberto com a teoria da sedução, voltar a seu país natal” (ANDRÉ, 2009, p. 1336). Logo, é a circunstância privilegiada para que se evoquem as experiências temporalmente estabelecidas e, várias delas, postas fora do tempo graças à atemporalidade do inconsciente.

André (2009, p.1340-1352) lembra, bem apropriadamente, que mesmo fora do tempo, o inconsciente tem, ele mesmo, sua história: negá-la é efeito da entrada de Narciso em cena, em sua busca por eternidade – contrária ao tempo, ao movimento, às vicissitudes que *só-depois* provoca o golpe (*coup*) do acontecimento imprevisto, inerente à vida (realidade externa, material), ao inconsciente (uma realidade interna, psíquica) e às relações entre ambos. Narcisismo e morte por vezes andam de mãos juntas, de modo que é tarefa da análise provocar um desequilíbrio dessas forças e criar oportunidades de tratamento, aproveitando sucessivos *Nachträglichkeiten*. Na dialética do psiquismo, o *après-coup* presta-se para ferir, mas também para pensar a ferida.

## NO HORIZONTE DO TEMPO, O OUTRO: PARA CONCLUIR

No momento de concluir, evidencia-se o esquematismo destas resenhas, em face da riqueza e da complexidade dos textos rese-

nhados. A ambição de reuni-los num mesmo trabalho, pela coincidência temática, tornou esse esquematismo quase inevitável. Em nosso favor, podemos invocar a evidência de que noticiar a existência e testemunhar a sua densidade são objetivos precípuos de toda a resenha de um texto.

O curso de Laplanche, limitando-se, num primeiro momento, a acompanhar a trajetória do conceito na obra de Freud, *só-depois* nos mostra a atualidade das questões que se colocaram ao fundador. Elas permanecem, através da diversidade de perspectivas que segmenta o campo psicanalítico, além de chaves de escuta, insígnias que marcam diferenças. Com efeito, todo o psicanalista tendeu a orientar-se, em algum momento, pelo modelo do quebra-cabeça, na busca quase detetivesca de encontrar a cena que falta e que desvelaria o sentido do todo. Outros, porém, críticos desse empirismo ingênuo, abandonam-se à atitude fácil de considerar toda a história como um construto atual, visando ressignificar o que, emergindo do inconsciente, resiste ao sentido. Ilustra-o a concepção, corrente nos dias de hoje, que lê na regra da “atenção flutuante”, não uma advertência para nada privilegiar a *priori*, mas um imperativo de tudo reduzir à forma do discurso, desprezando seu valor de referência. Versão psicanalítica de uma certa “redução fenomenológica”, segundo a qual o exercício do historiar não passa da tentativa, feita por uma subjetividade ensimesmada, de encontrar as próprias causas.

Se o recurso a uma proto-história de natureza filogenética tende a ser datado, o apelo às formas transcendentais que determinariam a humana vivência subsiste em seu herdeiro, o estruturalismo, do qual se poderia dizer que faz sua fórmula freudiana: “lá onde as experiências vividas não se curvam ao esquema [estrutural], sucede um remanejamento destas na fantasia”. Daí,

todo um desdém pelas pretensões historicistas do enredo imaginário, em prol das categorias invariáveis do Simbólico. Escutar não é mais perseguir o enigma do outro, é esperar o momento de confirmar a necessária emergência do esquema estrutural.

Para André, o *só-depois* é uma noção sob tensão, posto que se constitui no operador entre a violência traumática, de um lado, e a complexidade de uma significação revisitada, do outro. Refletindo-se essa tensão na própria conceituação, André vai, ao longo do texto, definindo-o por sua relação a outros conceitos metapsicológicos. No que concerne à compulsão de repetição, mostra que, se ambos repetem, o *só-depois* também transforma, o que faz dele, senão o oposto, pelo menos o diferencial da compulsão. Nesse sentido, compulsão de repetição e *só-depois* não poderiam ser vistos como as duas faces – fracasso e sucesso – do mesmo fenômeno? Enquanto uma se fecharia no próprio mecanismo da repetição, o outro abriria o psiquismo para a superação desse movimento.

O potencial elaborativo do *só-depois* leva, por outro lado, a examinar a sua relação com a perlaboração. Mesmo não sendo simples opostos, eles apresentam duas figuras distintas da temporalidade: a perlaboração aproxima-se da continuidade, o *só-depois*, da descontinuidade.

Por seu componente traumático, há, ainda, que interrogar a relação entre o *só-depois* e a abreação. A abreação, na teoria freudiana, tem um cunho meramente quantitativo, ao passo que o *só-depois* é mais complexo por sua natureza econômico-tópico-dinâmica. A abreação trata apenas de descarga dos afetos enquanto o *só-depois*, abrangendo essa dimensão, ultrapassa-a por indicar, com a flecha temporal invertida, o sentido psíquico responsável por tal descarga. Consequentemente, o *só-depois* tende a desencadear o recalque enquanto

a abreação assinala frequentemente a sua superação.

No entanto, visto da perspectiva do *só-depois*, o recalque, menos do que fechamento, mostra sua potencialidade de transformação. Mas é em relação ao enigmático “recalque” originário – precisamente um não recalcado, como lembra André – que o *só-depois*, ao representá-lo, no mesmo movimento o torna acessível e passível da ação do recalque propriamente dito.

Essa questão do (não) recalcado originário remete às primeiras mensagens, aos primeiros traumas. Tendo escolhido trabalhar o *só-depois* no tratamento (privilegiando, mais do que suas realizações bem-sucedidas, os fracassos, as ausências ou suas formas estranhas), André é levado a comparar duas mães: a freudiana, sempre excessiva nos seus afetos, misturando erotismo à ternura, em suma, sedutora; e a winnicottiana, ausente da cena, incapaz de devolver ao bebê o prazer que ele lhe dá (ou poderia dar) e privando-o da imagem dele mesmo refletida no espelho do rosto dela. Desse cotejo, conclui que a marca deixada pela ausência não é menos indelével que aquela deixada pelo excesso. O *só-depois* — ao ignorar a alogicidade paradoxal inerente ao lembrar-se do que não se passou, ao viver, pela primeira vez, no presente, a coisa passada, ao repetir o que não aconteceu — abre a clínica dos traumas precoces à perspectiva da possibilidade de inserção na história.

Como dissemos no início, na diferença de suas perspectivas, os dois trabalhos se complementam. Queremos concluir lembrando o que lhes é comum e, através desta comunidade, apontar o “núcleo duro” da argumentação de ambos.

Ambos ressaltam a tensão própria ao conceito, feito de trauma e de significação revisitada. Por isso, os dois sentidos da temporalidade – prospectivo/ retrospectivo – nele se condensam; por isso o trauma



psíquico acontece em dois tempos. A trajetória aventurosa do conceito, feita de apagões e de restabelecimentos, deve-se, em parte, à dificuldade de manter juntos estes dois componentes heterogêneos: o sentido da força e a força do sentido. Sem o segundo tempo, o traumatismo reduz-se a uma causalidade linear, dir-se-ia catártica, não tivessem os criadores dessa teoria, desde o início, advertido para o fato de que “os histéricos sofrem de reminiscências”. Sem o primeiro tempo, sem a realidade de um primeiro tempo, cai-se na hermenêutica: a cada um a soberana liberdade de escolher a chave interpretativa que lhe convém. Se para o grande público a primeira possibilidade prevalece, para parte da comunidade psicanalítica contemporânea a opção hermenêutica leva a palma.

O segundo ponto comum aos dois autores consiste em ressaltar que a temporalidade própria ao conceito foi, originariamente, espacialidade: tratou-se do encontro/desencontro entre um adulto e uma criança. Nos termos de Laplanche, um adulto com inconsciente e uma criança sem inconsciente; nos termos de André, não há trauma primitivo que não seja a cristalização de uma situação inter-humana e que disso não conserve o traço. É esse terceiro que, com o “abandono” da teoria da sedução, por Freud, desaparece da ontogênese para reaparecer na filogênese como “pai da horda”, antepassado em linha direta do “pai da histérica”. É a ausência desse terceiro que faz da teoria gangorra, oscilando entre os dois sentidos do tempo, sem os condensar.

Finalmente, terceiro e último ponto, ambos concordam que há uma essencial solidariedade entre o fenômeno do *só-depois* e a dinâmica do tratamento. A situação analítica permite a rememoração e a repetição do trauma na transferência. Ora, o acontecimento traumático que caracteriza o fenômeno do *só-depois* só se transforma em abertura e não simplesmente em recalque quando há

alguém para o ouvir. Se o trauma original aconteceu num encontro, só um outro encontro poderá reabri-lo.

### **Keywords**

*Nachträglichkeit*, *deferred action*, metapsychology, psychoanalytic clinic, otherness.

### **Abstract**

*Throughout the history of psychoanalysis and the constitution of the psychoanalytical metapsychology, the notion of time reflects many explanations about the trauma's dynamism and, furthermore, about human psychism, the unconscious and its investigation. From Freud until his successors, depending on the metapsychological perspective taken, there has been theoretical and clinical consequences: psychoanalysis either approaches or distances from the knowledge about its object. In this article, two analysis about time, from de perspective of *Nachträglichkeit* are presented: Jean Laplanche's (2006) and Jacques André's (2009) readings converge to affirm a permanent tension in the *Nachträglichkeit*. If that tension is metapsychologically neglected there will be a theoretical inconsistency and the risk of a hermeneutic practice, causing the disappearance of trauma in the explanatory model of psyche. Both authors agree about the necessary presence of otherness inherent in the original trauma. According to them, when the repetition in transference reopens that trauma it creates the conditions to its working-through: if the original trauma happened in an encounter with other human, only another meeting can reopen it.*

## **Referências**

---

ANDRÉ, J. L'événement et la temporalité – l'après-coup dans la cure. *Revue française de psychanalyse*, n.5, p.1285-1352, 2009.

HANNS, L. *Dicionário Comentado do Alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 84-86.

LACAN, J. *Écrits*. Paris: Éditions du Seuil, 1966. p. 237-322.

LAPLANCHE, J. *Problématiques VI – L'après-coup*. Paris: PUF, 2006.

\_\_\_\_\_. *Vida e morte em psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985 (1ª ed.: 1970).

LAPLANCHE, J. PONTALIS, J. B. *Fantasias originárias, fantasias das origens, origens das fantasias*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990 (1ª ed.: 1964).

\_\_\_\_\_. *Vocabulário da Psicanálise*. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991 (1ª ed.: 1967).

MAGNO, M. D. Economia pulsional – Trabalho, apropriação, alienação. *Lumina*, Juiz de Fora - Facom/UFJF - v.6, n.1/2, p. 73-91, jan./dez. 2003.

## **Tramitação**

Recebido: 09/03/2010

Aprovado: 14/06/2010

Nome do autor responsável: Luís Maia

Endereço: Rua Prof. Álvaro de Carvalho,

320. Tambauzinho

CEP: 58042-010 João Pessoa - PB

Fone: (83) 3224 2504

E-mail: luis.maia@uol.com.br

# *O escorpião e o sapo: o quê da perversão*

## *The scorpion and the frog: the point of perversion*

Maria Beatriz Jacques Ramos<sup>1</sup>

### Palavras-chave

Narcisismo, narcisismo patológico, perversão.

### Resumo

Este trabalho inicia com uma história sobre as dificuldades das transformações psíquicas ao apontar para os caminhos da intersubjetividade e da filiação no processo identificatório. O quê da perversão! Ler sobre o tema da perversão possibilita a revisão de conceitos como narcisismo patológico e vingança, assim como a análise dos desvios na relação com os outros a partir das “possíveis” imagens de si mesmo. Imagens carregadas de marcas corporais e emocionais, que partem de necessidades não satisfeitas, de pulsões não recalcadas com uma tonalidade destrutiva à vida, desconstituindo a importância do cuidado, das alianças e uniões. Entretanto, existem pontos para interrogação nessa história. Aparecem traços de perversão no escorpião e no sapo? O que caracteriza o comportamento do escorpião e do sapo? Na parábola, vê-se um pacto que leva as personagens a reencontrar suas origens, porém o ferrão é mais forte que a empatia, a rede do passado predomina em detrimento do futuro.

### UMA PARÁBOLA

Na margem de um grande rio estava, um dia, um sapo. Ele precisava chegar à margem oposta. Enquanto se preparava para entrar na água, chegou um escorpião. Também este precisava chegar à outra margem, mas não podia fazê-lo: os escorpiões não sabem nadar. A contragosto viu que o sapo era a única possibilidade de chegar ao outro lado.

O escorpião pediu ao sapo para ajudá-lo: - *Deixa-me subir nas tuas costas e transporta-me até a outra margem. És grande o suficiente e não te cansarás.*

Mas o sapo, que conhecia o veneno do ferrão do escorpião, respondeu: - *Nas minhas costas? Estás louco! Tenho medo de teu veneno mortal!*

E o escorpião: - *Estás equivocado em temer-me. Eu desejo atravessar o rio. É meu interesse que tu vivas.*

Com tal raciocínio, o escorpião induziu o sapo a aceitar. Subiu, então, em suas costas.

O sapo entrou na água carregando o escorpião e começou a nadar perfeitamente à vontade no seu meio natural.

Assim que chegou ao meio do rio, no ponto que era mais forte a corrente e maior o esforço do sapo, o escorpião levantou o rabo e enterrou o ferrão com toda força nas costas do sapo. Enquanto o veneno mortal se difundia em seu corpo, sentindo que a vida se esvaía, o sapo exclamou: - *Maldito, o que estás fazendo? Não vês que ambos morreremos: eu envenenado e tu afogado! Por que fizeste isso?*

E o escorpião, já se afogando, diz: - *Porque eu sou um escorpião e esta é minha natureza* (AUTOR DESCONHECIDO).

### UMA HISTÓRIA

Esta é a história de dois meninos, um com treze anos e outro com quinze, que moram na periferia de Porto Alegre. A mãe tem depressão, o pai é alcoólatra. Ambos não trabalham, ainda que tenham seis fi-

<sup>1</sup> Psicanalista do Círculo Psicanalítico do RS. Doutora em Psicologia/PUCRS. Professora das Faculdades de Educação e de Psicologia da PUCRS.

lhos. Para o pai, tudo acontece nos lençóis. Nas duas peças em que moram, a promiscuidade é parte da casa, da existência.

A vulnerabilidade psíquica e social dos meninos é extrema. Não conseguem frequentar a escola regularmente, vivem na rua com os amigos jogando futebol, vagando pela vila. Procuram algo que não encontram. Um espaço além da casa onde moram, numa rua sem nome, num beco sem número. Os pais, analfabetos, precisam que os filhos continuem matriculados para receber ajuda do governo. O que vale é o que comem a cada dia. Sonhos? Expectativas? Cuidados? São referências que nos fazem pensar.

Mas, ainda assim, são surpreendentes a frequência e pontualidade que mantêm nos encontros semanais, segundo nossas combinações e incursões nos lugares por onde transitam. O olhar, a palavra, a presença, a possibilidade de atenção os mantêm entre a realidade e a fantasia, entre os sonhos de que não querem ficar perdidos, pois, quem sabe, no futuro querem ser diferentes de seus pais.

Eles não aprenderam o significado da sustentação, dos investimentos e ideais paternos que reforçam o eu. Tudo precisa ser construído, talvez constituído. Será que ainda há tempo?

Ser psicanalista fora do *setting*, num posto de saúde, numa comunidade carente, remete a um posicionamento diferente, uma ação que vai além das ideias, que exige um estado emocional capaz de tolerar a incapacidade do amor por si mesmo, pois a urgência é sobreviver. Isso é Eros? Isso é o retrato da perversidade à qual estão expostas as crianças, os adolescentes e adultos na cultura que sustenta a beleza e os espelhos como forma de retratar a alma humana, mas mantém a crueldade e a feiura.

Sentimentos misturados, fatos do passado acionam o vazio, o desamparo, nada pode nos socorrer, e sinalizam um caminho no qual não é possível chegar até a outra margem do rio.

Há um abismo, de desespero e desilusão, corpos marcados pela dor, que usam uma máscara para assustar a morte.

Seguem algumas falas, de Ronaldo e Charlie, nomes fictícios.

Ronaldo tem treze anos, estuda na 3ª série do Ensino Fundamental e diz: *“Eu gosto dos meus amigos. Eu sou legal e gosto de jogar bola. O meu pai é alegre, meus irmãos são dançarinos e a minha irmã é simpática, e a minha mãe é carinhosa”*.

Um dos irmãos quer dançar *rapper* e se mexe como um robô. A mãe fica a maior parte do tempo na cama, pois, além da depressão, tem síndrome do pânico, se mantém com o ganho da medicação psiquiátrica, não sai sozinha, sempre tem dor numa parte do corpo. Um corpo arrastado, quase desabitado.

Ele continua:

Fico furioso quando falam da minha mãe, aí brigo. Eu queria ganhar um play (videogame), para ficar em casa. Na aula eu tô bem, mas matemática é difícil, português é fácil. Me dou bem com os colegas e os professores. Em casa, incomodo muito, porque brigo com os meus irmãos. Com meus pais, me dou bem.

Ele não frequenta regularmente a escola. Os professores não acreditam que possa superar as dificuldades de escrita e leitura. Seu contato com os conhecimentos escolares é rudimentar. Mente e se esquivava de qualquer compromisso, grita, briga para não ir à escola, prefere os amigos e o jogo de futebol.

Charlie tem quinze anos, não quer voltar à escola, parou de estudar na 5ª série, desde 2009. Ele conta:

Gosto de dançar Hip Hop. Minha vida é muito boa de viver, a mãe deixa eu fazer as coisas que gosto. Jogar bola, dançar, namorar. Tô ficando com a J. Eu me acho um rapper, eu me acho esperto. Penso que tenho futuro no que faço e não dou bola para o que os outros falam. Eles

dizem que não tenho classe de rapper. Aham que devo jogar futebol.

Também gosto de jogar futebol e sair com meus amigos no shopping, ouvir música black. Eu vou numa senhora (L.), ela me dá presente. Ela mora perto da minha casa. Minha madrinha me deu uma jaqueta de Páscoa. A L. me deu dois cadernos.

Meus pais são legais comigo, eu tenho seis irmãos. Uns são chatos e os outros legais, eu tenho uma sobrinha muito bonita, e o meu irmão mais velho é muito legal, eu peço pra ele e ele me empresta. Também tenho um cunhado que é legal, ele empresta cd, corrente, camisa. Ele trabalha como colocador de asfalto.

Ele é responsável pelas marcações de consulta da mãe e do irmão mais velho, diagnosticado como esquizofrênico. Comunica-se bem, é envolvente, um jovem bonito, encantador, enganador, com seu “canto de se-reia.” E assim ele continua:

Eu faço as coisas que gosto. Quando falam da minha família, chamam minha mãe de louca e meu pai de vagabundo, parto para briga. Quero trabalhar e comprar o que gosto e não depender dos outros. Trabalhar em supermercado. Faço contas de mais e de vezes.

Ele mostra domínio das operações básicas, faz cálculos usando as quatro operações, sem dificuldades. Pergunto sobre as matérias que tem facilidade para aprender. Ele responde:

O que é mais fácil é matemática, ciências, educação física, geografia e artes. Mais difícil história, português. Amizades eu tinha poucas, porque amigos de verdade ajudam e isso não acontecia. Amigo de verdade ajuda o outro. Os colegas mentiam que eu fazia coisas, como bolinha de papel, bagunça, confusão, essas coisas.

Seu *lar* é a rua, volta para casa à noite no horário que quer, ainda que apanhe do pai.

Eu saio para esquecer meus problemas, tento fugir, mas não adianta, eu tenho que resolver, senão fico com peso na consciência. Fujo só se resolver. Tem gente que me enxerga mal, e tem outros que me veem bem, tem gente que concorda com o que faço e tem outros que não gostam do que eu faço. Tem gente que fala que sou balaquento, porque uso isso ou aquilo. Balaquento porque uso corrente e roupa de marca. Minha cor preferida é preta.

Ele é uma imagem que se enfeita para ser igual. Igual, desigual. Um jovem sem o eixo que verticaliza, que convive com adultos alijados, negligentes. Mas negligentes com quem? Com o que não sabem? Com o que não tiveram? Como ser alguém sem ninguém, com objetos internos caóticos e transgressores?

Quando pensa no futuro, na escola e nos professores, comenta:

Eu me imagino trabalhando, tendo filhos e mulher. Tendo minha casa e minhas coisas. Queria que meus professores fossem legais, numa escola bacana, com alunos legais que colaborem uns com os outros e que seja uma escola séria. Minha escola não é séria. Os alunos brincam, não fazem nada que a professora quer, não fazem o tema e eu também não fazia. Queria um professor com atitude na sala de aula, que explicasse as atividades melhor para ficar mais fácil os trabalhos. Ter atitude é conversar com os alunos, colocar ordem na turma, cortar o recreio e a educação física.

A que futuro se refere? Parece ter intenção de mudar, mas não muda, quer ganhar sem perder, sem esforço para suportar e superar a realidade.

Eles vivem e copiam a transgressão, expressam a pobreza dos laços pessoais e com os outros. Preparam-se para a marginalidade, para a inclusão da exclusão. Usam códigos complexos e enigmáticos que não podem ser explicados, tornam visível o narcisismo patológico que acentua as im-

ponderáveis diferenças, bem como as possibilidades de lidar com elas, as inversões e perversões cotidianas.

A máscara cai. A idealização do que está fora da lei se cristaliza nas ações e afetos.

Querer e não poder fazer parte da história, parece que usam a seguinte lógica: se tudo é assim, então que continue assim, como na situação do escorpião e do sapo, no estatuto que indica “faça o que eu desejo e não o que eu peço”, uma consigna paradoxal e contraditória, na qual as consequências de desobedecer são tão difíceis quanto de obedecer.

Esses meninos buscam a lógica do reconhecimento, pois são filhos obscuros e esquecidos de seus pais. Imaginam que serão amados, em detrimento da moralidade, dos desejos e da sustentação emocional que não foram mantidos.

Eles reforçam a parábola do escorpião, nas aspirações afogadas na impossibilidade. Eles são assim. Essa é a natureza de seus sofrimentos calcados na mentira, no conluio, na violência e na ilusão.

Para compreender suas histórias, analisar suas falas, não se pode agir como o sapo. É preciso enxergar e escutar esse mundo paralelo sem retórica e pudor.

## NARCISISMO E PERVERSÃO

Ao pensar na estrutura psíquica denominada perversão, amplamente discutida e questionada na Psicanálise, propomos examinar algumas ideias sobre o termo. Essa denominação não teve origem na Psicanálise; remonta a épocas mais longínquas: no latim, o termo *perversio* aparece entre 1308 e 1444, no português, entre 1562 e 1575, derivado de *perversitas* e *perversus* que significa retornar, derrubar, inverter, pôr às avessas, desviar, desorganizar, realizar extravagâncias.

No século XIX, passou a integrar o vocabulário da Medicina, para designar uma degradação ou modificação de uma função

orgânica, até sair dessa esfera e representar uma degeneração moral, uma perversão moral, um desvio na vida sexual (FERRAZ, 2000).

Hoje, reconhece-se que da raiz desse termo deriva outro, a perversidade, que significa uma índole ferina, ruim, uma expressão carregada de pré-concepções e estereótipos.

Nesse sentido, é significativo pensar sobre quando e como aparecem as perversões. Quem são os perversos, considerando suas variações e mutações? Perversão é sinônimo de perversidade? Além da indiferença, ódio, crueldade, gozo, também se pode encontrar o senhor e o escravo, o bárbaro e o civilizado no *self* do perverso?

Nos estudos psicanalíticos, é possível constatar os indícios do gozo ilimitado que caracterizam a vida sexual, política, psíquica e histórica dos perversos.

Porém, acredito ser necessária uma abertura afora o senso comum; uma observação mais acurada dessas manifestações carregadas de sofrimentos inenarráveis, condenadas pelo eco dos próprios sentimentos.

Seja gozo do mal ou paixão pelo soberano bem, a perversão é uma circunstância da espécie humana: o mundo animal está excluído dela, assim como do crime. Não somente é uma circunstância humana, presente em todas as culturas, como supõe a preexistência da fala, da linguagem, da arte... (ROUDINESCO, 2008, p. 11).

A vida é marcada por símbolos, pela presença do outro, por experiências cujas narrativas repousam no bem e no mal, nas cisões entre a realidade e o mundo interior, delineado pelo inconsciente, por fantasias sustentadas nas identificações que apontam as nuances do narcisismo.

Toda manifestação humana, desde os primeiros anos, produz efeitos, produz impressões, comunicações, que ficam ativas no psiquismo. A criança sobrevive no

adulto como um hóspede, mobiliza desejos, encontros e desencontros, fala a linguagem das sensações vividas num passado no qual a incipiente consciência não se apropria do que é vivido, porém se sustenta por um código íntimo, particular.

O ser humano, seja qual for seu sofrimento, precisa estar e se comunicar de alguma forma com o outro. O ser humano expõe suas pulsões, e sobre essa premissa reside a escuta do psicanalista.

Por vezes, os perversos não são reconhecidos como perigosos, pois suas ações permanecem na esfera privada e parecem ocupar o lugar da não submissão à ordem familiar em relação aos papéis parentais e danos morais, como se não afetassem a vida das outras pessoas.

O mesmo acontece, com frequência, no descaso daqueles que se vitimam, aprisionados na angústia, no silêncio, na agressão voltada contra si mesmo e aos demais, que ficam atados nas garras da depressão, dos problemas narcísicos com comportamentos de abandono, de desorganização somática e desespero, ou territorializados na destrutividade antisocial.

A falha de integração narcísica leva à progressiva desorganização psíquica e corporal. O perverso não aceita as leis paternas, a norma social; rejeita a realidade e não recalca as pulsões pré-edípicas. Tem um senso moral e de justiça peculiares com base em sua centralidade narcísica e no uso de defesas contra as angústias primitivas.

Na sociedade contemporânea e globalizada, o homem mostra-se mais desumano que seus ancestrais ao exibir fixações sádicas com cenas, imagens, textos que estimulam ligações sem ética, banalizadas de maneira criminosa e indiscriminada.

Vivemos sob a insistência de um contexto que parece inquestionável, sob o impacto da ameaça, da desordem cultural e de grandes interrogações sobre o lugar do campo afetivo, das novas organizações vinculares com suas repercussões cotidianas.

Por outro lado, os inconscientes estudados e perscrutados na Psicanálise parecem mitigar a fronteira entre o normal e o patológico sem renunciar à cura, oferecendo-se como uma viagem numa noite íntima habitada por segredos, excessos, impasses e indiferenciações.

Para Freud (1978), a vida psíquica sempre esteve enraizada na sexualidade, visível na pulsão e na linguagem, de tal modo que o desejo é compreendido como energia e intenção, fonte de um mal-estar e de uma revelação, a revelação da singularidade sexual de cada um.

O inconsciente freudiano é estruturado pelo recalque e desejo. Pode ser decifrado no discurso dirigido ao outro, assim como a pulsão, que tem uma fonte e um objetivo, mas nem sempre um objeto. Porém, como isso seria possível?

Para entender, em parte, essas ideias, recorremos aos estudos de Melanie Klein que, segundo Kristeva (2002), indica que o outro está e sempre esteve aí, nos dramas e nas tramas estabelecidos entre um adulto e uma criança, na constituição de um ego e superego precoces, na denominada função materna.

Atenta à pulsão de morte, Klein fez dela a causa das aflições humanas, bem como da criação dos símbolos ao apontar as posições esquizo-paranoide e depressiva, e alarga a familiaridade com a loucura e a alquimia das emoções humanas. Suas ideias são pertinentes e contribuem para o entendimento do mal-estar cultural, ainda hoje, oferecendo possibilidades de compreensão da psicose, depressão, perversão, dissociação do eu, angústia, e também do narcisismo patológico.

Em Klein (CAPARRÓS, 1998), desde o nascimento, há uma cisão originária, como um embrião, possibilitando a discriminação entre o eu e o não eu por meio da introjeção e da projeção. Para o bebê, o objeto é um reflexo de si mesmo. O comportamento do objeto e as fantasias inconscientes decidem o desenvolvimento do narcisismo.

Para Caparrós (1998), o sujeito nasce psiquicamente com seus vínculos. Entender a vida psíquica como vínculo, como atadura, implica considerar morte psíquica toda forma de desligamento e ruptura com os outros.

Portanto, o narcisismo patológico expõe a morte do vínculo ou sua dissolução. Em relação a isso, o autor comenta que o narcisismo é uma estrutura: sujeito versus objetividade. É também uma narrativa mitológica, um rótulo que agrupa uma família de patologias. É ainda um elemento que desempenha uma função desde a origem do sujeito.

O sujeito se constrói mediante uma série de identificações, assimilando aspectos do outro e transformando-se por meio da projeção e introjeção, uma dupla inseparável desde os primeiros estágios do desenvolvimento psíquico, que regula a relação com os objetos externos.

Outro conceito importante desenvolvido por Melanie Klein, a *identificação projetiva*, é vislumbrado, nessa reflexão, a partir do duplo controle interno e externo como uma depuração do ego primitivo. Uma das consequências da identificação projetiva é o modo como o sujeito se relaciona com o objeto, não como uma pessoa separada, com características próprias, mas como uma extensão de si mesmo, como um componente narcísico.

Ainda que o termo narcisismo não apareça na clínica e na teoria kleiniana, é possível compreender que há um estado narcísico que retira libido dos objetos exteriores para curvar-se sobre os objetos interiorizados.

O amor por si mesmo, com características de excesso ou de escassez, provoca movimentos, configurações, posições. Movimentos direcionados para o interior e exterior, movimentos que desvelam a dificuldade de superar as diferenças, a sedução, a manipulação vampíresca de sugar e saborear a provisão externa, atribuindo aos demais os próprios sentimentos.

São muitas as manifestações da incompletude, da inveja, desse lobo voraz que deseja recuperar a perfeição narcísica e, algumas vezes, a necessidade de sacrificar-se, ou sacrificar o outro, de viver num solo movediço, desafiando a castração, retirando energia e criatividade da outra pessoa, para incutir o medo e a culpa.

Nessa perspectiva, a angústia persecutória e a agressividade são incrementadas por circunstâncias externas desfavoráveis ou mitigadas pelo cuidado desde o nascimento.

Se olharmos para nosso mundo adulto do ponto de vista de suas raízes na infância, obtemos um insight sobre o modo pelo qual nossa mente, nossos hábitos e nossas concepções foram construídos desde as fantasias e emoções infantis mais arcaicas até as mais complexas e sofisticadas manifestações adultas. Há mais uma conclusão a ser tirada: aquilo que já existiu no inconsciente nunca perde completamente sua influência sobre a personalidade (KLEIN, 1991, p.296).

Em Chuster (1999), é a partir dos escritos kleinianos que Rosenfeld realçou a trama das relações objetivas narcísicas patológicas na identificação projetiva, que se manifesta com a idealização, a onipotência e a projeção de partes do *self*. Para ele, a estrutura narcísica aparece naqueles pacientes que idealizam a morte como solução para os problemas, numa lógica de autodestruição.

Este é um aspecto que está presente em muitos quadros clínicos, dando-lhes uma gravidade maior. Tais pacientes não conseguem diferenciar a vida da morte, aparecendo naquilo que foi descrito como vício pela agonia ou estreiteza mental. A estrutura psíquica parece dominada por um grupo mafioso, um chefe tirânico que controla os membros prometendo benefícios e ameaçando com punições (CHUSTER, 1999, p.69).



Nessa citação, observamos que o sentimento de existir leva à inibição, à cisão do eu. A dependência do objeto implica amor, reconhecimento, valor, mas também promove agressão, ansiedade, dor em função das frustrações inevitáveis e de suas decorrências. Além disso, a dependência estimula a inveja, quando se reconhece a bondade e a tolerância do objeto.

Nas relações objetais narcisistas onipotentes, é possível verificar que, por meio da identificação projetiva, não há separação entre o mundo interno e o externo. Portanto, a indiferença é salientada como uma couraça que reveste o eu e, em parte, impede o desenvolvimento e crescimento psíquico.

As repetições retornam na incapacidade de pensar, de seguir a razão e a lógica. As necessidades não reprimidas ignoram o tempo, só consideram o negativo, não toleram a demora, mas impõem dor, humilhação, penalizam o semelhante, sob o imperativo de um agudo desafio e questionamento sobre o amor por si mesmo.

A experiência com pacientes difíceis ensina sobre o poder das palavras e dos gestos. Para o neurótico, a compulsão à repetição é o motor da pulsão, para o perverso, a compulsão é a atuação da fantasia com sua atribuição sadomasoquista em relação ao outro.

Quanto à pulsão, Grinberg (1991) assinala a interação dinâmica entre mãe e filho, o que permite a compreensão do sofrimento narcísico. Um sofrimento que limita a vida para dar queixa do destino, que impede a ajuda ao outro, encoraja o ataque contra o objeto e o sentimento de dependência.

Nas míseras narrativas, os disfarces da linguagem estão saturados de subentendidos e tropeços nas encenações e nas palavras. Porém, é justamente nessas rupturas que surgem questões vitais quanto à discordância entre a lógica e o desejo, assim como os sintomas que desafiam a lei e a dialética do ser.

## UM DESAFIO, UMA TRANSGRESSÃO: COMO SER PSICANALISTA?

A capacidade de reconhecimento, de ver o que o outro não vê, remete à prática analítica, na qual o inconsciente, como uma essência, é reunido e separado, é vivenciada pelo analista e pelo analisando. Isso surge no discurso que alude a uma parte de si próprio, uma parte que o analisando coloca em contato com o analista.

Nessa perspectiva, a fala é e não é o próprio sujeito, uma vez que se constitui da racionalização e da negação, pois encena o mundo interno.

A linguagem se dá no simbólico, liga o que está desligado com outra forma de reunião, e, na via da interpretação, o analista trabalha com esse vaivém para que o analisando produza pensamentos.

Os sintomas fazem parte do discurso e das fantasias inconscientes que, muitas vezes, não aceitam o desfecho. Os sintomas se impõem, se satisfazem e alteram os pensamentos e os sentimentos sobre si mesmo, revelam as contradições e subversões. As pessoas falam em nome da consciência, da percepção, das leis compartilhadas, ou da ausência delas, mas também da dramática do desejo, da sexualidade, da castração ou de sua impossibilidade.

Pode-se dizer que desvendar os conflitos que atuam na vida psíquica é o objetivo fundamental da Psicanálise. “O analista se coloca como alguém capaz de ouvir, compreender, captar e descrever as emoções presentes no campo como uma espécie de enzima de ulteriores transformações” (FERRO, 2005, p.157).

Portanto, não há apenas um inconsciente a desvendar, mas uma capacidade de pensar para ser desenvolvida, uma tomada de consciência das regiões nunca antes percorridas. O analista não decodifica o inconsciente, mas opera um alargamento da consciência e do próprio inconsciente, como uma sonda que alarga o campo que explora.

O analista opera transformações quando faz mudança de vértice, quando compreende a polissemia de uma narração. Muitos pacientes efetuam escolhas de objeto recolocando o tipo de relação, que na época do surgimento foi traumática. (FERRO, 2005)

O trabalho analítico é desarticular, desmontar os enlaces que, em alguns casos, deixam descoberta uma falha ou falta, na qual se insinua algo que pressiona e obstrui o caminho da simbolização.

A função do analista é compreender a polissemia narrativa, ampliar o conhecimento sobre o funcionamento mental e, ao deparar-se com pacientes limítrofes, capacitá-los na busca de novas formas de conviver com a angústia e o sofrimento, para que saiam da repetição, do *beco sem saída*.

### **UMA MÁSCARA, UMA VIDA MALVIVIDA...**

Pensar onde não é e ser onde não pensa. Nesse paradoxo, há um caminho singular, que é encontrar o irrefletido que sustenta outro estado da alma, cuja diferença reside no grau em que o sujeito deve colocar-se diante dos limites impostos na convivência humana; compreender a alma que olha de dentro para fora e de fora para dentro, restabelecendo a confiança e a capacidade de amar adequadamente a si mesmo; apontar para outro tempo. Um tempo de reencontro, sem ferimento, sem a constante condenação e submissão aos desígnios pulsionais, decorrentes do vazio de significações e da função paterna, pois essa inscrição não aconteceu no discurso da mãe.

Todas as manifestações espontâneas, visíveis, audíveis, assim como os sinais da perversão, não passam de expressões das imagens gravadas por sensações muito antigas. Tão antigas quanto a parábola do Escorpião e do Sapo. As imagens tomam forma quando paciente e analista conseguem decodificá-las na relação transferencial.

A imagem perdura como uma sensação, pois toda emoção agradável ou dolorosa imprime-se numa representação psíquica. A afetividade e a corporeidade, consciente ou não, deixam traços na vida afetiva, no mundo interno, pois é uma linguagem partilhada de emoções, de ritmos, de uma intenção desejante e simbólica entre uma criança e sua mãe. Uma memória inconsciente dos tempos do corpo infantil faz coincidir as sensações e emoções adultas com as experimentadas no início da vida, uma linguagem que o analista deve conhecer para se comunicar com a “criança polimorfa perversa” e entrar em ressonância.

Por conseguinte, quando estamos na presença da iniquidade, precisamos pensar que isso ocorre por duas razões: em primeiro lugar, porque o sujeito foi afetado por algo extraordinário, em seguida, porque, tendo retornado ao passado para reencontrar a segurança de uma imagem anterior, está desamparado, em dissintonia com a imagem atual.

Refletir sobre os problemas narcísicos e a perversão oportuniza um encontro com pessoas que não entraram em acordo com os conflitos e sentimentos edípicos.

O amor próprio e a identidade estão entrelaçados com as pulsões e relações objetais, num eu que precisa ser olhado, admirado, reconhecido, temido e impelido pelo mundo externo.

A pulsão de morte não ocorre apenas na relação com o outro, mas contra si mesmo, contra a capacidade de buscar ligações.

O discurso do narcisista patológico é recitativo e narrativo, como se a simples desconexão da linguagem tivesse o poder de destruir a imagem do *self*, perseguida pelo despedaçamento.

Distância, frieza e indiferença tornam-se escudos para proteger o *self* e afastar a angústia de intrusão.

Diria inclusive que o que caracteriza a estrutura narcisista é este ponto fraco na armadura ou no brasão. Ponto rapidamente percebido

pelo objeto, que sofre por se ver mantido assim à distância, excluído da relação de proximidade, congelado pelo sujeito narcisista (GREEN, 1988, p. 178).

Somos o que sentimos e vemos. O eu é o sentimento de existir, é uma entidade imaginária, um lugar de desconhecimento, de miragens, que confundem a percepção. É tanto a certeza de ser o que se é quanto a ignorância do que se é.

As imagens mentais que forjamos de nós mesmos, substrato de nossa identidade, são imagens subjetivas. O eu resulta da interpretação pessoal e afetiva do que percebemos em nós mesmos, sejam nossas sensações, sentimentos ou aparência, já que são imagens alimentadas no amor e no ódio que guardamos internamente.

Não percebemos nossa vida tal como é, mas como imaginamos, como fantasiamos, submetidos a uma imagem familiar, por vezes assustadora.

E o Escorpião e o Sapo?

Para essa parábola, deixamos a arte de psicanalisar, ou seja, de perguntar e perguntar-se. De captar a necessidade. Enxergar o olhar, na expressão quase distraída do outro, ou o movimento casual, inaudível ou indizível.

Como pensar em escorpiões e sapos para compreender os simulacros, as mensagens que tratam da vida e da morte, da asfixia, da ruptura com a interdição?

Ao deparar-nos com as nuances da perversão, ficamos com o sentimento de nadar num rio profundo sem colete salva-vidas, presa às lembranças que mantêm viva a esperança para não sucumbir ao desprezo e controle do outro.

Contudo, sem poesia e sem metáfora, é importante vislumbrar a Psicanálise nos tempos de avatar, dos mundos paralelos, de sonhos e utopias.

Em sentido figurado, um avatar é a imagem que construímos num ambiente virtual para expandir nossa existência, com

identidades forjadas no mundo das redes interconectadas.

Neste século, moramos em um mundo fluido, no qual podemos estar em vários lugares ao mesmo tempo, sem habitar nenhum, encenando poder e impunidade.

Vivemos no uso da tecnologia, num permanente estado de excesso que causa insatisfação, insegurança e depressão, que produz decadência, que coloca o ponto de referência humano de fora para dentro.

O que fazer?

Pensamos que a Psicanálise deve ir além da intenção de tornar consciente o inconsciente, de tornar acessível o conhecimento do mundo interior. A Psicanálise precisa decifrar os códigos da cultura, que permeia a subjetividade e a alteridade com ênfase no narcisismo e nos narcisistas de pele fina e de pele grossa (ROSENFELD, 1988).

A Psicanálise contemporânea precisa ir além do *setting* para explorar e estudar as mensagens da alma humana. Os psicanalistas precisam expandir a compreensão e atuação nos múltiplos lugares, nos quais habita o humano.

### Keywords

*Narcissism, pathological narcissism, perversion.*

### Abstract

*This paper begins with a story about the difficulties of both psychic transformations, by pointing to the intersubjectivity ways, and membership in the identification process. The point of perversion! Reading about the perversion theme enables the revision of concepts such as pathologic narcissism and revenge, as well as the analysis of deviations in relation to others from the "possible" images of themselves. Images full of physical and emotional marks that comes from unsatisfied needs, from not repressed drives with a life destructive tone and it deconstitutes the*

*importance of care, marriage and alliances. However, there are points to question about in this story. Are there traces of evil in the Scorpions and in the frog? What characterizes the behavior of the Scorpions and of the frog? In the parable we see a pact that leads the characters to rediscover their origins, but the sting is stronger than empathy, the network over the past dominates the future.*

## **Tramitação**

Recebido: 03/06/2010

Aprovado: 28/06/2010

Nome: Maria Beatriz Jacques Ramos

Endereço: Av. Protásio Alves, 1981/309

Cep: 90410-002, Porto Alegre/RS

Fone: (51) 9806 0142

E-mail: mbjramos@terra.com.br

## **Referências**

---

CHUSTER, A. W.R. *Bion*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

CAPARRÓS, N. *Del narcisismo a la subjetividad: el vínculo*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1998.

FERRAZ, F. C. *Perversão*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

FREUD, S. *Narcisismo*. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1978. v. XIV.

FERRO, A. *Fatores de doença, fatores de cura*. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

GREEN, A. *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta, 1988.

GRINBERG, L. In: SANDLER, J. *El estudio acerca del Introducion al narcisism*. Sigmund Freud. Espanha: Julian Yebenes, 1991.

KLEIN, M. *Inveja e Gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KRISTEVA, J. *O gênio feminino. Tomo II Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

ROSENFELD, H. *Impasse e interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

ROUDINESCO, E. *A parte obscura de nós mesmos: a história dos perversos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

# *Das origens da sexualidade feminina ao feminino nas origens da psicosexualidade humana*

*From the feminine sexuality to the feminine into the human  
psychosexuality origin*

Maria das Mercês Maia Muribeca<sup>1</sup>

## **Palavras-chave**

Psicanálise, teoria da sedução generalizada e tradutiva do recalque, psicosexualidade humana, feminino.

## **Resumo**

Este trabalho tem como objetivo desenvolver algumas reflexões sobre a construção da subjetividade feminina em psicanálise, tendo como respaldo a *Teoria da Sedução Originária ou Generalizada* de Jean Laplanche e a proposta de Jacques André da existência das *origens femininas da sexualidade*. Nesse sentido, queremos assinalar que a *Teoria da Sedução Originária* nos possibilita ver a psicogênese do feminino desde um ângulo bastante diferente. Posto que pensar a sexualidade feminina sobre as bases de um endogenismo da pulsão sexual ou de uma sexualidade infantil que todo sujeito traz consigo, como traria consigo um inconsciente, presente desde o começo, não é o mesmo que colocá-la sobre a base de uma constituição exógena da pulsão sexual. Dessa maneira, observamos que a *Teoria da Sedução Originária* e a *Teoria Tradutiva do Recalque* modificam completamente a forma de ver as fundações do inconsciente, do aparelho psíquico e da origem da psicosexualidade humana, em especial, da feminilidade.

*As convicções são inimigas da verdade,  
mais perigosas que a mentira.*

**Friedrich Nietzsche**

Neste artigo, faremos um breve percurso através da história a fim de assinalarmos que, tanto através de um discurso religioso quanto de um científico, a origem da sexualidade feminina foi respaldada numa leitura negativa da sexualidade masculina. Por milênios, o corpo feminino foi envolto em uma áurea de profundo mistério, o que deu margens a muitos equívocos. Esse corpo anatomicamente considerado imperfeito se prestava a todo tipo de associações com o mal, por parte da religião, e com as enfermidades, por parte da ciência. Na construção da sexualidade feminina, o fe-

minino perdeu suas origens passando a ser visto como algo desvalorizado ou recalcado em seus primórdios.

A teoria psicanalítica foi, por assim dizer, edificada sobre a questão da diferença sexual, podendo a dicotomia entre razão e natureza manifestar-se na diferenciação que o pensamento freudiano estabeleceu entre homens e mulheres. O homem freudiano foi definido basicamente por suas funções na manutenção da ordem social e na construção da cultura, enquanto a mulher foi considerada, por excelência, como ser de natureza. A mulher foi definida a partir de seu corpo e de sua função procriadora como algo que lhe era ineludível.

<sup>1</sup> Doutora em Psicologia (Fundamentos Psicanalíticos) pela Universidade Autônoma de Madrid – UAM – Madrid – Espanha.

Ao longo da história da humanidade, as noções de homem e de mulher foram organizadas a partir de uma lógica binária que atribui ao sexo masculino as propriedades do humano. Do ponto de vista científico, formulava-se a existência de um único sexo, que poderia ser mais ou menos bem sucedido em sua evolução. Do ponto de vista religioso, a mulher, na versão do Gênesis, era um produto derivado do homem. Nesse aspecto, tudo o que foi associado ao feminino deixou de ser considerado em sua especificidade, passando a ser tratado como o negativo daquilo que é hegemônico (o masculino).

No plano da sexualidade, o órgão genital masculino e as representações associadas a ele passaram a ocupar o lugar de grau zero da sexualidade, enquanto o órgão genital feminino veio a ocupar o lugar de menos um, do enigmático, do desconhecido.

Porém, como foi possível conceber a sexualidade feminina como sendo o modelo negativo do masculino?

Voltemos um pouco no tempo para lembrar que, desde a Idade Antiga (4000 a.C. - 476 d.C.), o mundo se debatia com a problemática do feminino e da mulher através da ocorrência da histeria. Hipócrates (460 - 375 a.C.) e Platão (427 - 347 a.C.) defendiam a tese de que a histeria era uma enfermidade orgânica de origem uterina e, portanto, especificamente feminina. Eles imaginavam que o útero era o responsável direto por tudo quanto dizia respeito ao mundo feminino, alimentando a crença de que a anatomia designava seu destino e único desejo: o de ter filhos. Nessa perspectiva, o útero não deveria ficar inativo e estaria sempre a serviço da procriação para o próprio bem estar psíquico da mulher (LAQUEUR, 2001).

Na Idade Média (476 d.C. - 1453 d.C.), o útero ainda era o responsável pelo comportamento emocional e moral das mulheres, bem como aquilo que definia o lugar social delas: *o lar, na posição de mães*.

No período do obscurantismo medieval, milhares de mulheres foram queimadas vivas nas fogueiras da inquisição. Durante quatro (aproximadamente do século XIV até meados do XVIII) séculos de caça às bruxas, no auge do tempo das fogueiras, vamos presenciar a repressão sistemática do erotismo feminino: guiada pelo *Maleus Maleficarum*, também conhecido como *O Martelo das Feiticeiras* (escrito em 1484 pelos monges dominicanos alemães Heinrich Kramer e James Sprenger), processa-se a mais delirante perseguição às mulheres e ao prazer a elas associado. O mais importante tratado sobre a tortura apresenta o fenômeno da anestesia histerica diante das picadas das agulhas como uma prova da insensibilidade demoníaca (TRILLAT, 1991).

Entre os séculos XII e XVII, a mulher foi estigmatizada como a representação do mal. Filha e herdeira de Eva, fonte do Pecado Original e instrumento do diabo sobre a face da Terra, seu corpo feminino era visto como um conjunto de imperfeições, quer do ponto de vista moral, quer fisiológico, transformando-se em algo maligno, essencialmente impuro. Ligada à natureza, à carne, ao sexo e ao prazer, ela foi responsabilizada por induzir o homem à traição e ao pecado. Essa concepção enaltecia o homem enquanto a mulher e a sexualidade eram penalizadas como causa máxima da degradação humana (NUNES, 2000).

No século XVII (plena Idade Moderna 1453-1789), o neurologista francês Charles Lepois (1563-1633) levantou a tese de que os sintomas histéricos se originariam no cérebro e seriam comuns aos homens e as mulheres, sendo um absurdo atribuir sua origem à matriz. Porém, foi o anatomista inglês Thomas Willis (1622-1675) quem realmente a explicou como sendo uma patologia cerebral (TRILLAT, 1991).

Essa posição pouco alterou a associação existente entre o feminino e a histeria e

quase nada modificou a condição da mulher, que, no século XVIII, desempenhava o papel de propiciar as condições necessárias para que o homem pudesse produzir seu saber. As mulheres não tinham acesso ao estudo, viviam exclusivamente para o âmbito doméstico, e sua ambição era passível de castigo. Dessa forma, a mulher não podia desejar, senão ser desejada; ela era pensada desde o desejo do outro: o homem (ROITH, 1989).

Por essa época, eclodia a Revolução Francesa (1789 - 1815), que punha em cheque o sistema político e social então vigente na França e no resto do Ocidente. Esse movimento revolucionário serviu também para as mulheres denunciarem a sujeição em que eram mantidas e que se manifestava em todas as esferas da existência humana (jurídica, política, econômica, educacional). A partir daí, elas puderam começar a se interrogar sobre sua própria identidade e refletir sobre a inexorabilidade de seu destino.

A mulher do século XIX fez uma passagem da condição de herdeira de Eva à de filha da Virgem Maria. Essa imagem da santa representada pela Madona com o menino Jesus ganhava o status do que há de mais sublime e santo na feminilidade. Na medida em que a maternidade aparecia como um ideal ao qual a mulher deve almejar, a visão dos órgãos femininos transcendia a categoria da perfeição, e o útero passava a ser considerado um órgão nobre (NUNES, 2000).

Banhada pelas novas formas de manifestações histéricas, a medicina apresenta as etapas fisiológicas da vida feminina como doenças, sendo a mulher vista como um ser eternamente enfermo. É nesse panorama que encontramos o neurologista francês Jean-Martin Charcot (1825-1893), que desenvolveu trabalhos sobre a etiologia traumática da histeria, ensinando que a formação do sintoma histérico era de natureza funcional. Nessa época, a cura da histeria saiu do âmbito familiar, onde o controle dos sintomas se dava através do casamento,

e se trasladou às mãos do médico encarregado de domar a feminilidade rebelde (TRILLAT, 1991).

Entre uns e outros tratamentos bizarros, o saber psiquiátrico seguia fazendo suas incursões exploratórias no corpo feminino, cobaia dos experimentos sádicos de homens que não as escutavam, mas as tocavam intrusivamente.

Foi nesse cenário que Freud (1856 - 1939) emergiu com a proposta de não mais tocá-las, senão de adentrar em seu universo psíquico a fim de escutá-las em suas penas. Através da compreensão dos afetos que a fala continha, Freud promove uma espécie de decodificação dos sintomas histéricos, inaugurando uma nova via de leitura para esses fenômenos.

Como componente dessa nova perspectiva, Freud (1896) postula uma origem traumática para a sexualidade, já na infância, a partir de experiências de sedução. Tais experiências explicariam a etiologia das enfermidades nervosas, em especial, das neuroses histéricas, revelando que a causa da histeria era sempre de natureza sexual.

Pouco tempo depois, Freud (1950 [1892-99]), na famosa carta 69 a Fliess, de 21 de setembro de 1897, abrirá mão dessa teoria, renunciando ao conceito de trauma real e da cena de sedução e passando à concepção de uma sexualidade oriunda de um organismo corporal que se excita endogenamente. Dessa maneira, os processos psíquicos se iniciariam a partir do próprio sujeito, tendo uma origem claramente endógena, predeterminada, na qual o papel do outro adulto não ocupa um lugar primordial na fundação do inconsciente nem na constituição da sexualidade.

Gostaríamos de ressaltar que ao longo da trajetória psicanalítica, não só as variantes do modelo terapêutico elaborado por Freud, como também as interpretações ou leituras de seus textos se diversificaram

e se multiplicaram. Laplanche (1988, 1970, 1992a, 1992b, 1997, 2001), por exemplo, trabalha os conceitos freudianos confrontando suas contradições. Estuda Freud sempre com a intenção de criar uma nova espiral que abra outros caminhos ao pensamento. Possui uma produção conceitual própria, que o converte em um dos psicanalistas mais respeitados de nosso tempo. Famoso por ser rigoroso em suas colocações e profundo conhecedor da obra freudiana, Laplanche se posiciona claramente a favor do conteúdo sexual do inconsciente.

Laplanche (1988) resgata a via da sedução, que, a seu ver, é recalçada pelo próprio Freud em sua obra e desenvolve a Teoria da Sedução Generalizada e o conceito dos significantes enigmáticos, com vistas a retomar a prioridade do outro na fundação do inconsciente, recusando-se a pensar que o infante parta de uma sexualidade dada como algo inato.

Nesse aspecto, o inconsciente possui um caráter rigorosamente cultural, é efeito do recalque e, indubitavelmente, produto do encontro com o inconsciente do outro. Não se trata simplesmente de algo externo e ininteligível para o sujeito infantil, mas de algo que é alheio ao próprio emissor desse mundo simbólico. Trata-se de uma relação enigmática do emissor com seu próprio inconsciente.

Com isso, desejamos assinalar que a Teoria da Sedução Generalizada (LAPLANCHE, 1988) nos possibilita ver a psicogênese do feminino de um ângulo bastante diferente. Pensar a sexualidade feminina sobre as bases de um endogenismo da pulsão sexual ou de uma sexualidade infantil que todo sujeito traz consigo, como traria consigo um inconsciente, presente assim desde o começo, não é o mesmo que colocá-la sobre a base de uma constituição exógena da pulsão sexual.

Já Freud (1931; 1933; 1937), ao manter uma concepção do inconsciente como ori-

ginado endogenamente, de uma sexualidade infantil dada de forma espontânea e de uma teoria falocêntrica para explicar a gênese da psicosexualidade humana, pôs a mulher num continente negro; não entendeu a essência do seu desejo; remeteu-a aos poetas e, ao final de sua obra, vinculou a questão da feminilidade com a castração, considerando-a um obstáculo intransponível para o êxito da cura.

É certo que a construção do feminino na obra freudiana apresenta muitos pontos ambíguos, contraditórios e enigmáticos, pois muito dificilmente uma mulher aceitaria a condição feminina em sua versão imaginária infantil, da castração absoluta. Ademais, as principais ideias de Freud sobre a sexualidade feminina e sua feminilidade são concebidas desde uma análise comparativa que toma o homem como modelo-padrão, calcando o estudo do seu desenvolvimento psicosexual sobre as ciências da fisiologia, da anatomia, que determinava o destino da mulher, e da biologia, que estabelecia a hierarquia entre os sexos. Isso nos induz a pensar que: ou a mulher não se ajusta à teoria da feminilidade proposta por Freud ou é a teoria de Freud que não dá conta do feminino.

Curiosamente, ele transformou o mundo da mulher em algo obscuro e enigmático, quando foram precisamente mulheres como Dora que se deitaram em seu divã. Ora, se a histeria é o resultado de uma defesa contra desejos proibidos, então seria esse o drama de Dora, preferir a insatisfação ao risco do desejo? Ana O. havia ensinado que a sua fala continha os recursos necessários para fazer uma limpeza na chaminé, declarando que a cura estava nos afetos que a fala continha. Mas, algo escapou no percurso da fala à escuta porque, como disse Lichtenberg, talvez a teia saiba muitas coisas que a chaminé ignora.

O que precisamente Freud não logrou escutar no discurso dessas mulheres que



ele mesmo convidou a falar? Parece que na passagem do silêncio ao discurso algo restou, sem que Freud pudesse ou desejasse ver, mantendo com isso um ponto enigmático sobre o feminino.

Nesse sentido, poderíamos pensar junto com Maria Rita Kehl (1998) que só aquilo que um homem se recusa a saber sobre seu próprio desejo seria capaz de produzir o efeito de mistério sobre seu objeto, nesse caso, o desejo da mulher.

A mulher freudiana terminou sendo concebida como um ser anatomicamente inacabado ao contrário do homem que possuía um corpo perfeito, posto que a natureza lhe havia presenteado o pênis, um órgão genital com vida própria, digno de ser apreciado em sua forma estética fomentando no homem a ilusão de ser um ser completo o que obviamente lhe induziu a negar a falta constituinte de todo ser humano.

Desde os inícios da civilização ocidental, o pênis foi muito mais que uma parte do corpo: foi uma ideia, uma medida-padrão conceitual do lugar do homem masculino no mundo. Isso porque os aspectos culturais e sociais entram em cena para confirmar a hegemonia do macho, o que implica dizer que o pênis foi, ao longo de toda a história da humanidade, investido de grande valor material, estético e psíquico. Foi divinizado pelas culturas pagãs do mundo antigo, endemoniado pela Igreja Romana em seus começos e, mais adiante, secularizado por anatomistas como Leonardo da Vinci (1452-1519).

Segundo Friedman (2002), os homens ostentarem um pênis é um fato científico, mas como pensam a esse respeito, como se sentem em relação a ele e o usam, não o é. Com isso, assinalamos que ser mulher não é mais enigmático que ser homem, pois o autêntico enigma é o da sexualidade humana em geral. Pois bem, sabemos que existe um desejo inconsciente que é enigmático a qualquer das criaturas humanas, bem como exis-

te um desejo consciente que não se faz nada enigmático.

Dessa forma, o desejo feminino só é enigmático se comparado a uma espécie de transposição ou de uma identificação do feminino ao histérico. E ao colocar a mulher como alguém que, todavia não é, mas que deve vir a ser; como alguém excluído da palavra; um ser que não existe; o inverso do masculino; uma mulher que desfruta de um gozo místico que ela mesma desconhece; que é algo inalcançável, certamente deve-se colocá-la no discurso histérico. Nesse sentido, histeria e feminino passaram equivocadamente ao longo da história da construção da subjetividade feminina a serem considerados sinônimos.

Assim, também sucedeu com a teorização freudiana, que em grande parte de sua obra tende a confundir as relações entre histeria e erotismo feminino. Atribuímos boa parte dessa confusão a uma generalização de certas categorias, que inserem aquilo que é característico da histeria à teorização da sexualidade feminina (SCHAEFFER, 2000).

Freud, em suas hipóteses teóricas sobre a sexualidade feminina, também as recheou com o que corresponderia à histeria. O que dizia respeito à psicopatologia histérica foi atribuído à mulher. Dessa forma, a proposta freudiana sobre a sexualidade feminina considera em muitos aspectos como configuração normal aquilo que é próprio de diferentes constelações psicopatológicas.

Ademais, a feminilidade anunciada por Freud em 1931 e 1933 se refere ao papel da mulher na procriação, circunscrevendo a feminilidade como um paralelo da maternidade. Felizmente, hoje sabemos que o feminino se diferencia da histeria, porque o percurso do feminino não é o percurso histérico. E a mulher do século XXI é sujeito de um desejo cuja satisfação está além da aposta freudiana no casamento e na maternidade (KEHL, 1996).

É bom lembrar que os corpos de homens e mulheres não somente sustentam suas diferenças sexuais, mas também sustentam nelas os fantasmas que, desde o imaginário social, se constituem a esse respeito, dando viabilidade a seus respectivos e variados discursos ideológicos (FERNÁNDEZ, 1993).

A leitura do feminino deve surgir a partir do feminino e não pela via do discurso que alimenta o falocentrismo, que fala da origem do feminino através do masculino. Jacques André (2002) propõe que o feminino está nas origens da homossexualidade humana. Entende a teoria da feminilidade como aquela que contradiz a teoria falocêntrica de Freud. Segundo ele, a sexualidade feminina, ao contrário do que propunha Freud, não é uma formação incerta e secundária da história edipiana, mas sim uma formação primária.

Pensa-se, pois, numa feminilidade que está profundamente ligada à constituição do sujeito homossexual. Jacques André (1999; 2001; 2002) retomou a proposta freudiana de que o elemento essencialmente recalcado é sempre o elemento feminino, montando uma articulação entre o feminino e a alteridade, entre o feminino e o outro dentro de nós, atribuindo um caráter vital ao par feminilidade-passividade nas origens da homossexualidade.

A tese da feminilidade constitutiva da sexualidade humana remete diretamente à ideia da passividade originária no estabelecimento da ordem pulsional humana. As primeiras experiências passivas do infante e a posição feminina tendem a aproximar a psicogênese da feminilidade à gênese da homossexualidade humana, ao aproximar o elemento feminino ao inconsciente. A questão da sexualidade feminina conduz a um retorno às origens, das origens da sexualidade feminina ao feminino nas origens da homossexualidade humana.

Na concepção de Emilce Dio Bleichmar (1997) a feminilidade preexiste à menina, à

mãe e ao pai, e o estudo de sua ontogenia não pode deixar de fazer-se desde a prioridade da concepção da feminilidade nas instituições do simbólico que a constituem.

Esta feminilidade originária é uma feminilidade comum a todos os seres humanos independentemente do sexo. Cada um, ao nascer, é precipitado às turbulências das transformações do nascimento e recebe os efeitos psicossomáticos da feminilidade primária. Não se trata de uma feminilidade de mulher, mas do elemento feminino preponderante nessa etapa da vida. A feminilidade primária, então, constitui uma primeira representação da passividade da criança perante a uma situação traumática, em que o par feminilidade-passividade adquire um caráter vital nas origens da homossexualidade. O feminino, portanto, está na origem da constituição homossexual de todos os seres humanos.

Nesse sentido, a única e verdadeira situação da qual nenhum ser humano pode escapar é a sedução originária. Uma situação antropológica fundamental, calcada numa assimetria estruturante. Um infante confrontado com um mundo adulto que, de entrada, lhe envia mensagens impregnadas de significações sexuais inconscientes, que são percebidas como uma exigência a “traduzir”.

Apoiados na Teoria Tradutiva do Recalque (explicitada na antiga carta 52 a Fliess, de 6 de dezembro de 1896), somos convidados a fazer um movimento de destruição das velhas traduções que não foram bem sucedidas devido aos sintomas que elas suscitam. Laplanche (1992a), inspirado nos textos de Walter Benjamin, assinala a permanência de uma traduzibilidade que exige e resiste ao sentido. Todo texto já é uma tradução originária de outra coisa e toda tradução é traiçoeira, porque sempre deixará algo sem revelar, mas também acrescentará um novo elemento a sua história, algo regenerador.

Todos nós somos seres autoteorizantes, e é precisamente essa capacidade de au-

toteorizar que seguirá instigando o ser humano a construir, desconstruir e reconstruir sempre novas formas de escrever a vida e seus enigmas. Dessa forma, acreditamos que, devido a uma falha na tradução teórica freudiana, o feminino passou a promover contínuas aberturas no campo da teoria psicanalítica, a modo de um sintoma que durante todo o tempo insiste em fazer-se presente como algo que foi recalçado em suas origens e que com seu retorno nos convida a uma nova leitura.

### Keywords

*Psychoanalysis, generalized seduction theory and translation of the repressed, human psychosexuality, feminine.*

### Abstract

*This work aims to develop some reflection about the construction of feminine subjectivity in psychoanalysis supported by the Original Seduction Theory or Generalized from Jean Laplanche and also the proposal from Jacques André into the origins of feminine sexuality existence. In this meaning, we would like to mark that the Original Seduction Theory makes enables to see the feminine psychogenesis from a very different view. Thinking of feminine sexuality in an endogenism of sexual drive basis or a childish sexuality basis that everybody has itself, as it would bring an unconscious, present since the beginning, it is not the same of putting it in an exogenous formation of sexual drive basis. In this way, we observed that the Original Seduction Theory and the Traductive Theory of Reiterate completely modifies the way we see the unconscious foundations, the psychic system and the human psychosexuality origin, specialty, the femininity.*

## Referências

---

- ANDRÉ, J. *Los orígenes femeninos de la sexualidad*. Madrid: Editorial Síntesis, 2002.
- ANDRÉ, J. (dir.) *La femineidad de otra manera*: un debate psicoanalítico. Buenos Aires: N. Visión, 2001.
- ANDRÉ, J.; LANOUZIÈRE, J.; RICHARD, F. *Problemática de la histeria*. Madrid: Editorial Síntesis, 1999.
- DIO BLEICHMAR, E. *La sexualidad Femenina* (de la niña a la mujer). Barcelona: Paidós, 1997.
- FERNÁNDEZ, A. M. Sexualidad Femenina. La Pasividad Femenina. Una Cuestión Política. *Revista Zona Erógena*, n. 16, 1993.
- FREUD, S. Extratos dos documentos dirigidos à Fliess. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, (1950 [1892-99]). v.I.
- \_\_\_\_\_. A etiologia da histeria. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1896. v.III.
- \_\_\_\_\_. Sexualidade feminina. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1931. v. XXI.
- \_\_\_\_\_. 33ª conferência. Feminilidade. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas* Rio de Janeiro: Imago, (1933[1932]). v. XXII.
- \_\_\_\_\_. Análise terminável e interminável. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1937. v. XXIII.
- FRIEDMAN D. M. *Uma Mente Própria* (A História Cultural do Pênis). Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- KEHL, M. R. *A mínima diferença*: masculino e feminino na cultura. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- LAPLANCHE, J. *La sexualidad*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1970.
- \_\_\_\_\_. *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

\_\_\_\_\_. *La prioridad del otro en psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu, 1992(a).

\_\_\_\_\_. *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992(b).

\_\_\_\_\_. *Freud e a sexualidade: o desvio biologizante*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. *Entre seducción e inspiración: el hombre*. Buenos Aires: Amorrortu, 2001.

LAQUEUR, T. W. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

NUNES, S. A. *O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha: um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

ROITH, E. *O Enigma de Freud: influências judaicas em sua teoria sobre a sexualidade feminina*. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

SCHAEFFER, J. *El rechazo de lo femenino*. La esfinge y su alma en pena. Madrid: Biblioteca Nueva, 2000.

TRILLAT, E. *História da Histeria*. São Paulo: Escuta, 1991.

## **Tramitação**

Recebido: 05/04/2010

Aprovado: 22/06/2010

Nome do autor responsável:

Maria das Mercês Maia Muribeca

End: Av. Nossa Senhora dos Navegantes,  
370, 1º andar - Tambaú

CEP: 58039-110 João Pessoa-PB

Fone: (83) 3042 4782

E-mail: m.muribeca@gmail.com

# ***A clínica do traumatismo sexual: mediação e desengajamento do traumático***

*The clinic of sexual trauma: mediation and trauma disengagement*

Philippe Bessoles<sup>1</sup>

Marilúcia Lago<sup>2</sup>

## **Palavras-chave**

Traumatismo sexual, regressão, mediação, representação

## **Resumo**

O traumatismo sexual aparece na ordem do irrepresentável. Sua clínica implica a interpretação de seus danos e de suas formas silenciosas de manifestação tais como somatizações, déficits de aprendizagem, comportamento agressivo, além de manifestações difusas no campo do sensorial e do cinestésico. O traumatismo sexual, antes de tudo, é um traumatismo dos afetos e das expressões mais rudimentares da sensorialidade. O conteúdo traumático guarda as aglutinações sensoriais e sensitivas do trauma. Encarna verdadeiramente a onipresença do trauma independentemente da distância temporal e corporal entre os fatos ocorridos e a psicoterapia. O crime sexual continua atual, mesmo após anos ou décadas. Este artigo apresenta uma proposta terapêutica de base psicanalítica para a clínica do traumatismo sexual, que inicia com a apresentação ao traumatismo e caminha para o desengajamento do conteúdo traumático. Com o objetivo de separar a vítima do agressor e a vítima da agressão, apresentamos ainda, neste artigo, a proposta terapêutica da criação de um espaço de mediação, necessário para o distanciamento psíquico, tendo por base o modelo dos espaços transicionais proposto por Winnicott.

## **PRESENÇA DO TRAUMATISMO**

Começamos por pensar o que está em jogo nas patologias vitimárias e nas necessárias mudanças no processo terapêutico. A adesividade traumática constitui um primeiro desafio determinante. O conteúdo traumático guarda as aglutinações sensoriais e sensitivas do trauma. Encarna verdadeiramente a onipresença do trauma, independentemente da distância temporal e corporal entre os fatos ocorridos e a consulta clínica. O crime sexual continua atual, mesmo após anos ou décadas. Não raros são os relatos de que, mais de dez anos após o ocorrido, algumas vítimas apresentam uma sintomatologia traumática persistente e invalidante, suscep-

tível de se tornar intensa a todo momento.

Essa possibilidade de atualização intensa do trauma caracteriza em geral as vítimas da criminalidade sexual. Apesar do empenho no processo terapêutico, os fatores de vulnerabilidade ficam potencialmente em risco patogênico tanto no plano semiológico como no estrutural. Conforme relatos televisuais ou manuscritos de algumas vítimas, nem o distanciamento nem os contrainvestimentos do tipo sociológico parecem ter uma eficiência comprovada. Estas remarcas iniciais não invalidam os passos pela cura através do processo terapêutico. Incidem sobre os riscos cicatriciais de todo genocídio individual e coletivo do qual emerge a clínica do traumatismo sexu-

1 Dr. Psychologie Clinique et Psychopathologie - Université De Montpellier - France - HDR Habilitation a Diriger Recherche , Professor da Universidade Paris 7 et Universidade de Grenoble- França

2 Doutora em Psicologia Clínica e Psicopatologia - Université de Nice Sophia Antipolis- França.Professora Titular da Unit.

al. Esse aspecto sublinha a fragilidade cataclísmica do trauma quando abala a estrutura fundadora (originária) do processo identitário do sujeito. Paradoxalmente, essa fraqueza é necessária, não em lógica traumática, mas como atenção renovada à autoestima. Exprime-se em dinâmica de investimento resiliente, em forma de atenção às sensorialidades construtivas e criadoras ou a novas sexualidades e sensualidades florescentes.

O trauma torna-se a heresia maior do sexual. Sua cura se atesta na confiança ao feminino não reduzido ao sexual. Mesmo anos depois da ocorrência do trauma, algumas pacientes trazem esse conteúdo em forma de falsa coincidência:

Agora, me sinto bem, foi difícil aceitar, mas agora, estou bem comigo mesma, posso conversar com um colega homem sem abaixar os olhos, posso dizer brincadeiras sobre sexualidade, mas não aguento as brincadeiras mais graves, não suporto as mulheres vítimas de estupro que fazem do seu drama um fetiche tais como um soldado de guerra exibindo suas medalhas [...].

Também pode estender-se às inscrições de maternidade para algumas vítimas.

### **A CRIAÇÃO DE UM ESPAÇO TERAPÊUTICO DE MEDIAÇÃO**

Com o objetivo de separar a vítima do agressor e a vítima da agressão, tentamos introduzir o espaço necessário ao distanciamento psíquico, tendo por base o modelo dos espaços transicionais proposto por Winnicott (1975). Esse descolamento se encontra materializado pela passagem fenomenológica da presença do traumatismo à apresentação do traumatismo. O que está em jogo nessa estratégia terapêutica é a necessidade de introduzir uma mediação para promover uma posição subjetivante, ou seja, sem a absorção na espiral mortífera traumática.

Concretamente, esse espaço é criado gradualmente pela promoção dos afetos no âmbito benevolente da dinâmica terapêutica. O objetivo é (re)criar um espaço básico

de confiança que possa acolher toda a violência sofrida. Esta se exprime em gritos, choros, abandono corporal, colapso tônico, tremor, caretas, etc. O traumatismo sexual, antes de tudo, é um traumatismo dos afetos nas expressões mais rudimentares da sensorialidade. A violação/invasão confisca essa expressão. Essa fase delicada num plano terapêutico é dirigida, como vimos em trabalhos anteriores, para esvaziar a efração traumática do seu excedente de sensorialidade (BESSOLES, 1995, 2008). Nessa fase, a escuta atesta a necessidade do livramento sensorial: “quero livrar-me para sempre de toda essa merda”, “sofro duma diarreia ininterrupta há oito dias... esvazio-me continuamente”, “queria poder lavar-me no interior”. Acompanhadas algumas vezes de estados ou experimentações confusas, as (re)vivências indiferenciadas aumentam os distúrbios sobre um plano semiológico.

As (re)vivências traumáticas podem causar equivalentes delirantes de indistinção ou de indiferenciação do tipo ilusões ou alucinações onde cada um (o terapeuta, a família, os homens em geral) pode ser percebido como criminoso ou potencialmente criminoso, perseguidor, violento ... e estuprador. Acontece algumas vezes durante o processo terapêutico quando a indistinção entre dizer e fazer está em causa, inclusive durante a pesquisa anamnésica ou invasão de afetos de dor. Ainda que transitório, esse momento é particularmente prolífico sobre o plano semiológico com uma agravação da sintomatologia. Um aspecto já sublinhado anteriormente indica que existe uma canalização dos afetos sob formas primárias não secundarizadas. Essas formas de linguagem são necessariamente violentas e destrutivas em palavras diante da violência sofrida. Podem encontrar, ao final, uma passagem no ato de palavra, também potencialmente destrutivo.

A função terapêutica, nesse momento, é a do *holding* e da resistência, para não potencializar a experimentação destrutiva que o paciente sofre. A função do resto diurno, promotor de pensamentos relativos ao

trauma, promete uma saída do drama para se representar não como vítima, mas como pessoa vítima de uma violência. As falas de algumas pacientes comprovam essa mescla de indistinção e violência: “não tem direito de me fazer isso! Antes, eu ia um pouco melhor e agora estou cada vez pior. Você me faz reviver o estupro com suas perguntas. Será você sádico ou o quê? Tenho pesadelos agora que pensava ter esquecido tudo. Voltou tudo por sua culpa.” Os equivalentes delirantes e a sua projeção são constantes: “duvido que o meu colega não tenha tido uma ereção quando almoçamos juntos.”

Esse amálgama necessário testemunha a invasão causada pelo traumatismo e a contaminação das figuras ou as imagens criminógenas. A possibilidade de criação de um espaço de encenação ou de protorrepresentações substitui a cena do trauma. Esse espaço é promotor do trabalho da segunda fase, que nominamos de apresentação ao traumatismo. Essa irá conceder à alteridade uma intenção provisória criminógena. Tem o lucro, através da desqualificação (sem dúvida pela identificação projetiva), de introduzir um espaço entre a vítima e um agressor potencial. A atribuição do perigo torna-se exterior, mesmo se continua presente. Gera o espaço potencial de uma elaboração na iminência do perigo. A diferença da fase anterior é que desata as adesividades e as introjeções. Essa área de criatividade particular abre um espaço de permissão à própria violência do paciente que convém ser acolhida mesmo com toda sua virulência e destrutividade. No caso de uma criança, pode se apresentar em forma de uma agressão a uma boneca que a criança vai despedaçar ou se dirigir contra outro adulto de forma bastante agressiva ou vulgar.

## **A APRESENTAÇÃO AO TRAUMATISMO**

Esta fase é bastante delicada. Seu objetivo é promover a apropriação do traumatismo em posição mediatizada e distanciada. É marcada por uma grande verbalização dos afetos que se tornam paroxísticos nas suas expressões

e são reintegrados na ordem da linguagem. O crime é nomeado, inclusive no seu indizível: “lhe cuspirei na cara, lhe arrancarei os órgãos genitais, minha psoríase me dá nojo tanto como ele me fez vomitar, lhe cortarei os t... e o farei comê-los...” Os discursos de ódio e de destrutividade são frequentemente exacerbados, desde que se chocam com certa incapacidade das palavras em traduzir a emoção traumática. Os gestos acompanham sempre o discurso para marcar ainda mais a viscerabilidade do momento da enunciação. A sensorialidade se desafoga sem o desfalecimento sensitivo e cinestésico da fase anterior, mas com a violência do simbólico suportada pela linguagem. Existe, algumas vezes, um prazer sádico ao usar palavras e cenas obscenas diante do desespero sofrido. Certas vítimas vão até a provocação caracterizada (indelicadeza por exemplo) como sair da consulta batendo a porta ou proferindo ameaças no corredor. A reação terapêutica negativa torna-se mais visível. O movimento de ir e vir testemunha o distanciamento que se constrói progressivamente pelas alternâncias de ódio e de destrutividade.

A travessia do traumatismo constrói uma dominante psíquica que se desliga progressivamente da sua factualidade no sentido da ocorrência criminosa e exclusivamente real. É o princípio de uma posição vitimária distanciada do desfalecimento traumático imediato e devorante. O paciente ainda está em uma situação precária. Passa de um estado de ser, uma matéria traumática, a ter sofrido um traumatismo horrível. Nesse primeiro movimento da curva terapêutica, o paciente torna-se mais complacente com o terapeuta. Porém, existe nesta segunda fase, a propensão de surgirem distúrbios somáticos. Em pacientes mais jovens ou em idade escolar, o efeito dirige-se também ao nível das performances escolares sob forma de dificuldades, por vezes maiores, mas sem comprometerem o conjunto dos investimentos. Parece que o conteúdo sofre um deslocamento como última resistência à representação ideica.

## **A (RE)PRESENTAÇÃO DO TRAUMATISMO**

Esta terceira fase atribui ao processo terapêutico uma direção mais clássica, a condição de ficar vigilante sobre os riscos de reações terapêuticas negativas. Nunca nada é definitivo dentro do contexto da criminalidade sexual, mas seria errado dizer que as sequelas póstraumáticas nunca são resilientes. Em termos figurativos, podemos dizer que o processo terapêutico ajuda a cicatrização, ainda que algumas cicatrizes fiquem temporariamente sensíveis ou dolorosas. É nesse sentido que insistimos no aspecto da fragilidade da pessoa vítima, não no sentido da desconfiança permanente, mas no de restabelecer de maneira dinâmica, e permanente, a autoestima. A representação do traumatismo abre a possibilidade dos processos internalizados do psiquismo, notavelmente no plano econômico. Essa gestão econômica se torna possível graças à reconstrução identitária, definida pelas duas fases anteriores. Permite uma reconstrução interacional tanto externa como interna. O trauma não é só apreendido na dimensão dinâmica pulsional, mas através das secundarizações, devido às (re)ligações afeto/representação. O afeto deixa de ser sinônimo de desintegração psíquica, e a representação fica suficientemente desintoxicada (BION, 1966, 1969) do seu excesso traumático. Ao mesmo tempo, há a reconstrução gradual dos espaços endopsíquicos, e o paciente reelabora de maneira gradual a ligação intersubjetiva, de alteridade, psicossocial, cultural, etc.

Esse terceiro tempo terapêutico permite atribuir ao trauma seu gênero não sexual para o conferir (e o tratar) na sua dimensão destrutiva. A imputação do registro da violência criminal participa do processo de integração de uma sexualidade não invasiva. O encontro terapêutico tem que (re)sexualizar o sexo e promover a dinâmica do ser desejoso. Esse desejo não pertence ao registro do genital. Promove a erotização (no sentido de Eros = pulsão de vida) do corpo. Tem a função de

(re)atribuir um desejo de agradar, de seduzir, de mudar de *look*, de abrir-se a outros encontros gratificantes, de consentir a sensualidade para si e para os outros, é um passo em direção à reapropriação de si tal como a reapropriação de uma casa depois de um assalto. A invasão do espaço íntimo da habitação pode conduzir a mudança de casa, de reforçar as aberturas, de limpar os danos ocasionados, de repintar as paredes ou de mudar a ordem da mobília, instalar um alarme, etc. Podemos dizer, com reservas, que a reforma psíquica procede de um trabalho similar com todas as saídas possíveis e individuais de resiliência. Encontra-se uma analogia com o lugar geográfico como uma metonímia do lugar psíquico. Esse lugar geográfico também pode ser uma oportunidade de estabelecer, novamente, as escolhas profissionais ou afetivas, por exemplo, de mudar de centros de interesse culturais ou outros.

A reconstrução psíquica evita futuros riscos potenciais e abre uma nova lucidez, esclarecida pelo horror. O drama pode se historicizar como um momento dramático da história do paciente, mas não pode mais (sendo assim limitado) devastar toda a história vivida nem a história a viver. Reinscrever o tempo pertence a essa fase em que a reparação significa dar um tempo para si, recuperando o que estava confiscado pela tutela do trauma. Não esquecer o traumatismo permite, ao mesmo tempo, consentir um trabalho de memória para si como um momento de experiência última, mas ultrapassável, que permite o esquecimento sem esquecer. O trauma acede ao estatuto da lembrança, ultrapassando a revivência traumatogênica para fazê-la aceder à rememoração.

## **INTERFACE DO SENSÍVEL E DO SENSO: O ESPECTRO DE REPRESENTABILIDADE**

O espectro de representabilidade corresponde a uma faixa individual de representabilidade acessível ao representável traumático. Também supõe um irrepresentável como



o impensável do traumatismo sofrido. Situa-se na interface do sensível e do senso e pode cobrir as zonas indizíveis sem produzir o pathos. Fica na margem da expressão formalizada ou formulada, tal como um sentido partilhado ao seio do processo terapêutico. Dizer tudo corresponderia a um novo cataclisma psíquico. Essa parte cega não pode ser traumatogênica. A interface do senso e do sensível é um movimento do corpo que testemunha uma compreensão. Aparece como um lenço que damos a um paciente ou uma compaixão do tipo “fale no seu tempo... compreendo que seja difícil”.

Nem tudo pode ser dito do trauma. Respeitar essa parte maldita que não se pode dizer não significa uma complacência à patologia. Essa atitude confere à experiência última sua experimentação exclusivamente pessoal, como se sua formulação ou sua verbalização fosse sinônimo de despossessão ou de despersonalização. Guardar em si uma dor ou uma parte dessa dor não é necessariamente patogênico ou masoquista. Isso significa guardar uma parte do que é vivo, mesmo se é dentro do horror, para resistir à viuvez que o testemunho aportaria. Esse aspecto difícil de compreender tende a conservar uma memória de uma passagem, de uma experiência última da qual se saiu vivo. Também corresponde, sem dúvida, a manter uma parte do íntimo que não pode se dizer totalmente sem tocar as exhibições não necessárias. Permite ao terapeuta reinscrever o pudor, como se dizer tudo fosse impudico. Esse aspecto não significa um trabalho sistemático sobre certos detalhes da cena traumática. Esse trabalho toca o pathos. Que ele se esconda nos pormenores ou no geral é indiferente. Etimologicamente, *obsценus* vem de pecado, portanto convém restituir a obscenidade à cena criminoso e ao criminoso para subtrair disso a vítima.

A investigação policial procede de uma lógica, conferindo à credibilidade e às provas sua própria sequência. A vivência da vítima é outra. Essa vivência pode se inscrever dentro de um processo de sobrevivitização, incluindo a histerização da cena. Também pode eludir ou transformar (aumentando ou

minimizando) a realidade dos fatos para responder às sugestões conscientes ou inconscientes tanto da polícia como do terapeuta. Algumas vezes, a indução torna-se flagrante ou desconcertante como no caso de uma paciente que declamava quase de cor certas frases de um livro (que conhecemos) que trata das patologias consequentes ao trauma sexual. Os detalhes de que estamos falando não pertencem a essa lógica objetiva do processo de investigação policial ou jurídica. No caso da jovem paciente acima, as contradições decorrem de uma suspeita de falsas alegações. Ao contrário, as experimentações subjetivas podem invalidar as provas concretas através de uma profusão de detalhes, os mais horríveis possíveis.

A interface do sensível e do senso confere à subjetividade traumática sua importância na avaliação do traumatismo e nos seus remanejamentos terapêuticos. O risco de fascinação por seu próprio traumatismo como a fascinação de certos terapeutas pelas patologias vitimárias (independentemente da veracidade dos fatos) mantêm ou então alimentam um encrustamento patológico e o risco do crônico e da descompensação.

## CLÍNICA DA AESTÉSICA

O traumatismo sexual é um traumatismo do sensorial. A estética responde a essa variável em que o sujeito se constrói através de sentidos sensoriais, sensitivos, cinestésicos e proprioceptivos. A inscrição pictográfica caracteriza a irradiação do traumatismo sexual pelo excesso de sensorialidade que ele gera. Essa saturação dos sentidos vem do irrepresentável em representação, conduzindo a verdadeiras hemorragias de afetos inassimiláveis pela psiquê. Abrandar essa afluência, ou então essa torrente sensorial, implica a passagem do sensível ao senso segundo a proposição heurística da fenomenologia clínica. Isso supõe dois momentos terapêuticos essenciais e determinantes.

A passagem ao sensível depende da construção prévia e reconstrução dos agru-

pamentos psíquicos primários do Eu-pele para recriar um ambiente continente e sossegado para o paciente. Esse ambiente não é só psíquico, mas se conjuga na frequência das sessões. O teste da credibilidade do terapeuta, seu contato, seu olhar e sua veracidade, em que o paciente testa o falso para obter a verdade, etc. É um confronto da garantia para validar a resistência e a plasticidade do quadro físico e psíquico terapêutico no qual o terapeuta é interpelado e, em certos casos, provocado e agredido. O que está em jogo é a segurança que o fator continente psíquico aguenta para fazer face à irrupção do trauma.

A passagem ou a promoção do sensível revela a promoção da expressão dos afetos. Esquematizando o processo em uma referência à clínica fenomenológica, propomos a tríplice seguinte:

Pressão – Sentir – Presença
↓
Impressão – ressentir – Apresentação
↓
Expressão – Perceber – Representação

A pressão corresponde ao acolhimento e à promoção das sensações de sufoco, de contração, de espasmo, de convulsão, de rigidez, de constrição, de câibra, etc. Define um alcance essencialmente proprioceptivo da ordem da experimentação cinestésica. A pressão é inexprimível, pois é somente quantitativa, a saber, tônica e clônica. É frequentemente agressiva no comportamento e na atitude. Engloba a linguagem articulada que não pode dizer nada sobre isso, somente um fluxo de onomatopéias, de suspiros, etc.

A impressão inicia a premissa não do sentir, mas do ressentir. Esta fase inicia uma apropriação. O terapeuta deve regular essa passagem para destoxificar os efeitos destrutivos. Sua capacidade de regular acompanha-se por reajustamentos constantes dos sentidos do paciente como dos seus próprios ressentimentos a acompanhar a travessia sensível das figuras do horror. Esse trabalho, composto por

intervenções sutis, tende a reinvestir o trauma em uma posição subjetiva para expulsar a sua toxicidade. Governa a fase seguinte de expulsão do pathos através da mediatização e do distanciamento trauma/vítima.

A expressão renova a percepção subjetiva da ocorrência do traumático da qual o paciente foi objeto. Pressagia a representação nas suas formas iniciais perceptíveis para elaborar-se gradualmente na cena mental a sua simbolização. É importante ressaltar que os três tempos não são lineares nem contínuos. Eles se interpenetram e são interativos. Cada parte da cena traumática é independente das outras. Só o primitivo da representação poderá definitivamente unificá-los.

## A PROMOÇÃO DE AFETOS

O traumatismo sexual é a princípio um traumatismo dos afetos. Afetos que são eliminados para manter uma homeostase de sobrevivência precária. Experimentar algum sentimento, alguma emoção traz perigo. Fazer-se morto é a linha de conduta além da qual o paciente está em perigo. A promoção de afetos supõe a reconstrução preparatória de uma continência psíquica na qual eles possam desafogar-se. O fluxo de afetos, verdadeiramente hemorrágico, causa verdadeiros momentos de pânico. Promover os afetos consiste em requisitá-los dentro da normalização do ressentimento e da sua expressão. Normalizar a expressão de um terror, de um pânico, tende a conceder a dimensão humana da vida dos afetos, quaisquer que sejam. *Empatizar* não é o equivalente da contra-transferência. É testemunhar, não uma neutralidade, mas uma comunidade de benevolente atenção ao que dói. Normalizar não é sinônimo de boa ou má expressão de afetos, reduzindo-o a uma expressão socializada não incomodante. É atribuir à brutalidade da sua expressão a sua brutalidade traumática de lágrimas, de choque, de dor. A vigilância do terapeuta deve referir-se aos efeitos da destrutividade da qual a expressão é potencialmente trazida tanto pelo paciente como pelo

terapeuta. Tanto um quanto o outro podem, em certos momentos do processo terapêutico, como vítima ou como testemunha, tornar-se bode expiatório da destrutividade.

Aleijar o outro ou a si próprio permite objetualizar uma dor insuportável como descarregar a raiva em um inocente ou em um anônimo para focalizar ou cristalizar o drama sofrido. Esse aspecto é bem conhecido dos serviços pediátricos onde a criança abusada se prende a alguém demonstrando precisar de suporte para exteriorizar o mal sofrido. A destruição de um objeto serve para canalizar a destrutividade da qual a vítima é afligida. O risco interpretativo deve ser sublinhado em função da projeção do intolerável em si. Potencialmente na fronteira do risco paranoico, o terapeuta funcionando como suporte promocional de afeto, sofre por vezes, ataques verbais ou gestuais.

### **RESTAURAÇÃO DOS ENVOLVIMENTOS PSÍQUICOS PRIMÁRIOS**

A restauração dos envolvimentos psíquicos torna-se preparatória de toda intervenção terapêutica na clínica do traumatismo sexual. Ela inclui as variáveis de reconstrução dos dados e das bases da imagem do corpo, do esquema corporal e do corpo fantasiado. Essa restauração abarca, em referência ao trabalho de Anzieu (1995), os significantes formais e a sua sensorialidade de dobraduras de encurvamento, de inclusão. Várias vezes, perguntamos ao paciente “O que você sente?” e não “diga-me”, para requisitar as expressões, incluindo as mais básicas ou ordinárias, da experimentação do corpo e de suas posturas. Essas experimentações, coaguladas na sideração psíquica, não podem viver no sentido sem o mínimo do ressentir, até mesmo o som de uma respiração parece sinônimo de ameaça. Atribuir a vida do corpo, voltar à palavra permite essa restauração dos envolvimentos psíquicos internos (pressão sanguínea manifestada pelo rubor, cólera contida pelo branqueamento da pele, tensão nos ossos ou nas cervicais, etc.)

### **A FUNÇÃO CLÍNICA DO TRABALHO DE SONHO E DE PENSAMENTO**

Tomamos emprestada de Pierre Fédida a expressão “resto diurno do terapeuta” para significar a função clínica de reinício do trabalho de sonho e de pensamento. A promoção dos afetos e das protorrepreensões passa por essa iniciação, ou melhor, inicialização, das solicitações e dos convites ao trabalho psíquico do trauma. Promover vem de promoção no sentido do movimento de pensar, e não dos pensamentos. Como no trabalho do sonho, o resto diurno é só um pretexto para a dinâmica do trabalho dentro e pelo sonho. Esse resto promove os movimentos da psiquê numa dinâmica de quase revitalização do psiquismo. Não sai necessariamente do registro verbal. A sua presença permite essa abertura ao relato traumático desde que a confiança básica esteja restabelecida. Essa confiança é sistematicamente testada pelo paciente algumas vezes de maneira extremamente violenta.

O terapeuta pode então condensar, dentro da transferência intensa e invasiva, todas as figuras perseguidoras e violentas que o paciente não pode elaborar. Esse trabalho do sonho acordado (no sentido genérico e não do sonho acordado) é promovido pelo início da interpretação. Esse início permite trazer à tona o trauma, sobre a cena terapêutica e não mais na cena do real. Isso funciona como uma muralha contra a realização real, é como um precursor da realização fantasmática. A cena sexual invasiva polui todas as outras cenas sexuais, incluindo as cenas fantasmáticas possíveis. O resto diurno está aqui bloqueado, coagulado de algum modo. Só se pode apresentar reassegurando-se de não-sexuação que vem dar a garantia de uma não-invasão possível. A revelação não tem estatuto metafórico e não é simbolizável. Torna-se um objeto concreto em um pensamento exclusivamente operatório. O dizer seria fazer.

A preparação da reconstrução supõe a restauração do contrato narcísico e da con-

fiança em si e, necessariamente, nos outros. O objetivo terapêutico será o de restabelecer uma confiança na relação, não reduzida a um princípio, mas a uma credibilidade na relação respeitosa e de confiança entre duas pessoas de sexos diferentes. A questão não é o evitamento programado da sexualização e da sexualidade do paciente, mas sim a equivalência entre o seu sexo e o sexo oposto como gerador de violência. A diferenciação que sustentará o processo terapêutico terá raiz no amálgama feito pelo paciente entre sinceridade e tentativa de relação sexual. O resto diurno abarca esse jogo que produzirá o trabalho de pensamento e do sonho tanto nos seus aspectos destrutivos quanto nos construtivos. Tanto uma quanto outra posição conjugam o resto terapêutico. A promoção do resto diurno age também como uma redinamização das lógicas individuais do desejo. Seu início é a restauração do pudor que faz a revelação no imaginário e no simbólico e a não-realização no real (sem que seja irrealizável). Abrir a dimensão do realizável permite introduzir a ambivalência (e não a ambiguidade) das relações entre os sexos sem assinalar o outro na sua própria sujeição. A ambivalência permite reinscrever o trabalho de sedução, de reciprocidade de desejos, de prazer partilhado, etc., que pacifica a troca e a relação.

### Keywords

*Sexual trauma, regression, mediation, representation.*

### Abstract

*The sexual traumatism appears in the order of the unrepresentable. Their clinic presentation involves the interpretation of their injuries and their silent forms of manifestation such as somatization, learning deficits, aggressive behavior, and diffuse manifestation in the sensory and kinesthetic field. Sexual traumatism, after all, is a trauma of the affections and the most rudimentary expressions of the senses. The traumatic content saves clumps of the feelings and of the sensitivity of the trauma. It truly embodies*

*the ubiquity of the trauma regardless of the temporal distance between the body, the events and the psychotherapy. The sex crime continues fresh, even after years or decades of its occurrence. This paper proposes a therapy based in psychoanalysis for the clinic of sexual trauma that begins with the presentation to the traumatism and walks to the disengagement of the traumatic content. With the aim of separating the victim from the aggressor and from the aggression, we present in this article, a therapeutic proposal for the creation of a mediation space necessary for the psychic distance, based on the model of transitional spaces proposed by Winnicott.*

## Referências

- ANZIEU, D. *Le moi-peau*. Paris: Dunod, 1995.
- BESSOLES, P. *Le déjà là de la mort et du sexuel*. Nîmes: Théétète, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Viol et identité*. Paris: MJM Fédition, 2008.
- BION, W. R. A linguagem e o esquizofrênico (1953). In: *Novas Tendências na Psicanálise*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Zahar; 1969.
- BION, W. R. \_\_\_\_\_. Aprender com a experiência. In: *Elementos de Psicanálise*, cap. 26-28. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.
- WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Trad. de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

### Tramitação

Recebido: 31/05/2010

Aprovado: 27/06/2010

Nome do autor responsável: Marilúcia Lago

Endereço: Rua Francisco Rabelo Leite Neto

439 apto 12 Atalaia

CEP: 49037-240. Aracaju- SE

Fone: (79 ) 9151 5595

E-mail: marilucialago@yahoo.fr

# O que será: indagações da paixão

## What will it be: investigations of passion

Miriam Elza Gorender<sup>1</sup>

### Palavras-chave

Paixão, psicanálise, filosofia

### Resumo

Este trabalho é a transcrição da fala de abertura da Jornada do Círculo Psicanalítico da Bahia sobre a Paixão, reunindo e organizando diversos conceitos e questões sobre o tema.

Qual joia polifacetada, o que percebemos da paixão muda de acordo com o ângulo pelo qual a olhamos. Filosofia, Psiquiatria, Psicanálise, cada campo de saber tem para ela diferentes visões. Palavra de múltiplos sentidos, conceito de múltiplas formas, este trabalho busca arrolar algumas das muitas indagações que seu estudo suscita.

Se parecer que pergunto demais, argumento antecipadamente, que acredito que, mais do que fatos ou respostas, é nossa capacidade de questionamento que nos faz avançar.

Também não afirmo ser capaz de formular, em apenas uma fala, todas as dúvidas que se pode ter dentro deste tema, mas procurei fazer aqui uma síntese de pelo menos algumas das áreas que, acredito, serão debatidas aqui por todos nós. Senão vejamos: é no mínimo interessante notar que a Psicanálise, ao tratar da paixão, não se ocupa primariamente do afeto em si, de seus efeitos imediatos ou da questão do que fazer diante dela, ou se seria melhor dominá-la ou extirpá-la, questões mais bem tratadas pela Filosofia. Já a Medicina biologicista, que não será tratada aqui, quer saber como surgiu, qual seu papel na sobrevivência e evolução da espécie

humana, e seu objetivo é o poder, ilusório, de provocá-la ou anulá-la. A Psicanálise quer compreender, entre outras coisas, não apenas qual o mecanismo da paixão, mas o que se quer com ela e ainda se, neste querer, é isto mesmo o que se quer.

Paixão, num primeiro significado, tem o sentido de tendência – e mesmo de uma tendência bastante forte e duradoura para dominar a vida mental. Ora, é interessante para nós que este significado da palavra paixão traga em sua franja o sentido etimológico de *passividade* (*paschein, pathos*), sentido lembrado por Descartes no começo do *Tratado das Paixões*: “Tudo o que se faz ou acontece de novo é geralmente chamado pelos filósofos de paixão relativamente ao sujeito a quem isso acontece, e de ação relativamente àquele que faz com que aconteça” (LEBRUN, 1987, p. 17).

Descartes remete aí à definição aristotélica do *agir* e do *padeecer*, sendo o primeiro considerado superior, uma vez que o padecente é mudado por algo de fora, e, para ser mudado, é preciso que haja movimento, e os gregos consideravam o imutável superior.

E mais: podemos pensar a paixão como impulso que nos leva, malgrado

<sup>1</sup> Psicanalista, membro do Círculo Psicanalítico da Bahia, professora adjunta do Departamento de Neurociências e Saúde Mental da UFBA, doutora em Psicanálise pelo Instituto de Psiquiatria da UFRJ.

nosso, a praticar uma ação (externo, alienado, *outro*), ou como algo constitutivo de nosso ser?

Os estoicos defendiam que as paixões deviam ser extirpadas, não dominadas, transformando a sabedoria numa cirurgia das paixões. Essa posição era, aos olhos de Nietzsche, uma fraqueza, uma incapacidade de enfrentar as perturbações da alma. A paixão é aí uma tendência a ser domada ou um mal a ser extirpado?

Compreendido como um afeto mórbido que posso vir a controlar, o *pathos* carrega originalmente dois conceitos bem diferentes: o *passional*, que faz surgir a ética, e o *patológico*, que remete ao diagnóstico médico. Por exemplo, o conceito de crime passional como circunstância atenuante. O ato provocado por impulso demasiado forte é resultado da *fraqueza* de um indivíduo que, responsável por suas paixões, não consegue controlar-se, ou *doença* que o coloca fora de si mesmo?

Ao desconsiderar os conceitos de vontade e responsabilidade, renuncia-se à distinção entre passional e patológico. É o que a Medicina atual procura fazer com seu novo fatalismo científico, considerando patológica a paixão, algo a ser curado. O indivíduo não deve mais ser sábio ou virtuoso, mas sadio e adaptado. A paixão não é mais um componente do caráter que deve ser governado, mas um fator perturbador, a ser eliminado como queriam os estoicos. A Medicina ocupa cada vez mais o lugar da ética. Será isto desejável? Os biologicistas defendem que a mudança é benéfica, mas acredito que devemos pesar os possíveis benefícios contra a constituição, não apenas possível mas em pleno curso, de um novo totalitarismo. É possível um meio-termo?

Já Rouanet (1987) fala da distinção entre a razão louca e a razão sábia. Fundamenta-se aí na correlação entre razão

e paixão, e entre Ego e Id em Freud: “O Ego representa o que chamamos a razão e a reflexão, enquanto o Id, pelo contrário, é dominado pelas paixões” (FREUD, 1923).

Na razão louca, o Ego seria dominado, e a percepção do mundo passa a ser colorida e determinada pela lógica dos processos internos. Na razão sábia, haveria uma renúncia e um afastamento da influência perturbadora dos afetos. Seria isto possível? Trata-se de uma imparcialidade verdadeira ou, como no conceito lacaniano de desejo do analista, que aqui a paixão pelo conhecimento se superponha a qualquer outra?

Na fronteira entre Filosofia e Psicanálise, encontramos a questão do amor como paixão e da busca da felicidade.

Ganha aí realce a força do mito do amor, força essa sustentada pela promessa de felicidade plena nas chamadas “histórias de amor”, mas também é possível apontar a estratégia desse mito: manter essa promessa de felicidade, afastando o impossível, uma das denominações do real para Lacan, ou transformando-o em proibido. Freud já observara que o amor tende a funcionar como modelo de busca da felicidade e reconheceu sua natureza ilusória no sentido de consolar e tornar tolerável o mal-estar próprio do desejo humano.

Boa parte dos textos psicanalíticos sobre a paixão trata dela sob o signo do narcisismo. As paixões do amor e ódio aparecem aqui como lados de uma mesma moeda, moeda essa cuja ocorrência é o englobamento, imaginário. Assim, no amor, o objeto engloba o eu para aumentá-lo, no ódio o eu incorpora o objeto para aniquilá-lo.

Segundo Maria Rita Kehl, o modelo principal seria a fusão narcísica inicial com o corpo da mãe, na qual (assim como

em momentos privilegiados da paixão...) “o mundo desaparece, eu sou o mundo, o mundo é uma extensão de mim” (KEHL, 1987, p. 475).

A primeira fantasia que surge nas relações apaixonadas da vida adulta é a da restauração de nosso narcisismo primário; a primeira esperança do (a) apaixonado (a) é encontrar no ser amado sua total completude. As fantasias do início de uma relação apaixonada não concedem existência própria ao outro, que se torna um depósito das fantasias mais arcaicas, um representante da possibilidade de restauração do narcisismo ferido. O apaixonado pode escolher, então, quando das primeiras decepções, entre a morte da paixão ou sua própria.

Kehl (1987) fala do destino do excesso de energia das paixões. Não estará ela aí igualando paixões a pulsões? É possível ou mesmo aconselhável trabalhar com essa relação como sendo de equivalência? Freud se refere a Eros e Tãnos como paixões do *id*, mas em que sentido teria usado a palavra? Ainda, o conceito de pulsão é o de pulsão *parcial*. Qual a relação entre a parcialidade das pulsões e a ilusão de totalidade das paixões?

Ainda segundo Kehl (1987), a repressão, dissociando o desejo de seu objeto original, aliena a pessoa que fica cega para seus desejos, presa fácil de líderes totalitários. Fala da *matéria burra das paixões*. Ou seja, seria possível usar esse mecanismo para chegar a uma melhor compreensão de fenômenos como o nazismo? Sendo o ser humano um animal político, essa certamente é uma das principais arenas para as paixões. Pode o melhor entendimento dessas fornecer uma ferramenta para a política? Pessoalmente, creio que o máximo a que se poderia aspirar tomaria a forma de uma

arma, uma melhor forma de manipulação das massas e indivíduos, mas mantenhamos a questão.

Neste tornar equivalente pulsão e paixão, Kehl (1987) chega ao conceito de sublimação, que seria a possibilidade de expressão simbólica desses desejos. Assim, a paixão bem-sucedida costumaria ser silenciosa. Daí a passagem ao que chama *amor sublime*, no qual “o desejo, longe de perder de vista a carne que lhe deu a luz, tende em definitivo a erotizar o universo” (PERET *apud* KEHL, 1987, p. 485). É possível uma *paixão bem sucedida*? Ou, para o efeito desejado, seria necessária uma desidealização e dissolução da paixão com a transformação desta em amor, como quer Roberto Coura (2000)? Seria a ideia de uma paixão bem-sucedida algo utópico?

Nos dias de hoje, a repressão tem como aliada a sedução do mercado, que veio a substituir, por exemplo, os rituais da corte francesa, criados por sua vez para substituir e moderar a violência que imperava e fazia com que muitos nobres e soldados pudessem em brigas, assassinatos e duelos. Troque suas paixões pelo desejo de possuir um objeto.

Kehl (1987) afirma que, hoje, a Psicanálise não luta contra a histeria, mas contra o narcisismo.

Nesse caso, quais as relações entre paixão, narcisismo e gozo? Seria verdadeiramente na paixão que mais se aproximam, via narcisismo, o ser e o ter?

À busca dessa completude perdida, Lacan chamou de Paixão do ser, que são paixões da relação com o Outro. Diz ele: “A ignorância, de fato, não deve ser entendida aqui como uma ausência de saber, mas tal como o amor e o ódio, como uma paixão do ser: porque ela pode ser, à semelhança deles, uma via em que o ser se forma” (LACAN, 1998,

p, 360). A falta-a-ser determina a paixão da busca de completude no Outro. Trata-se aí do grande Outro ou de um outro imaginário? As paixões dão também consistência ao Outro, buscando o ideal no amor, o apagamento no ódio e o saber na ignorância.

Freud já havia relacionado essas três paixões no seu ensaio sobre Leonardo, sobre quem escreve:

Seus afetos eram dominados e submetidos à pulsão da pesquisa; não amava ou odiava, porém se perguntava acerca da origem e do significado daquilo que deveria amar ou odiar. Parecia assim forçosamente indiferente ao bem e ao mal, ao belo e ao horrível. Durante esse trabalho de pesquisa, o amor e o ódio se despiam de suas formas positivas ou negativas e ambos se transformavam apenas em objeto de interesse intelectual. Na verdade, Leonardo não era insensível à paixão; não carecia da centelha sagrada que é direta ou indiretamente a força motora -il primo motore- de qualquer atividade humana. Apenas converteu sua paixão em sede de conhecimento; entregava-se, então, à investigação com a persistência, constância e penetração que derivam da paixão e, ao atingir o auge de seu trabalho intelectual, isto é, a aquisição de conhecimento, permitia que o afeto há muito reprimido viesse à tona e transbordasse livremente, como se deixa correr a água represada de um rio (FREUD, 1980[1910], p. 83).

Há, na transferência, uma relação entre o amor ou ódio ao analista e o pacto entre o não querer saber de si e a suposição de que o outro detém esse saber? Ou seja, a ignorância seria uma paixão derivada das duas primeiras, como sugere Freud, ou originária e desde sempre constitutiva do ser, como afirma Lacan?

A outra referência maior de Lacan à paixão se deve ao conceito de paixões da

alma de São Tomás de Aquino, como este último escreve no seu *Comentário ao De Interpretatione*:

Se o homem fosse naturalmente um animal solitário, ser-lhe-iam suficientes as paixões da alma, pelas quais se conformaria às próprias coisas, de tal modo que, por meio delas, tivesse em si a notícia das coisas. O Filósofo inicia o Livro sobre a Interpretação por um tratado sobre a significação das vozes, dizendo: “As coisas, portanto, que estão nas vozes, são sinais das paixões que estão na alma; e as coisas que se escrevem são sinais das coisas que estão nas vozes”. O Filósofo propõe aqui três coisas, de uma das quais pode-se inferir uma quarta. Propõe, de fato, a escritura, as vozes e as paixões da alma. Das paixões da alma, porém, podem inferir-se as coisas ou a realidade, pois as paixões da alma procedem da impressão de algum agente e assim devemos dizer que as paixões da alma têm sua origem das próprias coisas ou realidade (AQUINO, 2010).

Na primeira modernidade, diferentes discursos sobre os afetos difundem a ideia de que o prazer e a dor fariam parte conjuntamente da maioria das atividades dos seres vivos e, no caso dos seres humanos, estariam diretamente relacionados às paixões da alma. Essa noção orienta, por exemplo, o *De l'usage des passions*, publicado em 1641 por Jean-François Senault, um dos mais célebres pregadores franceses de seu século. Esse tratado, oferecido formalmente ao cardeal Richelieu, está fundamentado, sobretudo, na noção de alma e corpo aristotélico-tomista. Em sintonia com São Tomás de Aquino, Senault afirma que a paixão é um movimento natural necessário, que nasce do fato de a alma estar engajada na matéria. Dentre todas, a dor seria a mais incômoda e a mais comum das paixões humanas. Isto, sobretudo, ao se comparar com o prazer. Segundo Silva,



Luca Tozzi (1638-1717), professor da universidade de Nápoles, que se tornou também médico oficial do Reino e substituiu Marcelo Malpighi na função de médico do pontífice Clemente XI, sintetiza os efeitos nocivos e dolorosos das paixões da alma: de fato, é evidente que do amor nascem a confusão, a loucura, a febre, a insônia, a inquietude e, por vezes, a morte. [...] do mesmo modo, mais de uma vez, o ódio gerou febres e furores. Do medo derivam o resfriamento do corpo, o desfalecimento, e a perda de todos os membros; da alegria, o exaurimento das forças e a síncope. Enfim, da inveja nascem angústias, deterioração, delírios melancólicos, suspiros lamentosos e outros acidentes do gênero, sobretudo quando tais perturbações são excessivas, imprevistas e persistentes (DINI, 1681 apud SILVA, 2007, p. 58).

Como vemos, as paixões da alma têm suas raízes e frutos entranhados no corpo.

A partir de Tomás de Aquino, Lacan (2005) irá dar como exemplo *contrário* a tristeza e a mania. A tristeza é por ele qualificada não como estado d'alma, mas antes como falta ou covardia moral, um pecado contra o bem-dizer, no inconsciente. Pecado sem perdão ou absolvição, fundado na manutenção do gozo e ao qual todos são condenados, para sermos redimidos apenas breve e fugazmente pela emergência do simbólico. Vinicius de Moraes nos diz que 'tristeza não tem fim, felicidade sim'. Concordaria Lacan com Vinicius?

Eis a citação de Lacan (2003, p. 524) sobre as paixões da alma:

Será que a simples ressecção das paixões da alma, como São Tomás denomina com mais justeza esses afetos, a ressecção, desde Platão, dessas paixões segundo o corpo – cabeça, coração, ou até, como diz ele, sobrecoreção – já não atesta ser necessário, para abordá-las, passar pelo corpo, que afirmo só ser afetado pela estrutura?

Indicarei por onde poderia se dar uma sequência séria, a ser entendida como serial, ao que prevalece como inconsciente nesse efeito.

A tristeza, por exemplo, é qualificada como depressão, ao se lhe dar por suporte a alma, ou então a tensão psicológica do filósofo Pierre Janet. Mas esse não é um estado de espírito (*état d'âme*), é simplesmente uma falha (*faute*) moral, como se exprimiam Dante ou até Espinosa: um pecado, o que significa uma covardia moral, que só é situado, em última instância, a partir do pensamento, isto é, do dever de bem dizer, ou de se referenciar no inconsciente, na estrutura.

O que se segue – bastando que essa covardia, por ser rechaço (*rejet*) do inconsciente, chegue à psicose – é o retorno no real daquilo que foi rechaçado: é a excitação maníaca pela qual esse retorno se faz mortal.

Esse trecho se refere a uma pergunta sobre o afeto como *energia natural*, e seu objetivo é contrapor-se a esse ponto de vista, mostrando, ao contrário, o corpo como afetado pela estrutura. A tristeza ou a mania, tidos como pecados da manutenção do gozo não simbolizado, se sustentam ainda aí enquanto paixões?

Entre os autores pesquisados, haveria pelo menos mais um a destacar: Marcus André Vieira, que propõe um modelo dos afetos fundado na ética lacaniana.

O autor supracitado considera que a paixão, fora do registro energético e vinculada a uma reflexão ética, é a contribuição essencial de Lacan à questão. Vejamos o que diz (2001):

Inicialmente a *emoção*. Postulemos que a emoção é o termo reservado para Lacan a tudo aquilo que situa o afeto no registro da agitação de um corpo concebido como anterior à estrutura e não secundário a ela. Sob essa rubrica, vamos reservar tudo o que se propõe como pura

expressão do animal no homem, seu lado orgânico, genético, tudo que se refere à herança da raça, o atávico e o ancestral, o arcaico, enfim, o Outro em seu aspecto imaginário de inimigo ou amigo mais íntimo, o outro do espelho, por vezes carmetade, por vezes perseguidor. Aqui se inserem os afetos de ódio e amor no que eles se situam no nível especular (evidentemente estamos definindo um sentido de emoção que não é o do uso comum, normalmente se utilizaria o termo “paixão” para designar esses estados de fascinação e arrebatamento, lugar da captação imaginária; contudo, mesmo utilizando-a vez por outra nesse sentido, Lacan reserva um outro lugar para a paixão, razão pela qual estamos autorizados a efetuar essa partilha que tem muito de artefato).

No vértice do *sentimento*, vamos localizar tudo aquilo que do afeto se articula em palavras, aquilo que vem nomear um indizível e que, justamente por ter sido colocado em palavras, passa a doer como se fosse anterior a elas. Como diz Lacan, o afeto vem ao corpo e não provém dele.

Finalmente, a *paixão*. Colocar em evidência o papel da paixão, ao lado do sentimento e da emoção, teria sido, segundo Lacan, a contribuição propriamente freudiana para o tema do afeto. Por compreender essa revolução, ele descarta toda a literatura sobre o afeto na Psicanálise, que tinha basicamente optado por um lado ou por outro do abismo, ou ainda buscado um compromisso entre suas bordas. De fato, as seguintes alternativas sempre tinham atormentado os psicanalistas: o afeto seria um fenômeno de descarga (emoção) ou de investimento (sentimento)? Mais dependente e mais próximo da energia pulsional ou da representação? Lacan vai buscar suas referências em Spinoza e Dante e insistir que se trata de uma articulação entre o psíquico e o

somático, ou melhor, entre significante e gozo, que só é apreensível se nos referirmos à reflexão ética, que tradicionalmente conjuga pensamento e ação. Deslocar o debate de “representação e energia” para “pensamento e ação” é o que o direito de cidadania dado neste campo à paixão torna possível.

Na emoção, o real é figurado como um ser supremo, um significado fundamental que determina e justifica todos os outros. No sentimento, ele é o silêncio desagregador que nada diz, só dispersa os sentidos estabelecidos. Na paixão, ele será o paradoxo de uma escrita que não é comunicação, uma mensagem fora do sentido. O modo mais imediato de apreendê-lo é através da imagem do escravo mensageiro que carregava, escrita a ferro e fogo, uma mensagem em seu couro cabeludo.

Ou seja, o autor equipara aí a paixão à Letra, como suporte do significante e como provinda do Outro. Assim os estigmas, passando de Cristo a São Francisco e daí se espalhando por imagens e corpos como emblemas da paixão.

Assim Édipo, seguidor involuntário das marcas deixadas em seu corpo perfurado, trespassado nos pés ao nascer e nos olhos no ápice de sua paixão. Não seria de admirar que terminasse a vida como andarilho e vidente, pré-vendo em Colono a hora e forma de sua morte.

São dois modelos distintos de afeto para falar de paixão, um originado no narcisismo e no domínio do imaginário, outro fundado no corpo e no real da estrutura. Um tem como representante o fogo que aquece e destrói, outro traz a marca do signo que, fora do sentido, é produtor de significações. É possível manter, simultaneamente, estes dois modelos de afeto no mesmo campo da Psicanálise?

Para terminar, quais as relações entre paixão, repressão e inibição? Nossa época é marcada em relação à paixão, pelo menos no que podemos observar na clínica, acima de tudo por sua falta. A superabundância de gozo barra, por seu próprio excesso, o surgimento e exercício da paixão. Assim como a paixão falta, a inibição domina uma parte importante de nossa clínica atual. A impossibilidade de amar, de fazer, de pensar é lugar comum nos analisando dos nossos dias. O preço do gozo é, então, não a ação e satisfação contínuas, mas a sua paralisação? No *Admirável Mundo Novo*, de Huxley (1932), os habitantes de uma utopia planejada e medida, com seus prazeres obrigatórios e cotidianos, tomam regularmente, além do soma, um “substituto de paixão violenta”. Quais os nossos substitutos regulares da paixão violenta?

Enfim, com tantas perguntas e outras mais à espera de quem as formule, espero que tenhamos, até o final de nossa jornada, apresentações apaixonantes e debates apaixonados. Que a paixão pelo saber nos una nessa empreitada!

### Keywords

*Passion, Psychoanalysis, Philosophy.*

### Abstract

*This paper is the transcription of the opening speech for the Symposium held by Círculo Psicanalítico da Bahia about Passion, collecting and organizing several concepts and questions on the theme.*

## Referências

AQUINO, T. Comentário ao *De Interpretatione*. Disponível em: <http://www.microbookstudio.com/tomasaquinocomentariosaristoteles.htm>. Acessado em: 24.03.2010.

COURA, R. *Paixão é doença*. Entrevista ISTO É (2000). Disponível em: [http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&q=%22rubens+coura%22+%22isto+%C3%A9%22&aq=f&aql=&oq=&gs\\_rfai](http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&q=%22rubens+coura%22+%22isto+%C3%A9%22&aq=f&aql=&oq=&gs_rfai). Acessado em 24.03.2010.

FERREIRA, N. P. *A teoria do amor*. Coleção Psicanálise Passo a Passo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. v.38. 71 p.

FREUD, S. Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância [1910]. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v.XI. p. 83.

FREUD, S. O Ego e o Id [1923]. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006 v. XIX, p. 39.

HUXLEY, A. [1932]. *Admirável mundo novo*. São Paulo: Globo, 2001.

KEHL, M. R. *A Psicanálise e o domínio das paixões*. In: Obra Coletiva. *Os Sentidos da Paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 469-496.

LACAN, J. Televisão. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 524.

LACAN, J. Variantes do tratamento-padrão. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 360.

LEBRUN, G. O conceito de paixão. In: Obra Coletiva. *Os Sentidos da Paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 17-34.

LEITE, M. P. de S. A. *depressão como paixão da alma*. Disponível em: <http://www.marciopeter.com.br/> Acessado em: 24/03/2010.

ROUANET, S. P. Razão e Paixão. In: Obra Coletiva. *Os Sentidos da Paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 437-468.

SILVA, P. J. C. A dor enquanto paixão. *Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. X, n. 1, p. 51-62, mar.2007.

VIEIRA, M. A. *A ética da paixão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

VIEIRA, M. A. O real da paixão. *Opção Lacaniana*, São Paulo, n. 31, p. 42-46, set. 2001.

### **Tramitação**

Recebido: 24/03/2010

Aprovado: 01/07/2010

Nome do autor responsável: Miriam Elza  
Gorender

End: Rua Marques de Caravelas, 217/901 -  
Barra

CEP: 40140-241 - Salvador - Bahia

Fone: (71) 3264-2523

E-mail: miriamgorender@gmail.com

# *A patologização da normalidade<sup>1</sup>*

## *The pathologization of normality*

Paulo Roberto Ceccarelli<sup>2</sup>

### Palavras-chave

Patologização, psicopatia, normalidade, sofrimento psíquico.

### Resumo

Partindo do termo *psico-pato-logia*, que traduz um discurso sobre as paixões da alma, sobre o padecer psíquico, o autor discute como o discurso sobre os patos na atualidade tem produzido uma patologização da normalidade. Inicialmente, é feita uma pequena digressão histórica para mostrar que cada momento sócio-histórico teve a sua maneira própria para lidar com as expressões dos patos: no passado, a religião ditou as normas; na modernidade, foi a ciência; e na chamada pós-modernidade, o discurso científico tem sido questionado. Para o autor, as buscas de referências são maneiras de tentar lidar com o desamparo (*Hilflosigkeit*) constitutivo do indivíduo. Entretanto, no início da vida, o bebê humano não tem como lidar com as demandas pulsionais filogeneticamente herdadas. Uma das astúcias do Eu em constituição para lidar com o desamparo psíquico é lançar mão do imaginário social para dar representações às pulsões. Porém, as formas discursivas que criamos e que nos dão a ilusão de sermos confortados e acolhidos, a sensação de pertencermos a um grupo, expressam as inúmeras variantes da dependência psíquica. Muitas vezes, sustenta o autor, o discurso é transformado em instrumento ideológico que, juntamente com as inúmeras expressões do “politicamente correto”, traduzem uma busca de normatização e de padronização de comportamentos gerando uma patologização da normalidade. Na saúde psíquica, os manuais de diagnóstico, fomentados pela indústria farmacêutica, transformam as singularidades em anormalidades. Qual é a posição dos psicanalistas nesta nova ordem?

Ao ser convidado para fazer uma conferência no XVIII Congresso do Círculo Brasileiro de Psicanálise, pensei que seria uma boa ocasião para discutir com os colegas algumas questões que venho me colocando já há algum tempo a respeito do que chamei, para situar minha intervenção, de *patologização da normalidade*.

Entendo por *patologização da normalidade* toda forma discursiva geradora de regras

sociais e normas de conduta que são utilizadas para classificar, etiquetar e às vezes punir. Regras que determinam como os sujeitos devem proceder a partir de parâmetros que, na maioria das vezes, não levam em conta a particularidade da dinâmica pulsional do sujeito em questão. Pergunto-me, ainda, qual a nossa participação, como psicanalistas, nesse processo que pode estar conduzindo a uma patologização da existência.

1 Conferência de abertura pronunciada no XVIII Congresso do Círculo Brasileiro de Psicanálise. Rio de Janeiro, 20 de maio de 2010.

2 Psicólogo; Psicanalista; Doutor em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise pela Universidade de Paris VII; Pós-doutor pela Universidade de Paris VII; Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental; Sócio de Círculo Psicanalítico de Minas Gerais; Membro da “Société de Psychanalyse Freudienne”, Paris, França; Membro fundador da Rede Internacional de Psicopatologia Transcultural; Professor Adjunto III no Departamento de Psicologia da PUC-MG.

Nunca é demais lembrar que o termo *psico-pato-logia* traduz um discurso, um saber (*logos*) sobre as paixões, a passividade (*pathos*) da mente, da alma (*psiquê*). Trata-se, pois, de um discurso representativo a respeito do sofrimento psíquico; sobre o padecer psíquico.

Sendo o tema deste congresso *A Psicopatologia da Vida Cotidiana*, seria interessante pensar quais os caminhos do *pathos* na atualidade que têm feito com que as paixões estejam se manifestando de forma que o pacto social não seja levado em conta. O *pathos*, nos lembra Freud, no *Mal-estar da Civilização*, só pode ser devidamente avaliado a partir dos elementos do imaginário social da cultura na qual o padecimento psíquico emerge.

Ao longo da história, as paixões que nos conduzem, sobretudo quando se manifestam de forma desmedida, têm recebido tratamento diferente, dependendo de como são percebidas e apreendidas. Cada contexto histórico-político teve o seu discurso sobre as paixões: castigo dos deuses, disfunções humorais, possessão demoníaca, perda da razão, manifestação do inconsciente, fatores genéticos, desequilíbrio químico e outras tantas. Uma pequena digressão histórica, que de forma alguma se pretende exaustiva, será útil para melhor compreender essa necessidade, senão fatalidade, inerente ao ser humano, de tentar nomear o que nos incomoda por dentro.

Os discursos sobre a “normalidade”, que podem ou não patologizá-la, sempre foram prerrogativa das elites dominantes, da religião e do Estado (FLANDRIN, 1986). Regular sobre o prazer parece ser inerente ao trabalho de cultura (*Kulturarbeit*) para que a coesão dos grupos seja mantida.

Nas sociedades em que a religião tem o controle, são os sacerdotes, inspirados pelos deuses, que ditam as normas de conduta aceitáveis e as patológicas. Foi assim no início da era cristã, quando o mundo se organizava em escalas de valores de acordo

com um projeto divino inescrutável. Nesse mundo estanque, não havia possibilidades de mudanças: tendo a terra no centro do universo, a criação mais perfeita era o homem, seguido pela mulher. As referências eticomorais a serem seguidas eram ditadas e controladas pela religião.

Com a secularização da visão do mundo, a ciência substituiu a religião e o ideal passou a ser a objetividade: tudo tinha uma causa e um efeito previsível. “Em consequência da divisão cartesiana, indivíduos, na sua maioria, têm consciência de si mesmos como egos isolados existindo dentro de seus corpos” (CAPRA, 1983, p. 25). Essa sociedade aberta a possibilidades de mobilidade social é chamada de “modernidade”. Com o saber laico no lugar do divino, a racionalidade dita as práticas, as organizações e os valores. “A ciência dita, e os sábios deliberaram sobre o normal e o patológico” (GAGNON, 1990, 79).

Sustentada pelas ideias iluministas, o mote da modernidade era lutar contra o arbitrário, contra os preconceitos e as tradições: o legítimo passou a ser o racional. Contudo, a realidade sociopolítica do século XX mostrou a esterilidade do projeto de emancipação da modernidade. O conhecimento científico, afetado pelos avanços tecnológicos, passou a ser medido em termos de quantidade de informação: quem sabe mais, tem maior poder, embora o saber possa ser manipulado, como bem nos mostra a mídia.

O descrédito nas ciências como fonte de verdade caracteriza a pós-modernidade. Trata-se do fim das metanarrativas (LYOTARD, 1979): as narrativas totais e globalizantes que explicam o conhecimento, posto que tais esquemas explicativos nada garantem. As verdades construídas na modernidade, assim como a crença na razão e na capacidade da ciência em dar respostas, caíram. A grande pergunta passou a ser: “Quem decide o que é o conhecimento?” E, mais ainda: “quem sabe como decidi-lo?” (As posições de Lyotard, e de outros pós-

modernos, foram severamente criticadas por autores, tais como Callinicos (1995) e Habermas (1987). Para estes, as críticas à modernidade referentes ao ceticismo universal nada mais eram que uma outra forma de metanarrativa; um outro dispositivo de poder).

Para alguns autores (LEBRUN, 1997; MELMAN, 2002), a pós-modernidade, com a crise do conhecimento, o fim das certezas e as mudanças na estrutura familiar, estaria promovendo uma desorganização social e, conseqüentemente, uma violência sem precedentes. Estaríamos vivendo em uma sociedade fragmentada por inúmeros códigos de conduta. Esses autores retomam o tema da ruptura do laço social e apregoam o fim das referências simbólicas, o fim da função paterna e a degradingolada do pai. Falam, enfim, de uma desesperança generalizada e profetizam um futuro catastrófico.

Concordar com tais previsões alarmistas é esquecer a história e, talvez o mais difícil, aceitar o fato inelutável que cada época tem a sua própria “leitura de mundo”; e uma não é melhor que a outra. A verdade, nos lembra Foucault (2000), é uma invenção interpretativa, cujos conceitos são datados e que dura até que uma outra verdade venha substituí-la. As novas organizações pulsionais geradas pelas mudanças sociais nos obrigam a fazer o luto de representações que até então eram tidas como naturais e imutáveis; representações que nos serviam de referências para nos locomovermos no simbólico. Admitir o caráter imaginário de toda leitura de mundo provoca o retorno dos eternos questionamentos: quem somos, de onde viemos, para onde vamos, o que nos constitui como sujeitos, o que vai acontecer diante de tantas mudanças... O passado sempre exerceu uma estranha atração. Sentimos um apelo pelo passado sempre que o presente nos parece doloroso, na esperança de reencontrarmos “o encantamento de nossa infância, que nos é apresentada por nossa memória não imparcial como uma época de ininterrupta felicidade” (FREUD, 1939, p.89).

Acredito que uma das contribuições mais importante dos avanços científicos para o “fim das verdades” e que aumentou ainda mais o sentimento de desamparo na contemporaneidade ainda não teve a atenção que merece: trata-se da mudança da percepção da dimensão espaço-tempo. Com a passagem do universo newtoniano para o einsteiniano, fomos obrigados a operar uma reorganização psíquica em nossa maneira de nos situarmos no mundo. Ocorreu uma mudança de paradigma semelhante à descoberta do inconsciente. As contribuições da física quântica e da relativista - lembremos que os trabalhos de Einstein foram publicados em 1905, no mesmo ano da publicação dos *Três ensaios* de Freud - modificaram inexoravelmente nossa relação com o tempo de tal forma, que a noção tempo-espaço que temos hoje não guarda nenhuma semelhança com a noção tempo-espaço de outras épocas.

A internet é, sem dúvida, um dos maiores exemplos de como nossa relação com os acontecimentos mundiais se modificou. Seu desenvolvimento só foi possível com a conquista do átomo. Espaço, tempo e distância não existem mais, pois onde quer que o fato ocorra no planeta, ontem, hoje ou amanhã (dependendo de onde estamos no globo) não tem importância: todos temos acesso em tempo real. Entretanto, a sensação é de termos cada vez menos tempo!

Sendo o tempo uma criação dos processos secundários, os quais são influenciados pelo mundo externo, não é possível separar nossa apreciação do tempo do momento histórico no qual estamos inseridos. Por outro lado, não se pode conciliar a temporalidade dos processos secundários, com a dimensão atemporal do inconsciente. É por isso que as representações e dispositivos que criamos na tentativa de suportar a angústia inerente ao desamparo (*Hilflosigkeit*) psíquico, desde que fomos marcados pelo estado de cultura, são fadados ao fracasso.

Como seres históricos, somos todos afetados pelos movimentos responsáveis pelas reorganizações psíquicas. Por isso, não temos como vivenciar, por exemplo, a significação profunda das queixas dos clientes de Freud, por desconhecermos a dinâmica pulsional daquela época. Sem dúvida,

[...]não nos sentimos confortáveis na civilização atual, mas é muito difícil formar uma opinião sobre se, e em que grau, os homens de épocas anteriores se sentiram mais felizes, e sobre o papel que suas condições culturais desempenharam nessa questão (FREUD, 1930, p. 108).

Nossas teorias são afetadas pelas mudanças contemporâneas. É nesse sentido que o complexo de Édipo, embora universal e atemporal, só pode ser corretamente avaliado dentro do momento sócio-histórico e da ordem simbólica que organiza a circulação dos afetos e define a singularidade das normas e sanções sociais.

Considerando que o termo **Hilflosigkeit** é composto de três palavras: **Hilfe**, que significa socorro; **los**, que pode ser definido por sem; **keit** que forma o substantivo; **Hilflosigkeit** seria melhor traduzido por “insocorribilidade”. Somos, por definição, “insocorríveis” (CECCARELLI, 2005, p.49). O que se depreende dessa breve digressão é que, desde sempre, o ser humano recorreu aos mais diversos recursos - internos e/ou externos - para lidar com o desamparo (*Hilflosigkeit*) constitucional, não apenas do “longo período de tempo durante o qual o jovem da espécie humana está em condições de desamparo e dependência” (FREUD, 1927, p. 179). Há uma outra forma de desamparo da qual pouco se fala: o desamparo psíquico. No começo da vida, o bebê humano não tem como lidar com as demandas pulsionais filogeneticamente herdadas (FREUD, 1915). Uma das astúcias do Eu em constituição para lidar com o desamparo psíquico é lançar mão do imaginário social para dar repre-

sentações às pulsões. O universal do desamparo se singulariza na história de cada um, a partir da relação que a criança estabelece com quem lhe deu vida psíquica. O trabalho de cultura nada mais faz do que criar estratégias (aparentemente novas) de recalque e repressão que mascaram o mal-estar (*Unbehagen*) inerente à cultura. As demandas e as vicissitudes pulsionais – sobretudo o par amor/ódio – em nada alteraram com o passar dos milênios.

A dinâmica pulsional que caracteriza o desamparo psíquico demanda um novo tipo de “alimento”: afeto, amor, reconhecimento, palavra, linguagem... gerando o que poderíamos chamar de “dependência psíquica”. Seus destinos são inúmeros: as religiões, as ligações cegas aos mestres, as teorias inquestionáveis, as adições e, sobretudo, as que mais nos fazem sofrer: as relações interpessoais nas quais “a fronteira entre ego e objeto ameaça desaparecer” (FREUD, 1930, p.83). As formas discursivas que criamos e que nos dão a ilusão de sermos confortados e acolhidos, de que somos “normais” como os outros, que nos dão, enfim, a sensação de pertencermos a um grupo, expressam as inúmeras variantes da dependência psíquica. Não raro, entretanto, sentimo-nos desiludidos e desamparados pelos laços sociais, o que revela a ineficácia dos expedientes utilizados para lidarmos com o desamparo (a ilusão, cabe lembrar, é uma crença motivada pela realização de um dos maiores desejos da humanidade: a necessidade de proteção através do amor, a força de Eros).

E é bem isso que a história libidinal da humanidade nos mostra: os dispositivos que criamos para nos confortar sempre falharam; nada, nenhuma organização psicossocial, nenhuma crença, nenhuma ciência, nenhum objeto, nenhuma forma de laço social, nos protege do desamparo (CECCARELLI, 2009). As verdades propostas pelas “visões de mundo” (*Weltanschauung*) a que o ser humano recorreu ao longo do processo evolutivo – animista, religiosa ou científica



– são sempre fragmentárias e susceptíveis de transformarem-se em um sistema de crença de massa; e todo discurso, inclusive o psicanalítico, tem as mesmas origens das crenças infantis - ou seja, míticos - que se originam nas teorias sexuais da infância (FREUD, 1908; 1933; 1933b). Os discursos sobre os destinos do patos, das paixões, que animam o aparelho da alma (*seelischer Apparat*) são artefatos culturais criados para tentar entender, e controlar, a alteridade interna: as manifestações do inconsciente, provas irrefutáveis de que não somos senhores em nossa própria casa. Sendo o inconsciente sexual, suas produções são muitas vezes sentidas, tanto pelo sujeito quanto pela cultura, como algo da ordem do estranho (*Unheimlich*), por vezes algo a ser tratado, erradicado. Freud (1915b) não esconde o seu desalento no que diz respeito da inexorabilidade do desamparo em seu texto *Reflexões para os tempos de guerra e de morte*. Este trabalho, um verdadeiro desabafo, anuncia mudanças em suas posições teóricas, cuja expressão máxima acontecerá com a introdução em 1920 da *Pulsão de morte*.

Então: cada época utiliza dos meios que tem para enfrentar o mal-estar: os expedientes que encontramos para nomear o que nos aflige variam segundo o discurso dominante do momento sócio-histórico no qual estamos inseridos. Não raro, o saber científico, altamente comprometido, quando não subvencionado, por aqueles que detêm o poder, é convocado e transformado em instrumento ideológico para ditar como a circulação pulsional deve ocorrer e para justificar as medidas a serem tomadas caso a norma não seja respeitada.

## A PATOLOGIZAÇÃO DA NORMALIDADE

Como vimos, sempre precisamos de referências para nos localizarmos e nos deslocarmos no tempo e no espaço. Acredito, então, que a cartografia discursiva atual que cumpre essa finalidade tem sido utilizada

como uma forma de controle que corre o risco de patologizar a normalidade e até mesmo de criar situações que promovem um maior surgimento de psicopatias.

Os profissionais do psiquismo podem contribuir, mesmo indiretamente, para a patologização da normalidade ao transformarem suas teorias em instrumentos de controle. Cada vez mais, somos convocados no espaço público para opinarmos sobre temas de sociedade. Não raro, nossas teorias são apresentadas como porta-vozes de verdades e guardiãs de uma ordem simbólica intocável, que idealiza uma forma única de subjetivação baseada nas normas vigentes. Como se elas tivessem o poder, sem dúvida perverso, de deliberar sobre o normal e o patológico. A psicanálise, que em um primeiro momento foi libertadora ao denunciar a existência de uma outra cena que determina nossas escolhas objetais, tornou-se, mais tarde, contaminada pelos mesmos princípios dominantes que denunciara. Encontramos psicanalistas que esquecem a importância de levar em conta o que acontece no social e insistem em permanecer arraigados a teses não mais sustentáveis na contemporaneidade.

Cada momento sócio-histórico produz a subjetividade que lhe é própria. Subjetividade essa que é tributária dos modelos identificatórios culturalmente valorizados e das sublimações significantes do momento em questão. Isso significa que a sociedade forma tanto a psique quanto seus inúmeros derivados, dentro os quais os sintomas. Nessa perspectiva, da mesma forma que a constituição do Eu não pode ser separada da sociedade na qual ele emerge, o padecimento psíquico traz as marcas da sociedade e do momento sócio-histórico que o produz.

O arcabouço teórico da psicanálise é tributário da ordem simbólica do qual emergiu, e os psicanalistas são afetados em suas escutas por seus complexos inconscientes e suas organizações identificatórias. E,

mesmo sabendo teoricamente que o importante é seguir os caminhos pulsionais e as escolhas de objeto, não estamos vacinados contra posições normativas que tendem a enquadrar as vicissitudes da pulsão na hegemonia discursiva dominante. Com isso, abandona-se a dinâmica do funcionamento psíquico a favor de uma prescrição normativa de circulação pulsional. Nossa clínica não é sem consequências. Implícita ou explicitamente, nossa atuação reflete um projeto político, logo uma visão de sociedade, que pode ser transformada em instrumento a serviço de uma ordem normativa com efeitos repressivos.

Uma das maiores fontes geradoras de controle na atualidade é a questão de como a saúde psíquica tem sido tratada a partir dos DSMs. As críticas mais recentes têm sido feitas por historiadores e escritores. Nos últimos anos, mas sobretudo em 2010, o número de publicações denunciando o que está por trás do excesso de medicação, assim como da exportação do modelo americano de saúde mental não para de crescer (PIGNARRE; 2001, ST-ONGE, 2004; LANE, 2007; BLECH, 2008; WATTERS, 2010, WATTERS, 2010b; GREENBERG, 2010; KIRSCH, 2010; WHITAKER, 2010.).

Apenas alguns exemplos. Nos países ocidentais o número de pessoas acometidas pela depressão foi multiplicado por sete nos últimos dez anos: é como uma epidemia. Nos anos setenta, quando se começou a falar mais da depressão, os psiquiatras abandonaram a psicanálise para procurar respostas em desordens neuronais. Somas astronômicas foram mobilizadas pelos laboratórios para financiar as pesquisas. E embora nenhum teste biológico permita diagnosticar a depressão, as indústrias farmacêuticas continuaram testando ao acaso diferentes substâncias que só aumentaram as descrições fenomenológicas da depressão. Tornou-se totalmente secundário se a causa desencadeadora foi a perda de um ente querido, de um ideal, ou um assédio moral, o problema está nos genes ou na biologia do cérebro. Para

isso, os antidepressivos estão aí, para reequilibrar as energias (PIGNARRE, 2001).

Outro fato curioso é o de prescrever medicamentos para as etapas normais da vida, para os seus estados de espírito e suas emoções. Ou seja, as condições próprias à natureza humana estão sendo cada vez mais medicalizadas pelos fabricantes de remédios em busca de clientes. É assim que, aos poucos, as pessoas estão sendo convencidas de que qualquer problema, qualquer contrariedade é insuportável, o que transformou o sofrimento psíquico em uma doença mental, para a qual existe um medicamento apropriado para a emoção que o sujeito não deveria sentir. Entretanto, foi necessário mudar a definição de padecimento para que novas “doenças” pudessem surgir: entre 1987 e 1994, o DSM-IV introduziu 77 novas doenças mentais. Foi assim que a timidez passou a ser uma “fobia social”; o regurgitar normal dos bebês tornou-se o “refluxo esofágico patológico”; a senilidade, uma “insuficiência da circulação cerebral”; e a expressão “traumatismo do bilhete que perde” utilizada para quem se preocupa por não ter ganhado na loteria (ST-ONGE, 2004).

As revelações que o livro de Christopher Lane, crítico literário, historiador anglo-americano e professor na Northwestern University, publicado 2007, nos descreve uma realidade assustadora nos labirintos dos “transtornos mentais”. Intitulado *Shyness: How Normal Behavior Became a Sickness* (Timidez: como o comportamento normal tornou-se uma doença), Lane relata o resultado de suas pesquisas graças ao acesso aos arquivos da Associação Americana de Psiquiatria e aos relatórios de executivos de empresas farmacêuticas. Com pouca justificação científica, inúmeras emoções e sentimentos passaram a fazer parte das desordens psiquiátricas e, logo, passíveis de serem tratadas com psicotrópicos. Desmontando a fachada da pesquisa objetiva, Lane mostra que “diagnosticar” tornou-se um negócio altamente rentável, cuja subvenção é garan-

tida pelos gigantes da indústria farmacêutica apoiados pela Administração de Alimentos e Drogas norte-americana, com a conivência das Universidades e a cumplicidade da mídia que conta com o poder persuasivo das agências de publicidade. A história da psiquiatria foi radicalmente reescrita como se Charcot, Freud, Jaspers e outros tantos nunca tivessem existido. Segundo Lane, o *transtorno de ansiedade social*, “patologia” vedete nos Estados Unidos, é um dos exemplos de como uma doença tem que ser criada antes que um medicamento que se lhe aplique seja lançado no mercado. Finalmente, Lane nos mostra como o DSM, utilizado em todo mundo graças à Organização Mundial de Saúde, transformou, em trinta anos, emoções banais em doenças mentais permitindo a rentabilização de moléculas inúteis.

E quando se necessita aumentar as vendas de certas substâncias, a indústria farmacêutica impõe novas normas - por exemplo, a taxa de colesterol ideal - que transformou pessoas sadias em doentes de risco em potencial. O mesmo foi feito para criar o terror da osteoporose em mulheres na menopausa, e entre os homens, o terror da impotência (BLECH, 2008).

A quinta edição do DSM (DSM-V), previsto para 2013, traz novas síndromes, agora chamadas “adições”, dentre as quais uma atividade sexual excessiva (mas qual é a norma nessa área? Quantas vezes por semana? E quem não tem sexualidade?). Também o amor pela gastronomia, o fato de beber um copo de vinho por dia ou ainda o prazer de surfar por horas na Internet. Junta-se a estes “distúrbios” a angústia de morrer quando se descobre portador de uma doença incurável e o temor de perder o emprego em tempo de crise. Não se leva em conta que, sem passar pela palavra e escutar o sujeito, não podemos saber o que aquele comportamento significa para ele. “Graças ao DSM, observa Elisabeth Roudinesco (2009), somos convidados a nos considerar doentes mentais, perigosos para os outros e para nós mesmos. Tal é a vontade

higienista e securitária da grande bíblia da psiquiatria moderna”.

Cabe-nos reagir com ironia e perguntar onde nós, estudiosos do psiquismo, nos encaixamos nesse infindável inventário de emoções, hábitos e comportamentos: de forma (talvez) menos adictiva, muitos de nós dedicam-se exaustivamente ao trabalho, passam o dia ouvindo o sofrimento dos outros, as noites nas reuniões das Associações e nos finais de semana, quando encontramos com colegas; isso quando o tempo permite, e continuamos falando das mesmas coisas!

Junta-se a tudo isso o fato de como o modelo americano de doença mental tem sido exportado como parte da globalização: a noção de doença, como lidar com elas, suas causas, como tratá-las, passou a fazer parte de um pacote sem levar em conta que as manifestações do patos variam de um lugar para o outro, de uma época para a outra.

Um dos primeiros a detectar a ocidentalização de uma doença mental foi o Dr. Sing Lee, psiquiatra e pesquisador da Universidade de Hong Kong. Um artigo publicado no New York Times no dia 10 de janeiro de 2010 relata que, no final dos anos 80 e início dos 90, o Dr. Sing Lee começou a documentar uma forma rara e culturalmente específica de anorexia nervosa em Hong Kong. Ao contrário dos anoréxicos ocidentais, a maior parte de seus pacientes não evitava comer nem expressava medo de engordar. As reclamações dos pacientes, tipicamente somáticas, eram de um inchaço no estômago. Enquanto o Dr. Lee estava tentando compreender essa forma nativa de anorexia, o conceito desse distúrbio transformou-se rapidamente quando uma adolescente anoréxica caiu morta em uma rua do centro de Hong Kong. Os jornais locais, que deram lugar de destaque a esse acontecimento insólito, basearam-se nos manuais de diagnóstico norte-americanos. Os especialistas em saúde mental da região não hesitaram em afirmar que a anorexia

em Hong Kong era a mesma desordem que surgira nos Estados Unidos e na Europa. O conhecimento sobre a natureza da anorexia - incluindo suas manifestações e os grupos de risco - caminhou do Ocidente para o Oriente (WATTERS, 2010b). Este exemplo, o primeiro em muitos outros que estão por vir, nos alerta que a maneira como cada cultura pensa e trata o sofrimento mental modela a experiência em si. O grande risco da exportação, via globalização, dos modelos de doença é a homogeneização da maneira como o mundo fica louco.

Talvez seja na área da sexualidade que essa nova ordem se expresse de forma mais contundente. Sem dúvida, vivemos uma época bem menos hipócrita em relação às práticas sexuais. Ao mesmo tempo, a moral sexual civilizada travestiu-se nas múltiplas versões do “politicamente correto”, que transforma atos banais em assédio sexual.

Se colocarmos trechos dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* de Freud ou da *Psychopathia Sexualis* de Krafft-Ebing na internet sem precisar o nome dos autores, seguramente lançaríamos uma caça ao perverso que teria escrito propósitos tão infames a respeito da sexualidade infantil. O brincar com uma criança, ou até mesmo fazer um comentário lisonjeiro sobre um(a) adolescente é facilmente visto como indício de uma pedofilia latente. Existe o outro aspecto, às vezes negligenciado, que pode levar a uma normatização com efeitos patogênicos: o fato de se esquecer tanto o universo fantasmático da criança quanto a sua sexualidade. Muitas vezes, os verdadeiros assédios estão nas formas de alertar a criança contra os eventuais ataques de possíveis pedófilos. Uma ilustração dessa situação foi “o caso de Outreau”, nome de uma pequena cidade na região de Boulogne-sur-Mer no norte da França. Ali ocorreu um dos maiores enganos judiciários da história francesa (AUBENAS, 2005; WIEL, 2006; GUYOMARD, 2009).

Entre 2001 e 2006, Outreau tornou-se o centro das atenções naquele país devido a

denúncias de orgias pedófilas envolvendo dezessete adultos e crianças entre quatro e quatorze anos. Após longa e minuciosa investigação, tudo não passou de um sórdido caso de incesto no qual um pai abusara de seu filho, tendo a cumplicidade da esposa. O resto revelou-se uma grande histeria coletiva - variante moderna das bruxas de Salém. Embora nos dois acontecimentos o demônio tenha sido a sexualidade, no caso de Outreau, o retorno do recalcado, no lugar do demônio, fez com que tanto as fantasias sexuais dos adultos, quanto as das crianças, fossem tomadas por realidade e transformadas em peças de convicção. A cegueira generalizada produzida pela irrupção do sexual foi tal, que passou despercebido que uma das crianças que teria sofrido de abusos sexuais não tinha sequer nascido quando os fatos ocorreram! No final, dos dezessete acusados, treze foram inocentados, e um suicidou-se. Várias famílias foram destruídas, as crianças traumatizadas, e carreiras arruinadas. As últimas acusações de abuso sexual contra o padre Dominique Wiel caíram após quatro anos, quando as crianças admitiram ter mentido.

O interessante neste acontecimento é que, embora as crianças que foram realmente abusadas já tinham sido encaminhadas ao hospital local por violências físicas por parte dos pais, as queixas só foram ouvidas quando a palavra *sexual* foi mencionada. O juiz de instrução - mais tarde julgado pelo Conselho Superior de Magistratura por “falta evidente de rigor e de imparcialidade” na condução do inquérito - partiu do princípio de que, na ausência de provas materiais, a palavra das crianças é soberana, pois elas “não mentem jamais”. Mais uma vez, a sexualidade infantil mostra toda a sua complexidade. Partir do princípio de que as crianças jamais mentem é não levar em conta a dimensão fantasmática da sexualidade: as fantasias de sedução estão presentes em todos os protagonistas da cena. Se, sem dúvida alguma, o Estatuto da Criança e do Adolescente trouxe vários

ganhos, o caso de Outreau é emblemático ao lembrar que as instâncias jurídicas são compostas de sujeitos que, como qualquer sujeito, possuem um inconsciente.

Cada vez mais escutamos dizer que os histéricos descritos por Freud não existem mais e que, na atualidade, a clínica é a da perversão. Ainda que a conversão histérica da época de Charcot seja rara, parece estarmos afetados por um fenômeno de “histeria coletiva” que faz da palavra *perverso/perversão* uma espécie de senha, um fetiche, usado pelo profissional para aliviar sua angústia diante de um funcionamento psíquico que lhe provoca estranheza. Nas escolas, os comportamentos que não se enquadram nas normas são patologizados e não raro medicados. O número de trabalhos psicopedagógicos no qual o rótulo “perverso” é aplicado, e um comportamento provocativo e desafiador da criança é teorizado como “gozo”, vem aumentando consideravelmente.

## PARA CONCLUIR

Estão aí lançadas as bases para a patologização da normalidade: um discurso carregado de uma ideologia normativa que utiliza de um saber “científico” para transformar as singularidades em anomalias e atos espontâneos em desvios. O universo fantasmático, tratado como realidade objetiva, não leva em conta que a sexualidade adulta “normal” apoia-se na sexualidade perversamente polimorfa da infância. Mesmo sabendo que desejos incestuosos recalcados podem estar presentes nas relações adulto/criança, a verdadeira perversão consiste em só “enxergar” nessas relações componentes de ordem sexual: de que lado está a perversão?

A “ideologia científica” (ROUDINESCO, 2010) vem tomando corpo através da nomenclatura proposta pelo DSM e adotada pela Organização Mundial de Saúde, que busca inventariar os problemas psíquicos afim de prescrever o tratamento adequado.

Gestos simples são patologizados: se você está angustiado, você tem um problema mental. Se você verificou mais de uma vez se a porta está bem fechada, você é neurótico. Enfim, ser “normal” - beber, apaixonar-se, chorar, não controlar as pulsões e reconhecer o retorno do recalcado, saber que não se é senhor em casa própria, rirmos de nós mesmos, problemas escolares comuns, de relacionamento, a dificuldade de fazer um luto - tudo isso que nos torna humanos está sendo patologizado. Ser normal é uma patologia, cuja avaliação é ditada pelo DSM que prescreve os limites e as regras de conduta aos quais se deve responder. Toda essa forma de controle passou a ser padrão de normalidade. Você está fora da norma? Não se preocupe: temos a molécula que vai resolver isto.

Cada vez mais a genética vem ganhando espaço em detrimento da subjetividade - conhecemos as consequências do eugenismo -, o que só aumenta os lucros da indústria farmacêutica. Imagens cerebrais permitem “ver” a insônia, as dores lombares, o estresse e até o pensamento. Na realidade, trata-se de um uso ideológico da ciência, na medida em que ela nos leva a crer que tudo se explica por mecanismos cerebrais, deixando assim de lado o sujeito e sua história. Não se leva em conta que o sintoma, na linguagem que lhe é própria, diz algo para o sujeito e do sujeito. A generalização do “diagnóstico” se impõe cada vez mais em detrimento da particularidade da dinâmica pulsional e dos caminhos identificatórios de cada um.

Como vimos, o ser humano sempre teve necessidade de referências externas para nomear o que desconhece internamente e para suportar o desamparo psíquico. Porém, as associações sintagmáticas que utilizamos para esse fim podem tanto facilitar a circulação dos afetos, permitindo uma maior expressão da diversidade e da diferença, quanto limitar essa circulação ao definir como ela deve ocorrer, o que pode gerar psicopatias.

Aparentemente, o DSM nos toca pouco, pois não é esse o caminho que a psicanálise toma, fazendo com que os psicanalistas se sintam ao abrigo dessa patologização da normalidade. Entretanto, a situação não é tão simples assim. Em países como a França e os EUA, as coisas estão tomando proporções preocupantes. Em 2009 uma petição intitulada *Salvemos a Clínica* (GORI, 2009) chamou a atenção para o aparecimento massivo dos modelos neurobiologistas e comportamentais em detrimento da psicopatologia e da psicanálise na formação dos profissionais da saúde. Os nomes são alusivos: detecção precoce, problemas de conduta, hereditabilidade genética, fatores de risco, fatores preditivos, isolamento dos sintomas, comorbidade, correção do comportamento, índice de impulsividade, reeducação psicoterapêutica, timorregulador, *expertise*, segurança psíquica, castração química entre outros. Nenhum desses casos reflete aberrações e desvios a corrigir, mas a subordinação do sofrimento e do bem-estar psíquico a novas representações e novos dispositivos de controle nos quais a psicanálise não aparece. A onda agora está atingindo psicólogos e psicanalistas na tentativa de controlar suas práticas profissionais (no Brasil, temos o ato médico e os movimentos para a regulamentação do psicanálise). E a “normalização ideológica” (GORI, 2008) não para por aí: a lista de revistas mais valorizadas para se publicar é composta, quase que exclusivamente, de revistas avaliadas pela APA (*American Psychology Association*). A classificação que ela propõe está ligada ao “Fator de impacto” como critério bibliométrico, isto é, quantas vezes um artigo é citado.

As políticas de saúde pública, que, direta ou indiretamente, afetam nosso exercício profissional, estão cada vez mais pautadas no DSM para seus projetos coletivos. A Folha de São Paulo, na sua edição do dia 18 de maio de 2010, publicou uma matéria intitulada *A luta antimanicomial e a psiquiatria*, na qual diz que “face à alta morbi-

dade psiquiátrica na população”, a Associação Mundial de Psiquiatria “nomeou uma força-tarefa para produzir diretrizes sobre as etapas, os obstáculos e os erros a serem evitados na implementação de um sistema de saúde mental comunitário” nos países em desenvolvimento. Percebe-se claramente nesse artigo um primeiro esboço no qual a Associação Mundial de Psiquiatria se vê no direito de dizer como os países em desenvolvimento – o que inclui o Brasil – devem implantar o seu sistema de saúde mental comunitária.

Em nossos consultórios, cada vez mais recebemos clientes que chegam diagnosticados, ou seja, pessoas que encontram no discurso da “normalidade” os elementos para nomear o mal-estar. Junta-se a isso, no plano coletivo, o que André Lebeau (2008) chama de *Confinamento Planetário*, que se traduz pelo confronto inevitável da humanidade, em um futuro mais ou menos próximo, com os limites do planeta devido às necessidades de crescimento desenfreado. O social será grandemente afetado, criando uma espécie de controle em que os “mais aptos” (segundo quais critérios?) sobreviverão.

A questão a ser colocada, sobretudo em um congresso de psicopatologia seria: como barrar essa nova ordem que vem patologizando a existência humana e transformando as doenças do espírito em sombrios quadros psiquiátricos? Como a psicanálise reage e responde a tudo isso? Qual o risco de a psicanálise sustentar esse tipo de discurso? Espero que as discussões neste congresso contemplem amplamente essas questões.

Gostaria de terminar com um frase atribuída a Albert Einstein que pode ajudar na nossa reflexão sobre as leituras das paixões:

No esforço para compreender a realidade, somos como um homem tentando entender o mecanismo de um relógio fechado. Ele vê o mostrador e os ponteiros, ouve o seu tique-taque mas não tem meios para abrir a caixa. Se esse homem for habilidoso, poderá ima-

ginar um mecanismo responsável pelos fatos que observa, mas nunca poderá ficar completamente seguro de que sua hipótese seja a única possível.

### Keywords

*Pathologization, psychopathy, normality, mental suffering.*

### Abstract

*Starting from the expression psycho-pathology, which represents a discourse on the passions of the soul, about psychic suffering, the author discusses how nowadays the discourse about the pathos has been producing a pathologization of normality. Initially, the author presents a small historical digression to show that each socio-historical moment has had its own way to deal with the manifestations of pathos: in the past, religion dictated the rules; in modernity science has done so, and in the so-called post-modernity, scientific discourse has been questioned. For the author, the searching of reference are ways to try to cope with constitutive individual helplessness (Hilflosigkeit). However, in early life, the human baby cannot cope with instinctual demands phylogenetically inherited. One of the ruses of the Ego in constitution to deal with psychic helplessness is to make use of the social imaginary to create representations to the drives. However, the discursive forms that we create and that give us the illusion of being comforted and welcomed, the feeling of belonging to a group, are expressions the many variants of psychic dependence. Often, the author argues, the discourse is transformed into an ideological tool that, alongside the numerous expressions of "political correct", represents a quest for normalization and standardization of behaviors, which generates pathological normality. In mental health, diagnostic manuals, promoted by the pharmaceutical industry, transform singularities in abnormalities. What is the position of psychoanalysts in this debate?*

## Referências

- AUBENAS, F. *La Méprise: L'Affaire d'Outreau*. Paris, 2005.
- BLECH, J. *Les inventeurs de maladies. Manœuvres et manipulations de l'industrie pharmaceutique*. Paris: Babel, 2008.
- CALLINICOS, A. *Theories and Narratives: Reflections on the Philosophy of History*. Cambridge: Polity Press, 1995.
- CAPRA, F. *O Tao da física*. São Paulo: Cultrix, 1983.
- CECCARELLI, P. R. Perversão e suas versões. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 27, n. 52, p.43-50, set. 2005.
- CECCARELLI, P. R. Laço social : uma ilusão frente ao desamparo. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 31, n. 58, p. 33-41, set. 2009.
- FLANDRIN, J-L. *La doctrine chrétienne du mariage. Le sexe et l'occident*. Paris: Seuil, 1986.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2000.
- FREUD, S. Sobre as teorias sexuais infantis [1908]. In:\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.VIII.
- FREUD, S. *Neurose de transferência: uma síntese* [1915]. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- FREUD, S. Reflexões para os tempos de guerra e morte [1915b]. In:\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.XIV.
- FREUD, S. O futuro de uma ilusão [1927]. In:\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.XXI. p. 239-251.
- FREUD, S. O mal-estar na civilização [1930]. In:\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.XXI.
- FREUD, S. Porque a guerra? [1933]. In:\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*.

Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1947. v.XXII.

FREUD, S. Ansiedade e vida pulsional [1933b]. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.XXII.

FREUD, S. Moisés e o monoteísmo [1939]. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1975. v.XXIII.

GAGNON, S. *Plaisir d'amour et crainte de Dieu: sexualité et confession au Bas-Canada*. Leval: Presses Université, 1990.

GORI, R. *La psychanalyse à l'Université : un nouveau coup bas des technocrates*. Sep. 2008. <http://www.sauvons-la-clinique.org/spip.php?article19> (Consultado em 15/05/2010).

GORI, R. et al. *Sauvons la clinique : manifeste pour les pratiques et les formations cliniques*. 2009 <http://www.cifpr.fr/+Nouvelle-Actu+> (Consultado em 15/05/2010).

GREENBERG, G. *Manufacturing Depression: The Secret History of a Modern Disease*. New York: Simon & Schuster, 2010.

GUYOMARD, P. Les enfants ne mentent pas. In: J. André (org). *Désirs d'enfant*. Paris: PUF, 2009. p. 123-137.

HABERMAS, J. *Morale et communication*. Paris: Editions du Cerf, 1987.

KIRSCH, I. *The Emperor's New Drugs: Exploding the Antidepressant Myth*. New York: Basic Books, 2010.

LANE, C. *Shyness: How Normal Behavior Became a Sickness*. New Haven: Yale University Press, 2007.

LEBEAU, A. *L'enfermement planétaire*. Paris: Le débat/Gallimard, 2008.

LEBRUN, J-P. *Un monde sans limite. Essai pour une clinique psychanalytique du social*. Paris: Erès, 1997.

LYOTARD, J-F. *La condition postmoderne*. Paris: Minuit, 1979.

MELMAN, C. *L'homme sans gravité : jouer à tout prix*. Paris: Folie essais, 2002.

PIGNARRE, P. *Comment la dépression est devenue une épidémie*. Paris: La Découverte, 2001.

ROUDINESCO E. La maladie de la médicalisation. In: *Le Monde des Livres*. Publicado no Le Monde de 06/03/09.

ROUDINESCO E. La révolution de l'intime est en marche. In: *Psychothérapeutes relationnels & psychanalyses*, 2010. <http://www.snppsy.org/La-revolution-de-l-intime-est-en>. Acessado em: 15/05/2010.

ST-ONGE J-C. *L'envers de la pilule*. Paris: Écosociété, 2004.

WATTERS, E. *Crazy Like Us: The Globalization of the American Psyche*. New York: Free Press, 2010.

WATTERS, E. The Americanization of Mental Illness. In: *New York Times*, January 10, 2010b.

WHITAKER R. *Anatomy of an Epidemic: Magic Bullets, Psychiatric Drugs, and the Astonishing Rise of Mental Illness in America*. New York: Random House, 2010.

WIEL, D. *Que Dieu ait pitié de nous*. Paris: Oh ! éditions, 2006.

## **Tramitação**

Recebido: 06/06/2010

Aprovado: 29/06/2010

Nome do autor responsável: Paulo Roberto Ceccarelli

Endereço: Rua Aimorés 1239/702 - Funcionários

CEP: 30140-071 - Belo Horizonte - MG

Fone: (31) 9307-8808

E-mail: paulocbh@terra.com.br

Homepage: [www.ceccarelli.psc.br](http://www.ceccarelli.psc.br)



# ***Psicanálise e arte: o programa de humanização no hospital São Lucas em Sergipe***

*Psychoanalysis and art: the humanization programme in São Lucas hospital in Sergipe*

Ricardo Azevedo Barreto<sup>1</sup>

## **Palavras-chave**

Psicanálise, arte, humanização, hospital.

## **Resumo**

No escopo do enlace da Psicanálise com a Arte, este trabalho delinea as diretrizes do programa de humanização desenvolvido no hospital São Lucas, em Sergipe. Refere-se ao projeto de extensão por intermédio da Universidade Tiradentes, “Humanização e promoção de saúde no hospital geral: uma perspectiva psicológica”, em desenvolvimento no hospital São Lucas, e ao projeto da supramencionada instituição hospitalar, “Psicologia hospitalar: uma proposta de humanização diária”, ambos idealizados e coordenados por este autor, mas realizados no dia a dia com as contribuições de muitos profissionais e estagiários. Em digressões, o desafio paradigmático de um hospital humanizado põe-nos em xeque: o ser humano, muito mais do que apenas células e bioquímica, pode ser reconhecido em suas produções artísticas e de linguagem.

*[...] o essencial é invisível aos olhos.*

**Antoine de Saint-Exupéry**

## **HOSPITAL: PSICANÁLISE, HUMANIZAÇÃO E ARTE**

Anteriormente ao século XVIII, o hospital era basicamente uma instituição de assistência aos pobres, assim como de separação e exclusão (FOUCAULT, 1979).

[...] O personagem ideal do hospital, até o século XVIII, não é o doente que é preciso curar, mas o pobre que está morrendo. É alguém que deve ser assistido material e espiritualmente [...] (FOUCAULT, 1979, p.101).

Como percebemos, o personagem, alvo dos cuidados do hospital, varia historicamente, assim como as práticas que o sustentam: o pobre e a assistência material-espiritual, o doente e a assistência terapêutico-curativa...

Foucault (1979) explica que o hospital não era uma instituição médica e a Medicina não era uma prática hospitalar. Trata do surgimento do hospital na tecnologia médica. Diz: “O hospital como instrumento terapêutico é uma invenção relativamente nova, que data do final do século XVIII” (p.99).

Podemos, então, constatar que nem sempre hospital e Medicina confluíram, o que se torna importante para a legitimação do caráter histórico e relativo da ordem mé-

<sup>1</sup> Psicólogo pela USP, mestre e doutor em Psicologia (Área: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) pela USP. Especialista em Psicologia Hospitalar pelo CEPSIC da divisão de Psicologia da FMUSP. Professor da Universidade Tiradentes (UNIT) nos cursos de Psicologia, Medicina e Odontologia. Psicanalista, membro do Círculo Psicanalítico de Sergipe e do Círculo Brasileiro de Psicanálise. Editor da revista *Estudos de Psicanálise* (referente à Diretoria do Círculo Brasileiro de Psicanálise no biênio 2008-2010). Tem experiência de treinamento no Butler Hospital (RI-USA) e desenvolve trabalho fundamentado na teoria psicanalítica com arte no hospital São Lucas, em Sergipe, onde coordena o programa de humanização hospitalar.

dica no hospital a fim de que passos adiante sejam alcançados.

Neste delineamento, pode ser uma questão nossa a ruptura com o modelo do hospital medicalizado. E é! Preferimos fazer referência a um hospital em equipe, balizado pelo paradigma biopsicossocial. Contemplamos ainda críticas tecidas ao viés hospitalocêntrico da formação médica brasileira que não favorece práticas de saúde bem distribuídas em diferentes locais e nos distintos níveis de atenção: primário, secundário, terciário etc.

Se considerarmos, por outro lado, que a questão não é o local de atuação, mas o modo de concebê-la e produzi-la, podemos pensar em atenção primária e promoção de saúde com um sentido amplo, mesmo em um hospital, contemplando seus agentes institucionais e usuários.

A nosso ver, Guirado (2004), com base em Guilhon Albuquerque, fornece sustentação teórica ao nosso pensamento ao falar de uma instituição não como um estabelecimento, mas um conjunto de relações sociais que se repetem e se legitimam na repetição.

Podemos, não sem paradoxos, falar de *implosão* do hospitalocentrismo, de desconstrução do reducionismo do paradigma usual de hospitalização, dentro do hospital. Ruptura essa de campo de atuação que desenhamos na ambivalência de uma relação dentro da estrutura física do hospital como estabelecimento, mas fora do modelo hegemônico de concepção e produção das práticas hospitalares e da ordem médica. Não seria esta uma posição possível a um psicanalista ou estrangeiro em “terras médicas”?

Então, o que a Psicanálise tem a ver, ou reaver, com o hospital?

São inúmeras as situações de mal-estar no contexto hospitalar. A ordem médica contorna apenas algumas delas ao passo que questões referentes à subjetividade constituem um terreno fértil ao trabalho psicológico. Precisamos escutar as demandas e nos desalienar delas para análise em nosso labor psicanalítico.

Freud falou muitas vezes que a Psicanálise é uma teoria da personalidade, mas também um método de psicoterapia e um instrumento de investigação (ETCHEGOYEN, 1987). Sabemos quanto contribui para o atendimento psicológico clínico, a compreensão da Psicopatologia e a reflexão da cultura, entre outros inúmeros exemplos. A depender do recorte teórico-metodológico e de aproximações com outras fontes do saber e/ou com modelos estranhos ao cenário tradicional, podemos afirmar que a Psicanálise é uma reinvenção contínua de seu campo no cotidiano. E por que não?

No trabalho de um psicanalista em um hospital, reconhecer as especificidades de sua situação torna-se imprescindível. Se a Medicina frequentemente se orienta pela enfermidade física e pelo corpo anátomo-fisiológico das aulas com o cadáver, a Psicanálise legítima, no protagonismo da cena, o sujeito do Inconsciente e assume uma perspectiva de corpo que não o dissocia dos fantasmas e símbolos na tessitura psíquica. A depender do autor, podemos falar do corpo real, do gozo com o sintoma, dos ganhos com a doença e de toda uma “sorte” de investimentos libidinais e agressivos, transferenciais ou não, em relação ao processo saúde-doença, à hospitalização, à instituição hospitalar, a seus agentes institucionais, ao convívio entre pacientes e deles com os acompanhantes e a equipe de saúde.

A Medicina e a Psicanálise trabalham com visões diferentes de homem, de corpo humano e com *corpus* teórico-metodológico peculiar. No delineamento de Bezerra (2003), a Medicina relaciona-se com o sintoma do corpo. Por outro lado, diz a autora: “*O sintoma no corpo é a marca do significante, é uma mensagem ignorada pelo próprio autor dela, a ser decifrada na fala deste autor-sujeito*” (p.19).

Santos *et al.* (2004, p. 91) esclarecem:

Dois corpos diferentes. O corpo do sofrimento erógeno da psicanálise é o corpo que o médico não vê, simplesmente porque a verdade do sintoma de que nos ocupamos, *como uma*

*carta em espera*, está por fora dos aparatos da ótica cada vez mais sofisticada que a ciência põe a serviço da medicina. É necessário instalar outra perspectiva para poder vislumbrar o que desse corpo se deixa ler – ou melhor, ouvir.

Na nossa compreensão, está lançado o terreno do trabalho psicanalítico e de humanização em um hospital. A cena da comunicação está no cerne do ofício. A escuta é nosso lugar e o que dela podemos ouvir e analisar dos efeitos do sujeito do Inconsciente, seja no contato com um ser humano em adoecimento e hospitalizado, com o corpo e a alma feridos, seja no acompanhamento do discurso de um familiar ou acompanhante ou nas interlocuções com a equipe.

Em “Reação à doença e à hospitalização”, Botega (2002, p. 43-44) comenta:

[...] vivência pungente, trazida pela doença, é a quebra de uma linha de continuidade da vida, das funções desempenhadas no dia-a-dia, de certa previsibilidade que guardamos sobre o dia de amanhã [...]

É o que percebemos muitas vezes em um paciente hospitalizado: como se o espelho no qual se via fosse quebrado. Não há mais a possibilidade de enxergar com as referências de outrora, o que traz vivências e angústias profundas a serem trabalhadas, inclusive as de dor, aniquilamento e morte. Levar o paciente automaticamente a uma suposta segurança numa proposta de apoio e ajustamento é impedir que fale, cresça e se recrie como artista e obra de arte, até onde e a quem o trabalho psicanalítico possa alcançar pelo simbólico. Por outro lado, o ser humano pode ser pensado como sujeito de linguagem por meio de um trabalho que tem, no *setting* mutante do hospital, algumas condições, entre as quais a associação com liberdade do paciente, bem como por parte do psicanalista a atenção flutuante, o manejo da transferência e a intervenção nos dinamismos psíquicos inconscientes do paciente para a reconstrução subjetiva no discurso.

Com base em Moretto (2001), o trabalho psicanalítico em um hospital não visa à adaptação à ordem médica. Busca escutar o sujeito do Inconsciente. Nessa perspectiva, é que é construída a intervenção.

O que é função central do analista é oferecer uma escuta diferenciada [...] diferenciada daquele que é o discurso que reina no contexto hospitalar, o discurso médico. Na medida em que o analista promove a fala do sujeito e o escuta a partir de uma posição diferente (que é a posição analítica), abre a possibilidade de o próprio sujeito escutar-se, propiciando, desta forma, a subjetivação (MORETTO, 2001, p.207).

A nosso ver, a Psicanálise pode contribuir assim para a humanização da assistência em saúde e a qualidade de vida nos hospitais sem que negue o mal-estar do existir. Não nos parece incongruente que consideremos tal possibilidade em consonância com outras das Artes, da alegria e do humor, entendidas como ricas do ponto de vista terapêutico dos mecanismos de reparação, sublimação e da criatividade.

Na nossa acepção particular, humanizar a assistência em saúde é devolver ao sujeito o que lhe foi extirpado pelo processo de coisificação do ser humano, que tem sido muito intenso, sobretudo no contexto neoliberal. Aqui estamos... em um período de transição, um espaço potencial, para nossas recriações.

Winnicott diz que o espaço potencial permanece ao longo de nossas vidas dando margem a fenômenos relacionados à transicionalidade, e é esse o caso das atividades culturais (arte, religião e ciência) [...] (CALLIA, 2008, p.146).

## **O PROGRAMA DE HUMANIZAÇÃO NO HOSPITAL SÃO LUCAS EM SERGIPE**

Em livro com pesquisa e texto de Luiz Antônio Barreto (2009), é contada a história de quarenta anos do São Lucas em Ser-

gipe. Em outubro de 1969, germinou a Clínica São Lucas, fundada pelo médico José Augusto Barreto e pelo cofundador Dietrich Wilhelm Todt, também profissional da Medicina. Com o avanço histórico, em setembro de 1978, foi inaugurado o Hospital São Lucas. *Tudo começou pelo coração*, sinaliza o escrito. A Clínica e Hospital São Lucas conta atualmente com muitos médicos e funcionários, tendo, há quase uma década, como superintendente do hospital Paulo Azevedo Barreto, engenheiro com pós-graduação em Administração. A instituição, por outro lado, possui uma galeria de benfeitores.

Mencionando um pouco da nossa experiência pessoal na instituição, coordenamos o programa de humanização no Hospital São Lucas que começou a ser implantado em 2003, mas já estava no hospital desde o final de 1999, desenvolvendo algumas atividades como psicólogo com um referencial teórico psicanalítico.

O referido programa encontra solo no humanismo presente na alma da instituição e em seus fundadores. No movimento de humanização da instituição hospitalar, o poeta, o músico, o ator e o psicanalista podem conviver com profissionais da área médica. Se o hospital já foi morredouro, se a instituição hospitalar se medicalizou; a Psicanálise (engajada com questões sociais, e não pretensamente neutra), a Arte e a Humanização da Assistência em Saúde podem produzir outros posicionamentos.

### **“Humanização e promoção de saúde no hospital geral: uma perspectiva psicológica”**

Como professor da Universidade Tiradentes (UNIT), desenvolvemos este projeto de extensão no hospital São Lucas há alguns anos. Temos recebido, ao longo do tempo, inestimável apoio do Magnífico Reitor Jouberto Uchôa de Mendonça e da Pró-Reitoria Adjunta de Assuntos Comunitários e Extensão (PAACE), sobretudo na pessoa do professor Gilton Kennedy.

As atividades são de quatro horas semanais, uma vez por semana, seguindo o calendário acadêmico, com nossa presença e a de estagiários de Psicologia da UNIT, geralmente alunos em conclusão do curso. O objetivo do trabalho é a humanização das práticas e a promoção de saúde nas relações do trinômio pacientes-acompanhantes-equipe no hospital geral. De modo específico, configuram-se como propósitos: contribuição para a flexibilização do papel profissional na área de saúde no hospital, minimização do sofrimento implicado na hospitalização dos pacientes e acompanhantes e obtenção de efeitos na qualidade das relações e no bem-estar das pessoas da tríade supracitada.

Do ponto de vista metodológico, trabalhamos com: a) os pacientes e acompanhantes por meio de grupos de discussão sobre a hospitalização em salas das alas do hospital com a frequente articulação de recursos expressivos artísticos (destaquemos, aliás, nosso pioneirismo na intersecção da Arte com atividades psicanalíticas e terapêuticas no referido hospital); b) a equipe por meio de um grupo de trabalho com reuniões semanais de uma hora de duração numa perspectiva integrativa multiprofissional. Realizamos ainda: c) pesquisa semestral por meio de questionário investigativo dos efeitos de nosso trabalho.

Ressaltamos que, logo no início do programa de humanização, anteriormente ao desenvolvimento de nossas intervenções, passamos um tempo entrevistando pacientes, acompanhantes e profissionais para conhecimento e caracterização da realidade a ser trabalhada.

Outro aspecto a ser enfatizado é que, embora não adotemos uma postura psicanalítica rígida, a Psicanálise é o referencial teórico que seguimos para nosso trabalho e sua leitura. Por isso, estudos frequentes da literatura especializada têm ocorrido durante todo nosso trajeto.

Outra dimensão a ser marcada é que, nos grupos com pacientes e acompanhantes,

que são de um único encontro e duração de aproximadamente uma hora e quinze minutos, não participam os portadores de doença infectocontagiosa, nem os pacientes em surto psicótico ou com contra-indicação médica para saírem dos apartamentos e enfermarias e irem à sala onde acontece o trabalho. Tais condições de triagem foram eleitas em função da especificidade da intervenção grupal que realizamos em um curto espaço de tempo.

Além disso, o profissional *psi* e os estagiários de Psicologia assumem funções diferenciadas e rotativas no grupo (às vezes, há sobreposição): a) de acolher os pacientes e acompanhantes que vão chegando à sala dos encontros, b) de observar a dinâmica grupal (papel de observadores), c) de compreender e intervir analiticamente durante o acontecimento grupal, d) de registrar o encontro e dados de identificação dos participantes e e) de acompanhar as exceções clínicas e tomar as providências cabíveis, por exemplo, quando o soro é desinstalado, e é preciso chamar uma enfermeira ou quando ocorre a necessidade de acompanhar um paciente ao quarto, pois se levantou bruscamente em direção ao apartamento antes do término do encontro, o que mostra a importância de uma atenção individualizada. Aliás, destaquemos que o grupo de discussão sobre a hospitalização que desenvolvemos tem sido um lugar privilegiado para a identificação e o encaminhamento de pacientes para o atendimento psicológico individual.

### **“Psicologia hospitalar: uma proposta de humanização diária”**

Também com o objetivo de humanização da assistência em saúde, com este projeto por intermédio da Clínica e Hospital São Lucas, desenvolvemos diversas atividades na referida instituição hospitalar durante alguns anos; em alguns períodos, de forma mais intensa do que em outros. Dentre as atividades fomentadas por nós, destacamos:

- a) Diálogos com profissionais: são grupos temáticos com a presença de médicos, psicólogos, psicanalistas, fisioterapeutas, nutricionistas, enfermeiros, entre outros profissionais convidados. Este profissional propicia o debate de pacientes e acompanhantes em torno de um assunto, por exemplo, a saúde do brasileiro, os fatores impeditivos da mudança do estilo de vida. Há também a presença de um profissional do campo *psi* ou estagiário de Psicologia na plateia que, quando necessário, facilita a discussão do tema por compreender as dinâmicas psíquicas no grupo e ser orientado psicanaliticamente. A ideia central é que a adoção de recursos reflexivos e não estritamente pedagógicos pelos facilitadores possibilita “pensar sobre”/analisar e não dar uma receita.
- b) Cinema São Lucas: o trabalho com musicais nos parece bem interessante, pois a libido dos pacientes e acompanhantes de nosso público-alvo não tem se investido em filmes com roteiro denso ou que exige grande concentração. Propomos, então, que pacientes e acompanhantes se reúnam para assistirem a DVDs de música (geralmente, utilizamos as músicas popular e sertaneja, pois percebemos que produzem uma boa aceitação em nosso meio). Não passamos geralmente todo o musical, o que varia a depender da adesão do grupo à proposta. Após assistirem ao musical, são trabalhadas questões referentes à hospitalização e ao estilo de vida ou outras emergentes por meio da discussão livre de ideias. É uma fase de compartilhar vivências que geralmente se inicia com disparadores: “O que tocou mais em vocês?” “Alguma coisa chamou a atenção de vocês no musical?” Às vezes, a letra de uma música é o dispositivo mais importante para a abertura do discurso; em outros momentos, uma impressão sensorial e/ou imagética. De qualquer forma, este é um espaço a mais para testemunharmos

- as manifestações do sujeito do Inconsciente. Houve uma época em que fizemos um trabalho com filmes que não eram musicais com profissionais do hospital e seus familiares, o que surtiu efeitos interessantes analíticos e de socialização.
- c) Grupos 10, 15 ou 20 minutos: precisamos sistematizar mais esta experiência, que nos parece bem proveitosa. É um trabalho com profissionais nos diversos postos de enfermagem do hospital, de curto tempo de duração, sobre o atendimento do paciente, o contato com o acompanhante e a concepção sobre o programa de humanização. Mecanismos inconscientes, psicodinamismos peculiares e aspectos transferenciais podem ser percebidos e trabalhados pela escuta analítica. Há uma libertação da palavra dos participantes, e o tempo cronológico é o que menos importa.
  - d) Atividades no espaço lúdico: são ações de análise do brincar de crianças hospitalizadas e seus acompanhantes. O lúdico como recurso expressivo e projetivo nos possibilita o trabalho com dimensões subjetivas do adoecimento, da hospitalização e do estilo de vida. É também um recurso que promove a qualidade da existência cada vez mais inserido nos cenários hospitalares, muitas vezes com as contribuições e lutas de profissionais *psi*.
  - e) Atividades do grupo de cantoria e do teatro musical: compomos um grupo de cantoria com a participação de funcionários do hospital e um cantor que desenvolvem atividades para a tríade pacientes-acompanhantes-equipe. Temos também o teatro musical com a participação de funcionários do hospital, que se caracterizam como *clowns*, e um cantor, que interagem com os públicos externo e interno da instituição por meio das Artes. Essas atividades a favor da promoção de saúde são vistas por nós como aliadas do trabalho psicanalítico e não como antagônicas a este. Os mecanismos de reparação, sublimação e a recriação de si e do ambiente hospitalar são produzidos por um contato profundo com o outro que promove, numa terminologia winnicottiana, o desenvolvimento do *verdadeiro self*. Mais do que interpretações, o que produz efeitos terapêuticos é o *setting* em que se transforma o hospital.
  - f) Desenvolvemos as galerias dos pacientes e acompanhantes com quadros pintados por eles em alguns encontros grupais. Os locais são chamados “Cantinhos da troca” e humanizam, a nosso ver, o ambiente hospitalar. Também criamos um carrinho estilizado do grupo de humanização, no qual são dispostos telas e recursos artísticos diversos que se deslocam da sala de Psicologia do hospital para as alas hospitalares para o uso de pacientes e acompanhantes.
  - g) Têm sido realizadas ainda jornadas internas de humanização da assistência em saúde e/ou eventos comemorativos com o intuito de integração e divulgação das ações do programa.
- Temos procurado, cada vez mais, ampliar as formas de Arte com as quais temos trabalhado como recursos de expressão do Inconsciente e produção de subjetividades. Também percebemos que a música e a pintura são condições interessantes de *holding*, expressão e socialização dos pacientes e acompanhantes antes de grupos de discussão. Por exemplo, os participantes vão a uma das salas das alas, após indicação de quem pode sair dos apartamentos e enfermarias pelos profissionais dos postos de enfermagem; lá são acolhidos por profissional *psi* e estagiários de Psicologia, e também se deparam com apresentações do grupo de cantoria e têm acesso a telas e pincéis, disponibilizados no carrinho estilizado do grupo de humanização. Pintam sobre a hospitalização, ouvem música e são informados sobre o programa. Posteriormente, quando iniciamos o grupo de discussão

sobre a hospitalização (atividade descrita do primeiro projeto), os participantes estão mais abertos ao contato. As expressões do Inconsciente se manifestam com as associações sobre as pinturas, como um trabalho com sonhos. A dialética dos conteúdos manifestos e latentes está na base da atividade analítica. Apresentam simultaneamente o ser humano como se vê, enxerga a hospitalização e o adoecimento e o sujeito do Inconsciente que escapa, sinalizando as rachaduras no discurso e a divisão psíquica. Delineia-se assim uma depuração da análise possível das modalidades de existência realizada nas impurezas do *setting* hospitalar. Há uma Psicanálise sim, mas reinventada no cotidiano de um hospital. Como um recorte no campo epistemológico, se nos afastamos da técnica psicoterápica psicanalítica clássica em alguns aspectos, nós nos norteamos pelo referencial teórico psicanalítico contextualizado pelas particularidades de nosso trabalho.

Alguns outros pontos que merecem comentários são:

- Nossas atividades de humanização têm ocorrido, sobretudo, nas salas que existem nas alas do hospital de modo que pacientes e acompanhantes se deslocam dos quartos, o que facilita a deambulação. Além disso, os encontros promovem a socialização e a ruptura com a visão tradicional do doente acamado em uma situação sombria, bem como diversos efeitos analíticos e terapêuticos.

- Os dois projetos que desenvolvemos têm, com o tempo, se integrado cada vez mais.

- Pensamos na Psicanálise como possibilidades ímpares e diversas de trabalho psicológico com o ser humano em que as características do vínculo nos parecem centrais. Entendemos a Psicanálise como uma instituição de conhecimentos e práticas em que é legítimo haver um rearranjo de lugares da cena analítica, quando o contexto não é mais o de Freud, nem as condições de trabalho estritamente freudianas. Isso não é uma heresia, mas uma possibilidade de criar e recriar e

analisar sempre. Aliás, compreendemos que, no mundo atual, são necessários uma interlocução de especialidades e o trabalho em equipe, o que permite à Psicanálise no hospital conversar com a Análise Institucional, a Psicologia Hospitalar, a Medicina, sem que perca a sua filiação, nem o psicanalista, o seu nome próprio. O problemático, a nosso ver, são as trombadas epistemológicas, o ecletismo desfigurador, o dogmatismo, a busca obsessiva de ser um seguidor ou simulacro de Freud, a falta de noção de objeto e método de trabalho.

- Salientemos que nosso trabalho só tem sido possível porque construímos um grupo em base de tomada de decisões, composto por nossa pessoa, profissional da Psicanálise, a diretora Rosa Mérice Cardoso e as Relações Públicas da instituição, Maria Helena Souza. Isso ocorreu após algum tempo de desenvolvimento do programa de humanização. Nossas atividades também só têm sido efetivas com a participação, ao longo do tempo, de vários estagiários de Psicologia e funcionários do hospital. Impossível nomear todos os que compõem uma rede de ações e intenções em prol de uma perspectiva de humanização hospitalar.

No serviço de Psicologia como um todo, há ainda a possibilidade de ser oferecido, mas este é um serviço privado por enquanto, atendimento individualizado aos usuários, como há outras ações e trabalhos de ótimo nível desenvolvidos por colegas do campo *psi*. Alunos de Psicologia também têm chegado cada vez mais à instituição para estágio curricular ou extracurricular, desenvolvendo perspectivas interessantes. Alguns estagiários que tivemos a oportunidade de orientar, inclusive, ingressaram, posteriormente à formatura, na especialização em Psicologia Hospitalar em centros importantes do país.

São essas as sementes de nosso movimento, pelo menos do que foi lembrado neste momento de reflexão. São essas as sementes do “Jardim das Pétalas das Lágrimas”, como é definido o trabalho desenvolvido.

## **O QUE DIZER DE NOSSO PROGRAMA DE HUMANIZAÇÃO?**

Por meio de nosso trabalho, percebemos que o ser humano, muito mais do que células e bioquímica, pode ser reconhecido em suas produções artísticas e de linguagem. O hospital medicalizado se desmedicaliza à medida que a Medicina/ordem médica deixa de ser a única perspectiva do trabalho em saúde. Podemos pensar em atividades de humanização da assistência, por exemplo, da Psicanálise e das Artes, mesmo que na contra-corrente das tendências hegemônicas.

Como nos ensina Foucault (1979), o hospital não era uma instituição médica e a Medicina não era uma prática hospitalar. Completaríamos: a história não acabou com a equação hospital=terra dos médicos.

Escuta de demandas e subjetividades, recorte e recontextualização de contribuições psicanalíticas para o *setting* hospital, ressignificações da noção de corpo e adoecimento da Medicina com base em contribuições diversas, por exemplo, de Bezerra (2003) e Santos *et al.* (2004), reflexões sobre a extraterritorialidade do psicanalista no hospital com base em Moretto (2001), questionamentos a respeito do hospitalocentrismo, como mantenedor da doença e hospitalização, para uma transição a favor de uma ruptura de campo por meio de trabalhos com o estilo de vida e a promoção de saúde no hospital estão na ordem de nosso discurso.

Desse modo, pensamos contribuir para devolver ao sujeito o que lhe foi excluído no processo de civilização e coisificação do humano. Da destituição do sujeito na área de saúde, às avessas, institui-se, no giro epistemológico, como perspectiva, o ser humano como obra de arte viva, poética, discursiva, pulsante, para antagonizar, resistir, rebelar-se frente aos atos e atuações das ordens vigentes. O hospital assim é entendido em sua historicidade e seu inacabamento como um dispositivo de poder a ser revisto.

Em nosso trabalho, por meio de pesquisa no decorrer desses anos, temos cons-

tatado que os participantes do programa de humanização têm considerado que as atividades que desenvolvemos humanizam as práticas e promovem a saúde das relações no hospital, bem como diminuem a dor e o sofrimento do paciente e do acompanhante. Outros pontos com *score* elevado têm sido entre outros: efeitos na qualidade das relações e no bem-estar das pessoas dentro do hospital, ampliação do autocuidado e participação mais ativa do acompanhante.

No movimento de humanização hospitalar brasileiro, não deixamos de ressaltar a estrada trilhada por profissionais que produzem atividades psicológicas com o brincar em hospitais, trabalhos como o dos Doutores da Alegria, bem como de tantos psicanalistas e psicólogos em instituições hospitalares em nosso vasto país.

Enfim, percebemos que é possível escutar o sujeito do Inconsciente em meio a jalecos brancos, estetoscópios, tensiômetros, equipamentos e procedimentos médico-hospitalares, principalmente quando concebemos o ser humano e suas produções como provas da arte inesgotável das manifestações do Inconsciente. Desconstruir e construir são dimensões centrais e fundamentais do processo psicanalítico. Ser criatura e criador, objeto e sujeito, incluem-se nas possibilidades não lineares de biografia humana individual e coletiva.

“A hospitalização é um hambúrguer”, pintou um paciente em uma tela. Se o quadro mostra um sanduíche, com a abertura da cadeia discursiva, desvelou-se o enigma do pincel, das tintas e do quadro na produção da subjetividade no hospital. O sujeito do Inconsciente irrompeu e o trabalho psicanalítico alcançou a modalidade de existência e a poesia do ser humano e de sua relação com o outro. Havia, nesta situação, um gozo intenso com a transgressão do plano alimentar e o paciente tinha restrição da dieta, era interdito no comer, por causa da doença. O Édipo e suas investidas estavam presentes na trama.



“A hospitalização é um avião sem asas, com as malas caindo, sem rabo, mas que continua voando, voando”, como associou uma criança a respeito de sua pintura sobre a hospitalização: “um avião”. Impotência, castrição e potência tão intimamente ligadas nos deslizamentos associativos. O avião, tão humano que o sentimos, perde asas, malas, rabo, mas continua a voar... Não perde sua humanidade... Continua a viver e mostrar as ambivalências do existir...

É impossível traduzir a experiência de um psicanalista que fica fora do nicho a trabalhar em um hospital. Entra em um mundo em que escuta discursos anteriormente inaudíveis. Quando vai ao ofício do consultório, seu lugar já não é o mesmo. Abriu as portas da “casa da família” para seguir seu próprio destino. E assim encontrou outros problemas, enigmas, soluções e Esfinges... e a análise não tem fim.

Talvez nos expressemos melhor nas palavras de um poema tecido no baú da existência:

### Prólogo

*O vaso é esculpido  
da luta entre vida e morte  
o barro que cai das mãos  
a Arte que tropeça o caos  
criando a cerâmica*

.....  
*um adeus ao luto.*

*O gosto é cuspidor  
do verso de um epílogo  
vai ao outro  
volta a si  
o barro que sai de dentro  
o ator que se põe no barro  
vive o funeral no vaso que nasce  
e enfeita a flor  
que morre...*

**Ricardo Azevedo Barreto**

### Keywords

*Psychoanalysis, art, humanization, hospital.*

### Abstract

*This paper describes the references of the humanization programme that has been developed in São Lucas Hospital in Sergipe by the design of Psychoanalysis and the Art's marriage. It refers to the Tiradentes University's project, "Humanization and health promotion at the general hospital: a psychological perspective", developed in São Lucas Hospital, and the over mentioned hospital's project, "Psychology in the hospital: a daily humanization proposal". Both of them are from my authorship and coordination and they were developed day by day with the contributions of many professionals and students. In digression, the paradigmatic challenge from the humanized hospital faces us: the human being, much more than only cells and biochemistry, can be recognized in their artistic and language productions.*

### Referências

---

BARRETO, L.A. *São Lucas Clínica e Hospital 40 anos*. Aracaju: PIGusmão Comunicação Integrada, 2009.

BEZERRA, D.S. O desejo e a fragilidade do corpo. *Psicologia hospitalar*, São Paulo, v.1, n.2, p.19-27, 2003.

BOTEGA, N.J. Reação à doença e à hospitalização. In: \_\_\_\_\_. *Prática psiquiátrica no hospital geral: interconsulta e emergência*. Porto Alegre: Art-med, 2002. p. 43-59.

CALLIA, M.M.M. No caminho da transicionalidade: brincando criamos o mundo. In: GUELLER, A.S.; SOUZA, A.S.L. *Psicanálise com crianças: perspectivas teórico-clínicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p.135-150.

ETCHEGOYEN, R.H. *Fundamentos da técnica psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

FOUCAULT, M. O nascimento do hospital. In: \_\_\_\_\_ . *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GUIRADO, M. *Instituições e relações afetivas: o vínculo com o abandono*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

MORETTO, M.L.T. *O que pode um analista no hospital?* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

SANTOS, N.O. *et al.* O corpo: envelope gozado e odioso – conversação clínica a respeito de um caso envolvendo a questão da alimentação. *Psicologia hospitalar*, São Paulo, v.1, n.1, p.90-101, 2004.

### **Tramitação**

Recebido: 25/04/2010

Aprovado: 14/06/2010

Nome do autor responsável:

Ricardo Azevedo Barreto

Endereço: Centro de Saúde Prof. José

Augusto Barreto. Av. Gonçalo Prado

Rollemborg, 211, sala 606, Bairro São José.

CEP: 49010-410 Aracaju-SE

Fone: (79) 3214 6906

E-mail: ricardobarreto@saolucas-se.com.br

# *Psicanálise e crítica literária*<sup>1</sup>

## *Psychoanalysis, literature and literary criticism*

Stetina Trani de Meneses e Dacorso<sup>2</sup>

### Palavras-chave

Psicanálise, literatura, crítica literária.

### Resumo

A psicanálise sempre se utilizou da literatura desde Sigmund Freud. A literatura, por sua vez, também se utiliza da psicanálise seja na construção de seus textos, seja na forma de crítica literária. Este artigo tem por objetivo analisar abordagens da Crítica Literária Psicanalítica e as várias formas de análise de um texto sob a ótica da psicanálise.

*E os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar. Estão bem diante de nós, gente comum, no conhecimento da mente, já que se nutrem em fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência.*

**Sigmund Freud**

Sigmund Freud, durante sua produção, utilizou da arte para fazer uma articulação com os conceitos psicanalíticos. No suceder das décadas, principalmente após a Primeira Grande Guerra, os artistas na ânsia de quebrar os parâmetros vigentes, buscaram suporte na psicanálise. Literatura, arte e psicanálise continuaram se implicando. Profissionais da literatura e artistas de todas as áreas fazem cursos de psicanálise e leem seus textos. Por sua vez, os psicanalistas fazem cursos de letras, mestrados, escrevem, pintam, e produ-

zimos encontros com a temática Psicanálise e Arte. Dois saberes se entrecruzando.

Em 1910, Freud, referindo-se a Leonardo da Vinci, escreveu que “o artista usa do pesquisador para servir à sua arte” (p.71). Assim consideramos importante que possamos investigar a partir dos dois saberes, este entrelaçamento. A base deste artigo é um capítulo da nossa dissertação de mestrado em Letras com o tema: “**Máscaras, de Menotti Del Picchia, sob o enfoque da crítica literária psicanalítica.**” Naquele momento, foi sentida a necessidade de organizar um conhecimento de como os dois saberes comungam, de forma a respeitar os dois enquadres sem destituí-los de suas características. É esta pesquisa que agora apresentamos, de forma sintetizada e guardando as devidas restrições decorrentes da escolha dos teóricos de ambos os lados.

Começamos pelos teóricos da crítica literária que explanaram sobre a crítica psicanalítica. Primeiramente, vamos esclarecer que crítica literária é uma atividade intelectual, reflexiva, usando raciocínio lógico-formal de acordo com a natureza do

1 Este artigo é resultado do trabalho de pesquisa no Mestrado em Letras CES-JF, orientado por Nícea Helena Nogueira.

2 Psicanalista CBP-RJ; Mestre em Letras-Literatura Brasileira CES-JF; Professora titular do curso de Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora CES-JF; Membro efetivo do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos (EBP-RJ); Supervisora e coordenadora dos seminários de Formação em Psicanálise Sobrap-JF; Mestre em Psicologia AWU-USA.

fenômeno que estuda, no caso, a obra de arte da linguagem.

Coutinho (1976) explica que, do final do século XIX até o início do século XX, a crítica literária era, em sua maioria, de cunho histórico, sociológico e biográfico, encarando a obra literária de fora, de sua periferia, na sua moldura histórica, no ambiente que a cerca, nas causas externas e elementos exteriores. A obra literária era vista como uma instituição social, um documento de uma raça, uma época, uma sociedade, uma personalidade. O movimento moderno da teoria crítica inclina-se na obra em si para analisá-la em seus elementos intrínsecos, precisamente os que lhe comunicam especificidade artística. É a crítica intrínseca, egocêntrica, operocêntrica, verdadeiramente estética, literária ou poética. Antônio Cândido (2000) analisou que o Romantismo concebeu de maneira nova o papel do artista e o sentido da obra de arte, pretendendo liquidar a convenção universalista dos herdeiros da Grécia e Roma, em benefício de um sentimento novo, embebido de inspirações locais. O individualismo e o relativismo podem ser considerados a base da atitude romântica, em contraste com a tendência racionalista para o geral e o absoluto. Do egocentrismo surge como consequência natural o sentimento de missão, de dever poético em relação aos outros homens, em cujo coração se pode ler o bem e o mal, além das aparências.

Para Cândido (2000), a consciência literária deve ter ficado muito desamparada com a passagem do mecenato ao profissionalismo. A ruptura dos quadros sociais que sustinham o escritor alterou a sua posição, deixando-o mais entregue a si mesmo e inclinado às aventuras do individualismo e inconformismo. Para ele essa nova atitude deu origem ao individualismo acentuado e o desejo de desacordo com as normas e rotinas.

Tadié (1992) procurou esclarecer o novo rumo seguido pela crítica literária. Para o autor, a crítica literária a partir do século XX desejou se igualar às obras por

ela analisadas; assim vários críticos são excelentes escritores como Roland Barthes, Jacques Révère e Maurice Blanchot entre outros. Isso aconteceu porque a obra de arte se modificou. Ela perdeu seu caráter sagrado e a unidade de sua significação, precisando de intérpretes. A interpretação passa a fazer parte do texto. O autor dedica-se à chamada “crítica dos professores”, que nomeia como crítica científica. Considera que ela preserva o passado da literatura e proporciona uma descrição e interpretação mais precisa, mais técnica e mais científica. O diálogo mantido pela cultura entre todas as áreas deu origem a métodos que deram um final à ideia de que havia uma única maneira de comentar textos. Isso ocorreu devido à influência da linguística, psicanálise, filosofia e sociologia. Referindo-se aos alexandrinos, que já possuíam catálogos e inventários, pontua: “a crítica é a luz que clareia as obras do passado, sem as ter criado, que as domina, sem provocar seus iguais: é o farol de Alexandria”(1992, p.16).

Na introdução de seu capítulo sobre crítica psicanalítica, Tadié (1992) analisa que, se não quiser vagar no vazio, a análise do imaginário deve encontrar-se com na psicanálise. Para ele, até 1930 só havia o trabalho de Jacques Rivière sobre Proust e Freud. Em 1929, Charles Baudouin publica *Psicanálise e arte*, que pretende pesquisar as semelhanças que a arte mantém com os complexos, sejam pessoais e/ou primitivos, tanto junto ao artista criador como junto ao apreciador da obra. Baudouin, segundo Tadié, usa de complexos e conceitos da psicanálise para analisar a criação, procurando reconstituir a gênese da obra não por meio de manuscritos, mas pela biografia do autor articulada à situação recente. Em relação aos leitores, Baudouin (*apud* TADIÉ, 1992) escreve que realizam a leitura por meio das suas tendências inconscientes, projetando nela seus conflitos e suas soluções; nessa relação entre leitor e autor no plano inconsciente é utilizada a teoria dos sonhos. Para ele, a afinida-

de entre arte e sonho ocorre porque a obra faz sonhar. A comunicação não se processa de subconsciente para subconsciente, ocorre em uma região do primitivo, do inconsciente coletivo que se exprime nos símbolos e mitos e permanece na região do consciente, que a psicanálise tende a negligenciar.

Tadié (1992) passa a apresentar Charles Mauron e sua psicocrítica que implica interpretar o material literário com algumas informações biográficas. A crítica literária não busca um diagnóstico, o sintoma constitui a obra de arte. A tarefa é estabelecer o entrelaçamento de imagens, associações, sistemas metafóricos para chegar aos complexos clássicos. O símbolo vai exprimir ao mesmo tempo o inconsciente inferior e a espiritualidade superior. O inconsciente é monótono e, como uma obsessão, determina a obra, fixando-a. A psicocrítica é independente da época e do gênero literário considerados, seu ponto de aplicação é universal. Mauron considera a psicanálise uma ciência de conhecimento e de utilização indispensável, usa-a para unir uma ciência a uma arte. Procura associação de ideias involuntárias sob as estruturas voluntárias do texto, constituindo entrelaçamentos despercebidos. Ao longo de uma obra, vão se procurar as modificações das estruturas, que designam figuras ou situações de modo a liberar o mito pessoal que reflete a personalidade inconsciente do autor, situação dramática interior modificada, sem cessar, por elementos externos, mas sempre reconhecível e persistente. E procuram-se correspondências com a vida do escritor, o método propõe uma síntese das linguagens inconsciente e consciente, combinando várias lógicas ao mesmo tempo, como o crítico que passa do freudismo para a literatura.

Tadié (1992) também faz uma exposição sobre Jean Bellemin-Nöel e sua psicanálise textual ou textanálise. Se não se pode psicanalisar seriamente nem o autor, nem seus personagens, resta a psicanálise de um texto, supondo-se um inconsciente do texto que não se confunde com o do escritor. A

textanálise faz aparecer um desejo inconsciente singular em um texto singular. A singularidade de cada leitor encaixa-se em cada texto, e é ela que se deseja alcançar. A força da enunciação atravessa o enunciado que adverte o leitor, chamando-o a identificação. O desejo dos personagens é o do leitor. A outra possibilidade é psicanalisar o autor. Nesse caso, usa-se o conhecimento sobre a sua biografia principalmente na infância; procura-se captar as motivações inconscientes do processo criador, reconhecer a solidariedade profunda que une a vida de um homem e sua produção artística. O psicobiógrafo estuda na obra as repercussões do trauma infantil, porém a vida e a obra partem de uma fonte inconsciente comum.

Outro autor a que recorremos foi Eagleton (2003), em seu livro *Teoria da literatura: uma introdução*, no capítulo dedicado à psicanálise, analisa a relação da teoria literária moderna e a agitação política e ideológica do século XX. A turbulência cultural não é apenas uma questão de guerras, de depressões econômicas e de revoluções, é sentida, também, no plano pessoal. É tanto uma crise das relações humanas e da personalidade, quanto uma convulsão social. O significativo, para esse autor, é que as experiências pessoais desse período se constituíram num campo sistemático de conhecimento chamado psicanálise. O autor recorre à teoria de Sigmund Freud e Jacques Lacan para pontuar em cada uma delas pontos que considera importantes na abordagem de um texto literário. Para ele, a crítica literária psicanalítica pode se voltar para o autor da obra, para o conteúdo, para a construção formal ou para o leitor. A análise psicanalítica do autor é um trabalho especulativo que enfrenta problemas sérios porque estamos trabalhando com suposições, dados biográficos e com a interferência subjetiva daquele que faz esse tipo de análise. A psicanálise de conteúdo, por sua vez, tem um valor limitado porque utiliza de conceitos centrais e estruturais da teo-

ria psicanalítica em uso. Sobre as questões da forma, Eagleton refere-se à teoria dos sonhos de Sigmund Freud (1905). Como o sonho, a obra toma certas matérias-primas: linguagem, outros textos literários, maneiras de perceber o mundo e os transforma em um produto. As técnicas pelas quais essa produção é realizada conhecemos como formas literárias. A crítica psicanalítica literária vai trabalhar o texto como no sonho, observando aparentes evasões, ambivalências e pontos de intensidade na narrativa: palavras que não são ditas, palavras que são reiteradas com excepcional frequência, duplicações e lapsos de linguagem. Revela alguma coisa do subtexto que, como um desejo inconsciente, a obra revela e disfarça.

No quarto tipo de crítica literária psicanalítica, que é a que remete ao leitor, Eagleton (2003) analisa que a forma literária tem uma influência tranquilizadora, combate a ansiedade e celebra nossa dedicação à vida, ao amor e à ordem. Articula o texto *Além do princípio do prazer* (1920) de Freud, com a narrativa em que uma estrutura original é desorganizada e acaba sendo restaurada. Desse ponto de vista, a narrativa é um consolo: os objetos perdidos são causa de ansiedade para nós, simbolizando perdas inconscientes mais profundas. Em uma narrativa, alguma coisa deve ser perdida, ou estar ausente, para que ela se descubra; se tudo estivesse no lugar, não haveria história a ser contada. A perda é perturbadora, mas também excitante; o desejo é estimulado por aquilo que não se pode possuir totalmente, e essa é uma fonte de satisfação da narrativa. Se nunca o pudéssemos possuir, nossa excitação poderia se tornar intolerável e se transformar em desprazer. A excitação é liberada de maneira satisfatória: nossas energias são presas artificialmente pelos suspenses e repetições da narrativa, mas apenas como um preparo para seu emprego agradável. Concluindo sua apresentação, o autor menciona que existe uma relação simples entre a psicanálise e a literatura. Certa ou errada,

a teoria freudiana considera que todo comportamento humano é motivado pela fuga da dor e busca do prazer. A razão pela qual a maioria das pessoas lê poemas, romances e peças, está no fato de elas encontrarem prazer nessa atividade.

Adalberto de Oliveira Souza (2005) apresenta elementos que considera fundamentais a uma crítica literária psicanalítica. Para ele, a psicanálise é uma metodologia clínica e terapêutica, e a crítica psicanalítica é de orientação interpretativa, procurando captar um sentido irreduzível às intenções reveladas pelo autor. O relacionamento entre psicanálise e literatura se reduz ao objeto do processo psicanalítico e do sentido reprimido que se procura recuperar. Filman (1982), citado por Souza (2005), analisa que a psicanálise é o sujeito, e a literatura é o objeto: “a literatura é a linguagem que a psicanálise usa para falar de si mesma, para dar nome a si. A literatura não está fora da psicanálise, já que motiva e nomeia seus conceitos” (FILMAN *apud* SOUZA, 2005, p. 287). Souza continua analisando que a literatura se apropriou de várias descobertas realizadas pelos psicanalistas, porém, para se fazer uma abordagem psicanalítica de um texto, o crítico deve sempre avisar quais são as suas escolhas, seus pontos de vista e seus métodos segundo o texto analisado.

Até o momento, recorremos a teóricos da crítica literária que descrevem o uso da psicanálise ou mesmo a utilizam em suas produções. Vamos agora abordar psicanalistas que se utilizam da literatura. Veremos que são óticas diferentes. Sigmund Freud, como sabem, o fez constantemente. Não vamos cair no lugar comum de repetir as obras usadas por Freud nessa articulação; recorreremos a outros autores, de forma a ampliar nosso olhar, mesmo porque todos citam um ou outro artigo freudiano.

O texto freudiano que merece ser citado antes de nossa abordagem é o de 1907, *Escritores criativos e devaneios*. Para Freud, uma experiência muito forte no presente

desperta no escritor criativo uma lembrança, geralmente de sua infância, da qual vai se originar um desejo que encontra realização na obra criativa. Analisar com ênfase as lembranças infantis da vida do escritor deriva-se da suposição de que a obra literária, como o devaneio, é uma continuação ou substituto do que foi o brincar infantil. Percebemos, partindo dessa colocação freudiana, como se torna árduo o trabalho de analisar-se o autor de uma obra, já que trabalharemos o tempo todo com suposições oriundas de biografias autorizadas ou não. No mesmo texto, Freud se refere ao prazer provocado em nós pela obra de arte. A satisfação que usufruímos com uma obra procede de uma liberação de tensões em nossa mente. O artista nos oferece a possibilidade de, dali em diante, nos deleitarmos com nossos próprios devaneios, sem autoacusações ou vergonha.

Depois dessa introdução feita através do criador da psicanálise, vejamos como os seus descendentes trabalham seu legado articulando-o à literatura.

Kaufman (1996), compara o romance com o sonho na similitude das metáforas. O modelo usado pela psicanálise é de uma superfície, fachada, máscara com uma profundidade que deve ser aperfeiçoada para ser aplicada ao texto. Na operação da leitura do texto – comparado ao sonho manifesto – entra em jogo a recepção feita por um sujeito que lê. Na construção de um sentido na leitura, cada leitor é como um intérprete particular movido por um desejo inconsciente que pertence apenas a ele. Assim como o prazer de escrever provém de algo interno do escritor, é a mesma relação do escritor com a leitura. A obra, discurso de um sujeito, pode ter valor de metáfora geral, universal. Cada leitura pode construir mais de um sentido que “pertence” a cada leitor. É possível que exista uma universalidade na obra para que nela nos reconheçamos ou para que sejamos afetados, tocados por algum traço inscrito na trama do material legado pelo escritor.

Tânia Rivera (2002), por sua vez, analisa que, a partir da Primeira Grande Guerra, os movimentos de vanguarda literária e artística fazem referências explícitas à psicanálise. Em nome de um cânone estético, que se afirma uma negação de todos os parâmetros vigentes, e pela busca de uma expressão revolucionária se aproximam das ideias de Freud. Alguns podem ser citados como André Breton, antigo aluno da psiquiatria que lança o *Manifesto Surrealista* em 1924; Tristan Tzara e Hugo Ball, criadores do movimento dadaísta em 1910. É a busca de novos parâmetros valorizando o irracional, espontâneo, uma expressão mais livre. Os artistas se apaixonam por arte africana, pintores autodidatas, obras de loucos internados no hospício.

Num mundo balançado pela máxima de Paul Cézanne de que “a natureza está no interior” e pela ênfase expressionista na subjetividade, não é de espantar que o inconsciente freudiano seja alçado à condição de fonte temática e formal pela criação artística. De fato, a busca de uma pureza artística, de se retomar a arte em suas origens – ingênuas, loucas ou primitivas – integra em seu ideal revolucionário o conceito de inconsciente como o que se oporia ao intencional, consciente ou racional, ponderado, e permitiria portanto uma irradiação de imagens supostamente livres das amarras das convenções e exigências estéticas (RIVERA, 2002, p.10-11).

Rivera esclarece que, após a publicação, em 1907, do livro de Otto Rank, *O artista e a obra* sobre Edgar Allan Poe lançada em 1903 por Marie Bonaparte, princesa e matriarca da psicanálise na França, privilegiou a análise temática de obras.

Bráulio Tavares, escritor e compositor, em 2007, no seu livro *Freud e o estranho*, seleciona contos do fantástico para articulá-los ao conceito de estranho, como algo que estava inconsciente e emerge abruptamente

e ganha vida própria. Para o autor, o fantástico e o inconsciente se comunicam, os contos são território de disputa entre o texto que oculta e o texto que revela. Entre o texto que procura fazer o objeto proibido emergir no mundo e o texto que tenta empurrá-lo de volta às trevas.

Giovanna Bartucci, psicanalista e ensaísta paulista, organizou uma trilogia: *Psicanálise, literatura e estética da subjetivação*; *Psicanálise, cinema e estéticas da subjetivação* e *Psicanálise, arte e estéticas da subjetivação*. Em seu primeiro volume, sobre a literatura, ela se refere à crítica literária, considerando sua mudança nas últimas décadas (1996). Afirma que, no abandono dos critérios de literariedade, ressaltou-se a desvinculação do caráter fechado e autossuficiente do texto literário, acrescentando-se outros discursos tais como o da antropologia, sociologia, entre outros e da psicanálise. Trata-se de interpretar a literatura agora texto, escrita, escritura, como produto capaz de suscitar questões de ordem teórica, sem restringir-se a um público específico. A crítica literária psicanalítica tem apresentado modificações: antes se privilegiava a leitura preocupada em captar as motivações do autor, dando lugar a uma interpretação psicologizante do texto, uma psicografia; hoje, se usa do método interpretativo aplicado ao texto literário privilegiando o método psicanalítico de pesquisa do inconsciente (BARTUCCI, 1996).

A autora cita André Green, em *O desligamento: psicanálise, antropologia e literatura* (1922), que afirma ser a interpretação do texto o que se configuraria com a interpretação do crítico psicanalista acerca dos efeitos do texto sobre seu inconsciente. Assim o crítico psicanalista não lê o texto, ele o desliga, a partir das marcas que permanecem visíveis ao seu olhar-escuta.

Bartucci (1996) cita Ana Cecília Carvalho no texto *É possível uma crítica literária psicanalítica?*, ao analisar que há uma abordagem psicanalítica do literário se considerarmos um núcleo de verdade do desejo es-

condido e revelado na concretude das linhas do texto. Ao levarmos a interpretação psicanalítica para o campo da crítica literária, não tiramos dela sua função primordial. É característica da psicanálise delirar, tirar o texto de sua trilha. Sua eficácia está em mostrar que, no desvendamento das relações do texto com o inconsciente, faz surgir outra realidade que não é literária. Interpretar pela psicanálise o literário revela a transformação do não literário em realidade literária, isto é, ficcional. Dessa forma, se apagarmos no literário os limites entre realidade e ficção, a interpretação é que irá evidenciar, através do poético da linguagem, a eficácia da ficção como verdade.

Brandão (apud BARTUCCI, 2001) considera a literatura morada da escrita e do sujeito acolhendo a subjetividade em suas manifestações nem sempre de acordo com o senso comum, nem sempre de acordo com as representações sociais, previsíveis e garantidoras de uma estabilidade social e pessoal. O texto literário tem sua concretude no objeto-livro, nas letras impressas que ancoram seus significantes e o limitam sem limitar os efeitos da leitura que se produzem num ponto de articulação entre a ficção literária e fantasmas do leitor. Assim um crítico literário e um psicanalista leem o texto de forma diferente.

Norma Píngaro (2007), psicanalista e escritora, procura buscar pontos em comum entre psicanálise e literatura. Por sinal, ela considera que não conseguiu, já que o discurso é incapaz de tudo dizer. O escritor recorre ao ato de escrita para subjetivar-se através dela, essa seria a sua vocação. A sublimação é a operação necessária para isso. É na produção que aparece o sujeito porque é onde mostra o seu desejo. O escritor deve sê-lo de forma ativa, não pode responder à demanda de ninguém, porque ainda que o quisesse fazer, ao criar sempre aparece seu desejo, sempre fala daquilo que lhe falta, daí o seu desejar. Só se pode desejar porque algo falta, é faltante. Os escritores não podem fugir da necessidade de escrever e o fazem



além do próprio benefício e bem-estar. Um ato criativo que lhes permite expressar em sua obra o que lhes falta. O silêncio, a dor, a incerteza, a dúvida, emergem como prenúncio da criação e também do amor, do assombro e a fascinação pela natureza e pela beleza. É sinuoso o caminho que fará surgir sua obra, e diferente do que havia imaginado. Se pensarmos na subjetividade do escritor, existem inúmeras razões, desconhecidas por ele, mas o que fizeram escrever. Assim a obra tem múltiplos significados.

Píngaro (2007) se pergunta: quem é o leitor? Que significado encontrará? O autor escreve para outros e dentro deles está ele mesmo, emite, desconhecendo o que diz. Sua obra faz laço social porque pressupõe pelo menos um leitor, por que precisa que alguém a leia, senão por que escrever? O leitor falará de uma obra com a qual o escritor se assombrará porque não a reconhece. Quem lê põe em jogo seu desejo, segundo sua constelação fantasmática, dando diferentes sentidos de acordo com seus próprios desejos. Assim, deveria se analisar tanto o autor quanto o leitor em relação a uma obra, porque mesmo quando o leitor vê outro sentido, existe aquilo que o escritor lá colocou. Em seu livro, a autora procura buscar a resposta do que faz alguém escrever, sendo ela também escritora e psicanalista, levanta hipóteses pela psicanálise sobre esse desejo de escrever. Seu foco é o escritor, sua capacidade criativa. Ela expõe de forma brilhante, à nossa percepção, sobre o autor e seu processo de criar:

Na solidão de uma habitação, ou numa mesa de café, um homem escreve suas frases, tenta sair do real, deixar sua marca apropriando-se da linguagem materna, recorre à dor de suas perdas, detendo-se nas palavras escritas, reitera seu lugar no universo como sujeito. A humanidade, através de suas criações, deixou seu próprio traço [...] Presentifica a eternidade em sua obra, em um tempo singular, tempo que fala de outro tempo: aquele relativo, o mítico de seus começos como sujeito (PÍNGARO, 2007, p.18).

Como se pode perceber, estivemos analisando as inúmeras possibilidades do uso da psicanálise num texto. Dependendo do lugar em que se está, na literatura ou na psicanálise, a última é usada de forma distinta. Pode-se aplicá-la sobre o autor usando de dados biográficos e da leitura de suas obras e, a partir daí, levantar hipóteses sobre ele, a razão de ter escolhido escrever: analisando sua vida, infância e pontos de fixação em sua organização psíquica, buscando nele justificativa para sua obra. Mas também podemos aplicar a psicanálise no texto, usando-o como um símbolo ou como dizem alguns críticos, escutar o texto como um sonho manifesto fazendo, então, surgir um outro texto latente àquele que se mostra. A crítica psicanalítica vai envolver o texto com seus conceitos, expondo um outro texto, na qual a realidade humana se expõe através do manifesto do enredo ficcional.

Como a crítica literária e a psicanálise são saberes distintos vão usar, por conseguinte, da psicanálise de forma singular. Cada um desses campos tem especificidades que, naturalmente, vão intervir no uso que cada uma pode fazer da outra. Se considerarmos que as duas se misturam, nós as destituímos de suas diferenças! Acredito que “psicanalisar” um texto é uma boa forma de articular os dois conhecimentos, sabendo de antemão que ele não será todo abarcado. Como bem reconheceu Píngaro acima, o discurso é incompleto. Nem o texto nos diz tudo nem nós ao abordá-lo psicanaliticamente seremos capazes de tudo apreender ou analisar. Não é possível tratar o texto de forma fechada, rígida, com um único sentido, considerado correto a partir daquele que interpreta. O que importa é que a obra deve ser considerada um texto em aberto, oferecendo-se àquele que o lê e foi por ele seduzido.

## Keywords

*Psychoanalysis, literature, literary criticism.*

## Abstract

*The psychoanalysis always made use of the literature since Sigmund Freud. The literature itself also makes use of the psychoanalysis either in the construction of their texts or in the form of literary criticism. The article aims to analyze Psychoanalytic Literary Criticism approaches and several analysis forms of a text under the optics of the psychoanalysis.*

## Referências

BARTUCCI, G. (org.). *Psicanálise, literatura e estéticas da subjetivação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

BRANDÃO, R. S. A vida escrita: os impasses de escrever. In: BARTUCCI, G. *Psicanálise, literatura e estéticas da subjetivação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 89-113.

CANDIDO, A. Romantismo como posição do espírito e sensibilidade. In: \_\_\_\_\_. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. v.2.

COUTINHO, A. *Notas de teoria literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

DACORSO, S. T. M. "Máscaras", de Menotti Del Picchia, sob o enfoque da crítica literária psicanalítica. Juiz de Fora, 2009. Dissertação de mestrado em Letras - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, 2009.

EAGLETON, T. A psicanálise. In: \_\_\_\_\_. *Teoria da literatura: uma introdução*. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 209-266.

FREUD, S. Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen [1912]. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Trad.de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1979. v.IX p.13-99.

FREUD, S. Leonardo da Vinci e uma lembrança da

sua infância [1910]. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1979. v.XI. p. 59-126.

FREUD, S. Escritores criativos e devaneios [1907]. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Trad.de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1979. v.IX. p.147-159.

KAUFMANN, P. *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

PÍNGARO, N. *La creación literária: um juego para des-encontrar la palabra*. Buenos Aires: Letra Viva, 2007.

RIVERA, T. *Arte e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

SOUZA, A. O. Crítica Psicanalítica. In: BONNICI, T; ZOLIN, L.O. (Orgs). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2.ed. Maringá: Eduem, 2005. p. 285-299.

TADIÉ, J.Y. *A crítica literária no século XX*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1992.

TAVARES, B. *Freud e o estranho: contos fantásticos do inconsciente*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

## Tramitação

Recebido: 06/04/2010

Aprovado: 30/06/2010

Nome do autor responsável:

Stetina Trani de Meneses e Dacorso

Endereço: Rua Padre Nóbrega 35 apt.201.

Paineiras.

CEP: 36016140 – Juiz de Fora –MG

Fone: (32) 32125314

E-mail: stetina-dacorso@ig.com.br

# *Normas de Publicação<sup>1</sup>*

1. Serão publicados apenas trabalhos inéditos de Psicanálise e textos de colaboradores convidados pela Comissão Editorial. Entendem-se como inéditos os que não foram publicados, nem no todo nem em parte, em periódicos, capítulos de livros nem em anais de eventos.
2. Os trabalhos serão publicados em língua portuguesa ou em língua estrangeira. Ficará a cargo do autor a tradução para o português do resumo dos trabalhos enviados em outro idioma.
3. Poderão também ser publicados:
  - 3.1 Reflexões sobre a Psicanálise, articulando-a com outras áreas do conhecimento;
  - 3.2 Casos clínicos;
  - 3.3 Entrevistas;
  - 3.4 Resenhas;
  - 3.5 Ensaios.
4. A estrutura dos trabalhos deverá estar de acordo com as normas abaixo:
  - 4.1 Todo trabalho deverá ser obrigatoriamente acompanhado de:
    - 4.1.1 Folha de rosto com o título do trabalho, nome dos autores e titulação. No corpo do trabalho não deverá constar o nome dos autores, com o objetivo de manter o anonimato na avaliação feita pelo corpo editorial.
    - 4.1.2 Título em português e em inglês no corpo do trabalho.
    - 4.1.3 Palavras-chave, de três a cinco, que identifiquem o conteúdo, para a completa descrição do assunto e, quanto à localização, após o título.
    - 4.1.4 Resumo expressando o conteúdo, salientando os elementos novos e indicando sua importância. Deverá ser colocado antes do texto e não deve exceder a duzentas e cinquenta palavras.
    - 4.1.5 *Keywords* deverá suceder o texto e antes das referências.
    - 4.1.6 O *abstract* deve ser colocado após *keywords*.
    - 4.1.7 Referências. Citadas como no exemplo a seguir:
      - 4.1.7.1 Registrar as referências em ordem alfabética conforme os exemplos, observando os detalhes de dois pontos, abreviaturas e vírgulas, bem como qualquer outro assinalado abaixo:

---

<sup>1</sup> Normas atualizadas para as próximas edições.

a) De livro

AUTOR. *Título em itálico*: subtítulo. Edição. Local (cidade) de publicação: Editora, ano de publicação.

Exemplos:

CERVO, A. L. *Metodologia Científica*: para uso dos estudantes universitários. 2. ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1978.

PIMENTEL, D. *O sonho do jaleco branco*: saúde mental dos profissionais de saúde. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2005.

b) de capítulo de livro

AUTOR DO CAPÍTULO. Título do capítulo. In: Autor do livro (colocar \_\_\_\_ se o autor for o mesmo). *Título em itálico*: subtítulo. Edição. Local (cidade) de publicação: Editora, ano de publicação. Número do volume (se houver). Intervalo das páginas.

Exemplos:

FREUD, S. Sobre a psicoterapia [1905]. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1989. v.VII. p. 239-251.

LAMBOLE, M. C. O tempo anunciador. In: \_\_\_\_\_. *Estética da melancolia*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2000. p. 103-109.

PIMENTEL, D. Interfaces entre a Psicanálise e Psiquiatria. In: \_\_\_\_; ARAUJO, M.G. (organizadoras). *Interfaces entre a Psicanálise e Psiquiatria*. Aracaju: Círculo Brasileiro de Psicanálise, 2008. p.9-13.

c) de artigo de revista

AUTOR. Título do artigo. *Título do periódico em itálico*, local de publicação (cidade), número do volume, número do fascículo, páginas inicial e final, mês e ano.

Exemplos:

PIMENTEL, D; VIEIRA, M.J. Perfil e saúde mental dos psicanalistas. *Psychê*, São Paulo, n. 15, p. 155-165, jun. 2005.

BERNARDES, W.S. Condenação, desmentido, divisão. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 26, n. 51, p. 115-122, set. 2004.

d) Outros modelos de referência, consulte os editores ou o *site* do Círculo Brasileiro de Psicanálise.

5. Tabelas e gráficos deverão ser enviados em separado, numerados, com as respectivas legendas e indicação da localização no texto entre dois traços horizontais.

6. As citações deverão estar acompanhadas de suas fontes, com as respectivas páginas.

6.1. Direta: Quando é extraído um trecho literal, copiado fielmente do original. Neste caso é obrigatório colocar sobrenome e ano da obra, além da página.

As citações diretas podem ser de dois tipos, conforme o número de linhas.

6.1.1. Até três linhas

Aparece incorporada ao texto, entre aspas.

Ex.a: Como diz Pontalis (1998, p. 274): “Nossas memórias para serem vivas, nossa psique, para ser animada, devem se encarnar”.

Ex.b: “O objetivo da análise é preparar o paciente para a autoanálise” (GREEN, 1988, 302).

6.1.2 Mais de 3 linhas

Devem ser destacadas com recuo de 4 cm da margem esquerda, com letra menor (tamanho 10) e espaçamento simples. Não há necessidade de colocar entre aspas.

Ex.: Conforme Freud (1919):

Recusamo-nos decididamente a transformar em propriedade nossa o paciente que se entrega a nossas mãos em busca de auxílio, a conformar o seu destino, impor-lhe nossos ideais e, com a soberba de um Criador, modelá-lo à nossa imagem, nisso encontrando prazer (1999, p.424)

6.2. Indireta: texto baseado na obra do autor consultado.

Ex. a: Diversos autores citam a importância do estudo das perversões para entender as psicopatias da vida cotidiana (CLAUVREUL, 1990; DOR, 1991; ANDRÉ, 2003; CORRÊA, 2006).

Ex. b: A concepção médica de oposição, entre o normal e o perverso, se desfaz, segundo Corrêa (2006), à medida que o inconsciente vai sendo revelado.

Ex. c: Para a psicanálise, o Sujeito não seria natural como queria Sade, seria um Sujeito irremediavelmente dividido, como demonstrou Freud, ao que Lacan acrescenta que isso aconteceria pela relação dele, Sujeito, com a linguagem (LACAN apud LEITE, 2000).

7. Não serão aceitas notas de rodapé, salvo as da primeira página do artigo com a titulação dos autores.
8. Cabe ao Conselho Consultivo de cada sociedade participante do CBP, o exame e aprovação dos trabalhos, em primeira instância, de seus respectivos sócios, e o encaminhamento à Comissão Editorial, já dentro das normas de publicação da revista, que decidirá sobre a sua publicação de acordo com a programação da revista.
9. A Comissão Editorial reserva-se o direito de recusar os trabalhos que não se enquadrem nas normas citadas ou não tenham qualidade editorial.
10. Os originais deverão ser enviados em duas vias, devidamente numeradas e rubricadas, com espaço simples, fonte Times New Roman tamanho 12, não excedendo 15 laudas. O título do trabalho deve conter no máximo dez palavras e o tamanho da fonte, em negrito, é 14.
  - 10.1 Os originais deverão ser encaminhados também em mídia eletrônica no Word 1997-2003.

10.2 Os autores deverão enviar os originais para a sede do Círculo Brasileiro de Psicanálise, com carta dirigida aos editores, autorizando a publicação e ratificando ser um trabalho inédito. A carta deve conter o título do trabalho, nome do(s) autor(s) com sua titulação acadêmica e institucional, e o endereço físico e eletrônico do autor principal.

10.3 Os trabalhos deverão ser enviados para:

CBP – Revista Estudos de Psicanálise  
Praça Tobias Barreto, Ed. Centro Médico Odontológico, 510, sala 1208  
CEP: 49015-130 – Aracaju – Se

Para receber a Revista Estudos de Psicanálise ou obter outras informações entre em contato com:

**CBP**

Praça Tobias Barreto, Ed. Centro Médico Odontológico, 510 – Sala 1208  
CEP: 49015-130 - Aracaju – Se  
Tel. (79) 3211-2055  
cps@infonet.com.br  
www.cbp.org.br

















